

BIBLIOTECA DE LITERATURA BRASILEIRA

I

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

MEMÓRIAS DE
UM SARGENTO
DE MILÍCIAS



LIVRARIA MARTINS
SÃO PAULO

Original

157,00

**Memorias de um
Sargento de Milicias**

Dêste volume, o primeiro da “Biblioteca de Literatura Brasileira”, foram tirados 200 exemplares em papel vergé, numerados de 1 a 200, e, 2.200 exemplares em papel buffon, numerados de 201 a 2400.



BIBLIOTECA DE LITERATURA BRASILEIRA

I

Manuel Antônio de Almeida

Memórias de um Sargento de Milícias

Introdução de Mário de Andrade.

Ilustrações de F. Acquarone.



LIVRARIA MARTINS
RUA 15 DE NOVEMBRO, 135
SÃO PAULO

INTRODUÇÃO

Em 1853, levado pelo seu trabalho de jornalista em busca de assunto, forçado pelas exigências da publicação periódica, mas dominando àgilmente essas condições, Manuel Antônio de Almeida iniciava em folhetins semanais do Correio Mercantil as suas Memórias de um Sargento de Milícias. Estes folhetins iriam constituir um dos romances mais interessantes, uma das produções mais originais e extraordinárias da ficção americana. Muito moço, então com 22 anos apenas, Manuel Antônio de Almeida transferia a sua vida de aventureiro muito disponível, tanto de espírito como de existência, numa crônica semi-histórica de aventuras, em que relatava os casos e as adaptações vitais de um bom e legítimo "pícaro", o Leonardo. E é comovente observar que contra os costumes dramáticos do tempo, êle fazia o seu herói acabar bem, à feição dos filmes do cinema comercial, casado e nulificado em cinzenta burguesia. Talvez, moço ainda mas surrado pela vida, também êle sonhasse para si mesmo igual fim...

Que "pícaro" fôra êle também, o nosso Maneco Almeida. Nascera na cidade do Rio de Janeiro a 17 de novembro de 1831, de pai que era tenente apenas e família muito pobre. O menino não teria por certo largos cuidados de educação burguesa, filho de soldado, num tempo em que o serviço da guerra dependia pouco de estudos, ainda menos de boas maneiras e procriava freqüentemente ótimos cantadores de modinhas. O mais provável é que Maneco, além do amor dos pais, tivesse a experiência do ar livre e recebesse o aprendizado da rua. Com efeito, no romance, êle se estenderá longamente em contar sem delicadeza de análise, êle que era bom observador, as peraltagens e dores do menino Leonardo. É mesmo possível que da sua infância de pobre, Manuel Antônio de Almei-

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

da guardasse memória de um pontapé, de alguma surra formidanda, pois o traço delicioso que condicionará por tôda a vida a semicovardia cínica do Leonardo, vai ser aquêlé pontapé lusitano que o pai lhe assestou "sôbre os glúteos, atirando-o sentado a quatro braças de distância" Dêsse pontapé lusitano o artista saberá tirar por várias vêzes no livro, traços psicológicos de... lusitano humorismo.

Mas o Maneco era inteligente e logo se pôs no estudo. Faz humanidades inquietas, que a pobreza dos pais obriga a interromper por vêzes. E em seguida não sabe o que quer. Diz Sacramento Blake que inicialmente Manuel Antônio de Almeida pretendeu se dedicar ao desenho. Era um primeiro apêlo da arte de contar a vida, logo trocado no rapaz por ideais mais rendosos. E êle, ao mesmo tempo que arranjava um empreguinho de jornal com que se ajudasse a viver, prendeu-se ao estudo da medicina. Gostaria de medicina? As Memórias nos segredarão com freqüência que a Esculápio êle preferia Papiniano. Não entra médico no livro e as doenças correm por conta das sangrias dos barbeiros e das ervas do empirismo popular. Pelo contrário, já o pai do Leonardo é meirinho e o livro se abre com deliciosas páginas de descrição do Canto dos Meirinhos, na rua do Ouvidor, e dos costumes de citação judicial usados "no tempo do rei" E além disso o romancista ridiculariza magistralmente aquela dona Maria, apaixonada por demandas, por muitas frases e desenvoltura de terminologia, provando que estava bem enfrochado das lerdas amarguras do Direito. Acrescente-se ainda a isto que, na sua defesa de tese em 56, uma das partes versava questão médico-legal, quem deveria redigir a verificação judiciária da causa de morte, se os médicos, se os escrivães.

Aliás, como observam os seus biógrafos, Manuel Antônio de Almeida só se formou em medicina para abandonar a profissão. Continuará sempre no jornalismo, bem mais propício à curiosidade do seu espírito versátil. E só uma vez voltou a tratar com algum cuidado um problema, aliás menos de medicina que de ciência natural, a Fisiologia da Voz. E veremos logo adiante que o fêz antes pelas suas tendências artísticas que por saúdades da profissão.

Também é lícito imaginar que nem o jornalismo satisfazia os desejos recônditos do pobretão em condições de aventura. É provável aspi-

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

rasse êle mais pacatice e mais paz. Nem bem formado, procura nadar nas águas remansosas do funcionalismo público e o vemos cochilando na Secretaria dos Negócios da Fazenda, onde afinal recebe a incumbência acomodatícia de escrever uma história financeira do Brasil, a que provavelmente nunca pôs mão. Dispensam-no do trabalho e ei-lo mais razoavelmente administrador da Tipografia Nacional, onde conhece e ajuda o tipógrafo desconhecido Machado de Assis. Não basta. As suas tendências artísticas o levavam para a música (se é que do pai soldado não recebera as tradições de modinheiro), e diz Inocência que Manuel Antônio de Almeida chegou a diretor, um dos primeiros diretores da Academia Imperial de Música e Ópera Nacional. O teatro, quer dramático quer lírico era, de acôrdo com a moda do tempo, um dos entusiasmos dêsse membro da Sociedade Propagadora das Belas Artes. Com 20 anos já traduzia do francês o drama cristão Gondicar de Luiz Friedel. E sabia também o seu alemão pelo que nos informa com boas razões, Luiz Felipe Vieira Souto. E é possível manejasse o italiano também, pois se inspirou em Piave para compor o seu libreto dos Dois Amores, drama lírico em três atos, que a condessa Rafaela de Rozwadowski musicou. Que Brasil aquêle, meu Deus! Uma condessa Rozwadowski põe solfa no libreto que Manuel Antônio de Almeida escrevia "no empenho de desenvolver o amor pela ópera nacional", diz Sacramento Blake. E entre os cantores disso estavam Carlota Milliet, Marchetti e a Luíza Amat, mulher daquele cantor José Amat, espanhol da gema e autor de modinhas brasileiras que chegavam a brasileiríssimas pela impertinência do ruím. Tudo isso é tão de hoje que lembra a imagem de um Brasil eterno...

Nada porém fizera Manuel Antônio de Almeida largar o seu bico de jornalista. No seu jornal, o Correio Mercantil, deitou crônicas de vários assuntos, exerceu com alguma briga a crítica literária, publicou versos de saudosa desimportância. E é no serviço do jornal, ao que diz Melo Moraes Filho, que embarca no vapor "Hermes" em 1861, para fazer a reportagem das festas inaugurais do canal de Campos a Macaé. Sossobra o navio e com êle morre Manuel Antônio de Almeida, convencido da morte porque pouco antes do embarque um padre lhe cruzara o caminho. Pois tivesse pegado numa chave ou trouxesse o corpo fechado com alguns galinhos de arruda, quem tantas superstições arrolara em seu livro, e é

possível que caísse nas águas mais certo de se salvar. Se não tinha se casado com 30 anos, naqueles tempos de casar cedo, é provável não se casasse mais e não caísse exatamente na mesma cinzenta burguesia do seu Leonardo sargento. Mas noutras côres neutras talvez caísse êsse aventureiro disponível, que sete anos antes se erguera à brilhação das suas imortais Memórias, para em seguida nem mais uma vez dar mostras de interesse pela glória perene. Antes se applicara com uma paciência bem funcionária-pública, a traduzir os seis impossíveis volumes do romance histórico O Rei dos Mendigos de Paul Féval. Ora, de Paul Féval!..

É possível também que se desinteressasse por um gênero literário em que estreara com quase nenhum aplauso público. Joaquim Manuel de Macedo, embora trate carinhosamente o confrade no Ano Biográfico Brasileiro de 1876, dizem que só se referia às Memórias, chamando-lhes depreciativamente os "folhetins da pacotilha". Editadas em dois volumes, em 1854-55, as Memórias continuaram sem repercussão. Talvez como-vido com a morte do escritor amigo, Quintino Bocaiúva deu segunda edição do romance, em 62, inserindo-o na sua Biblioteca Brasileira. Sacramento Blake ainda recenseia mais duas edições imperiais, a que Xavier Marques, no leve estudo de 1931, acrescenta apenas duas outras republicanas, a de 1900 da Garnier, e a sem data "Segunda edição ilustrada", de Domingos Magalhães, implicando outra edição ilustrada que desconheço. Talvez contando estas seis edições únicas arroladas por Xavier Marques, é que a Cultura Brasileira, de São Paulo, também levemente sem datar, chamou de Sétima, a edição que fez recentemente, em 1937 ou mais próximo de nós. Pelo que sei, deveria ser numerada ao menos como Nona essa edição. Há que contar antes dela, outra paulista, publicada em 1925 pela Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, e a de 1927, saída das Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil e distribuída como Suplemento Romântico n.º 7 dêste jornal. A edição que agora se faz e da qual me cabe apenas êste prefácio, é pelo menos a décima de número e obedece religiosamente ao texto de 1854, único publicado em livro sob as vistas do autor.

As Memórias de um Sargento de Milícias trazem um título bastante ambíguo que não podemos bem saber se se refere ao herói do livro, o Leonardo, sargento graduado pelo amor sacrificial de várias mulheres,

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

se ao outro sargento veterano que contava ao Maneco Almeida casos do tempo do rei velho. Melo Moraes Filho conheceu este sargento quando, já desengajado, era diretor de escritório no Diário do Rio, após ter exercido estas mesmas funções no Correio Mercantil. Português de nascimento, chamava-se Antônio César Ramos e viera como soldado para a guerra da Cisplatina, em 1817, no Regimento de Bragança. Depois chegara a sargento de milícias, ainda na Colônia, sob o mando do major Vidigal. Dando baixa, se passara para o emprêgo nos jornais. Conhecera e prezava muito o Maneco Almeida, o qual, antes de subir para a redação, procurava o ex-sargento, puxava-lhe da língua, armazenava casos e costumes do bom tempo antigo, para passá-los nos seus folhetins. Tudo isto o César relatara a Melo Moraes Filho, que por sua vez tudo reporta nos Fatos e Memórias. E assim ficamos sabendo que Manuel Antônio de Almeida, além de leituras possíveis, tinha um ótimo informante dos casos de polícia e gente sem casta ou sem lei que expõe no seu romance. Mas ficamos incertos em decidir se o título do livro é um preito de gratidão prestado ao informador, ou se relaciona ao herói, cujas aventuras acabam justo quando ele obtém as divisas de sargento.

Filho de uma pisadela e um beliscão de reinóis imigrantes, Leonardo nasce ilegítimo para viver vida ilegítima até o fim do romance. Os casos se passam todos entre gente operária, de baixa burguesia, ciganos, suciantes e os granadeiros do Vidigal. Este é o único personagem autenticamente histórico. O major Vidigal que principia aparecendo em 1809, foi durante muitos anos, mais que o Chefe, o dono da Polícia colonial carioca. Habilíssimo nas diligências, perverso e ditatorial nos castigos, era o horror das classes desprotegidas do Rio de Janeiro. Alfredo Pujol lembra uma quadrinha que corria sôbre ele no murmúrio do povo:

Avistei o Vidigal,
Fiquei sem sangue;
Se não sou tão ligeiro
O quatí me lambe.

Mais importante que isso, Manuel Antônio de Almeida relata que os gaiatos e os ilegais da cidade se vingavam do major, cantando e dan-

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

quando uma espécie de fado que inventaram, o "Papai Lélê Seculorum", celebrando a morte do Vidigal que figurava como defunto no centro da roda bailarina.

Falei em fado e isto me obriga a uma observação importante. Manuel Antônio de Almeida era musicalíssimo e já o vimos diretor da Ópera Imperial, preocupado com a fisiologia da voz e a versalhada dos libretos. O romance está cheio de referências musicais de grande interesse documental. Enumera instrumentos, descreve danças, conta o que era a "música de barbeiros", nomeia as modinhas mais populares do tempo. Entre estas, aliás, cita a "Quando as glórias que gozei", de Cândido Inácio da Silva, realmente muito linda, que fiz renascer na antologia das Modinhas Imperiais. As Memórias nos dizem que ela era muito conhecida nos últimos tempos da Colônia.

Ora, logo no primeiro capítulo, descrevendo a festa de batizado do Leonardo, Manuel Antônio de Almeida nos vem com esta documentação demasiado nítida para ser inconseqüente: "os convidados do dono da casa, que eram todos dalém-mar, cantavam ao desafio, segundo os seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado". Não sei como me escapou documentação tão preciosa, quando escreví meu estudo sobre As Origens do Fado. Neste trabalho, sem nenhuma satisfação, aliás, eu reivindicava para o Brasil ter dado nascimento a essa dança cantada, portuguesa por excelência. Me estribando na musicologia de Portugal que só encontra o fado em Lisboa, "depois de 1840", conforme Alberto Pimentel, e "só em 1849", no dizer de Ribeiro Fontes, eu mostrava que Von Weech antes de 1827 enumerava o fado entre as danças brasileiras e que o próprio Balbi, que nunca estivera no Brasil e vivera em Portugal, já em 1822, dava como de uso no Reino o baile-de-roda, o fandango e o lundum importado de cá, e como danças nossas "a chula, o fado e a volta-no-meio" Eis que Manuel Antônio de Almeida vem nos garantir com a nitidez de um verdadeiro folclorista de hoje, que nos últimos tempos coloniais, o desafio era dos costumes dos portugueses e o fado privativo de brasileiros.

Ainda há mais. Noutro capítulo das Memórias vem uma descrição bastante pormenorizada de um fado batido entre ciganos de baixa burguesia, moradores do Rio de Janeiro. E ainda no Cap. XI da segunda

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

parte, o escritor insiste em afirmar que o fado era dança muito usada pelos ciganos já de vida sedentária. Melo Moraes Filho, é verdade que bem mais tarde, em 1886, não lembra o fado entre as danças dos ciganos do Brasil, enumerando outras, no entanto, não específicas de ciganos, bem luso-brasileiras ou exclusivamente nacionais, como o candieiro, o sereno e o passo do corta-jacá. Pouco importa. Importante é verificar que na descrição de Manuel Antônio de Almeida se percebe alguma coisa do nosso lundum afro-colonial — o que concorda com a afirmativa de Luiz de Freitas Branco de que o fado português deriva do lundum do Brasil. Onde o musicista português se engana é em afirmar que o lundum, ido na bagagem de retôrno de D. João VI, só em Portugal se transformou no fado. A transformação se deu mesmo na banda de cá. O lundum parece de fato ser uma das primeiras manifestações musicais a deixar o domínio exclusivo dos negros escravos para se nacionalizar. É possível mesmo que ainda na Colônia já tivesse entrado nos salões da burguesia abastada e da nobreza, pois também reproduzi na antologia das Modinhas Imperiais um lundum para cravo que não passa de um andantê muito europeicamente setecentista ainda, só tendo de estranho algumas sícopas. A descrição de Manuel Antônio de Almeida pela sua minúcia e a autenticidade do autor, é incontestável e fortifica a afirmação de Freitas Branco. O lundum, divulgando-se nas camadas brancaranas da Colônia, deu origem a uma dança cantada, primeiramente brasileira, a que chamaram fado. Ido nas lembranças felizes dos “brasileiros” enriquecidos, dos marujos e outros portugueses pobres, banzou pelos bordéis e pelos botequins lisboetas de beira-rio, decoraram-no as Tágides, fixou-se na mala vita de Lisboa e, para nosso bem, acabou se nacionalizando português.

Não resisto a chamar a atenção para outro fato folclórico importante que o livro revela. Eu disse atrás que certos costumes negros, como seu canto e dança, inda não tinham muita influência nas camadas brancas do país, nem começado a se nacionalizar francamente. Ora, é curiosíssimo notar que num livro tão rico de documentação de costumes nacionais como estas Memórias, haja ausência quase total de contribuição negra. Entre os personagens não há um só que seja preto, nem se descreve costumes e casos de preto. Sabemos apenas que são geralmente negros os

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

barbeiros de então, negras as baianas dançarinas da procissão dos Ourives, e o mais são referências desatentas a escravos e às crias de d. Maria. No vigésimo capítulo da segunda parte, o romancista nos fala de um vadio chamado Teotônio, procurado pela polícia, dono de uma casa de tavolagem e apreciadíssimo de todos pelas suas habilidades de salão. Não havia baile ou cerimônia familiar a que o dono da casa, querendo garantir riso na festa, não convidasse o Teotônio. E entre as habilidades deste, conta Manuel Antônio de Almeida que estava a de cantar admiravelmente “em língua de negro”. Por aí se percebe que era ainda considerada coisa espetacular e rara, verdadeiro exotismo nas funçanatas de brancos, a música e a linguagem dos pretos. Pois que até possuímos um Teotônio cuera em imitar língua de negro, espécie de Al Johnson colonial..

Ora, é de notar que devendo o romancista descrever uma cerimônia de feitiçaria, não prefira candomblés, se esqueça dos negros e vá buscar um “caboclo” nos mangues da Cidade Nova. Isso nos prova, imagino, que ainda não eram muito conhecidos dos brancos nem tinham sobre estes qualquer influência, os ritos feiticistas africanos. Aliás, a mesma ignorância persiste nos outros cronistas do tempo. Mas a lição do romancista prova mais. Prova que com as práticas religiosas dos negros coexistiam, talvez mais nacionalmente importantes então, princípios urbanizados de religiosidade supersticiosa, de base ameríndia. A futura fusão destes costumes com os ritos africanos é que terá dado nos “candomblés de caboclo”, de que já nos falam Nina Rodrigues para a baía e João do Rio para a feitiçaria carioca. A sua expressão mais intensamente ameríndia (falsamente ameríndia...) persiste em nossos dias nos catimbós nordestinos.

Como está se vendo, um dos grandes méritos das Memórias de um Sargento de Milícias é serem um tesouro muito rico de coisas e costumes das vésperas da Independência. Manuel Antônio de Almeida tinha em grau elevadíssimo a bossa de folclorista e estava conciente disso, pois confessa francamente no livro trazer entre as suas intenções, a de fixar costumes. A todo instante a observação folclórica é decisiva, sem falha. Se o barbeiro cai doente, a comadre recomenda “banhos de alecrim” e não de “ervas”. Os meninos da folia do Divino tocam “pandeiro, machete

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

e tamboril”, e tanto êles como as baianas da procissão vêm descritos minuciosamente na indumentária. Por vêzes mesmo, salta nas descrições um pormenor tão discrepante que se percebe estar o romancista reportando coisas que existiram mesmo, como no caso das gaiolas de passarinhos na encantadora página sôbre a sala de aula primária. E por três vêzes o caricaturista insiste no desmazêlo e falta de compostura com que os homens do tempo se vestiam, antes, se despiam quando em casa. É o fidalgo que o tenente-coronel encontra “de tamancos, sem meias, em mangas de camisa, com um capote de lã de xadrez sôbre os ombros, caixa de rapé e lenço encarnado na mão”. Ou é o meirinho que para esperar o parto da Chiquinha, “pôs-se em menores (...) ficou de ceroulas e chinelas, amarrou à cabeça, segundo um costume antigo, um lenço encarnado” E ainda quando a d. Maria, a comadre, mais Maria Regalada, tôdas em mal de amores maternais pelo latagão vadio mas simpático do Leonardo, vão de visita de empenho ao Vidigal, êste as recebe em trajés de que o escritor se esmera em salientar o ridículo. Foi um memorialista excepcional entre nós, e páginas como a dos fogos no Campo de Sant’Ana, do mestre de reza, a da folia, a magistral cena do parto, e várias outras, sem pretensão a ciência, são das mais científicas, mais fidedignas na documentação de costumes passados.

Não apenas, porém, no desenho dos costumes Manuel Antônio de Almeida era excepcional, e traços de habilíssima embora caricatural análise humana percorrem o livro todo. Nos diálogos chega a inexcedível de sátira psicológica e fôrça verbal. Logo no segundo capítulo a briga entre os amantes tem uma vitalidade, um sabor esplêndidos. Não é atôa que o artista sentia inclinações para o teatro. Os sentimentos dos personagens vêm expressos nesses diálogos todos, com uma energia sintética, um vigor acerbo de dizer, que só Camilo igualaria em nossa língua. Vários capítulos parecem mesmo feitos apenas para expor instantâneos cômicos de diálogos, como êsse outro também notável que é “Progresso e Atraso” e o ainda mais extraordinário do “Peor Transtôrno”. Lembra Camilo e lembra também os mimos de Herondas, pelo acertado das frases, a clareza de definição humorística das psicologias e pelo colorido. Mas êsse vigor se estende também às descrições dos seres, tôdas excelentes. A frase aguda fere com boa pontaria o detalhe expres-

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

sivo como no falar das “feições quebradas pela idade”, ou da viúvina que já perdera o “acanhamento físico de outrora” A cólera da portuguesa velha, no capítulo das “Explicações” é digna de um Duerer ou de um Goya: “Parecia prêsa de grande agitação e de raiva; seus olhos pequenos e azues faiscavam de dentro das órbitas afundadas pela idade, suas faces estavam rubras e reluzentes, seus lábios franzinos e franzidos apertavam-se violentamente um contra o outro, como prendendo uma torrente de injúrias e tornando mais sensível ainda seu queixo pontudo e um pouco revirado”. A gente vê a mulher.

É aleive tradicional atirado sôbre o artista, que êle escrevia mal. A expressividade do trecho acima transcrito não é de mau escritor, apesar-da abundância inútil dos possessivos. É incontestável que o autor das Memórias se exprimia numa linguagem gramaticalmente desleixada, coisa aliás muito comum no tempo dêle. Era sim um desleixado de linguagem, mas nem por isso deixava de ser um vigoroso estilista. O seu vocabulário é variadíssimo e coerente, e o livro nos dá colheita farta de brasileirismos, prolóquios, modismos, ditos e frases-feitas. Observava as transformações fonéticas populares, como na distinção que faz entre as “pílulas” do seu próprio texto e as “pírulas” que faz pronunciar à comadre. Prova que o tratamento por vós era useiro entre pessoas de intimidade. Prova que o violão ainda não tinha êste nome, era naquele tempo a “viola” com que hoje só designamos o instrumento rural de cordas duplas. Já então se dizia “pasmô” por “pasmado”; e no próprio Rio de Janeiro ainda a alcova era “camarinha”, termo hoje apenas vivo no Nordeste. E não cabe aquí recensar todos os provérbios, frases-feitas e circunlóquios tradicionais que as Memórias registram, muitos pela primeira vez.

Havia mesmo na maneira com que Manuel Antônio de Almeida se exprimia, algo do estilo espiritual de Machado de Assis. Observem-se estas frases: saiu em busca de que fazer para aquêle dia, de destino para os mais que se iam seguir. Achou ambas as coisas: uma trouxe a outra”; “não nos ocorre se já dissemos que êle tinha o nome do pai; mas se o não dissemos fique agora dito”; “foram pouco a pouco, de palavra em palavra, travando diálogo, e conversavam no fim de algum tempo tão empenhadamente com a comadre e D. Maria, com a diferença que a conversa

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

daquelas (sic) duas era alta, desembaraçada; a dêles baixa e reservada” Eis ainda um trecho saboroso: “Estavam presentes algumas pessoas da vizinhança, e uma delas disse baixinho à outra, vendo o pranto de Luizinha: — Não são lágrimas de viúva. — E não eram, nós já o dissemos: o mundo faz disso as mais das vêzes um crime. E os antecedentes? Porventura ante seu coração fôra José Manuel marido de Luizinha? Nunca o fôra senão ante as conveniências; para as conveniências aquelas lágrimas bastavam” Assim escrevia o estudante de 22 anos, quando Machado de Assis era tipógrafo... Ainda as relações dos três primos com as três primas estão bem machadianamente explicadas, e certo jeito de batizar os capítulos soa machadianamente, como “O-Arranjei-me-do Compadre”, e “A morte é Juiz”. Se Manuel Antônio de Almeida era gramaticalmente desleixado, nem por isso o seu estilo deixou de ser firme, expressivo, colorido, original.

E se todos os personagens principais são estupendamente estudados com luz perversa, há que observar a sutil delicadeza, a verdadeira simpatia com que o artista expõe o Leonardo em sua personalidade curiosa de vadio perfeito e burro satisfeito. Como psicologia o nosso Leonardo se assemelha um bocado a Encolpis, de Petrônio. Não chega, porém, como êste, a ser o meliante que a infância profetizara, mas é bem um satisfeito que a tudo se afaz sem a menor inquietação. É admirável de estupidez longíngua, encolhida num corpão bonito e num mutismo convencido. Não falará umas dez frases sequer, num livro farto de dialogação, os outros falam por êle. Não é um homem que se faz por si, os outros é que o fazem por êle, rabo-de-saia com que tôdas as mulheres de tôdas as idades se engraçam, lhe fornecem espontâneamente pão, guarida, amor, sacrifício e aquelas eternas especulações de empenhos e cartuchos com que o macho apenas de corpo se livra de castigos e trabalhos e atinge os seus galões de sargento no fim. O próprio Vidigal acaba gostando do vadio e com êle condescende. E nós também, leitores que o livro arrasta. Leonardo é uma dessas figuras que encontram seu caminho aplainado pelos outros, apenas jogando com a simpatia irradiante do corpo. E como o mais que paternal, o maternal padrinho barbeiro lhe deixara uma pequena riqueza roubada, Leonardo se une fácil com a Luizinha abastada e vão ambos viver de uma felicidade cinzenta e neutra que a pena de Manuel Antônio de Almeida seria incapaz de descrever por

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

excessivamente afiada. O livro acaba quando o inútil da felicidade principia.

Que roncava em Manuel Antônio de Almeida a consciência dos exageros sentimentais da literatura romântica não é possível duvidar. Algumas frases que deixou o provam. Pelo fato do Vidigal aparecer três vêzes desmanchando festas, diz que a essa monotonia o obriga a fidelidade com que acompanha a época de que pretende esboçar parte dos costumes. Noutra passo, duvida da eternidade do primeiro amor, embora "vá de encontro à opinião dos ultra-românticos, que põem todos os bofes pela bôca pelo tal primeiro amor" Insistindo nisso, noutra capítulo, tem êste comentário também tocado de machadianismo: "Dizem todos, e os poetas juram e tresjuram, que o verdadeiro amor é o primeiro; temos estudado a matéria e acreditamos hoje que não há que fiar em poetas: chegamos por nossas investigações à conclusão de que o verdadeiro amor, ou são todos, ou é um só, e neste caso não é o primeiro, é o último. O último é que é o verdadeiro, porquê é o único que não muda". (Aliás o livro está em contradição com o psicólogo, pois Leonardo voltará ao amor de Luizinha...) Na descrição do meirinho amoroso, ainda o escritor nota que "o homem era romântico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquele tempo" E enfim, na crítica a um livro do poeta baiano Francisco Muniz Barreto, publicada no Mercantil, afirmando que um poeta deve preferir a glória ao dinheiro, se desculpa, hesitante, cuidando que o não chamem de romântico por isso.

A-pesar-desta preocupação anti-romântica, não creio acertada a crítica nacional, ao repetir que o romance é realista e naturalista, não lembra obra estrangeira nenhuma anterior a êle, e é precursor do Realismo e do Naturalismo francês. As Memórias de um Sargento de Milícias são um desses livros que de vez em quando aparecem mesmo, por assim dizer, à margem das literaturas. O que leva os seus autores a criá-los é especialmente um reacionarismo temperamental que os põe contra a retórica de seu tempo e antes de mais nada contra a vida tal como é, que êles então gozam a valer, lhe exagerando propositalmente o perfil dos casos e dos homens, pelo cômico, pelo humorismo, pelo sarcasmo, pelo grotesco e o caricato. E pela pândega. Uns mais sutís, como Herondas na Grécia, outros mais anedóticos como Apuleio, ou psicó-

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

logos e sarcastas como Petrónio, na Latinidade antiga, outros mais humorísticos como Quevedo ou simplesmente pândegos como o autor do Lazarillo de Tormes, na Espanha. Mas em todos estes autores há de tudo isso, apenas sobressaindo em cada qual, uma destas maneiras psicológicas de não-conformismo vital.

Salvo os mimos de Herondas está claro, todos êsses livros são concektivamete uma feição do romance de aventuras, porquê a técnica dêste, a sua fácil exposição de uma aventura, um fato, um caso por capítulo e a maior possibilidade de intercalar histórias independentes no entrêcho, permitem melhor o chicoteio e o arremêdo dos diversos aspectos da vida. E a própria concepção do mimo, aliás, o pequeno diálogo sôlto, deriva ainda dessa mesma precisão de repulsa variada de tudo.

A razão por que todos estes escritores se voltam para a ralé e as classes ínfimas, lhes depredando sem piedade a pequenez e lhes acentuando o grotesco, é mais difícil de explicar. Pouco sabemos da vida dêstes autores, quase todos êles são muito pouco fecundos, não há certeza sôbre quem é o Petrónio do "Satyricon" nem qual o criador de Lazarillo. Todos me parecem, porém, uns individualistas irredutíveis, não se apiedam, não participam, não combatem. Há como que uma sensibilidade aristocrática nêles que tudo fere e os faz desesperar, em nada acreditam mais; e a falta de qualquer confiança os torna inermes e de uma delicadeza pessoal acovardada, espécie de pusilanimidade cínica que porventura os fará preferir o achincalhe das classes desprotegidas, mais cômodas de ridiculizar por menos capazes de reação. É mesmo curioso observar que o herói de quase todos êsses livros, herói que o autor consegue nos tornar simpático, é um covarde — o Encolpis, Lazarrilo, Leonardo e o próprio Burro, como se os criadores transferissem às suas criaturas o que de mais secreto lhes condicionava a forma de viver. E de Apuleio sabemos o quanto foi aventureiro na vida e no espírito, e o mesmo foi, a seu modo e de acôrdo com o tempo, o nosso Manuel Antônio de Almeida. E por isso exaltaram aventureiros em suas aventuras. Mas, da mesma forma que nos movimentos históricos, tanto da farsa medieval e da ópera cômica de Nápoles como do romance picaresco espanhol, se abandonaram o louvor do coturno e de Deus, se aproximando do povo

e do Diabo, foi para estripar Diabo e povo, voltando contra as classes inferiores o buril venenoso da comicidade.

As Memórias de um Sargento de Milícias não são um livro romanesco à maneira com que se concebem e se enredam os romances sérios do século dezanove, quer românticos quer realistas ou psicológicos. São bem um romance de aventuras que se contam por capítulos; e não será por mero acaso que Manuel Antônio de Almeida escolhe para traduzir os seis volumes de um Paul Féval. Nem falta sequer às Memórias a história solta entremeiada no enrêdo, o caso pândego dos potes, que funciona dentro do livro com a mesma desenvoltura e técnica da anedota da matrona de Éfeso em Petrónio, o conto de Cupido e Psiqué em Apuleio, e os casos de Cervantes, cuja bíblia, se reagiu contra os livros de cavalaria, é bem a técnica e o espírito do romance picaresco espanhol que ergue ao sublime.

A verdadeira filiação das Memórias de um Sargento de Milícias é essa. Existe em todos êsses livros um tal ou qual realismo. Porém, êste se manifesta quase exclusivamente na descrição dos costumes e nunca no entrecho, nos casos e no retrato dos personagens, que tudo é pândego, caricato e inventado para obter a burla da realidade. Nada existe, nesses livros, do Realismo e Naturalismo de escola, tais como êles se apresentam no século dezanove. Estes mantinham um caráter moral irreduzível, eram sérios (ópera séria, ópera cômica...) e acreditavam em sua finalidade social, acreditavam na verdade da ficção. Isso quando, a mais, não tomavam aspecto acentuadamente combativo.

Manuel Antônio de Almeida sequer pressupôs estes ideais. Se exclue e se diverte caçoando, sem a menor intenção moral, sem a menor lembrança de valorizar as classes ínfimas. Pelo contrário, aristocraticamente as despreza pelo ridículo, lhes carregando acerbamente na invenção os lados infelizes ou vis. Mesmo na descrição mais exata e séria que faz dos costumes, chega a ser um bocado angustiosa a mania com que êle se priva de admiração, cuidando sempre de retirar a beleza possível das imagens que pinta. A rua dos Ourives "tinha um aspecto de muita riqueza e tuxo, ainda que de mau gôsto". A mantilha pode ser poética na Espanha, entre nós é "a coias mais prosaica que se pode imaginar"...E

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

se falam da poesia dos costumes e crenças dos ciganos, a verdade é que estes “deixaram-na da outra banda do oceano”

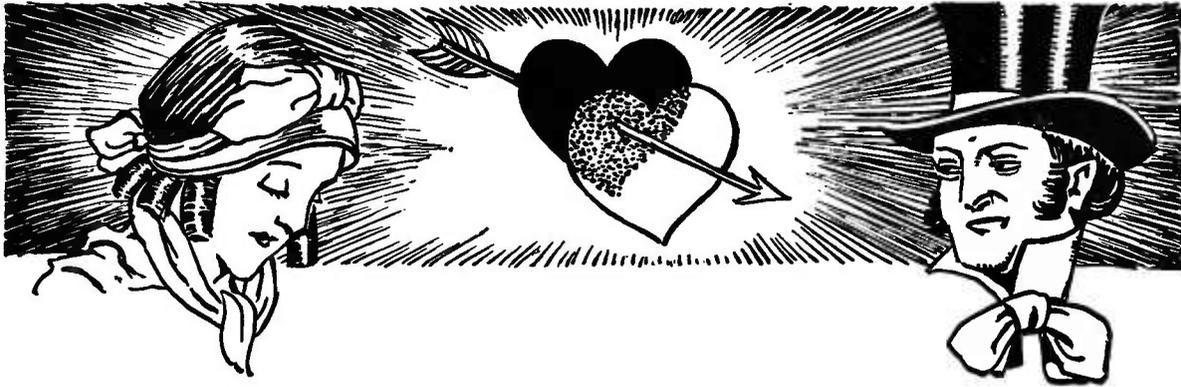
Por vêzes se eleva sôbre o caricato mas é para empunhar o estilete mais sutil do humorismo. Como no joguinho fino da comadre e d. Maria se trocaram as mesmas frases quando é do interêsse daquela casar o Leonardo com a Luizinha, ou do interêsse da burguesa unir a moça ao José Manuel. Outra delícia de humorismo é o tenente-coronel que se obrigou a tirar o meirinho da prisão, contar o caso dêste aos outros oficiais na intenção de condenar a feitiçaria, mas conseguir com isso mais um protetor para o meirinho, noutro oficial que também acreditava em feitiço. O início do capítulo “Amores” bem como a análise das diversas espécies de mulheres enganadas são também passagens de ótimo humorismo.

Porém, Manuel Antônio de Almeida era principalmente um escritor cômico. Tem mesmo a ingenuidade da farsa, que o faz por vêzes perder o senso mais apurado da comicidade em cenas do mais popular burlesco, como no caso dos dois padres prégando juntos. Das suas angústias materiais, da infância pobre, o artista não guardou nenhuma piedade pela pobreza, nenhuma compreensão carinhosa do sofrimento baixo e dos humildes. Bandeou-se com armas e bagagens para a aristocracia do espírito e, como um São Pedro não arrependido, nega e esquece. Goza. Caçoa. Ri. E se o Leonardo consegue de nós alguma simpatia condescendente, é no mesmíssimo sentido em que nos são simpáticos Encolpis, Lazarillo, o Burro e o Grã Tacaño.

E é junto dêstes livros, à margem das literaturas, que havemos de situar as Memórias de um Sargento de Milícias. O seu falso realismo sarcástico é a consequência de uma concepção pessimista da vida, revoltada e individualista. São geralmente livros que não primam pela perfeição de linguagem, pelo cuidado na fatura, mas que se impõem pela graça com que descrevem os costumes e a caricatura irresistível com que retratam os homens. E dentro desta grei Manuel Antônio de Almeida mantém-se em ótima posição.

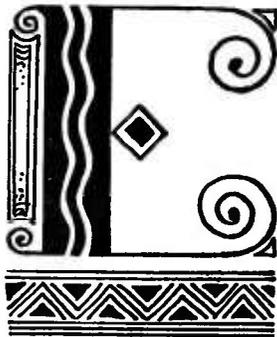
Mário de Andrade





CAPÍTULO I

ORIGEM, NASCIMENTO E BATIZADO



RA no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — *O canto dos meirinhos* —; e bem lhe assentava o nome, porquê era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; êsses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos êsses trejeitos judiciais que se chamavam o *processo*.

Daí sua influência moral.

Mas tinham ainda outra influência, que é justamente a que falta aos de hoje: era a influência que derivavam de suas condições físicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaisquer outros; nada têm de im-

potentes, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartório ou contínuo de repartição. Os meirinhos dêsse belo tempo não, não se confundiam com ninguém; eram originais, em tipos: nos seus semblantes transluzia um certo ar de majestade forense, seus olhares calculados e sagazes significavam chicana. Trajavam sisuda casaca preta, calção e meias da mesma côr, sapato afivelado, ao lado esquerdo aristocrático espadim, e na ilharga direita penduravam um círculo branco, cuja significação ignoramos, e coroavam tudo isto por um grave chapéu armado. Colocado sob a importância vantajosa destas condições, o meirinho usava e abusava de sua posição. Era terrível quando, ao voltar uma esquina ou ao sair de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com uma daquelas solenes figuras que, desdobrando junto dêle uma fôlha de papel, começava a lê-la em tom confidencial! Por mais que se fizesse não havia remédio em tais circunstâncias senão deixar escapar dos lábios o terrível — *Dou-me por citado*. — Ninguém sabe que significação fatalíssima e cruel tinham estas poucas palavras! eram uma sentença de peregrinação eterna que se pronunciava contra si mesmo; queriam dizer que se começava uma longa e fadigosa viagem, cujo têrmo bem distante era a caixa da Relação, e durante a qual se tinha de pagar importe de passagem em um sem número de pontos; o advogado, o procurador, o inquiridor, o escrivão, o juiz, inexoráveis Charontes, estavam à porta de mão estendida, e ninguém passava sem que lhe tivesse deixado, não um óbolo, porém todo o conteúdo de suas algibeiras, e até a última parcela de sua paciência.

Mas voltemos à esquina. Quem passasse por aí em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam — cadeiras de campanha — um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pàcificamente em tudo sôbre que era lícito conversar: da vida dos fidalgos, das notícias do Reino e das astúcias policiais do Vidigal. Entre os têrmos que formavam essa equação meirinhal pregada na esquina havia uma quantidade constante, era o Leonardo-Pataca. Chamavam assim a uma rotunda e gordíssima personagem de cabelos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. A velhice tinha-o tornado moleirão e pachor-

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

rento; com sua vagareza atrasava o negócio das partes; não o procuravam; e por isso jamais saía da esquina; passava alí os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sôbre uma grossa bengala, que depois dos cinqüenta era a sua infalível companhia. Do hábito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a módica quantia de 320 réis, lhe viera o apelido que juntavam ao seu nome.

Sua história tem pouca coisa de notável. Fôra Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aquí chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprêgo de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com êle no mesmo navio, não sei fazer o que, uma certa Maria da Hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rochunchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namôro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão estremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos: foram os dois morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete mêses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E êste nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porquê o menino de quem falamos é o herói desta história.

Chegou o dia de batizar-se o rapaz; foi madrinha a parteira; sôbre o padrinho houve suas dúvidas: o Leonardo queria que fôsse o Sr. juiz;

porém teve de ceder a instâncias da Maria e da comadre, que queriam que fôsse o barbeiro de defronte, que afinal foi adotado. Já se sabe que houve nesse dia função: os convidados do dono da casa, que eram todos dalém-mar, cantavam ao desafio, segundo os seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado. O compadre trouxe a rabeca, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do ofício. A princípio o Leonardo quis que a festa tivesse ares aristocráticos, e propôs que se dançasse o minuete da côrte. Foi aceita a idéia, ainda que houvesse dificuldade em encontrarem-se pares. Afinal levantaram-se uma gorda e baixa matrona, mulher de um convidado; uma companheira desta, cuja figura era a mais completa antítese da sua; um colega do Leonardo, miúdinho, pequenino, e com fumaças de gaiato, e o sacristão da Sé, sujeito alto, magro e com pretensões de elegante. O compadre foi quem tocou o minuete na rabeca: e o afilhadinho, deitado no colo da Maria, acompanhava cada arcada com um guincho e um esperneio. Isto fêz com que o compadre perdesse muitas vêzes o compasso, e fôsse obrigado a recomeçar outras tantas.

Depois do minuete foi desaparecendo a cerimônia, e a brincadeira *aferventou*, como se dizia naquele tempo. Chegaram uns rapazes de viola e machete: o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper a parte lírica do divertimento. Sentou-se num tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um belo efeito cômico vê-lo, em trajas de ofício, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monótono zunzum nas cordas do instrumento o garganteado de uma modinha pátria. Foi nas saúdades da terra natal que êle achou inspiração para seu canto, e isto era natural a um bom Português, que o era êle. A modinha era assim:

Quando estava em minha terra,
Acompanhado ou sòzinho,
Cantava de noite e de dia
Ao pé dum copo de vinho!

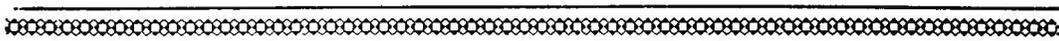
Foi executada com atenção e aplaudida com entusiasmo; sòmente quem não pareceu dar-lhe todo o aprêço foi o pequeno, que obsequiou o

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

pai como obsequiara ao padrinho, marcando-lhe o compasso a guinchos e esperneios. À Maria avermelharam-se os olhos, e suspirou.

O canto do Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus às cerimônias. Tudo daí em diante foi borborinho, que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra, e não foi ainda mais adiante porquê de vez em quando viam-se passar através das rótulas da porta e janelas umas certas figuras que denunciavam que o Vidigal andava perto.

A festa acabou tarde; a madrinha foi a última que saíu, deitando a bênção ao afilhado e pondo-lhe no cinto um raminho de arruda.



CAPÍTULO II

PRIMEIROS INFORTÚNIOS



ASSEMOS por alto sôbre os anos que decorreram desde o nascimento e batizado do nosso memorando, e vamos encontrá-lo já na idade de sete anos. Digamos unicamente que durante todo êste tempo o menino não desmentiu aquilo que anunciara desde que nasceu: atormentava a vizinhança com choro sempre em oitava alta; era colérico; tinha ojeriza particular à madrinha, a que não podia encarar, e era estranhão até não poder mais.

Logo que pôde andar e falar tornou-se um flagelo; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha à mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéu armado do Leonardo; se êste o deixava por esquecimento em algum lugar ao seu alcance, tomava-o imediatamente, espanava com êle todos os móveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, e acabava por varrer com êle a casa; até que a Maria, exasperada pelo que aquilo lhe havia de custar aos ouvidos, e talvez às costas, arrancava-lhe das mãos a vítima infeliz. Era, além de traquinas, guloso; quando não traquinava, comia. A Maria não lhe perdoava; trazia-lhe bem maltratada uma região do corpo; porém êle não se emendava, que era também teimoso, e as travessuras recomeçavam mal acabava a dor das palmadas.

Assim chegou aos sete anos.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Afinal de contas a Maria sempre era saloia, e o Leonardo começava a arrepender-se seriamente de tudo que tinha feito por ela e com ela. E tinha razão, porquê, digamos depressa e sem mais cerimônias, havia êle desde certo tempo concebido fundadas suspeitas de que era atraído. Havia alguns meses atrás tinha notado que um certo sargento lhe passava muitas vezes pela porta; e enfiava olhares curiosos através das rótulas: uma ocasião, recolhendo-se, pareceram-lhe que o vira encostado à janela. Isto porém passou sem mais novidade.

Depois começou a estranhar que um certo colega seu o procurasse em casa, para tratar de negócios do officio, sempre em horas desconhecidas: porém isto também passou em breve. Finalmente aconteceu-lhe por três ou quatro vezes esbarrar-se junto de casa com o capitão do navio em que tinha vindo de Lisboa, e isto causou-lhe sérios cuidados. Um dia de manhã entrou sem ser esperado pela porta dentro; alguém que estava na sala abriu precipitadamente a janela, saltou por ela para a rua, e desapareceu.

À vista disto nada havia a duvidar: o pobre homem perdeu, como se costuma dizer, as estribeiras; ficou cego de ciúme. Largou apressado sobre um banco uns autos que trazia embaixo do braço e endireitou para a Maria com os punhos cerrados.

— Grandessíssima!

E a injúria que ia soltar era tão grande que o engasgou... e pôs-se a tremer com todo o corpo.

A Maria recuou dois passos e pôs-se em guarda, pois também não era das que receiavam com qualquer coisa.

— Tira-te lá, ó Leonardo!

— Não chames mais pelo meu nome, não chames. que tranco-te essa bôca a socos.

— Safe-se daí! Quem lhe mandou pôr-se aos namoricos comigo a bordo?

Isto exasperou o Leonardo; a lembrança do amor aumentou-lhe a dor da traição, e o ciúme e a raiva de que se achava possuído transbordaram em socos sobre a Maria, que depois de uma tentativa inútil de resistência desatou a correr, a chorar e a gritar:

— Ai. ai... acuda, Sr. compadre... Sr. compadre! .

Porém o compadre ensaboava nesse momento a cara de um freguês, e não podia largá-lo. Portanto a Maria pagou caro e por junto tôdas as contas. Encolheu-se a choramingar em um canto.

O menino assistira a tôda essa cena com imperturbável sangue-frio: enquanto a Maria apanhava e o Leonardo esbravejava, êste ocupava-se tranqüilamente em rasgar as fôlhas dos autos que êste tinha largado ao entrar, e em fazer delas uma grande coleção de cartuchos.

Quando, esmorecida a raiva, o Leonardo pôde ver alguma coisa mais do que seu ciùme, reparou então na obra meritória em que se ocupava o pequeno. Enfureceu-se de novo: suspendeu o menino pelas orelhas, fê-lo dar no ar uma meia volta, ergue o pé direito, assenta-lhe em cheio sôbre os glúteos atirando-o sentado a quatro braças de distância.

— És filho de uma pisadela e de um beliscão; mereces que um pontapé te acabe a casta.

O menino suportou tudo com coragem de mártir, apenas abriu ligeiramente a bôca quando foi levantado pelas orelhas: mal caíu, ergueu-se, embarafustou pela porta fora, e em três pulos estava dentro da loja do padrinho, e atracando-se-lhe às pernas. O padrinho erguia nesse momento por cima da cabeça do freguês a bacia de barbear que lhe tirara do queixo: com o choque que sofreu a bacia inclinou-se, e o freguês recebeu um batismo de água de sabão.

— Ora, mestre, esta não está má!

— Senhor, balbuciou êste... a culpa é dêste endiabrado... O que é que tens, menino?

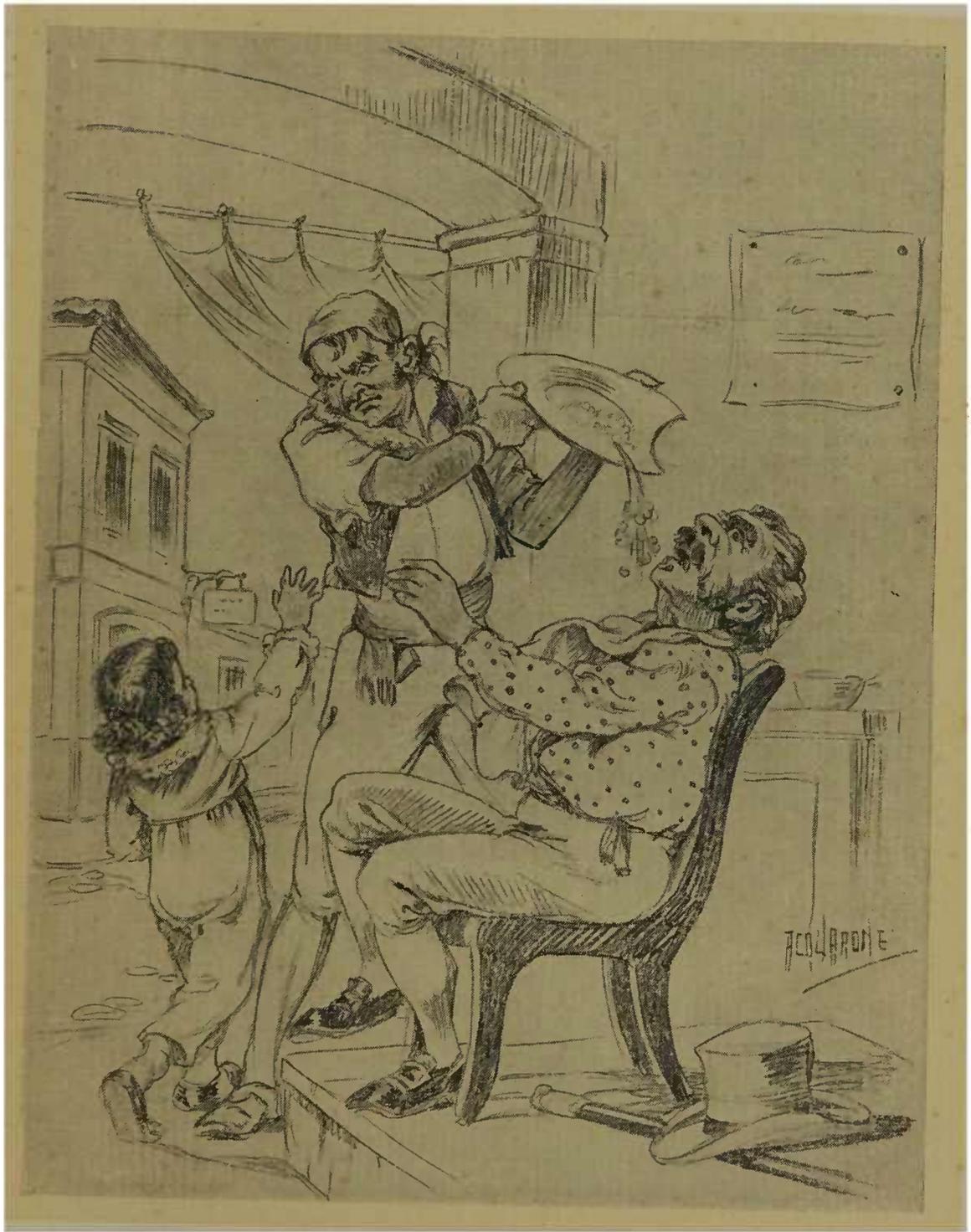
O pequeno nada disse; dirigiu apenas os olhos espantados para de frente, apontando com a mão trêmula nessa direção.

O compadre olhou também, aplicou a atenção, e ouviu então os soluços da Maria.

— Ham! resmungou; já sei o que há de ser... eu bem dizia. ora aí está!..

E desculpando-se com o freguês saiu da loja e foi acudir ao que se passava.

Por estas palavras vê-se que êle suspeitara alguma coisa; e saiba o leitor que suspeitara a verdade.



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Espiar a vida alheia, inquirir dos escravos o que se passava no interior das casas, era naquele tempo coisa tão comum e enraizada nos costumes, que ainda hoje, depois de passados tantos anos, restam grandes vestígios dêsse belo hábito.

Sentado pois no fundo da loja, afiando por disfarce os instrumentos do officio, o compadre presenciara os passeios do sargento por perto da rótula de Leonardo, as visitas extemporâneas do colega dêste, e finalmente os intentos do capitão do navio. Por isso contava êle mais dia menos dia com o que acabava de succeder.

Chegando ao outro lado da rua empurrou a rótula que o menino ao sair deixara cerrada, e entrou. Dirigiu-se ao Leonardo, que se conservava ainda em posição hostil.

— O' compadre, disse, você perdeu o juízo?...

— Não foi o juízo, disse o Leonardo em tom dramático, foi a honra!...

A Maria, vendo-se protegida pela presença do compadre, cobrou ânimo, e altanando-se disse em tom de zombaria:

— Honra!.. honra de meirinho... ora!

O vulcão de despeito que as lágrimas da Maria tinham apagado um pouco, borbotou de novo com êsse insulto, que não ofendia só um homem, porém uma classe inteira! Injúrias e murros à mistura caíram de novo sôbre a Maria, das mãos e da bôca de Leonardo. O compadre, que se interpusera, levou alguns por descuido; afastou-se pois à distância conveniente, murmurando despeitado por ver frustrados seus esforços de conciliador:

— Honra de meirinho é como fidelidade de saloia.

Enfim serenou a tormenta: a Maria sentou-se a um canto a chorar e a maldizer a hora em que nascera, o dia em que pela primeira vez vira o Leonardo, a pisadela, o beliscão com que tinha começado o namôro a bordo, e tudo mais que a dor dos murros lhe trazia à cabeça.

O Leonardo, depois de um pouco de calma, teve um momento de exasperação; avermelharam-se-lhe os olhos e as faces, cerrou os dentes, meteu as mãos nos bolsos do calção, encheu as bochechas, e pôs-se a balançar violentamente a perna direita. Depois, como tomando uma resolução extrema, juntou as fôlhas dispersas dos autos que o menino despedaçara, enterrou atravessado na cabeça o chapéu armado, agarrou na bengala, e saíu batendo com a rótula e exclamando:

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

— Vá-se tudo com os diabos!...

— Vai... vai... exclamou a Maria já de novo em segurança, pondo as mãos nas cadeiras, que o caso não há de ficar assim. pôr-me as mãos!. ora. vou com isto à justiça. .

— Comadre!..

— Nada, não atendo, compadre... vou com isto à justiça, e a-pesar-de êle ser um meirinho muito velhaco, há de se haver comigo.

— E' melhor não se meter nisto, comadre... sempre são negócios com a justiça. o compadre é seu oficial, e ela há de punir pelos seus.

As ameaças da Maria não passavam de bravatas que lhe arrancava o despeito, e portanto com mais quatro razões do compadre cedeu, e foi restituída a paz em casa. Houve então larga conferência entre os dois, no fim da qual o compadre saiu dizendo:

— Êle há de voltar aquilo é gênio... há de passar .. e se não... o dito está dito; fico com o pequeno.

A Maria mostrou-se satisfeita. Tinha ela suas resoluções tomadas, ou anteriormente ou naquela ocasião, e por isso na conferência que referimos tratara de engodar o compadre e arrancar-lhe a promessa de que no caso de algum desarranjo tomaria a si e cuidaria do filho. Êsse desarranjo ela figurara e o compadre acreditara que só partiria de Leonardo; porém o leitor vai ver que o pobre homem era condescendente, e que a Maria tinha razão quando falara irônicamente em honra de meirinho.

Tôda esta cena que acabamos de descrever passou-se de manhã. À tardinha o Leonardo entrou pela loja do compadre, aflito e triste. O pequeno estremeceu no banco em que se achava sentado, lembrando-se do passeio aéreo que o pontapé de seu pai lhe fizera dar de manhã. O compadre adiantou-se e disse-lhe com um sorriso conciliador:

— O passado passado; vamos. ela está arrependida. doidices de raparigas. mas não há de fazer outra.

O Leonardo não respondeu; pôs-se a passear pela loja com as mãos cruzadas para trás e por baixo das abas da casaca; porém pelo seu semblante via-se que êle estimara as palavras do compadre, e que seria o primeiro a pronunciá-las se êle não o precedesse.

— Vamos até lá, disse o compadre, e acaba-se tudo! Coitada!.. ela ficou muito chorosa.

— Vamos, disse o Leonardo.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Chegando à porta da casa fêz uma pequena parada como quem tinha tomado a resolução de não entrar; mas o que êle queria eram algumas súplicas do compadre, que pudessem ser ouvidas pela Maria, afim de fazê-la acreditar que se êle voltava era arrastado, e não por sua vontade. O compadre percebeu isto, e satisfez o pensamento de Leonardo dizendo:

— Entra, homem. basta de criaçadas. o passado passado.

Entraram. A sala estava vazia; o Leonardo sentou-se junto de uma mesa, descansou o rosto numa das mãos, conservando sempre o chapéu armado atravessado na cabeça, o que lhe dava um aspecto entre cômico e melancólico.

— Comadre, disse em voz alta o agente da conciliação, tudo está acabado; venha cá.

Ninguém respondeu.

— Há de estar aí a chorar metida em algum canto, tornou o compadre.

E começou a procurar por tôda a casa.

Não era esta mui grande; em pouco percorreu-a tôda, e ficou tomado do mais cruel desapontamento por não encontrar a Maria. Voltou portanto à sala entre consternado e espantado.

O Leonardo, supondo que êle tinha achado a Maria, e que sem dúvida a trazia pela mão contrita e humilhada, quis fazer-se de bom: ergueu-se, meteu as mãos nos bolsos, e pôs-se de costas para o lugar donde vinha o compadre.

— O' compadre, disse êste aproximando-se.

— Nada, atalhou o Leonardo sem voltar-se. o dito por não dito.. mudei de resolução!..

— Olha, homem.

— Nada, nada.. está tudo acabado.

O Leonardo, dizendo isto, ia dando sempre as costas ao compadre, quando se lhe queria pôr de frente.

— Homem.. escute. olhe que a comadre.

— Não quero saber dela. está tudo acabado: e já disse.

— Foi-se embora... homem. foi-se embora, gritou o compadre impaciente.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

O Leonardo foi fulminado por estas palavras; voltou-se então todo trêmulo. Não vendo a Maria desatou a chorar.

— Pois bem, disse entre soluços, está tudo acabado.. adeus compadre!

— Mas olhe que o pequeno... atalhou êste.

O Leonardo nada respondeu, e saiu precipitadamente.

O compadre compreendeu tudo: viu que o Leonardo abandonava o filho, uma vez que a mãe o tinha abandonado; e fez um gesto como quem queria dizer: — Está bom, já agora. vá; ficaremos com uma carga às costas.

Ao outro dia sabia-se por tôda a vizinhança que a moça do Leonardo tinha fugido para Portugal com o capitão de um navio que partira na véspera de noite.

— Ah! disse o compadre com um sorriso maligno, ao saber da notícia, foram saúdades da terra!.

CAPÍTULO III

DESPEDIDA ÀS TRAVESSURAS



Leonardo abandonara de uma vez para sempre a casa fatal onde tinha sofrido tamanha infelicidade; nem mesmo passara mais por aquelas alturas; de maneira que o compadre por muito tempo não lhe pôde pôr a vista em cima.

O pequeno, enquanto se achou novato em casa do padrinho, portou-se com tôda a sisudez e gravidade; apenas porém foi tomando mais familiaridade, começou a pôr as manguinhas de fora. A-pesar-disto porém captou do padrinho maior afeição, que se foi aumentando de dia em dia, e que em breve chegou ao extremo da amizade cega e apaixonada. Até nas próprias travessuras do menino, as mais das vêzes malignas, achava o bom do homem muita graça; não havia para êle em todo o bairro rapazinho mais bonito, e não se fartava de contar à vizinhança tudo o que êle dizia e fazia; às vêzes eram verdadeiras ações de menino mal-criado, que êle achava cheias de espírito e de viveza; outras vêzes eram ditos que denotavam já muita velhacaria para aquela idade, e que êle julgava os mais ingênuos do mundo.

Era isto natural em um homem de uma vida como a sua; tinha já 50 e tantos anos, nunca tinha tido afeições; passara sempre só, isolado; era verdadeiro partidário do mais decidido celibato. Assim à primeira afeição que fôra levado a contrair sua alma expandiu-se tôda inteira, e seu amor pelo pequeno subiu ao grau de rematada cegueira. Êste, apro-

veitando-se da imunidade em que se achava por tal motivo, fazia tudo quanto lhe vinha à cabeça.

Umaz vêzes sentado na loja divertia-se em fazer caretas aos fregueses quando estes se estavam barbeando. Uns enfureciam-se, outros riam sem querer: do que resultava que saíam muitas vêzes com a cara cortada, com grande prazer do menino e descrédito do padrinho. Outras vêzes escondia em algum canto a mais afiada navalha do padrinho, e o freguês levava por muito tempo com a cara cheia de sabão mordendo-se de impaciência enquanto êste a procurava; êle ria-se furtiva e malignamente. Não parava em casa coisa alguma por muito tempo inteira; fazia andar tudo numa poeira; pelos quintais atirava pedras aos telhados dos vizinhos; sentado à porta da rua, contendia com quem passava e com quem estava pelas janelas, de maneira que ninguém por alí gostava dêle. O padrinho porém não se dava disto, e continuava a querer-lhe sempre muito bem. Gastava às vêzes as noites em fazer castelos no ar a seu respeito; sonhava-lhe uma grande fortuna e uma elevada posição, e tratava de estudar os meios que o levassem a êsse fim. Eis aquí pouco mais ou menos o fio de seus raciocínios. Pelo ofício do pai.. (pensava êle) ganha-se, é verdade, dinheiro quando se tem jeito, porém sempre se há de dizer: — ora, é um meirinho!. Nada. por êste lado não. Pelo meu ofício... verdade é que eu arranjei-me (há neste arranjei-me uma história que havemos de contar), porém não o quero fazer escravo dos quatro vinténs dos fregueses... Seria talvez bom mandá-lo ao estudo. porém para que diabo serve o estudo? Verdade é que êle parece ter boa memória, e eu podia mais para diante mandá-lo a Coimbra... Sim, é verdade. eu tenho aquelas patacas; estou já velho, não tenho filhos nem outros parentes. mas também que diabo se fará êle em Coimbra? licenciado não: é mau ofício; letrado? era bom... sim, letrado.. mas não; não, tenho zanga a quem me lida com papéis e demandas. Clérigo? um senhor clérigo é muito bom. é uma coisa muito séria... ganha-se muito... pode vir um dia a ser cura. Está dito, há de ser clérigo.. ora, se há de ser: hei de ter ainda o gostinho de o ver dizer missa... de o ver pregar na Sé, e então hei de mostrar a tôda esta gentilha aquí da vizinhança que não gosta dêle que eu tinha muita razão em lhe querer bem. Êle está ainda muito pequeno, mas vou tratar de o ir

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

desasnando aquí mesmo em casa, e quando tiver 12 ou 14 anos há de me entrar para a escola.

Tendo ruminado por muito tempo esta idéia, um dia de manhã chamou o pequeno e disse-lhe.

— Menino, venha cá, você está ficando um homem (tinha êle 9 anos); é preciso que aprenda alguma coisa para vir um dia a ser gente; de segunda-feira em diante (estava na quarta-feira) começarei a ensinar-lhe o b-a, ba. Farte-se de travessuras por êste resto da semana.

O menino ouviu êste discurso com um ar meio admirado, meio desgostoso, e respondeu:

— Então eu não hei de ir mais ao quintal, nem hei de brincar na porta?

— Aos domingos, quando voltarmos da missa...

— Ora, eu não gosto da missa.

O padrinho não gostou da resposta; não era bom anúncio para quem se destinava a ser padre; mas nem por isso perdeu as esperanças.

O menino tomou bem sentido nestas palavras do padrinho: “Farte-se de travessuras por êste resto da semana” e acreditou que aquilo era uma licença ampla para fazer tudo quanto de bom e de mau lhe lembrasse durante o tempo que ainda lhe restava de folga. Levou pois todo o dia em uma desenvoltura assustadora; o padrinho foi achá-lo por duas ou três vêzes a cavallo em cima do muro de dividia o quintal da casa do vizinho, em grande risco de precipitar-se.

Ao anoitecer, estando sentado à porta da loja, viu ao longe no princípio da rua um acompanhamento alumiado pela luz de lanternas e tochas, e ouviu padres a rezarem; estremeceu de alegria e pôs-se em pé de um salto. Era a Via-Sacra do Bom Jesús.

Há bem pouco tempo que existiam ainda em certas ruas desta cidade cruces negras pregadas pelas paredes de espaço em espaço.

Às quartas-feiras e em outros dias da semana saía do Bom-Jesús e de outras igrejas uma espécie de procissão composta de alguns padres conduzindo cruces, irmãos de algumas irmandades com lanternas, e povo em grande quantidade; os padres rezavam e o povo acompanhava a reza.

Em cada cruz parava o acompanhamento, ajoelhavam-se todos, e oravam durante muito tempo.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

Este ato, que satisfazia a devoção dos carolas, dava pasto e ocasião a quanta sorte de zombaria e de imoralidade lembrava aos rapazes daquela época, que são os velhos de hoje, e que tanto clamam contra o desrespeito dos moços de agora.

Caminhavam êles em charola atrás da procissão, interrompendo a cantoria com ditérios em voz alta; ora simplesmente engraçados, ora pouco decentes; levavam longos fios de barbante em cuja extremidade iam penduradas grossas bolas de cera. Se ia por alí ao seu alcance algum infeliz, a quem os anos tivessem despido a cabeça dos cabelos, colocavam-se em distância conveniente, e escondidos por trás de um ou de outro, arremessavam o projétil que ia bater em cheio sôbre a calva do devoto; puxavam rapidamente o barbante, e ninguém podia saber donde tinha partido o golpe. Estas e outras cenas excitavam vozeria e gargalhadas na multidão.

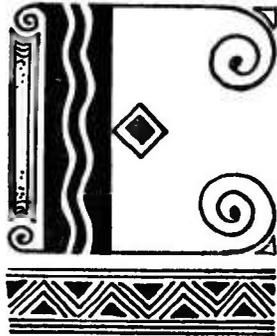
Era a isto que naqueles *devotos* tempos se chamava correr a Via-Sacra.

O menino, como já dissemos, estremeceu de prazer ao ver aproximar-se a procissão. Desceu sorrateiramente a soleira, e sem ser visto pelo padrinho colocou-se unido à parede entre as duas portas da loja, levantando-se na ponta dos pés para ver mais a seu gôsto.

Vinha aproximando-se o acompanhamento, e o menino palpitava de prazer. Chegou mesmo defronte da porta; teve êle então um pensamento que o fêz estremecer; tornou-se a lembrar das palavras do padrinho: “farte-se de travessuras”; espiou para dentro da loja, viu-o entretido, deu um salto do lugar onde estava, misturou-se com a multidão, e lá foi concorrendo com suas gargalhadas e seus gritos para aumentar a vozeria. Era um prazer febril que êle sentia; esqueceu-se de tudo, pulou, saltou, gritou, rezou, cantou, e só não fêz daquilo que não estava em suas fôrças. Fêz camaradagem com dois outros meninos do seu tamanho que também iam no rancho, e quando deu acôrdo de si estava de volta com a Via-Sacra na Igreja do Bom Jesús.

CAPÍTULO IV

FORTUNA



INQUANTO o compadre, aflito, procura por tôda a parte o menino, sem que ninguém possa dar-lhe novas dêle, vamos ver o que é feito do Leonardo, e em que novas alhadas está agora metido.

Lá para as bandas do mangue da Cidade Nova havia, ao pé de um charco, uma casa coberta de palha da mais feia aparência, cuja trente suja e testada enlameada bem denotavam que dentro o asseio não era muito grande. Compunha-se ela de uma pequena sala e um quarto; tôda a mobília eram dois ou três assentos de pau, algumas esteiras em um canto, e uma enorme caixa de pau que tinha muitos empregos; era mesa de jantar, cama, guarda-roupa e prateleira. Quase sempre estava essa casa fechada, o que a rodeava de um certo mistério. Esta sinistra morada era habitada por uma personagem talhada pelo molde mais detestável; era um caboclo velho, de cara hedionda e imunda, e coberto de farrapos. Entretanto, para a admiração do leitor, fique-se sabendo que êste homem tinha por ofício *dar fortuna!*

Naquele tempo acreditava-se muito nestas coisas, e uma sorte de respeito supersticioso era tributado aos que exerciam semelhante profissão.

Já se vê que inesgotável mina não achavam nisso os industriosos!

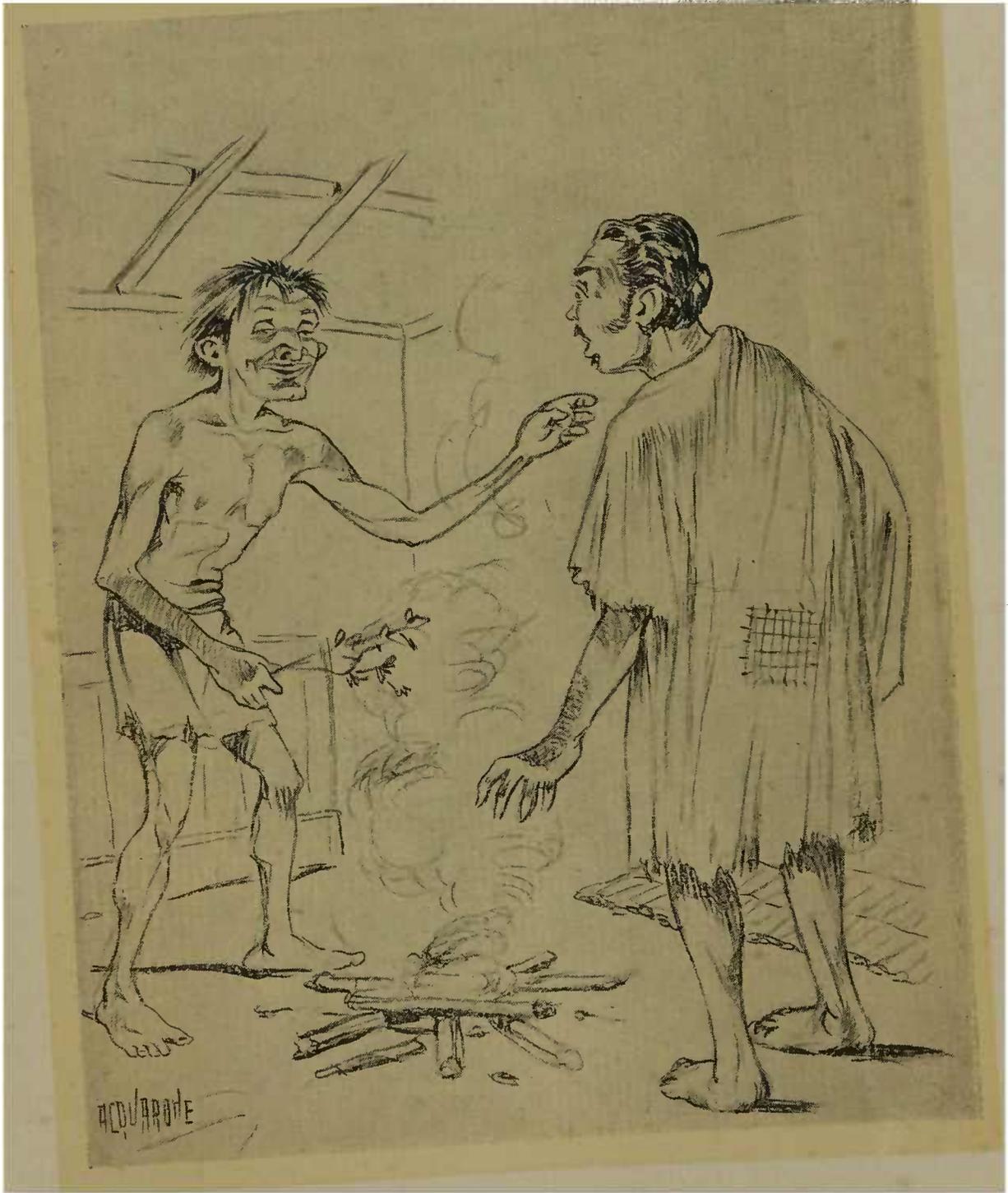
E não era só a gente do povo que dava crédito às *feitiçarias*; conta-se que muitas pessoas da alta sociedade de então iam às vêzes comprar

venturas e felicidades pelo cômodo preço da prática de algumas imoralidades e superstições.

Pois ao nosso amigo Leonardo tinha-lhe também dado na cabeça tomar fortuna, e tinha isso por causa contrariedades que sofria em uns novos amores que lhe faziam agora andar a cabeça à roda.

Tratava-se de uma cigana; o Leonardo a vira pouco tempo depois da fuga da Maria, e das cinzas ainda quentes de um amor mal pago nascera outro que também não foi a êste respeito melhor aquinhoado; mas o homem era romântico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquele tempo; não podia passar sem uma paixãozinha. Como o ofício rendia, e êle andava sempre apatacado, não lhe fôra difícil conquistar a posse do adorado objeto; porém a fidelidade, a unidade no gôzo, que era o que sua alma aspirava, isso não o pudera conseguir; a cigana tinha pouco mais ou menos sido feita no mesmo molde da saloia. Por tôda a parte há sargentos, colegas e capitães de navios; a rapariga tinha-lhe já feito umas poucas, e acabava também por fugir-lhe de casa. Desta vez porém, como não eram saúdades da pátria a causa desta fugida, o Leonardo decidira haver de novo, e por todos os meios, a posse de sua amada. Encontrou-a com pouco trabalho, e empregando o pranto, as súplicas, as ameaças, porém tudo em balde, decidiu por isso a buscar com meios sobrenaturais o que os meios humanos lhe não tinham podido dar.

Entregou-se portanto em corpo e alma ao caboclo da casa do mangue, o mais afamado de todos os do ofício. Tinha-se já sujeitado a uma infinidade de provas, que começavam sempre por uma contribuição pecuniária, e ainda nada havia conseguido; tinha sofrido fumigações de ervas sufocantes, tragado beberagens de mui enjoativo sabor: sabia de cor milhares de orações misteriosas, que era obrigado a repetir muitas vêzes por dia; ia depositar quase tôdas as noites em lugares determinados quantias e objetos com o fim de chamar em auxílio, dizia o caboclo, as suas divindades; e a-pesar-de tudo a cigana resistia ao sortilégio. Decidiu-se finalmente a sujeitar-se à última prova, que foi marcada para a meia noite em ponto na casa que já conhecemos. À hora aprazada lá se achou o Leonardo; encontrou na porta o nojento nigromante, que não consentiu que êle entrasse do modo em que se achava, e obrigou-o a pôr-



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

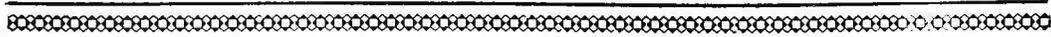
se primeiro em hábitos de Adão no paraíso, cobriu-o depois com um manto imundo que trazia, e só então lhe franqueou a entrada.

A sala estava com um aparato ridículamente sinistro, que não nos cansaremos em descrever; entre outras coisas, cuja significação só conheciam os iniciados nos mistérios do caboclo, havia no meio uma pequena fogueira.

Começando a cerimônia o Leonardo foi obrigado a ajoelhar-se em todos os ângulos da casa, e recitar as orações que já sabia e mais algumas que lhe foram ensinadas na ocasião; depois foi orar junto da fogueira. Neste momento saíram do quarto três novas figuras que vieram tomar parte na cerimônia, e começaram então, acompanhando-os o supremo sacerdote, uma dança sinistra em roda do Leonardo. De repente sentiram bater levemente na porta da parte de fora, e uma voz descansada dizer:

— Abra a porta.

— O Vidigal! disseram todos a um tempo, tomados do maior susto.



CAPÍTULO V

O VIDIGAL



som daquela voz que dissera “Abra a porta” lançara entre êles, como dissemos, o espanto e o mêdo. E não foi sem razão; era ela o anúncio de um grande apêrto, de que por certo não poderiam escapar. Nesse tempo ainda não estava organizada a polícia da cidade, ou antes estava-o de um modo em harmonia com as tendências e idéias da época. O major Vidigal era o rei absoluto, o árbitro supremo de tudo que dizia respeito a êsse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuía a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua imensa alçada não haviam testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; êle resumia tudo em si; a sua *justiça* era infalível; não havia apelação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas. Exercia enfim uma espécie de inquisição policial. Entretanto, façamos-lhe justiça, dados os descontos necessários às idéias do tempo, em verdade não abusava êle muito de seu poder, e o empregava em certos casos muito bem empregado.

Era o Vidigal um homem alto, não muito gordo, com ares de moleirão; tinha o olhar sempre baixo, os movimentos lentos, e voz descansada e adocicada. A-pesar-dêste aspecto de mansidão, não se encontraria por certo homem mais apto para o seu cargo, exercido pelo modo que acabamos de indicar.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Uma companhia ordinariamente de granadeiros, às vêzes de outros soldados que êle escolhia nos corpos que haviam na cidade, armados todos de grossas chibatas, comandada pelo major Vidigal, fazia tôda a ronda da cidade de noite, e tôda a mais polícia de dia. Não havia beco nem travessa, rua nem praça, onde não se tivesse passado uma façanha do senhor major para pilhar um maroto ou dar caça a um vagabundo. A sua sagacidade era proverbial, e por isso só o seu nome incutia grande terror em todos os que não tinham a conciência muito pura a respeito de falcatruas.

Se no meio da algazarra de um fado rigoroso, em que a decência e os ouvidos dos vizinhos não eram muito respeitados, ouvia-se dizer “está aí o Vidigal”, mudavam-se repentinamente as cenas; serenava tudo em um momento, e a festa tomava logo um aspecto sério. Quando algum dos patuscos daquele tempo (que não gozava de grande reputação de ativo e trabalhador) era surpreendido de noite de capote sôbre os ombros e viola a tiracolo, caminhando em busca de súcia, por uma voz branda que lhe dizia simplesmente “venha cá; onde vai?” o único remédio que tinha era fugir, se pudesse, porquê com certeza não escapava por outro meio de alguns dias de cadeia, ou pelo menos da *casa da guarda da Sé*; quando não vinha o *côvado e meio às costas*, como consequência necessária.

Foi por isso que os nossos mágicos e a sua infeliz vítima puseram-se em debandada mal conheceram pela voz quem se achava com êles. Quiseram escapar-se pelos fundos da casa, porém ela estava tôda cercada de granadeiros, em cujas mãos se viam a arma de que acima falámos. A porta abriu-se sem resistência, e o major Vidigal (porquê era com efeito êle) com os seus granadeiros achou-os em flagrante delito de nigromância: estava ainda acesa a fogueira, e os mais objetos que serviam ao sacrifício.

— Oh! disse êle, por aquí dá-se fortuna.

— Sr. major, pelo amor de Deus.

— Eu tinha desejos de ver como era isso; continuem... sem cerimônia, vamos.

Os infelizes hesitaram um pouco, porém vendo que resistir seria inútil, começaram de novo as cerimônias, de que os soldados se riam, antevendo talvez qual seria o resultado. O Leonardo estava corrido de vergonha,

tanto mais porquê o conhecia; e procurava cobrir-se do melhor modo com a sua imunda capa. Ajoelhou-se quase arrastado outra vez no mesmo lugar; e recomeçou a dança, a que o major assistia de braços cruzados e com ar pachorrento. Quando os sacrificadores, julgando que já tinham dançado suficientemente, tentaram parar, o major disse brandamente:

— Continuem.

Depois de muito tempo quiseram parar de novo.

— Continuem, disse outra vez o major.

Continuaram por mais meia hora; passado êsse tempo, já muito cansados, tentaram dar fim.

— Ainda não; continuem.

Continuaram por tempos esquecidos, já estavam que não podiam de estafados; o nosso Leonardo, ajoelhado ao pé da fogueira, quase que se desfazia em suor. Afinal o major deu-se por satisfeito, mandou que parassem, e sem se alterar disse para os soldados, com a sua voz doce e pausada:

— Toca, granadeiros.

A esta voz tôdas as chibatas ergueram-se, e caíram de rijo sôbre as costas daquela *honest*a gente, fizeram-na dançar, e sem querer, ainda por algum tempo.

— Pára, disse o major, depois de um bom quarto de hora.

Começou então a fazer a cada um um sermão, em que se mostrava muito sentido por ter sido obrigado a chegar àquele excesso, e que terminava sempre por esta pergunta:

— Então, você em que se ocupa?

Nenhum dêles respondia. O major sorria-se e acrescentava com riso sardônico:

— Está bom!

Chegou a vez do Leonardo.

— Pois homem, você, um oficial de justiça, que devia dar o exemplo...

— Sr. major, respondeu êle acabrunhado, é o diabo daquela rapariga que me obriga a tudo isto; já não sei de que meios use.

— Você há de ficar curado! Vamos para a casa da guarda.

Com esta última decisão o Leonardo desesperou. Perdoaria de bom grado as chibatadas que levara, contanto que elas ficassem em segrêdo;

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

mas ir para a casa da guarda, e dela talvez para a cadeia... isso é que êle não podia tolerar. Rogou ao major que o poupasse; o major foi inflexível. Desfez então a vergonha em pragas à maltida cigana que tanto o fazia sofrer.

A casa da guarda era no largo da Sé; era uma espécie de depósito onde se guardavam os presos que se faziam de noite, para se lhes dar depois conveniente destino. Já se sabe que os amigos de novidades iam por alí de manhã e sabiam com facilidade tudo que se tinha passado na noite antecedente.

Aí estive o Leonardo o resto da noite e grande parte da manhã, exposto à vistoria dos curiosos. Por infelicidade sua passou por acaso um colega, e vendo-o entrou para falar-lhe, isto quer dizer que daí a pouco tôda a illustre corporação dos meirinhos da cidade sabia do ocorrido com o Leonardo, e já se preparava para dar-lhe uma solene pateada quando o negócio mudou de aspecto e o Leonardo foi mandado para a cadeia.

Aparentemente os companheiros mostraram-se sentidos, porém secretamente não deixaram de estimar o contratempo porquê o Leonardo era muito afreguesado, e em quanto estava êle prêso as partes os procuravam.

CAPÍTULO VI

PRIMEIRA NOITE FORA DE CASA



compadre, apenas dera por falta do afilhado, viu-se prêsa da maior aflição: pôs em alarma tôda a vizinhança, procurou, indagou, mas ninguém lhe deu novas nem mandados dêle. Lembrou-se então da Via-Sacra, e imaginou que o pequeno a teria acompanhado; percorreu tôda as ruas por onde passara o acompanhamento, perguntando aflito a quantos encontrava pelo tesouro precioso de suas esperanças; chegou sem encontrar vestígio algum até o Bom-Jesús, onde lhe disseram ter visto três meninos que por se portarem endiabradamente na ocasião da entrada da Via-Sacra o sacristão os correram para fora da igreja.

Foi êste o único sinal que pôde colhêr.

Vagou depois por muito tempo pela rua, e só se recolheu para casa estando já a noite adiantada. Ao chegar à porta de casa abriu-se o postigo de uma rótula contínua, e uma voz de mulher perguntou:

— Então vizinho, nada?

— Nada, vizinha, respondeu o compadre com voz desanimada.

— Ora, quando eu lhe digo que aquela criança tem maus bofes.

— Vizinha, isto não são coisas que se digam..

— Digo-lhe e repito-lhe que tem maus bofes. Deus permita que não, mas aquilo não tem bom fim.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Oh! senhora, replicou o compadre muito irritado, que tem a senhora com a minha vida e mais das coisas que me pertencem? Meta-se consigo, cuide nos seus bilros e na sua renda, e deixe a vida alheia.

Entrou depois para casa murmurando:

— Um dia faço aqui uma estralada com esta mulher: é sempre isto! parece um agouro!

Tôda a noite levou o pobre homem acordado a pensar nos meios de achar o pequeno: e depois de ter formado mil planos, disse consigo.

— Em último lugar vou ter com o major Vidigal.

E esperou que o dia voltasse para prosseguir em suas pesquisas.

Entretanto vamos satisfazer ao leitor, que há de talvez ter curiosidade de saber onde se meteu o pequeno.

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos Ciganos. Gente ociosa e de poucos escrúpulos, ganharam êles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguém que tivesse juízo se metia com êles em negócios, porquê tinha certeza de levar carolo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se fala, deixaram-na da outra banda do oceano; para cá só trouxeram maus hábitos, esperteza e velhacaria, e se não, o nosso Leonardo pode dizer alguma coisa a respeito. Viviam em quase completa ociosidade; não tinham noites sem festa. Moravam ordinariamente um pouco arredados das ruas populares e viviam em plena liberdade. As mulheres trajavam com certo luxo relativo aos seus haveres: usavam de rendas e fitas; davam preferência a tudo quanto era encarnado, e nenhuma delas dispensava pelo menos um cordão de ouro ao pescoço; os homens não tinham outra distinção mais do que alguns traços fisionômicos particulares que os faziam conhecidos.

Os dois meninos com quem o pequeno fugitivo travara amizade pertenciam a uma família dessa gente que morava no largo do Rocio, lugar que tinha por isso até algum tempo o nome de Campo dos Ciganos. Tinham êsses meninos, como dissemos, pouco mais ou menos a mesma idade que êle: porém, acostumados à vida yagabunda, conheciam tôda a cidade, e a percorriam sós, sem que isso causasse cuidado a seus pais; nunca faltavam a acompanhamento de Via-Sacra, nem a outra qualquer coisa dêsse gênero. Encontrando-se nessa noite, como já sabem os leitores,

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

com o nosso futuro clérigo, a êle se associaram, e o carregaram para casa de seus pais, onde, como de costume, havia festa de ciganos, (e êste costume ainda hoje se conserva); faziam, dissemos, festa todos os dias, porém motivavam-na sempre. Hoje era um batizado, amanhã um casamento, agora anos dêste, logo anos daquele, festa dêste, festa daquele santo. Na noite de que tratamos havia um oratório armado, e festejava-se um santo de sua devoção; não lhe sabemos o nome.

Pelo caminho o menino teve alguns escrúpulos e quis voltar, porém os outros tal pintura lhe fizeram do que êle ia ver se os acompanhasse, que se decidiu a seguí-los até onde quisessem.

Chegaram enfim à casa, onde já tinha começado a festa.

Ao lado esquerdo da sala estava o oratório iluminado por algumas pequenas velas de cera, sôbre uma mesa coberta com uma toalha branca; servia-lhe de espaldar uma colcha de chita com folhos. Em roda da sala estavam colocados assentos de tôda a natureza, bancos, cadeiras, etc., onde se assentavam os convidados. Não eram êstes em pequeno número, eram ciganos e gente do país; traziam *toilettes* de tôda a casta, do sofrível para baixo; mostravam-se alegres e dispostos a aproveitarem bem a noite.

Os meninos entraram sem que alguém reparasse nêles, e foram colocar-se junto do oratório.

Daí a pouco começou o fado.

Todos sabem o que é fado, essa dança tão voluptuosa, tão variada, que parece filha do mais apurado estudo da arte. Uma simples viola serve melhor do que instrumento algum para o efeito.

O fado tem diversas formas, cada qual mais original. Ora, uma só pessoa, homem ou mulher, dança no meio da casa por algum tempo, fazendo passos os mais dificultosos, tomando as mais airozas posições, acompanhando tudo isso com estalos que dá com os dedos, e vai depois pouco e pouco aproximando-se de qualquer que lhe agrada; faz-lhe diante algumas negaças e viravoltas, e finalmente bate palmas, o que quer dizer que enfim acompanha-se de novo.

Assim corre a roda tôda até que todos tenham dançado.

Outras vêzes um homem e uma mulher dançam juntos; seguindo com a maior certeza o compasso da música, ora acompanham-se a passos

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

lentos, ora apressados, depois repelem-se, depois juntam-se; o homem às vêzes busca a mulher com passos ligeiros, enquanto ela, fazendo um pequeno movimento com o corpo e com os braços, recua vagarosamente, outras vêzes é ela quem procura o homem, que recua por seu turno, até que enfim acompanham-se de novo.

Há também a roda em que dançam muitas pessoas, interrompendo certos compassos com palmas e com um sapateado às vêzes estrondoso e prolongado, às vêzes mais brando e mais breve, porém sempre igual e a um só tempo.

Além destas há ainda outras formas de que não falamos. A música é diferente para cada uma, porém sempre tocada em viola. Muitas vêzes o tocador canta em certos compassos uma cantiga às vêzes de pensamento verdadeiramente poético.

Quando o fado começa custa a acabar; termina sempre pela madrugada, quando não leva de enfiada dias e noites seguidas e inteiras.

O menino, esquecido de tudo pelo prazer, assistiu à festa em quanto pôde; depois chegou-lhe o sono, e reünindo-se com os companheiros em um canto, adormeceram todos embalados pela viola e pelo sapateado.

Quando amanheceu acordou sarapantado; chamou um dos companheiros, e pediu que o levasse para casa.

O padrinho ia saindo para começar nas pesquisas quando esbarrou com êle.

— Menino dos trezentos. onde te meteste tu?.

— Fui ver um oratório. Não diz que eu hei de ser padre?! .

O padrinho olhou-o por muito tempo, e afinal, não podendo resistir ao ar de *ingenuidade* que êle mostrava, desatou a rir e levou-o para dentro já completamente apaziguado.

CAPÍTULO VII

A COMADRE



UMPRE-NOS agora dizer alguma coisa a respeito de uma personagem que representará no correr desta história um importante papel, e que o leitor apenas conhece, porquê nela tocámos de passagem no primeiro capítulo: é a comadre, a parteira que, como dissemos, servira de madrinha ao nosso memorando.

Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda, bonachona, ingênua ou tola até um certo ponto, e finória até outro; vivia do ofício de parteira, que adotara por curiosidade, e benzia de quebranto; todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa-missas da cidade. Era a folhinha mais exata de tôdas as festas religiosas que aquí se faziam; sabia de cor os dias em que se dizia missa em tal ou tal igreja, como a hora e até o nome do padre; era pontual à ladainha, ao têrço, à novena, ao setenário; não lhe escapava Via-Sacra, procissão, nem sermão; trazia o tempo hàbilmente distribuído e as horas combinadas, de maneira que nunca lhe aconteceu chegar à igreja e achar já a missa no altar. De madrugada começava pela missa da Lapa; apenas acabava ia à das 8 na Sé, e daí saindo pilhava a das 9 em Santo Antônio. O seu traje habitual era, como o de tôdas as mulheres da sua condição e esfera, uma saia de lila preta, que se vestia sôbre um vestido qualquer, um lenço branco muito teso e engomado ao pescoço, outro na cabeça, um rosário pendurado no cós da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isto coberto por uma clássica

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

mantilha, junto à renda da qual se pregava uma pequena figa de ouro ou de osso. Nos dias dúplices, em vez de lenço à cabeça, o cabelo era penteado, e seguro por um enorme pente cravejado de crisólitas.

Este uso da mantilha era um arremêdo do uso espanhol; porém a mantilha espanhola, temos ouvido dizer, é uma coisa poética que reveste as mulheres de um certo mistério, e que lhes realça a beleza; a mantilha das nossas mulheres, não; era a coisa mais prosaica que se pode imaginar, especialmente quando as que as traziam eram baixas e gordas como a comadre. A mais brilhante festa religiosa (que eram as mais freqüentadas então) tomava um aspecto lúgubre logo que a igreja se enchia daqueles vultos negros, que se uniam uns aos outros, que se inclinavam cochichando a cada momento.

Mas a mantilha era o traje mais conveniente aos costumes da época; sendo as ações dos outros o principal cuidado de quase todos, era muito necessário ver sem ser visto. A mantilha para as mulheres estava na razão das rótulas para as casas; eram o observatório da vida alheia. Muito agitada e cheia de acidentes era a vida que levava a comadre, de parteira, beata e curandeira de quebranto; não tinha por isso muito tempo de fazer visitas e procurar os conhecidos e amigos. Assim não procurava o Leonardo muitas vêzes; havia muito tempo que não sabia notícias dêle, nem da Maria, nem do afilhado, quando um dia na Sé ouviu entre duas beatas de mantilha a seguinte conversa:

— E' o que lhe digo: a saloiazinha era da pele do tihoso!

— E parecia uma santinha.. e o Leonardo o que lhe fêz?

— Ora, desancou-a de murros, foi o que fêz com que ela abalasse mais depressa com o capitão. pois olhe, não teve razão; o Leonardo é um rapagão; ganhava boas patacas, e tratava dela como de uma senhora!...

— E o filho.. que assim mesmo pequeno era um malcriadão...

— O padrinho tomou conta dêle; quer-lhe um bem extraordinário. está maluco o coitado do homem, diz que o menino há de por fôrça ser padre.. mas qual padre, se êle é um endiabrado!.

Nesta ocasião levantava-se a Deus, e as duas beatas interromperam a conversa para bater nos peitos.

Era uma delas a vizinha do compadre, que prognosticava mau fim ao menino, e com quem êle prometera fazer uma estralada: a outra era uma das que tinham estado na função do batizado.

A comadre, apenas ouviu isto, foi procurar o compadre; não se pense porém que a levava a isso outro interêsse que não fôsse a curiosidade, queria saber o caso com todos os menores detalhes; isso lhe dava longa matéria para a conversa na igreja, e para entreter as parturientes que se confiavam aos seus cuidados. Entrou pela loja do barbeiro; e apenas o avistou foi-lhe dizendo:

— Então, com que a tal comadre pregou-nos o mono? Veja o que são doidices; fazer aquilo ao Leonardo, um homem que não é mal arranjado... filho do Reino.

— Apertara-lhe as saúdes da terra, disse o compadre com sorriso maligno.

— Apertada se veja ela entre as unhas do tinoso! Olhem que jôiazinha. E você, mestre, ficou com a carga às costas.

— Carga, não... eu quero-lhe bem, êle é sossegadinho.

Começou então um interrogatório minucioso acêrca do que tinha sucedido em casa do Leonardo: e os dois, compadre e comadre, desabafaram a seu gôsto. Depois o compadre narrou, sem ser interrompido, tôdas as gentilezas do afilhado, e contou suas intenções a respeito dêle. A comadre não concordou com êlas (o que nada agradou ao compadre), não via o menino com jeito para padre; achava melhor metê-lo na Conceição a aprender um ofício. O compadre porém persistiu em seus intentos, que tinha muita esperança de ver realizados. Afinal a comadre retirou-se.

Pelo caminho foi repetindo o que acabara de saber a quanto conhecido encontrou, sem escrupulizar muito em acrescentar mais uma ou outra circunstância com que carregava as côres do quadro.

Entretanto o compadre applicava-se a trabalhar na realização de seus intentos, e começou por ensinar o A B C ao menino; porém, por primeira contrariedade, êste empacou no F, e nada o fazia passar adiante.

A comadre continuou a aparecer daí em diante por um motivo que mais tarde se saberá.

Por agora vamos continuar a contar o que era feito do Leonardo.



CAPÍTULO VIII

O PÁTIO DOS BICHOS



INDA hoje existe no saguão do paço imperial, que no tempo em que se passou esta nossa história se chamava Palácio del-rei, uma saleta ou quarto que os gaia-tos e o povo com êles denominavam o *Pátio dos Bichos*. Êste apelido lhe fôra dado em consequência do fim para que êle então servia: passavam alí todos os dias do ano três ou quatro oficiais superiores, velhos, incapazes para a guerra e inúteis na paz, que o rei tinha a seu serviço não sabendo se com mais alguma vantagem de sôlido, ou se só com mais a honra de serem empregados no real serviço. Bem poucas vêzes havia ocasião de serem êles chamados por ordem real para qualquer coisa, e todo o tempo passavam em santo ócio, ora mudos e silenciosos, ora conversando sôbre coisas do seu tempo e censurando as coisas que com razão já não supunham do seu, porquê nenhum dêles era menor de 60 anos. Às vêzes acontecia adormecerem todos ao mesmo tempo, e então com a ressonância de sua respirações passando pelos narizes atabacados, entoavam um quarteto, pedaço impagável, que os oficiais e soldados que estavam de guarda, criados e mais pessoas que passavam, vinham apreciar à porta. Eram os pobres homens muitas vêzes vítimas de caçadas que naquele tempo de poucas preocupações eram o objeto de estudo de muita gente.

Às vêzes qualquer que os pilhava dormindo chegava à porta e gritava:

— Sr. Tenente-Coronel, el-rei procura por V S.

Qualquer dêles acordava espantado, tomava o chapéu armado, punha o talim, acontecendo às vêzes com a pressa ficar o chapéu torto ou a espada do lado direito, e lá corria a ter com el-rei.

— Às vossas ordens, real senhor, dizia ainda bocejando.

O rei, que percebia o negócio, desatava a rir e o mandava embora.

Quando chegava o pobre homem abaixo, ia cada um dos que por alí se achavam indagar, o mais sèriamente que era possível, qual tinha sido o objeto do chamado del-rei.

Faziam-lhes destas e doutras, mas daí a pouco deixavam-se êles enganar de novo.

Vamos fazer o leitor tomar conhecimento com um dêsses *ativos* militares, que entra também na nossa história.

Era velho como seus companheiros, porém de certo por êle não é que tinha vindo ao quarto o apelido que lhe davam: suas feições quebradas pela idade tinham ainda certa regularidade de contôrno que bem denotava que no seu tempo de rapaz não fôra a respeito de beleza mal favorecido; de seus cabelos que o tempo levava restavam apenas orlando-lhe as têmporas e a nuca alguns anéis crespos e prateados; sua calva era nobre e imponente. Fôra valente; ganhara por seus feitos as dragonas de tenente-coronel; era filho de Portugal, e acompanhara el-rei na sua vinda ao Brasil.

Estas qualidades porém não lhe serviram de salva-guarda, e sofria como os outros as caçadas dos gaiatos.

Assim um dia que uma mulher da mantilha o foi procurar, e se pôs com êle a conversar por algum tempo em particular, passavam uns e outros e escarravam junto da porta, ou deixavam escapar uma ou outra chalaça análoga.

— Amores velhos nunca se esquecem, dizia um.

— Bravo! gosto do bom gôsto, dizia outro.

A mulher de mantilha é nossa conhecida, porquê nem mais nem menos é a comadre; e o negócio que aí a levou também nos interessa, pois que se trata da soltura do pobre Leonardo. Ouça portanto o leitor a conversa dos dois.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Sr. tenente-coronel, disse a comadre ao chegar, venho me valer de V. S.: meu compadre Leonardo está na cadeia.

— O Leonardo?! mas então por que?

— Ora! maluquices!

E chegando-se ao ouvido do velho, contou-lhe a comadre baixinho a causa da prisão do Leonardo.

O velho desatou a rir.

— Bem pregado!. disse.

— Agora eu queria que V. S. fizesse o favor de falar por êle ao Sr. Vidigal, que foi quem o prendeu. coitado do homem: é uma vergonha; mas também êle não se emenda!

E prosseguindo, a comadre contou muito em segredo, como já o tinha feito a todos os seus conhecidos, tôda a história dos infelizes amores do Leonardo com a Maria, tôdas as diabruras do menino que ela deixara e de que o padrinho tomara conta: passou depois a relatar todo o ocorrido com a cigana, e voltou de novo à história da prisão, que contou e recontou vinte vêzes, sem lhe escapar a mais pequenina circunstância. No fim tornou a fazer o seu pedido, a que o velho prometeu satisfazer, e então saíu ela recebendo no saguão muitos cumprimentos e sorrisos maliciosos. Na porta por onde saíu estava encostado um cadete que lhe disse:

— Estimo que fôsse feliz; no dia do batizado não se esqueça da gente.

— Arrengo! foi a única resposta que ela deu, e passou.

Como o velho tenente-coronel conhecia a comadre e o Leonardo, e porquê se interessava por êle, o leitor saberá mais para diante.

Esse conhecimento era antigo, e o Leonardo apenas se achou na cadeia lembrou-se da proteção que o velho lhe podia prestar em semelhante apêrto; mandou por um colega chamar a comadre, e a encarregou da missão de ir ter com êle, missão que ela aceitou de bom grado, e que desempenhou, segundo vimos, satisfatòriamente.

O velho, apenas a comadre saíu, tomou o chapéu armado, pôs a espada à cinta e saíu, depois de ter contado aos companheiros o que succede a quem vai tomar fortuna. Um dêles, que era crédulo até ao entusiasmo a respeito de feitiçarias, ficou muito indignado com o caso, e prometeu também empenhar-se pelo Leonardo.

Já vé pois o leitor que o negócio não estava mal parado, e em breve saberá o resultado de tudo isso.

CAPÍTULO IX

O — ARRANJEI-ME — DO COMPADRE



s leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele *arranjei-me*, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.

Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porquê nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acôrdo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dêle cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tão pouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio à curiosidade indagá-lo.

Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulo, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que êle o era. A trôco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por êle tinha já feito.

Quando passou de menino a rapaz, e chegou a saber barbear e sangrar sofrivelmente, foi obrigado a manter-se à sua custa e a pagar a

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

morada com os seus *ganchos* que fazia, porquê o produto do mais trabalho pertencia ainda ao mestre. Sujeitou-se a isso. Porém queriam ainda mais: exigiam que continuasse a empregar-se no serviço doméstico. Lavrou-lhe então nalma um arrepio de dignidade: já era oficial, e não queria rebaixar o seu ofício. Virou marreta; fêz-se duro, e safou-se de casa sem escrúpulos nem remorsos, pois bem sabia que estavam saldas as contas de parte a parte. Tinham-no criado; êle tinha servido. Também não encontrou grande resistência à sua deliberação.

Apenas passou o primeiro ímpeto e teve tempo de reflexionar, quase que começou a arrepender-se por não saber qual o meio de achar arranjo. Viu-se na rua, sem saber para onde ir, tendo por única fortuna uma bacia de barbear embaixo do braço, um par de navalhas e outro de lancetas na algibeira. Verdade é que quem tinha consigo êstes trastes estava com as armas e uniforme do ofício; porém isso não bastava; o pobre rapaz estava em apertos.

Passou a primeira noite em casa de um colega, e no dia seguinte ao amanhecer, tomando os seus apetrechos, saiu em busca de que fazer para aquêle dia, e de destino para os mais que se iam seguir.

Achou ambas as coisas; uma trouxe a outra.

No largo do Paço um marujo que estava sentado em uma pedra junto ao mar chamou-o para que lhe fizesse a barba: mãos à obra, que já naquele dia não morria de fome.

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a *Costa* e ocupava-se no comércio dos negros; era um dos comboios que traziam fornecimento para o *Valongo*, e estava pronto a largar.

— Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

— Sim, eu também sangro...

— Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se alí que é uma praga.

— Homem, eu da cirurgia não entendo *muito*.

— Pois já não disse que sabe também sangrar?

— Sim.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

— Então já sabe até de mais.

No dia seguinte saíu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a *médico* de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; êle fêz tudo que sabia. sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

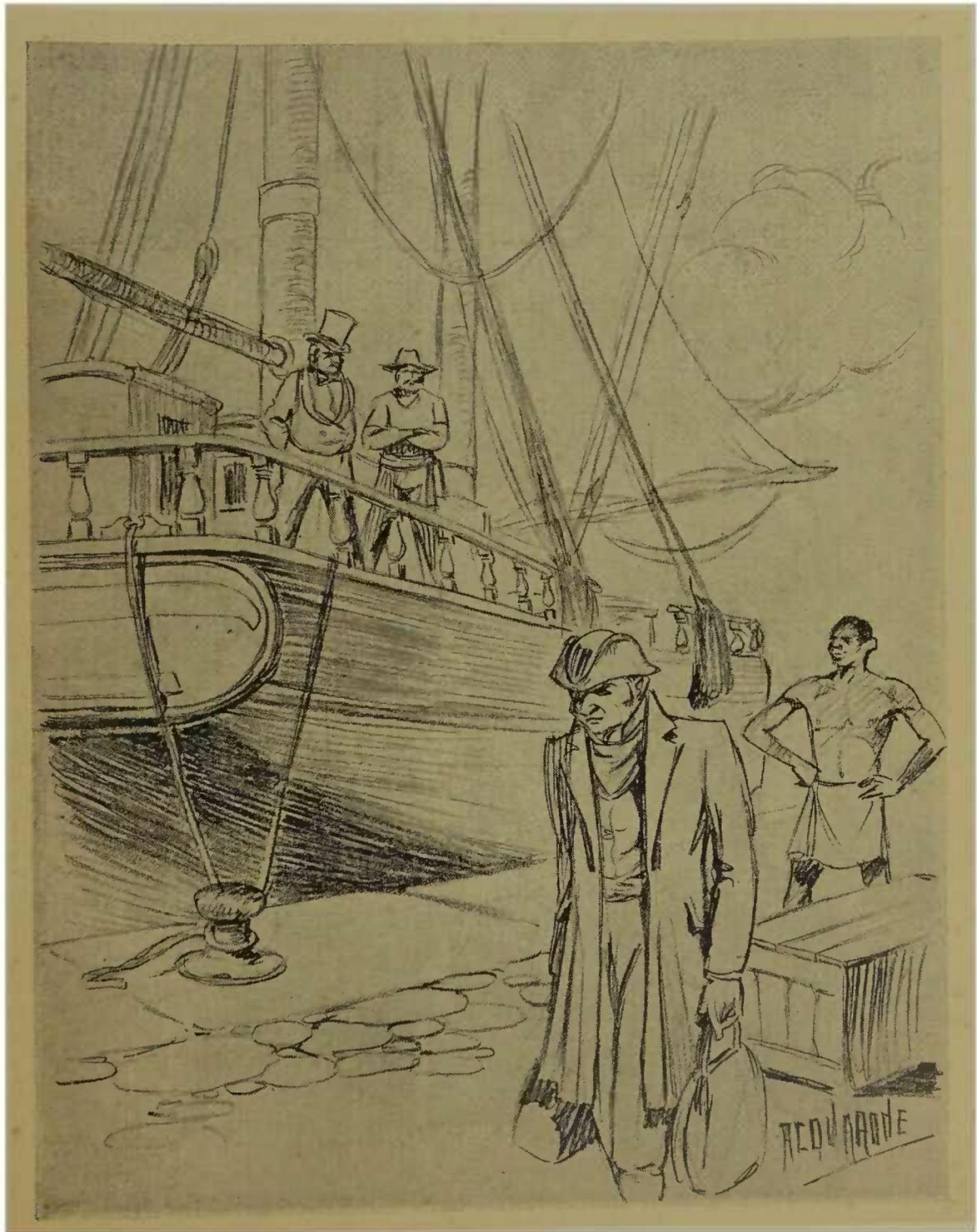
Poucos dias antes de chegar ao Rio o capitão do navio adoeceu; a princípio nem êle nem alguém teve a menor dúvida de que ficaria bom logo depois da primeira sangria; porém repentinamente o negócio complicou-se, e nem com a terceira e quarta se pôde conseguir coisa alguma. No fim do quarto dia convenceram-se todos e o próprio doente capitão de que estava chegada a sua hora. Nem por isso porém inculparam o nosso homem.

— Alí não há sangria que o salve, diziam; chegou a sua vez de dar à costa... há de ir.

O capitão teve de fazer suas últimas disposições, e, como dissemos, tendo o *médico* grangeado grande amizade e confiança, foi escolhido para desempenhá-las.

O capitão chamou-o à parte, e em segredo lhe fêz entrega de uma cinta de couro e uma caixa de pau pejudas de um bom par de doblas em ouro e prata, pedindo que fielmente as fôsse entregar, apenas chegasse à terra, a uma filha sua, cuja morada lhe indicou. Além dêste dinheiro encarregou-o também de receber a soldada daquela viagem e lhe dar o mesmo destino. Eram estas as suas únicas e últimas vontades que o encarregava de cumprir, declarando-lhe que lá do outro mundo o espiaria para ver como cuidava disso.

Poucas horas depois expirou.



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Dêsse dia em diante nenhum só doente escapou mais, porquê o *médico* já não sangrava tanto; andava preocupado, distraído, e assim levou até chegar à terra.

Apenas saltou, declarou que não se tinha dado bem, e que não embarcaria mais.

Quanto às ordens do capitão... histórias: quem é que lhe havia de tomar conta disso? Ninguém viu o que se passou; de nada se sabia. Os únicos que podiam ter desconfiado e fazer alguma coisa eram os marinheiros; porém êstes partiram em breve de novo para a *Costa*.

O compadre decidiu-se a instituir-se herdeiro do capitão, e assim o fêz.

Eis aquí como se explica o *arranjei-me*, e como se explicam muitos outros que vão aí pelo mundo.

CAPÍTULO X

EXPLICAÇÕES



velho tenente-coronel, a-pesar-de virtuoso e bom, não deixava de ter na consciência um sofrível par de pecados, dêesses que se chamam da carne, e que não hão de ser levados em conta, não de hoje, que a idade o tornara inofensivo, porém do tempo da sua mocidade; o resultado de um dêes fôra um filho que deixara em Lisboa, fruto de um derradeiro amor que tivera aos 36 anos. Por castigo em nada havia êle saído ao pai, e nem os conselhos, nem os cuidados e nem o exemplo dêste puderam encaminhá-lo por boa vereda. Aos 20 anos, tendo sentado praça, era um cadete desordeiro, jogador e o mais insubordinado do seu regimento. Bastantes vergonhas custara ao pobre pai, que cuidadoso procurava sempre por todos os meios encobrir-lhes os defeitos e remediar as gentilezas que fazia, já pagando por êle dívidas de jôgo, já atabafando-lhe as desordens e curando com ouro as brechas que êle fazia na cabeça de seus adversários. Houve porém uma que as circunstâncias e mesmo a natureza do caso não permitiram que tivesse remédio. Poucos dias antes de embarcar para o Brasil em companhia de el-rei, estando o infeliz pai em preparativos de viagem, viu entrar-lhe pela porta dentro uma mulher velha, baixa, gorda, vermelha, vestida segundo o costume das mulheres da baixa classe do país, com uma saia de ganga azul por cima de um vestido de chita, um lenço branco dobrado triangularmente pôsto sôbre a cabeça e prêso em baixo do queixo, e uns

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

grossos sapatões nos pés. Parecia prêsa de grande agitação e de raiva; seus olhos pequenos e azues falscavam de dentro das órbitas afundadas pela idade, suas faces estavam rubras e reluzentas, seus lábios franzinos e franzidos apertavam-se violentamente um contra o outro como prendendo uma torrente de injúrias, e tornando mais sensível ainda seu queixo pontudo e um pouco revirado.

Apenas se achou ela em frente do capitão (era êste o pôsto que tinha nesse tempo o velho) foi-se chegando para êle com ar resoluto e enfurecido. O capitão recuou instintivamente um passo.

— Ah! Sr. capitão, disse ela por fim pondo as mãos nas cadeiras, chegando a bôca muito perto do rosto dêle e abanando raivosa a cabeça: olhe que isto assim não vai direito; faz-me andar a cabeça à roda... põe-me os miolos a ferver. e eu estouro.. já viu!...

— Mas o que há então, mulher?... Eu não lhe conheço.

— Não quero cá saber de nada. Já lhe disse que isto não vai bem. e eu estouro.

— Mas por que?. o que é que tem?. É preciso que você diga.

— Não tenho nada que dizer... estouro, já lhe disse, Sr. capitão!.

— Pois estoure com trezentos diabos! mas ao menos diga pelo que é que estoura.

— Não tenho nada que dizer. já lhe disse... isto põe a cabeça da gente como uma cebola podre, não tem lugar nenhum. Ir-me por lá com ares de santarrão comprar frutas...

— Quem, mulher de Deus? Você não se explicará?

— Qual explicar, nem meio explicar! Pois então por ser cá a gente uma mulher velha, que já perdeu os achegos ao mundo, e ela uma pobre rapariga tola e bisbilhoteira, com vontade de saber de tudo, vir-me cá a mim pregar o mono na bochecha, e a ela em lugar ainda mais melindroso.

— Mas quem é que pregou monos a você mais a ela? e quem é ela?...

— Faz-se de novo! continuou a mulher exasperando-se; pois o Sr. capitão já não tinha consentido no casamento?...

— Que casamento? com quem?

— Ai, ai, ai, que cá me anda a cabeça como uma nora solta... Pois o Sr. capitão não sabe que tem um filho?.

— Sim, sei, respondeu êste começando a descobrir o mistério.

— E não sabe que êle é um pedaço de um mariola!.

A isto o capitão podia, porém não se animou a responder afirmativamente, e perguntou sòmente:

— E que mais?..

— E não sabe também que eu tenho uma filha que trouxe do Lumiar, a Mariazinha?

— Como, se eu nem a conheço?

— Pois é uma rapariga muito capaz. e o diabo do tal cadete do seu filho andou por lá a entender com ela muito tempo; namôro para cá, namôro para lá, presentes daqui, promessas dacolá.. e afinal de contas.. braz!. E então que lhe parece?

O capitão foi às nuvens.

— Até lhe prometeu casamento, dizendo que o Sr. capitão consentia... Ora eu bem sei que ela também teve sua culpa. mas eu desculpo isso, porquê também já fui rapariga... e sei que quando começa cá o diabo no corpo, adeus! Mas isto põe a gente tonta, porquê. enfim a rapariga podia vir a fazer fortuna.

O capitão tinha compreendido tudo, e por mais algumas explicações que se seguiram viu-se reduzido ao maior apêrto. Desta vez a diabrura do rapaz era irremediável, a mulher tinha tôda a razão; porém casar seu filho com a filha de uma colareja... isso não poderia ser; além de que nada tinha que deixar ao filho, e só com o sôlido de cadete não poderia sustentar mulher e casa, restando além disso a dúvida se êle estaria ou não pelos autos.

Despediu a velha não sem lhe prometer que providenciaria sôbre o caso.

— Olhe, veja lá, disse ela ao sair; se o negócio não se arranja, eu estouro!..

O pobre homem ficou nos apuros; foi ter com a ofendida, e procurou, oferecendo-lhe alguma coisa para seu dote, obter que ela se calasse, e que desistisse de suas pretensões; esta quis a princípio recusar, porém a mãe aconselhou-a que aceitasse, sem dúvida com mêdo de estourar.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Dêste modo ficou o caso um *pouco* remediado, pôsto que a consciência do capitão, que era homem de honra, não ficara de modo algum satisfeita. O tempo porém não dava lugar a mais; era chegado o momento de acompanhar a el-rei, e êle partiu deixando o filho recomendado a quantos amigos tinha. Decorreram os anos, e quando menos esperava soube êle que se achava no Rio de Janeiro em companhia do Leonardo a tal Mariazinha, que então já era a Maria que os leitores bem conhecem. Procurou fazer o que pudesse por ela para satisfazer todos os seus escrúpulos de pai honrado, porém quis fazê-lo ocultamente. Foi ter com a comadre, a quem já conhecia, e a encarregou de o avisar apenas sentisse que a Maria sofria qualquer necessidade. Nunca porém teve ocasião de exercer a sua boa vontade diretamente para com ela. Apenas tinha feito ao Leonardo um pequeno favor em ocasião em que êste se achava embaraçado por causa de umas irregularidades em uns autos que se lhe attribuía, e que a comadre o aconselhou de procurá-lo mesmo sem o conhecer, a título de que era muito bom homem e amigo de servir a todos.

Eis-aquí porquê o Leonardo se dirigiu no seu segundo apuro ao velho tenente-coronel por intermédio da comadre, e porquê êste prometeu empenhar-se por êle, o que com efeito tratou de cumprir.

Como dissemos, apenas a comadre saú, saú êle também, e foi tratar de pôr o Leonardo na rua. Dirigiu-se primeiro à cadeia para colhêr do próprio Leonardo tôdas as informações, e então pôde ver que as que lhe tinha dado a comadre eram exatíssimas, e que ela não deixara escapar a menor circunstância. O Leonardo repetiu e confessou tudo o que êle já sabia, corrido de embaraço e de vergonha; e ao despedir-se o velho:

— Sr. tenente-coronel, disse-lhe êle. V. S. já me livrou de uma que não era culpa minha; livre-me desta também... olhe que está comprometida a minha honra...

O Leonardo esquecia-se da teoria da Maria.

— A honra não, respondeu o velho, o que está comprometido é o seu juízo: hão de dizer (e eu sou o primeiro) que você está doido.

— Fugí de uma saloia e fui cair numa cigana. tem razão!...

O velho saiu sorrindo-se. Daí dirigiu-se à casa de um seu amigo, fidalgo de valimento, para dêle obter a soltura do Leonardo. Morava êle em uma das ruas mais estreitas da cidade, em um sobrado de sacada de rótulas de pau com pequenos postigos que se abriam às furtadelas, sem que ninguém de fora pudesse ver quem a êles chegava.

A poeira amontoada nos cordões da rótula e as paredes encardidas pelo tempo davam à casa um aspecto triste no exterior; quanto ao interior, andava pelo mesmo consequente. A sala era pequena e baixa; a mobília que a guarnecia era tôda de jacarandá e feita no gôsto antigo; tôdas as peças eram enormes e pesadas; as cadeiras e o canapé, de pés arcados e espaldares altíssimos, tinham os assentos de couro, que era a moda da transição entre o estôfo e a palhinha. Quem quiser ter idéia exata dêstes móveis procure no consistório de alguma irmandade antiga, onde temos visto alguns dêles.

As paredes eram ornadas por uma dúzia de quadros, ou antes de caixas de vidro que deixavam ver em seu interior paisagens e flores feitas de conchinhas de tôdas as côres, que não eram totalmente feios, porém que não tinham de certo o subido valor que se lhes dava naquele tempo. À direita da sala havia sôbre uma mesa um enorme oratório no mesmo gôsto da mobília.

Havia finalmente em um canto uma palma benta, destas que se distribuem no domingo de ramos; e se o leitor agora supuser tudo isto coberto por uma densa camada de poeira, terá idéia perfeita do lugar em que foi recebido o velho tenente-coronel, que era pouco mais ou menos semelhante em tôdas as casas ricas de então, e por isso nos demorámos em descrevê-lo.

Sem se fazer esperar muito, appareceu o dono da casa: era um homem já velho e de cara um pouco ingrata; vinha de tamancos, sem meias, em mangas de camisa, com um capote de lã de xadrez sôbre os ombros, caixa de rapé e lenço encarnado na mão.

Em poucas palavras o velho expôs-lhe o caso e lhe pediu que fôsse falar a el-rei em favor de Leonardo.

A princípio opôs êle algumas dúvidas, dizendo:

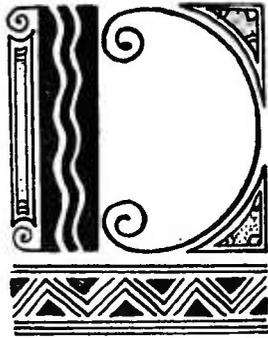
— Homem, pois eu hei de ir a palácio por causa de um meirinho? El-rei há de rir-se do meu afilhado.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

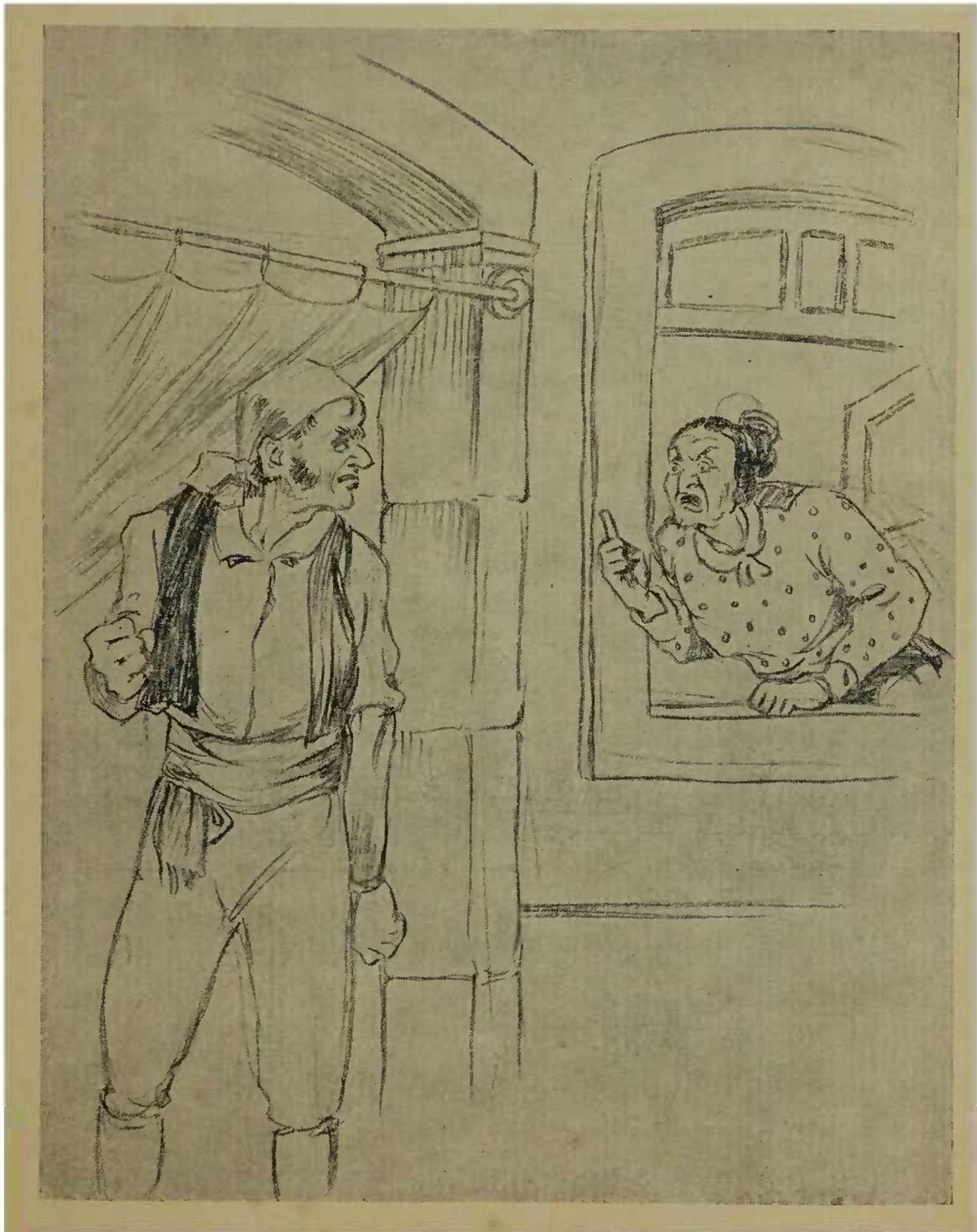
Afinal, porém, teve de ceder a instâncias da amizade, e prometeu tudo. O velho saíu satisfeito e foi levar a nova ao Leonardo, que pulou de contente. Poucos dias depois chegou a ordem de soltura, e êle foi pôsto na rua. Acreditara que tinha acabado de passar pelo peor dos suplícios, porém insuportáveis torturas começaram para êle no dia em que saíu da cadeia: a mofa, o escárneo, o riso dos companheiros seguiu-o por muitos dias, incessante e martirizador.

CAPÍTULO XI

PROGRESSO E ATRASO



ADAS as explicações do capítulo precedente, voltemos ao nosso memorando, de quem por um pouco nos esquecemos. Apressemos-nos a dar ao leitor uma boa notícia: o menino desempacara do *F*, e já se achava no *P*, onde por uma infelicidade empacou de novo. O padrinho anda contentíssimo com êste progresso, e vê clarear-se o horizonte de suas esperanças; declara positivamente que nunca viu menino de melhor memória do que o afilhado, e cada lição que êste dá sabida de quatro em quatro dias pelo menos é para êle um triunfo. Há porém uma coisa que o entristece no meio de tudo: o menino tem para a reza, e em geral para tudo quanto diz respeito à religião, uma aversão decidida; não é capaz de fazer o pelo-sinal da esquerda para a direita, fá-lo sempre da direita para a esquerda, e não foi possível ao padrinho, apesar de tôda a paciência e boa vontade, fazê-lo repetir de cor sem errar ao menos a metade do padre-nosso; em vez de dizer “venha a nós o vosso reino” diz sempre “venha a nós o pão nosso” Ir à missa ou ao sermão é para êle o maior de todos os suplícios, isto faz que o padrinho desespera às vêzes, e até chegue a concordar com a comadre em que o menino não tem jeito para clérigo; porém são nuvens passageiras; sempre há isto ou aquilo que faz renascer tôdas as esperanças, e o homem caminha animado na sua obra.



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

O que êle porém esperava não esperavam todos, e ninguém via no menino senão um futuro peralta da primeira grandeza; quem mais contava com isso era a vizinha do barbeiro, aquela a quem êle chamava o agouro do pequeno. Era a tal vizinha uma dessas mulheres que se chamam de faca e calhau, valentona, presunçosa, e que se gabava de não ter papas na língua: era viúva, e importunava a todo o mundo com as virtudes do seu defunto. Serrazina e amiga de contrariar, não perdia ocasião de desmentir o vizinho em suas esperanças a respeito do afilhado, declarando que não lhe via jeito para coisa nenhuma, que não queria para coisa que lhe pertencesse o fim que êle havia de ter, e que quando êle crescesse, o melhor remédio era dar-lhe com os ossos a bordo de um navio ou pôr-lhe o côvado e meio às costas. O barbeiro desesperava com isso; por muito tempo conseguiu conter-se, porém um dia não pôde mais, e disparatou com a sujeita. Chegando por acaso à porta da loja, a vizinha que estava à janela disse-lhe em tom de zombaria:

— Então, vizinho, como vai o seu reverendo?

Um velho que morava defronte, e que também se achava à janela, desatou a rir com a pergunta.

O compadre foi às nuvens, avermelhou-se-lhe a calva, franziu a testa, porém fêz que não tinha ouvido. A vizinha pôs-se também a rir, percebendo o cavaco, e acrescentou:

— Padre amigo do fado tem. que ver. Quando vai êle outra vez à casa dos Ciganos?.

O velho defronte redobrou a risada. A vizinha continuou:

— Então êle já encarrilha o padre-nosso?

O compadre exasperou-se completamente; e estudando uma injúria bem grande para responder, disse afinal:

— Já. já. senhora intrometida com a vida alheia... já sabe o padre-nosso, e eu o faço rezar tôdas as noites um pelo seu defunto marido que está a esta hora dando coices no inferno!.

— Heim? o que você diz, senhor raspa-barbas? você mete terceiros na conversa? disse a vizinha encrespando-se; olhe que êsse de quem você fala nunca foi sangrador, nem viveu de aparas de cabelos... Não se meta comigo que hei de lhe dizer das últimas e pôr-lhe os podres na rua. Coices no inferno!!! Ora dá-se? um santo homem. Coices no

inferno... Pois agora saiba, porquê eu cá não tenho papas na língua, que o tal seu afilhado das dúzias é um pedaço de um malcriação muito grande, que há de deshonrar as barbas de quem o criou... E não tem que ver, porquê êle é de má raça.. já ouviu? não se meta comigo...

— E você, respondeu o compadre enquanto a vizinha tomava fôlego, por que se mete com o que não é da sua repartição?

Ela prosseguiu:

— Hei de me meter; não é da sua conta, nem venha cá dar regras, que eu não preciso de você...

— Mas o que tem você que entender com uma criança inocente que nunca lhe fêz mal?

— Tenho muito, porquê não me deixa parar os telhados com pedras, faz-me caretas quando me vê na janela, e trata-me como se eu fôsse alguma saloia ou mulher de barbeiro. Digo-lhe e repito-lhe. aquilo tem maus bofes, e não há de ter bom fim.

— Está bom, senhora, respondeu o compadre que tinha bom gênio, que só fôra levado àquele excesso pelo amor do afilhado; basta de resingas, olhe a vizinhança.

— Ora, tomara a vizinhança ver-se livre do tal diabo..

O menino chegou nessa ocasião à porta, e pondo-se na ponta dos pés, esticando o pescoço, e abanando-o como a vizinha e imitando-lhe a voz, repetiu:

— Ver-se livre do tal diabo.

O compadre achou tanta graça, que deu-se por vingado, e desatou a rir por seu turno.

— Ah! disse a vizinha, agradece a boa vontade, meu diabo em figura de menino; tu não tens a culpa; a culpa tem quem te dá ousadias.

— A culpa tem quem te dá ousadias... repetiu o menino arre-medando.

O compadre ria-se a perder.

A vizinha desesperada bateu com o postigo e recolheu-se, porém por muito tempo falou em voz alta, de maneira que tôda a vizinhança ouvia, dizendo quanto impróprio lhe veio à cabeça contra o barbeiro e o menino.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— O pequeno encheu-me as medidas, disse êste consigo, vingou-me desta; agora falta-me aquêlê velho de defronte que também a acompanhou na risota; mas não faltará ocasião.

Esqueceu-nos dizer que o barbeiro, a-pesar-de ter sabido, pouco se importara com a prisão do Leonardo, e referindo-se à causa da infelicidade dêste, dissera apenas:

— É bem feito, para êle não se deixar arrastar para tôda a parte agarrado em quanto rabo de saia lhe aparece.

Nem foi à cadeia visitá-lo, nem levar-lhe o filho para tomar a bênção, o que a comadre muito reprovou quando soube.

O velho tenente-coronel, depois de ter pôsto na rua o Leonardo, informado miudamente, como sabe o leitor, pela comadre do destino da Maria, decidiu tomar o menino sob a sua proteção, e acreditou que, se conseguisse felicitá-lo, lavaria seu filho do pecado de ter deshonrado a Maria. Por intermédio da comadre mandou oferecer ao compadre seu préstimo em favor do pequeno, mandou-lhe propôr até que o deixasse ir para a sua companhia. O compadre porém não esteve por isso de modo nenhum, e até se prometeu aceitar para qualquer outra coisa a proteção do tenente-coronel foi a instâncias da comadre.

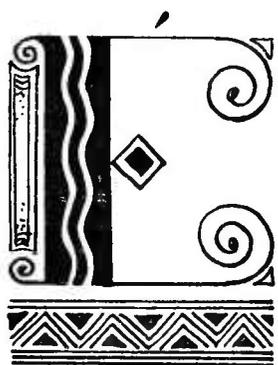
— Não quero, dizia êle, que me roubem o gôsto de tê-lo feito gente; comecei a minha obra, hei de acabá-la.

— Homem, retorquira-lhe a comadre, você faz mal; olhe que o velho é homem de representação; veja como êle com duas voltas e meia pôs o Leonardo na rua.

— Nada, não hei de dar o gostinho aquí a esta súcia da vizinhança; hei de eu mesmo fazer a coisa por minhas mãos. Lá se o tenente-coronel quiser fazer alguma coisa por êle, aceito; mas quanto a tirá-lo da minha companhia, isso nunca. Agora já é birra; hei de levar a minha avante.

CAPÍTULO XII

ENTRADA PARA A ESCOLA



mister agora passar em silêncio sôbre alguns anos da vida do nosso memorando para não cansar o leitor repetindo a história de mil travessuras de menino no gênero das que já se conhecem; foram diabruras de todo o tamanho que exasperaram a vizinha, desgostaram a comadre, mas que não alteraram em coisa alguma a amizade do barbeiro pelo afilhado; cada vez esta aumentava, se era possível, tornava-se mais cega. Com êle cresciam as esperanças do belo futuro com que o compadre sonhava para o pequeno, e tanto mais que durante êste tempo fizera êste *alguns* progressos: lia soletrado sofrivelmente, e por inaudito triunfo da paciência do compadre aprendera a ajudar missa. A primeira vez que êle conseguiu praticar com decência e exatidão semelhante ato, o padrinho exultou; foi um dia de orgulho e de prazer: era o primeiro passo no caminho para que êle o destinava.

— E dizem que não tem jeito para padre, pensou consigo; ora, acertei o alvo, dei-lhe com a balda. Êle nasceu mesmo para aquilo, há de ser um clérigo de truz. Vou tratar de metê-lo na escola, e depois... toca.

Com efeito foi cuidar nisso e falar ao mestre para receber o pequeno; morava êste em uma casa da rua da Vala, pequena e escura.

Foi o barbeiro recebido na sala, que era mobiliada por quatro ou cinco longos bancos de pinho sujos já pelo uso, uma mesa pequena que

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

pertencia ao mestre, e outra maior onde escreviam os discípulos, tôda cheia de pequenos buracos para os tinteiros; nas paredes e no teto haviam penduradas uma porção enorme de gaiolas de todos os tamanhos e feitios, dentro das quais pulavam e cantavam passarinhos de diversas qualidades: era a paixão predileta do pedagogo.

Era êste um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de óculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discípulos por *dá cá aquela palha*. Por isso era um dos mais acreditados da cidade. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco escabriado à vista do aspecto da escola, que nunca tinha imaginado. Era em um sábadó; os bancos estavam cheios de meninos, vestidos quase todos de jaquetas ou *robições* de lila, calças de brim escuro e uma enorme pasta de couro ou papelão pendurada por um cordel a tiracolo: chegaram os dois exatamente na hora da tabuada cantada. Era uma espécie de ladainha de números que se usava então nos colégios, cantada todos os sábados em uma espécie de *cantochão* monótono e insuportável, mas de que os meninos gostavam muito.

As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos, faziam uma algazarra de doer os ouvidos; o mestre, acostumado àquilo, escutava impassível, com uma enorme palmatória na mão, e o menor êrro que algum dos discípulos cometia não lhe escapava no meio de todo o barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava cantando o êrro cometido, e cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos. Era o regente da orquestra ensinando a marcar o compasso. O compadre expôs, no meio do ruído, o objeto de sua visita, e apresentou o pequeno ao mestre.

— Tem muito boa memória; soletra já alguma coisa, não lhe há de dar muito trabalho, disse com orgulho.

— E se mo quiser dar, tenho aquí o remédio; *Santa férula!* disse o mestre brandindo a palmatória.

O compadre sorriu-se, querendo dar a entender que tinha percebido o latim.

— É verdade: faz santos até as feras, disse traduzindo.

O mestre sorriu-se da tradução.

— Mas espero que não há de ser necessária, acrescentou o compadre.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

O menino percebeu o que tudo isto queria dizer, e mostrou não gostar muito.

— Segunda-feira cá vem, e peço-lhe que não o poupe, disse por fim o compadre despedindo-se. Procurou pelo menino e já o viu na porta da rua prestes a sair, pois que alí não se julgava muito bem.

— Então, menino, sai sem tomar a bênção ao mestre?.

O menino voltou constrangido, tomou de longe a bênção, e saíram então.

Na segunda-feira voltou o menino armado com a sua competente pasta a tiracolo, a sua lousa de escrever e o seu tinteiro de chifre; o padrinho o acompanhou até a porta. Logo nesse dia portou-se de tal maneira que o mestre não se pôde dispensar de lhe dar quatro bolos, o que lhe fêz perder tôda a folia com que entrara: declarou desde êsse instante guerra viva à escola. Ao meio-dia veio o padrinho buscá-lo, e a primeira notícia que êle lhe deu foi que não voltaria no dia seguinte, nem mesmo aquela tarde.

— Mas você não sabe que é preciso aprender?

— Mas não é preciso apanhar.

— Pois você já apanhou?

— Não foi nada, não, senhor; foi porquê entornei o tinteiro na calça de um menino que estava ao pé de mim; o mestre ralhou comigo, e eu comecei a rir muito...

— Pois você vai-se rir quando o mestre ralha...

Isto contrariou o mais que era possível ao barbeiro. Que diabo não diria a maldita vizinha quando soubesse que o menino tinha apanhado logo no primeiro dia de escola?. Mas não havia reclamações, o que o mestre fazia era bem feito.

Custou-lhe bem a reduzir o menino a voltar nessa tarde à escola, o que só conseguiu com a promessa de que falaria ao mestre para que êle lhe não desse mais. Isto porém não era coisa que se fizesse, e não foi senão um engôdo para arrastar o pequeno. Entrou êste desesperado para a escola, e por princípio nenhum queria estar quieto e calado no seu banco; o mestre chamou-o e pô-lo de joelhos a poucos passos de si; passado pouco tempo voltou-se distraidamente, e surpreendeu-o no mo-

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

mento em que êle erguia a mão para atirar-lhe uma bola de papel. Chamou-o de novo, e deu-lhe uma dúzia de bolos.

— Já no primeiro dia, disse, você promete muito.

O menino resmungando dirigiu-lhe quanta injúria sabia de cor.

Quando o padrinho voltou de novo a buscá-lo achou-o de tenção firme e decidida de não se deixar engodar por outra vez, e de nunca mais voltar, ainda que o rachassem. O pobre homem amou com o caso.

— Ora logo no primeiro dia! disse consigo; isto é praga daquela maldita mulher. mas hei de teimar, e vamos ver quem vence.



CAPÍTULO XIII

MUDANÇA DE VIDA



custa de muitos trabalhos, de muitas fadigas, e sobretudo de muita paciência, conseguiu o compadre que o menino frequentasse a escola durante dois anos e que aprendesse a ler muito mal e escrever ainda peor. Em todo êste tempo não se passou um só dia em que êle não levasse uma remessa maior ou menor de bolos; e a-pesar-da fama que gozava o seu pedagogo de muito cruel e injusto, é preciso confessar que poucas vêzes o fôra com êle: o menino tinha a bossa da desenvoltura, e isto, junto com as vontades que lhe fazia o padrinho, dava em resultado a mais refinada má-criação que se pode imaginar. Achava êle um prazer suavíssimo em desobedecer a tudo quanto se lhe ordenava; se se queria que estivesse sério, desatava a rir como um perdido com o maior gôsto do mundo; se se queria que estivesse quieto, parece que uma mola oculta o impelia e fazia com que desse uma idéia pouco mais ou menos aproximada do moto-contínuo.

Nunca uma pasta, um tinteiro, uma lousa lhe durou mais de 15 dias: era tido na escola pelo mais refinado velhaco; vendia aos colegas tudo que podia ter algum valor, fôsse seu ou alheio, contanto que lhe caísse nas mãos: um lapis, uma pena, um registo, tudo lhe fazia conta: o dinheiro que apurava empregava sempre do peor modo que podia. Logo no fim dos primeiros cinco dias de escola declarou ao padrinho que já sabia as ruas, e não precisava mais de que êle o acompanhasse:

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

no primeiro dia em que o padrinho anuiu a que êle fôsse sòzinho fêz uma tremenda gazeta; tomou depois gôsto a êsse hábito, e em pouco tempo adquiriu entre os companheiros o apelido de *gazeta-mor* da escola, o que também queria dizer *apanha-bolos-mor*. Um dos principais pontos em que êle passava alegremente as manhãs e tardes em que fugia à escola era a igreja da Sé. O leitor compreende bem que isto não era de modo algum inclinação religiosa; na Sé, à hora da missa, e mesmo fora disso, reünia-se gente, sobretudo mulheres de mantilha, de quem tomara particular zanguinha por causa da semelhança com a madrinha, e é isso o que êle queria, porquê internando-se na multidão dos que entravam e saíam, passava despercebido, e tinha segurança de que o não achariam com facilidade se o procurassem.

Pelo hábito de freqüentar a igreja tomara conhecimento e travara estreita amizade com um pequeno sacristão que, digamos de passagem, era tão boa peça como êle; apenas se encontravam limitavam-se a trocar olhares significativos enquanto o amigo andava ocupado no serviço da igreja: assim porém que se acabavam as missas, e que saíam as verdadeiras beatas, reüniam-se os dois, e começavam a contar suas diabruras mais recentes, travando o plano de mil outras novas. Por complacência, ou antes por prova de decidida amizade, o companheiro confiava ao nosso gazeteador um caniço, e faziam juntos o serviço e as maroteiras: a mais pequena que faziam era irem de altar em altar escorropichando tôdas as galhetas, o que lhes incendia mais o desejo de traquinar.

Esta vida durou por muito tempo; porém afinal já eram as gazetas tão repetidas, que o padrinho se viu forçado a acompanhá-lo outra vez todos os dias para a escola, o que desfez todos os planos que os dois tinham concertado. O nosso futuro clérigo tinha muitas vêzes pensado em como não lhe seria agradável ver-se revestido como o seu companheiro de uma batina e uma sobrepeliz, e feito também sacristão, ter a tôda hora à sua disposição quantos caniços quisesse, ter por sua e de seu amigo tôda a igreja, poder nos dias de festa, tomando o turíbulo, afogar em ondas de fumaça a cara da velha que mais perto lhe ficasse na ocasião da missa. Oh! isto era um sonho de venturas! Vendo-se privado, depois que o padrinho o acompanhava, de gozar parte dêsses prazeres, como fazia nos dias de fugida, atearam-se-lhe os desejos, come-

çou a confessá-los ao padrinho, dando a entender que nada havia de que agora gostasse tanto como fôsse a igreja, para a qual, dizia êle, parecia ter nascido. Isto foi para o padrinho um alegrão, porquê neste gôsto recente do pequeno via furo aos seus projetos.

— Eu bem dizia. pensava consigo; não tem dúvida, vou adiante; o rapaz está-me enchendo as medidas.

Afinal o menino tomou um dia uma resolução última e propôs ao padrinho que o fizesse sacristão.

— Isso seria muito bom, disse êle, afim de acostumar-me para quando fôr padre.

A princípio a idéia deslumbrou o padrinho; porém, mais tarde acudiu-lhe a reflexão, e assentou que seria rebaixar o menino e comprometer a sua dignidade futura. Afinal, porém, tantas foram as rogativas e argumentos do pequeno, que se viu obrigado a ceder. O menino tinha nisso duas enormes vantagens, satisfazia seus desejos e saía da escola, poupando assim as remessas diárias de bolos.

— Está bem, dissera consigo o padrinho, êle já sabe ler alguma coisa e escrever: deixo-o, para fazer a vontade, algum tempo na Sé, para que também tome mais amor àquela vida, e depois, apenas o vir com o juízo mais assente, hei de ir adiante com a coisa. Foi em consequência procurar aquêle sacristão da Sé que dançara o minuete na festa do batizado, que era nada menos do que o pai do sacristãozinho com que o nosso pequeno travara amizade, para arranjar o afilhado, que não queria outra igreja que não fôsse a Sé. Felizmente pôde êle ser admitido; com a prática que tivera dos dias de gazeta aprendera pouco mais ou menos todo o ceremonial que é mister de um sacristão: ajudar a missa já êle sabia, as outras coisas aperfeiçoou-se em pouco tempo.

Em poucos dias aprontou-se, e em uma bela manhã saíu de casa vestido com a competente batina e sobrepeliz, e foi tomar posse do emprêgo. Ao vê-lo passar a vizinha dos maus agouros soltou uma exclamação de surpresa a princípio, supondo alguma asneira do compadre; porém reparando, compreendeu o que era, e desatou uma gargalhada.

— E que tal?!. Deus vos guarde, Sr. cura, disse fazendo um cumprimento.

O menino lançou-lhe um olhar de revés, e respondeu entre dentes:

— Eu sou cura, e hei de te curar..



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Era aquilo uma promessa de vingança.

— Ora dá-se? continuou a vizinha consigo mesma: aquilo na igreja é um pecado!!

Chegou o menino à Sé impando de contente; parecia-lhe a batina um manto real. Por fortuna houve logo nesse dia dois batizados e um casamento, e êle teve assim ocasião de entrar no pleno exercício de suas funções, em que começou revestindo-se da maior gravidade dêste mundo. No outro dia porém o negócio começou a mudar de figura, e as brejeiradas começaram.

A primeira foi em uma missa cantada. Coube ao pequeno ficar com uma tocha, e ao companheiro o turíbulo ao pé do altar.

Por infelicidade a vizinha do compadre, a quem o menino prometera *curar*, sem pensar no que fazia colocou-se perto do altar junto aos dois. Assim que a avistou, o novo sacristão disse algumas palavras a seu companheiro, dando-lhe de ôlho para a mulher. Daí a pouco collocaram-se os dois disfarçadamente em distância conveniente, e de maneira tal, que ela ficasse pouco mais ou menos com um dêles atrás e outro adiante. Começaram então os dois uma obra meritória: enquanto um, tendo enchido o turíbulo de incenso, e balançando-o convenientemente, fazia com que os rolos de fumaça que se desprendiam fôsem bater de cheio na cara da pobre mulher, o outro com a tocha despejava-lhe sôbre as costas da mantilha a cada passo plastadas de cera derretida, olhando disfarçado para o altar. A pobre mulher exasperou-se, e disse-lhes não sabemos o que.

— Estamos te curando, respondeu o menino tranqüilamente.

Vendo que não tirava partido, quis a devota mudar de lugar e sair, porém o apêrto era tão grande que o não pôde fazer, e teve de aturar o suplício até o fim. Acabada a festa, dirigiu-se ao mestre de cerimônias, e fêz uma enorme queixa, que custou aos dois uma tremenda sarabanda. Pouco porém se importaram com isso, uma vez que tinham realizado o seu plano.

CAPÍTULO XIV

NOVA VINGANÇA E SEU RESULTADO



sarabanda que o mestre de cerimônias passara aos dois pequenos em razão do que haviam feito à pobre mulher não produziu, como dissemos, nenhum efeito sobre eles no sentido de os emendar; não perdoaram porém a humilhação que sofreram diante da sua vítima, e a vingança de que ela tinha gozado; na primeira ocasião que tiveram tiraram desforra, pregando também uma peça ao mestre de cerimônias.

Foi o caso assim.

O mestre de cerimônias era um padre de meia idade, de figura menos má, filho da Ilha Terceira, porém que se dava por puro Alfacinha: tinha-se formado em Coimbra; por fora era um completo S. Francisco de austeridade católica, por dentro refinado Sardanápalo, que podia por si só fornecer a Bocage assunto para um poema inteiro; era pregador que buscava sempre por assunto a honestidade e a pureza corporal em todo o sentido; porém interiormente era sensual como um sectário de Mafoma. O público ignorava talvez semelhante coisa, porém outro tanto não acontecia aos dois meninos, que andavam ao fato de tudo: o mestre de cerimônias, fiado em que pela sua pouca idade dariam eles pouca atenção a certas coisas, tinha-os algumas vêzes empregado no seu serviço, mandando recados a uma certa pessoa que, saiba o leitor em segrêdo, era nada menos do que a cigana, objeto dos últimos cuidados de Leonardo

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

com quem S. Revma. vivia a certo tempo em estreitas relações, salvando, é verdade, tôdas as aparências da decência.

Chegou o dia de uma das primeiras festas da igreja, em que o mestre de cerimônias era sempre o pregador: era no sermão dêsse dia que o homem se empregava, muito tempo antes, pondo abaixo a *livraria*, e fazendo um enorme esfôrço de intelligência (que não era nêle coisa muito vigorosa). Já se vê pois que êle devia amar o seu sermão tanto que quase rebentou de raiva em um ano em que por doente o não pôde pregar. Entendia que todos o ouviam com sumo prazer, que o povo se abalava à sua voz; enfim aquêle sermão anual era o meio por que êle esperava chegar a todos os fins, a que contava dever tôda a sua elevação futura; era o seu talismã. Digamos entretanto que era bem mau caminho o tal sermão, porquê se podia êle demonstrar alguma coisa, era a insuficiência do padre para qualquer coisa desta vida, exceto para mestre de cerimônias, em que ninguém o desbancava. Pois foi nesse ponto delicado que os dois meninos buscaram ferí-lo, e o acaso os favoreceu excedendo de muito os seus desejos e esperanças, e fazendo a sua vingança completíssima.

Chegou, como dissemos, o dia da festa; havia três ou quatro dias antes que o mestre de cerimônias não saía de casa, empregado em decorar a importante peça. Foi o nosso sacristão calouro encarregado de lhe ir avisar da hora do sermão. Chegou à casa da cigana, onde o padre costumava estar; bateu, e, a-pesar-de tôdas as recomendações que costumava ter, disse em voz alta:

— O Rev. mestre de cerimônias está aí?...

— Fale baixo, menino, disse a cigana de dentro da rótula.. O que quer você com o Sr. padre?

— Precisava muito falar com êle por causa do sermão de amanhã.

— Entra, entra, disse o padre que o ouvira. .

— Venho dizer a V Revma., disse o menino entrando, que amanhã às dez horas há de estar na igreja.

— Às dez? Uma hora mais tarde do que do costume...

— Justo, respondeu o menino sorrindo-se internamente de alegria. e safu.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

Foi logo dali dar parte ao companheiro de que o seu plano tinha saído completamente aos seus desejos, pois o que êle queria era que o padre faltasse ao sermão, e por isso, encarregado de lhe indicar a hora, a trocara, em vez de nove dissera dez.

Dispuseram-se as coisas; postou-se a música de barbeiros na porta da igreja; andou tudo em reboliço: às 9 horas começou a festa.

As festas daquele tempo eram feitas com tanta riqueza e com muito mais propriedade, a certos respeitos, do que as de hoje: tinham entretanto alguns lados cômicos; um dêles era a música de barbeiros à porta. Não havia festa em que se passasse sem isso; era coisa reputada quase tão essencial como o sermão; o que valia porém é que nada havia mais fácil de arranjar-se; meia dúzia de aprendizes ou oficiais de barbeiro, ordinariamente negros, armados, êste com um pistão desafinado, aquêle com uma trompa diabòlicamente rouca, formavam uma orquestra desconcertada, porém estrondosa, que fazia as delícias dos que não cabiam ou não queriam estar dentro da igreja.

A festa seguiu os seus trâmites regulares; porém apenas se foi aproximando a hora, começou a dar cuidados a tardança do pregador. Fêz-se mais esta cerimônia, mais aquela, e nada de aparecer o homem. Despachou-se a tôda pressa um dos meninos que não entrara na festa para ir procurar o padre; êle deu duas voltas pela vizinhança, e veio dizendo que o não tinha encontrado. Subiram os apuros; não havia remédio; era preciso um sermão, fôsse como fôsse.

Estava assistindo à festa um capuchincho italiano que por bondade, vendo o apêrto geral, ofereceu-se para improvisar o sermão.

— Mas V Revma. não fala a língua da gente, objetaram-lhe.

— *Capisco!* respondeu êste, *ed la necessità!*

Depois de alguma perplexidade aceitaram-se finalmente os bons officios do capuchincho, e foi êle levado ao púlpito. Os meninos triunfantes sorriam-se um para outro. Apenas apareceu o prègador ao povo houve um murmúrio geral, os gaiatos sorriam-se contando já com o partido que dali tirariam para um bom par de risadas; algumas velhas prepararam-se para uma grande compunção ao aspecto das imensas barbas do pregador; outras menos crentes, vendo que não era o orador costumado, exclamaram despeitadas:

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Arrenego!

— Deus me perdoe.

— Pois aquilo é que prèga hoje?.

A-pesar porém de tudo isto, a atenção foi profunda e geral, animando a todos uma grande curiosidade. O orador começou: falava já a um quarto de hora sem que ninguém ainda o tivesse entendido: começavam já algumas velhas a protestar que o sermão todo em latim não tinha graça, quando de repente viu-se abrir a porta do púlpito e aparecer a figura do mestre de cerimônias lavado em suor e vermelho de cólera; foi um sus-surro geral. Êle adiantou-se, afastou com a mão o pregador italiano, que surpreendido parou um instante, e entoou com voz rouca e estrondosa o seu *per signus crucis*. Àquela voz conhecida o povo despertou do abor-recimento, benzeu-se, e se dispôs a escutá-la. Nem todos porém foram desta opinião; entenderam que devia deixar acabar o capuchincho, e co-meceram a murmurar. O capuchincho não quis ceder de seu direito, e prosseguiu na sua arenga. Foi uma verdadeira cena de comédia, de que a maioria dos circunstantes ria-se a não poder mais; os dois meninos, autores principais da obra, nadavam em um mar de rosas.

— *O' mei cari fratelli!* exclamava por um lado o capuchincho com voz aflautada e meiga, *la voce della Providenza*..

— *Semelhante às trombetas de Jericó*, rouquejava por outro lado o mestre de cerimônias.

— *Piage al cor.* acrescentava o capuchincho.

— *Anunciando a queda de Satanaz*, prosseguia o mestre de cere-mônias.

E assim levaram por algum tempo os dois, acompanhados por um côro de risadas e confusão, até que o capuchincho se resolveu a abandonar o pôsto, murmurando despeitado:

— *Che bestia, per Dio!*

Acabado o sermão, desceu do púlpito o mestre de cerimônias já um pouco aplacado por ter conseguido fazer-se ouvir, porém ainda bastante furioso para vir protestando arrancar uma por uma as quatro orelhas dos dois pequenos, de quem desconfiava que partira o que acabava de sofrer. Chegou à sacristia, que estava cheia de gente; vendo os dois meninos

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

investiu para êles e prendendo a cada um com uma mão pela gola da sobrepeliz.

— Então.. então.. dizia com os dentes cerrados.. a que horas é o sermão?

— Eu disse às nove, sim, senhor; pode perguntar à moça, que ela bem ouviu.

— Que moça, menino, que moça? disse o padre exasperado por estar tanta gente a ouvir aquilo.

— Aquela moça cigana, lá onde V. Revma. estava; ela ouviu, eu disse às nove.

— Oh! disseram os circunstantes.

— E' falso, respondeu com fôrça o mestre de cerimônias largando os meninos para evitar novas explicações, e dando satisfação aos circunstantes com protestos de ser falso o que os meninos acabavam de dizer.

Entretanto serenou o alvoroço, acabou-se a festa, o povo retirou-se. O mestre de cerimônias sentado a um canto pensava consigo:

— E que tal? não ia perdendo o meu sermão dêste ano por causa daquele endiabrado?! Depois que o maldito menino entrou para esta igreja anda tudo aquí em uma poeira! Ainda em cima dizer à vista de tanta gente que eu estava em casa da cigana! Nada. vou dar com êle daquí para fora...

E com efeito tratou de fazer com que os dois meninos, ou pelo menos o mais novo, fôsse despedido. Sem muito custo o conseguiu, porquê por certo não gozava êle de grandes simpatias.

Foi esta a peor peça que se lhe podia pregar: êle estava como em um paraíso, e expeliam-no dêle; e depois a maldita vizinha como não havia de ficar satisfeita vendo-o despedido, e a madrinha que se opusera formalmente à sua entrada para a Sé. tudo isto fazia-o desesperar..

Não se tinha êle enganado em suas previsões; apenas chegou em casa, e que se soube pela vizinhança do que se tinha passado, a vizinha, pilhando de jeito o compadre:

— Então, disse-lhe, eu não lhe tenho dito que aquilo tem maus bofes?.

— Senhora, pelo amor de Deus, meta-se com a sua vida..

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Estou vingada.. pensava que a minha mantilha nova havia de ficar assim. .

O compadre retirou-se para evitar nova desordem.

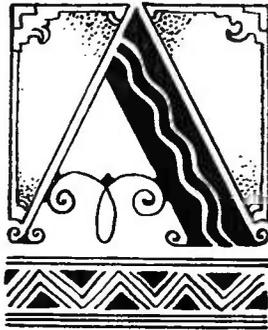
A comadre, apenas soube também do sucesso, veio ter com o compadre para dizer-lhe:

— Eu bem lhe digo; êle não serve para aquilo; é melhor pô-lo na Conceição; lá há mais sujeição; olhe, eu podia arranjar isso com o tenente-coronel..

O compadre porém não pareceu resolvido a aceitar o conselho.

CAPÍTULO XV

ESTRALADA



-PESAR-DE tudo quanto havia já sofrido por amores, o Leonardo de modo algum queria emendar-se; enquanto se lembrou da cadeia, dos granadeiros e do Vidigal, esqueceu-se da cigana, ou antes, só pensava nela para jurar esquecê-la; quando porém as caçadas dos companheiros foram cessando, começou a renovar-se a paixão, e teve lugar uma grande luta entre a sua ternura e a sua dignidade, em que esta última quase triunfava, quando uma descoberta mal-dita veio transtornar tudo. Não sabemos por que meio o Leonardo descobriu um dia que o rival feliz que o pusera fora de combate era o reverendo mestre de cerimônias da Sé! Subiu-lhe com isto o sangue à cabeça:

— Pois um padre!?. dizia êle; é preciso que eu salve aquela criatura do inferno, onde ela se está metendo já em vida.

E começou de novo em tentativas, em promessas, em partidos para com a cigana, que a coisa alguma queria dobrar-se. Um dia que a pilhou de jeito à janela abordou-a, e começou *ex-abrupto* a falar-lhe dêste modo:

— Você está já em vida no inferno!... pois logo um padre!?.

A cigana interrompeu-o:

— Havia muitos meirinhos para escolher, mas nenhum me agradou...

— Mas você está cometendo um pecado mortal. está deitando sua alma a perder.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Homem, sabe que mais? você para pregador não serve, não tem jeito. eu como estou, estou muito bem; não me dei bem com os meirinhos; eu nasci para coisa melhor.

— Pois então tem alguma coisa que dizer de mim?. Hei de me ver vingado... e bem vingado.

— Ora! respondeu a cigana rindo-se.

E começou a cantarolar o estribilho de uma modinha.

O Leonardo compreendeu que falando-lhe no inferno e em castigos da outra vida nada arranjava, e decidiu dar-lhe o castigo mesmo nesta vida. Retirou-se murmurando:

— Faço uma estralada, dê no que der.

Poucos dias depois aconteceu que a cigana fazia anos; segundo o costume, apenas apareceu êste pretêxto, armou-se logo uma função; não nos daremos ao trabalho de descrevê-la; em um dos capítulos antecedentes já viu o leitor o que isso era; viola, modinhas, fado, algazarra, e estava a festa completa. O Leonardo soube logo do que havia, e jurou que êsse seria o dia da vingança.

Ser valentão foi em algum tempo ofício no Rio de Janeiro: havia homens que viviam disso: davam pancada por dinheiro, e iam a qualquer parte armar de propósito uma desordem, com tanto que se lhes pagasse, fôsse qual fôsse o resultado.

Entre os honestos cidadãos que nisto se ocupavam, havia, na época desta história, um certo Chico-Juca, afamadíssimo e temível. Seu verdadeiro nome era Francisco, e por isso chamaram-no a princípio — Chico —; porém tendo acontecido que conseguisse êle pelo seu braço lançar por terra do trono da valentia a um companheiro que era no seu gênero a maior reputação do tempo, e a quem chamavam — Juca, — juntaram êste apelido ao seu, como honra pela vitória, e chamaram-no daí em diante — Chico-Juca.

Êste homem era o despêro do Vidigal; tinha-lhe já preparado umas poucas, porém ainda não tinha sido possível agarrá-lo. Os granadeiros conheciam-no às léguas, porém nunca conseguiram pôr-lhe as mãos.

Tendo levado todo o dia à espreita, o Leonardo viu entrar sorratamente o mestre de cerimônias, pela volta de Ave-Maria, quando ainda não tinha começado a função.

— Ah! nem esta noite quer perder?! Pois há de sair-lhe cara a funçanata.

Saiu dali e foi direito procurar o Chico-Juca, que era seu antigo conhecido; achou-o em uma taverna defronte do Bom Jesús. O Chico-Juca era um pardo, alto, corpulento, de olhos avermelhados, longa barba, cabelo cortado rente; trajava sempre jaqueta branca, calça muito larga nas pernas, chinelas pretas e um chapelinho branco muito à banda; ordinariamente era afável, gracejador, cheio de dictérios e chalaças; porém nas ocasiões de *sarilho*, como êle chamava, era quase feroz. Como outros têm o vício da embriaguez, outros o do jôgo, outros o do deboche, êle tinha o vício da valentia; mesmo quando ninguém lhe pagava, bastava que lhe desse na cabeça, armava brigas, e só depois que dava pancadas a fartar é que ficava satisfeito; com isso muito lucrava: não havia taberneiro que lhe não fiasse e não o tratasse muito bem.

Estava na porta da taverna sentado sôbre um saco quando appareceu-lhe o Leonardo.

— Olá, mestre pataca! disse êle apenas o viu, pensei que ainda estava de chilindró tomando fortuna por causa da cigana..

— E' mesmo por causa dêsse diabo que te venho procurar.

— Homem, cabeçada e murro velho sei eu dar, porém fortuna! nunca tive tal habilidade.

— Não se trata de fortuna, disse-lhe o Leonardo baixinho, trata-se de pancada velha.

— Ui! temos dança?. vai-te embora.. tu não és capaz de armar um *sarilho*. sempre fôste um podre!...

— Bem sei, eu não sou capaz. mas tu. tu que és mestre disto...

— Eu. então por que diabo e onde queres tu que eu arme êsse *sarilho*?...

— Não te hás de arrepender, disse o Leonardo batendo significativamente com os dedos no bôlso do colête.

O Chico-Juca entendeu o verso; carregou o chapéu um pouco mais para o lado, e pôs-se a escutá-lo com curiosidade.

O Leonardo disse então o que queria; tratava-se nada menos do que ir o Chico-Juca nessa mesma noite, fôsse como fôsse, à função da cigana, e de armar alí por alta noite uma grande desordem: preveniu-o logo que



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

o Vidigal havia de estar por perto, e assim, apenas estivesse armada, era pôr-se ao fresco. A causa de tudo isto o Leonardo não lhe quis explicar, e também êle não teve grande curiosidade de saber: tratava-se de uma desordem: fôsse qual fôsse o motivo, estava sempre pronto. Assim depois de se regatear um pouco o preço, chegaram os dois a um acôrdo, e ficou tudo tratado.

Deixando o Chico-Juca, o Leonardo foi procurar o Vidigal, deu-lhe parte do que naquela noite havia em casa da cigana, e afiançou-lhe que a coisa acabava por fôrça em desordem. Portanto cumpria que o Sr. major por lá aparecesse para o que desse e viesse.

— Está bem, disse-lhe o Vidigal; você quer tirar sua desforra; é justo. Lá hei de ir, e não precisava a sua advertência, pois já sabia que havia hoje por lá anos, e tinha tenção de aparecer.

O Leonardo retirou-se contente vendo que seu plano saía às mil maravilhas, e dispôs-se a gozar do resultado, pondo-se à espreita de lugar conveniente. Começou a brincadeira. Já se tinha cantado meia dúzia de modinhas e dançado por algum tempo a *tirana*, quando o Chico-Juca apareceu, e por intermédio de um conhecido (êle os tinha em tôda a parte) foi introduzido na sala, e começou a observar o que se passava. Havia na sala um quarto cuja porta estava fechada: de vez em quando a cigana lá entrava, demorava-se um pouco e saía; daí a pouco tornava a entrar levando consigo alguma das camaradas mais do peito, e tornava a sair; passado pouco tempo entrava ainda levando outra amiga. Alguns faziam reparos nisso, outros porém não tinham desconfiança alguma. Ia a festa continuando, e lá pela meia noite, quando começava a *aferventar*, foi de repente interrompida. Viu-se um dos rapazes que tocavam viola parar súbitamente, e, interrompendo o estribilho da modinha que cantava, gritar enfurecido:

— Isto passa de mais. varro. menos essa, Sr. Chico-Juca; nada de graças pesadas com essa moça, que é cá coisa minha.

O Chico-Juca estava com efeito há mais de meia hora a dirigir gragolas das suas a uma moça que êle bem sabia que era coisa do rapaz que estava tocando; tanto fêz, que êste, tendo percebido, proferiu aquelas palavras que acabamos de ouvir.

— Você respinga?! respondeu-lhe o Chico-Juca dirigindo-se para êle.

O rapaz, que não era pêco, pôs-se em pé e replicou:

— Tenho dito, nada de graças com ela.

Mal tinha pronunciado estas palavras quando o Chico-Juca, arrancando-lhe a viola da mão, bateu-lhe com ela em cheio sôbre a cabeça; o rapaz reagiu, e começou a confusão.

O Chico-Juca foi acometido por um pouco; porém ligeiro e destemido, distribuía a cada qual o seu quinhão de cabeçadas e pontapés: algumas mulheres meteram-se na briga, e davam e levavam como qualquer; outras porém desfaziavam-se em algazarra. De repente o Chico-Juca embarafustou pela porta fora, e desapareceu.

Era tempo, porquê não se tinha passado muito tempo quando assomou na porta, que êle deixara aberta, a figura tranqüila do Vidigal, rodeada por uma porção de granadeiros. O Chico-Juca tinha-lhes escapado, a-pesar-de o terem visto quando saía, porquê o major, tendo nessa ocasião poucos soldados, não quis mandar segui-lo com mêdo que lhe faltasse gente, pois via que dentro da casa o negócio estava feio. Entrou, pois, deixando-o passar.

Apenas o viram, pararam todos aterrados.

— Então que briga é esta?... disse êle descansadamente.

Começaram todos a desculpar-se como podiam; e segundo o crédito que mereciam pela sua reputação era-lhes distribuída a justiça; se era sujeito já conhecido, e que não era aquela a primeira em que entrava ficava de lado, e um granadeiro tomava conta dêle; os outros eram mandados embora.

Neste interim a cigana muito perturbada olhava repetidas vêzes para a porta do quarto, dando sinais da mais viva inquietação. Não escapou isto ao Vidigal, que no fim de tudo disse a um granadeiro:

— Revista aquêlê quarto.

A cigana deu um grito; o granadeiro obedeceu e entrou no quarto: ouviu-se então um pequeno rumor, e o Vidigal disse logo cá de fora:

— Traz para cá quem estiver lá dentro.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

No mesmo instante viu aparecer o granadeiro trazendo pelo braço o Rev. mestre de cerimônias em ceroulas curtas e largas, de meias pretas, sapatos de fivela, e solidéu à cabeça.

A-pesar-dos apuros em que se achavam, todos desataram a rir: só êle e a cigana choravam de envergonhados.

Esta última pôs-se aos pés do Vidigal, mas êle foi inflexível; e o Rev. foi conduzido com os outros para casa da guarda na Sé, sendo-lhe apenas permitido pôr-se em hábitos mais decentes.

CAPÍTULO XVI

SUCCESSO DO PLANO



PARA sossegar-mos os leitores, que estarão sem dúvida com cuidado no mestre de cerimônias, apressamo-nos a dizer que não chegou êle a ir à cadeia; o Vidigal quis dar-lhe apenas uma amostra do pano, e depois de o ter exposto na casa da guarda por algumas horas, como já acontecera ao Leonardo, à vistoria pública, o deixou ir embora envergonhado, abatido, maldizendo a idéia que tivera de ir assistir de dentro do quarto à festa dos anos da sua amásia.

Quanto ao Leonardo, não cabia em si de contente: por pouco que a sua vingança não tinha sido completa: vira o seu rival, como já a êle próprio sucedera, prêso pelos granadeiros, levado à casa da guarda, sofrendo aí a vistoria dos curiosos; faltara, é verdade, a sova e os dias de cadeia, porém também êle era um simples meirinho, e o mestre de cerimônias um sacerdote respeitado, e por isso qualquer coisa bastava para ferí-lo gravemente.

Além disto o mestre de cerimônias, depois de graves meditações, sabendo que ficara mal visto de seus companheiros pelo escândalo que dera, se bem que fôsse certo não estar nenhum dêles a tal respeito em circunstâncias de lhe atirar a primeira pedra, ouvindo um murmúrio surdo que se levantava ameaçando-o com a perda do lugar que exercia na Sé, decidiu-se a abandonar a cigana, e assim o fêz. Com isto o Leonardo deu-se de todo por satisfeito, e renasceram-lhe as esperanças de conquistar o

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

antigo pôsto, uma vez que o principal inimigo o tinha abandonado. A cigana, desprezada, não queria sem dúvida ficar por muito tempo devoluta; e como êle se achava com requerimento em caixa, e contava serviços atrasados, era provável que obtivesse favorável despacho, porquê também ela ainda nem sonhava que tudo o que tinha sucedido pudesse ter sido obra sua.

Começou pois o sentimental Leonardo a rondar a porta da sua antiga amante: se a via na janela, ora parava na esquina a dirigir-lhe olhares suplicantes; passando por junto dela deixava ora escapar um maguadíssimo suspiro ou uma queixa amargurada.

Tôdas estas cenas, desempenhadas por aquela figura do Leonardo, alto, corpulento, avermelhado, vestido de casaca, calção e chapéu armado, eram tão cômicas que tôda a vizinhança se divertiu com elas por alguns dias. Alguns imprudentes começaram, conversando das janelas, a atirar indiretas à cigana; esta ficou-se com isso, e foi essa a *fortuna* do Leonardo. Um dia que êle passou deu-lhe ela de ôlho que entrasse.

O Leonardo teve uma sensação inexplicável; seu rosto coloriu-se em todos os tons, desde o vermelho, que era sua côr habitual, até o roxo enegrecido; depois baixou gradualmente até a palidez marmórea; caminhando do lugar onde estava até à porta da cigana, não sentiu o solo debaixo de seus pés; quando deu acôrdo de si estava com os olhos rasos d'água nos braços da antiga amada que lhe pedia mil perdões, que prometia ser dali em diante fiel até à morte, se bem que se não esquecia de declarar no meio de tudo que se o recebia de novo em sua casa era porquê queria quebrar a castanha na bôca daquelas más línguas da vizinhança que se estavam metendo com a sua vida. O pobre homem não cabia em si; parecia um viajante que volta aos velhos lares, ou um cabo de guerra que acaba de livrar do poder do inimigo uma praça sitiada. Enfim reataram-se de todo os afrouxados laços.

O Leonardo caíu em dar parte aos seus companheiros que tinha afinal vencido a intrincada demanda; custou-lhe isto uma tremenda caçoada de todos, e sérias repreensões de alguns. Mas com coisa alguma se importava naquela ocasião: a felicidade o cegava a ponto de não ver aquilo que lhe estava entrando pelos olhos.

A comadre, apenas soube do que havia sucedido, foi procurar o Leonardo, e começou em um longo sermão a querer persuadí-lo que tinha dado um passo errado.

— Pois, compadre, disse-lhe ela, você não se emendou ainda!.

— Qual, história, eu sou doido por estas coisas.

— Mas, homem, você não tem se dado bem nem com as saloias nem com as ciganas; para que antes não procura uma filha cá da terra?...

A comadre tinha uma sobrinha que vivia em sua companhia, e que lhe pesava sofrivelmente sôbre as costas; desde há muito nutria por isso uma idéia de que o leitor mais tarde terá conhecimento quando ela se realizar, ou antes disso, se a perceber pelas palavras da comadre.

— Nada, não gosto desta gente.

— Não tem razão; há por aí muita rapariga capaz; é verdade que o que elas querem é o *toma lá, dá cá debaixo do arco-cruzeiro*.

— E' por isso mesmo que eu não gosto.

Depois de algumas outras tentativas a comadre retirou-se um pouco contrariada, mas não de todo desanimada; ela contava com a cigana para ajudá-la a realizar o seu plano, e o leitor verá para diante que tinha nisso razão.

Quanto ao nosso ex-sacristão, continuava ainda a estar sem destino, o que sobremaneira incomodava ao compadre, mas que nem por isso o desanimava. Coimbra era a sua idéia fixa, e nada lha arrancava da cabeça. Até o próprio velho tenente-coronel já lhe tinha ido pessoalmente falar por solicitações da comadre, porém nada conseguira. Exasperado com essa obstinação deixara o negócio de parte, e não se importara mais com coisa alguma.

CAPÍTULO XVII

D. MARIA



Um dia de procissão foi sempre nesta cidade um dia de grande festa, de lufa-lufa, de movimento e de agitação; e se ainda é hoje o que nossos leitores bem sabem, na época em que viveram as personagens desta história a coisa subia de ponto; enchiam-se as ruas de povo, especialmente de mulheres de mantilha; armavam-se as casas, penduravam-se às janelas magníficas colchas de sêda, de damasco de tôdas as côres, e armavam-se coretos em quase todos os cantos. É quase tudo o que ainda se pratica, porém em muito maior escala e grandeza, porquê era feito por fé, como dizem as velhas dêsse bom tempo, porém nós diremos, porquê era feito por moda: era tanto do tom enfeitar as janelas e portas em dia de procissão ou concorrer de qualquer outro modo para o brilhantismo das festividades religiosas, como ter um vestido de mangas de presunto, ou trazer à cabeça um formidável trepamoleque de dois palmos de altura.

Nesse tempo as procissões eram multiplicadas, e cada qual buscava ser mais rica e ostentar maior luxo: as da quaresma eram de uma pompa extraordinária, especialmente quando el-rei se dignava acompanhá-las, obrigando tôda a côrte a fazer outro tanto: a que primava porém entre tôdas era a chamada procissão dos ourives. Ninguém ficava em casa no dia em que ela saía, ou na rua ou nas casas dos conhecidos e amigos que tinham a ventura de morar em lugar por onde ela passasse, achá-

vam todos meio de vê-la. Alguns haviam tão devotos, que não se contentavam vendo-a uma só vez; andavam de casa dêste para a casa daquele, desta rua para aquela, até conseguir vê-la desfilar de princípio a fim duas, quatro e seis vêzes, sem o que não se davam por satisfeitos. A causa principal de tudo isto era, supomos nós, além talvez de outras, o levar esta procissão uma coisa que não tinha nenhuma das outras: o leitor há de achá-la sem dúvida extravagante e ridícula; outro tanto nos acontece, mas temos obrigação de referí-la. Queremos falar de um grande rancho chamado das — Baianas, — que caminhava adiante da procissão, atraindo mais ou tanto como os santos, os andores, os emblemas sagrados, os olhares dos devotos; era formado êsse rancho por um grande número de negras vestidas à moda da província da Baía, donde lhe vinha o nome, e que dançavam nos intervalos dos *Deo-gratias* uma dança lá a seu capricho. Para falarmos a verdade, a coisa era curiosa: e se não a empregassem como primeira parte de uma procissão religiosa, certamente seria mais desculpável. Todos conhecem o modo por que se vestem as negras na Baía: é um dos modos de trajar mais bonito que temos visto, não aconselhamos porém que ninguém o adote; um país em que tôdas as mulheres usassem dêsse traje, especialmente se fôsse dêsses abençoados em que elas são alvas e formosas, seria uma terra de perdição e de pecados. Procuremos descrevê-lo.

As chamadas Baianas não usavam de vestidos; traziam sòmente umas poucas de saias prêsas à cintura, e que chegavam pouco abaixo do meio da perna, tôdas elas ornadas de magníficas rendas; da cintura para cima apenas traziam uma finíssima camisa, cuja gola e mangas eram também ornadas de renda; ao pescoço punham um cordão de ouro ou um colar de corais, os mais pobres eram de missangas; ornavam a cabeça com uma espécie de turbante a que davam o nome de *trunfas*, formado por um grande lenço branco muito teso e engomado; calçavam umas chinelinhas de salto alto e tão pequenas, que apenas continham os dedos dos pés, ficando de fora todo o calcanhar; e além de tudo isto envolviam-se graciosamente em uma capa de pano preto, deixando de fora os braços ornados de argolas de metal simulando pulseiras.

Poucos dias depois dos últimos acontecimentos narrados nos capítulos antecedentes, chegou o dia da procissão dos ourives. Os nossos cos-



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

tumes nesse tempo a respeito de franqueza e hospitalidade não eram lá muito louváveis; nesse dia porém sofriam uma exceção, e, como dissemos, as portas daqueles que moravam nas ruas por onde passava a procissão se abriam a todos os amigos e conhecidos. Em virtude disso aconteceu que se achassem reunidos em casa de uma certa D. Maria o compadre acompanhado do afilhado (ricamente vestido nesse dia com o seu robissão de duraque preto e o seu boné de pêlo de lontra), a comadre e a vizinha dos maus agouros.

D. Maria era uma mulher velha, muito gorda; devia ter sido muito formosa no seu tempo, porém dessa formosura só lhe restavam o rosado das faces e alvura dos dentes; trajava nesse dia o seu vestido branco de cintura muito curta e mangas de presuntos, o seu lenço também branco e muito engomado ao pescoço; estava penteada de *bugres*, que eram dois grossos cachos caídos sôbre as fontes; o amarrado do cabelo era feito na coroa da cabeça, de maneira que simulava um penacho. D. Maria tinha bom coração, era benfazeja, devota e amiga dos pobres, porém em compensação destas virtudes tinha um dos peores vícios daquele tempo e daqueles costumes: era a mania das demandas. Como era rica, D. Maria alimentava êste vício largamente; as suas demandas eram o alimento da sua vida; acordada pensava nelas, dormindo sonhava com elas; raras vêzes conversava em outra coisa, e apenas achava uma tangente caía logo no assunto predileto; pelo longo hábito que tinha da matéria, entendia do riscado a palmo, e não havia procurador que a enganasse; sabia todos aquêles termos jurídicos e tôda a marcha do processo de modo tal, que ninguém lhe levava nisso a palma. Essa mania chegava nela à impertinência, e aborrecia desesperadamente a quem a ouvia, falando nos últimos provarás que lhe tinha feito o seu letrado nos autos de sua demanda de terras, nas razões finais que se tinham apresentado na ação que intentava contra um dos testamenteiros de seu pai, no depoimento das testemunhas no seu processo por causa da venda das suas casas, na citação que mandara fazer a um seu inquilino que lhe havia passado um crédito de 20 doblas e que agora negava a dívida, e em mil outras coisas dêste gênero.

Apenas entrara o compadre, de quem era antiga amiga, e a quem não via há muito tempo, começou logo D. Maria por dar-lhe parte que

aquela antiga demanda com o testamenteiro de seu pai ainda não estava acabada, e por aí ia já prosseguindo conforme seu costume, quando o compadre lhe apresentou o afilhado, e começou também a contar a sua história.

Começou êle pela origem do pequeno: remontou à pisadela e ao beliscão com que a Maria e o Leonardo tinham começado o seu namôro na viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro, o que fêz dar a D. Maria boas risadas. Passou em seguida à festa do batismo, que descreveu detalhadamente. Até aquí era o drama risonho e feliz; veio depois a tragédia; contou tôdas aquelas histórias da perfídia da Maria, dos ciúmes do Leonardo e da briga final, cujo resultado trouxera o pequeno às suas mãos.

D. Maria ouviu tudo com a maior atenção, e só interrompia ao compadre de vez em quando para lançar uma praga à Maria, manifestar compaixão pelo Leonardo, e dar alguma risada pelas travessuras do pequeno. Quando a conversa estava nesta altura, a vizinha dos maus agouros, que também já se achava presente, porém que até alí estivera distraída, chegou-se para intervir na conversa, já se sabe, contra o pequeno. Referiu então algumas das suas graçolas, acrescentando sempre no fim de cada período, e dirigindo-se ao compadre:

— O vizinho, por mais bem que lhe queira, não poderá negar isto...

O compadre, que no meio de tudo tinha sempre pintado a história do menino com côres muito favoráveis, não cessando de gabar a sua mansidão, boa índole, e dourando sempre as suas diabruras com o título de inocências, ingenuidades ou coisas de criança, começou a dar o cavaco com o desmentido que lhe dava a vizinha, que ao contrário dêle pintava tudo com côres negras. A comadre interveio também nessa ocasião, porém conservando uma posição duvidosa: ora era da opinião do compadre, ora da opinião da vizinha.

D. Maria, que morria por conversa, e sobretudo por novidades, tomava o maior interêsse na história, e ninguém se lembrava de que vez alguma tivesse ela esquecido por tanto tempo as suas demandas.

O pequeno, sentado em um canto, ouvia tudo em silêncio observador. O compadre mal se podia conter, em respeito a D. Maria, com as investiti-

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

vas da vizinha; esta, julgando-se segura na roda em que estava, desabafava largamente contra o menino. Finalmente terminou dirigindo-se a D. Maria, e dizendo na sua frase do costume:

— Então, senhora, é o que eu digo ou não? Tem maus bofes...

— Maus bofes, atalhou o compadre já com a calva muito vermelha, maus bofes? ora esta.

O pequeno lançou do seu lugar à vizinha um olhar fulminante, e que queria pouco mais ou menos dizer:

— Deixa estar que esta não fica sem trôco.

D. Maria, vendo que o compadre começava a exasperar-se, fêz-se medianeira, e disse dirigindo-se à vizinha:

— Você tem-lhe raiva de mais; realmente a função da cera na mantilha é para dar o cavaco, porém, bem diz o mestre: qual é a criança que não faz travessuras? Isto tudo há de passar com a idade.

Dirigindo-se depois ao pequeno.

— Venha cá, Sr. travesso, disse-lhe com bondade, venha defender-se do que aquí estão dizendo a seu respeito.

O menino chegou-se com um ar entre vexado e capadoçal, colocou-se em pé entre a madrinha e a vizinha.

D. Maria fêz-lhe então algumas perguntas, a que êle respondeu com prontidão, porém com mau modo. A vizinha não se julgou muito em segurança com tão bom vizinho a seu lado, e foi querendo levantar-se. O menino, percebendo isto, não quis perder ocasião de fazer o quer que fôsse de maligno contra ela; estendeu a ponta do pé, e pisou-lhe com tôda a fôrça na barra da saia preta que ela conservava tendo tirado a mantilha. A vizinha, vendo-lhe o gesto, sem entender bem o que era, percebeu que êle preparava alguma, e quis levantar-se rapidamente: lá se foram alguns quatro palmos da barra da saia.

— Ah! disse o menino fingindo-se espantado...

— Valha-te Deus, menino! disse a comadre.

A vizinha contemplava a sua saia rota, dizendo para os circunstantes:

— Então é o que eu digo, ou não? Tem maus bofes!

O compadre sorria-se disfarçadamente vendo a vingança que o menino tomava do que a vizinha acabava de dizer.

— Ora, disse afinal D. Maria com ar de quem não estava muito certa no que dizia, êle estava descuidado, não foi por querer...

O menino foi sentar-se, e a conversa prosseguiu.

Chegou-se ao ponto do destino que o padrinho queria dar ao afilhado, e, segundo era costume, começou logo grande divergência entre o compadre e a comadre; esta não falava senão na Conceição, e aquêle não falava senão em Coimbra.

D. Maria, solicitada a dar a sua opinião, disse:

— Pois olhem, se fôsse comigo, eu havia de pô-lo em um cartório, e havia de fazer dêle um bom procurador de causas.

— Oh! não, respondeu o compadre; perdôe-me, Sr^a D. Maria, perdôe-me se lhe ofendo com isso, mas eu tenho uma birra dos diabos com as tais demandas.

— Pois olhe, não tem razão, elas dão-me que fazer, mas eu já estou acostumada. Por exemplo, aquela demanda das terras, isto tem sido um nunca acabar; os herdeiros do meu compadre João Bernardo, que ainda não estavam habilitados em juízo, mandaram-me aquí citar.

E por aí continuava, sem que ninguém soubesse onde pararia, quando felizmente teve de interromper-se porquê a procissão aproximava-se, e todos correram às janelas.

Isto deu fim à conversa, começou a desfilar a procissão, que realmente fazia bonito efeito, sobretudo vista da casa de D. Maria, que era, e tínhamos esquecido esta circunstância, na mesma rua dos Ourives: as luzes das tochas refletidas nos galões das armações das portas e nas taboletas cheias de ouro e prata em obra, com que os ourives nesse dia costumavam ornar os intervalos de suas casas, tinham um aspecto de muita riqueza e luxo, ainda que de mau gôsto. De tudo que levava a procissão, o que mais mereceu as honras do agrado dos devotos foi o rancho das Baianas que o leitor já conhece, e o sacrifício de Abraão, que ia representado ao vivo.

Caminhava adiante um menino com um feixe de lenha aos ombros, representando Isaac: logo atrás dêle um latagão vestido com um trage extravagante, com uma enorme espada de pau suspensa sôbre a cabeça do menino; era Abraão; um pouco mais atrás um anjo, suspendendo o furibundo gládio por uma fita de 3 a 4 varas de comprimento.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Terminada a procissão, retiravam-se os convidados.

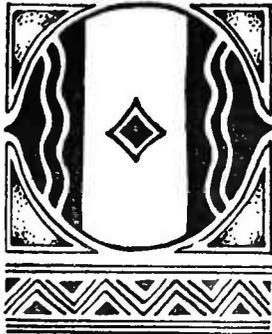
Ao sair o compadre com o pequeno, D. Maria chegou-se a êle, e disse-lhe significativamente:

— Apareça, que temos que conversar a respeito do pequeno.

Já se vê que o menino não era dos mais infelizes, pois que se tinha inimigos, achava também protetores por tôda a parte. Para diante os leitores verão o papel que D. Maria representará nesta história.

CAPÍTULO XVIII

AMORES



s leitores devem já estar fatigados de histórias de travessuras de criança: já conhecem suficientemente o que foi o nosso memorando em sua meninice, as esperanças que deu, e o futuro que prometeu. Agora vamos saltar por cima de alguns anos, e vamos ver realizadas algumas dessas esperanças. Agora começam histórias, se não mais importantes, pelo menos um pouco mais sisudas.

Como sempre acontece a quem tem muito onde escolher, o pequeno, a quem o padrinho queria fazer clérigo mandando-o a Coimbra, a quem a madrinha queria fazer artista metendo-o na Conceição, a quem D. Maria queria fazer rábula arranjando-o em algum cartório, e a quem enfim cada conhecido ou amigo queria dar um destino que julgava mais conveniente às inclinações que nêle descobria, o pequeno, dizemos tendo tantas coisas boas, escolheu a peor possível; nem foi para Coimbra, nem para a Conceição, nem para cartório algum; não fêz nenhuma destas coisas, nem também outra qualquer: constituiu-se um completo vadio, vadio-mestre, vadio-tipo.

O padrinho desesperava com isso vinte vêzes em cada dia por ver frustrado o seu belo sonho, porém não se animava mais a contrariar o afilhado, e deixava-o ir à sua vontade.

A comadre tinha conseguido o seu fim, pelo que diz respeito à sobrinha; tanto fizera, que o Leonardo, pilhando a cigana em nova infi-

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

delidade, resolveu-se. e arranjou-se. Dessa época começou êle a viver sossegado: o vento da idade começava a apagar-lhe as flamas de ternura.

D. Maria envelhecera sofrivelmente, porém não perdera de modo nenhum a sua mania favorita das demandas: a última que tivera foi talvez a mais desculpável, a mais razoável de tôdas. Teve por causa a tutória de uma sua sobrinha que ficara órfã por morte de um seu irmão. Este irmão tinha um compadre que não gozava de boa reputação; ora, tendo a órfã ficado senhora de alguns mil cruzados que deixara seu pai, ainda que este não tivesse feito testamento, por ser ela filha única e legítima, o compadre apresentou-se pretendendo ser seu tutor.

D. Maria, percebendo o caso, apresentou-se também, e a venceu: foi nomeada tutora, e veio-lhe a sobrinha para casa: ela estimou isso, tanto mais que a sua idade já a fazia precisar, ainda não de um apôio, porém de uma companhia.

As mais personagens continuaram no mesmo estado.

Daquí em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de batismo: não nos ocorre se já dissemos que êle tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a êste o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele.

Leonardo havia pois chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por que, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios.

Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha: o compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e depois que lhe perdeu o gôsto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento.

Disso resulta que detestava profundamente as visitas e que só se sujeitava a elas obrigado pelo padrinho.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

Em uma das últimas vêzes que foram à casa de D. Maria, esta, assim que os viu entrar, dirigiu-se ao compadre e disse-lhe muito contente:

— Ora afinal vencí a minha campanha.. veio ontem para o meu poder a menina. O tal velhaco do compadre de meu irmão não levou a sua avante.

— Muitos parabens, muitos parabens! respondeu o compadre.

Leonardo deu pouca atenção a isso; há muito tempo que ouvia falar da tal sobrinha; sentou-se a um canto, e começou a bocejar como de costume.

Depois de mais algumas palavras trocadas entre os dois, D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça; era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sôbre a testa e olhos, como uma viseira. Trajava nesse dia um vestido de chita roxa muito comprido, quase sem roda, e de cintura muito curta; tinha ao pescoço um lenço encarnado de Alcobaça.

Por mais que o compadre a questionasse, apenas murmurou algumas frases ininteligíveis com voz rouca e sumida. Mal a deixaram livre, desapareceu sem olhar para ninguém. Vendo-a ir-se, Leonardo tornou a rir-se interiormente.

Quando se retiraram, riu-se êle pelo caminho à sua vontade. O padrinho indagou a causa da sua hilaridade; respondeu-lhe que não se podia lembrar da menina sem rir-se.

— Então lembras-te dela muito a miúdo, por que muito a miúdo te ris.

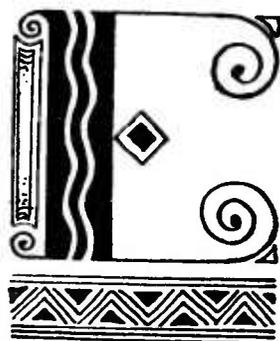
Leonardo viu que esta observação era verdadeira.

Durante alguns dias umas poucas de vêzes falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por que, pulou de contente, e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e dar-se por pronto.

Saíram e encaminharam-se para o seu destino.

CAPÍTULO XIX

DOMINGO DO ESPÍRITO SANTO



RA êsse dia domingo do Espírito Santo. Como todos sabem, a festa do Espírito Santo é uma das festas prediletas do povo fluminense. Hoje mesmo que se vão perdendo certos hábitos, uns bons, outros maus, ainda essa festa é motivo de grande agitação; longe porém está o que agora se passa daquilo que se passava nos tempos a que temos feito remontar os leitores. A festa não começava no domingo marcado pela folhinha, começava muito antes, nove dias cremos, para que tivessem lugar as novenas. O primeiro anúncio da festa eram as Folias. Aquêle que escreve estas Memórias ainda em sua infância teve ocasião de ver as Folias, porém foi já no seu último grau de decadência, e tanto que só as crianças como êle davam-lhe atenção e achavam nelas prazer; os mais, se delas se ocupavam, era unicamente para lamentar a diferença que faziam das primitivas. O que dantes se passava, bem encarado, não estava muito longe de merecer censura; porém era costume, e ninguém vá lá dizer a alguma velha dêsse tempo que aquilo devia ser por fôrça muito feio, porquê leva uma risada na cara, e ouve uma tremenda filípica contra as nossas festas de hoje.

Entretanto digamos sempre o que eram as Folias dêsse tempo, a-pesar-de que os leitores o saberão pouco mais ou menos. Durante os 9 dias que precediam ao Espírito Santo, ou mesmo não sabemos se antes disso, saía pelas ruas da cidade um rancho de meninos, todos de 9

a 11 anos, *caprichosamente* vestidos à *pastora*: sapatos de côr de rosa, meia brancas, calção da côr do sapato, faixas à cintura, camisa branca de longos e caídos colarinhos, chapéus de palha de abas largas ou forrados de sêda, tudo isto enfeitado com grinaldas de flores, e com uma quantidade prodigiosa de laços de fita encarnada. Cada um dêstes meninos levava um instrumento *pastoril* em que tocavam, pandeiro, machete e tamboril. Caminhavam formando um quadrado, no meio do qual ia o chamado imperador do Divino, acompanhados por uma música de barbeiros, e precedidos e cercados por uma chusma de *irmãos* de opa levando bandeiras encarnadas e outros emblemas, os quais tiravam esmolas enquanto êles cantavam e tocavam.

O imperador, como dissemos, ia no meio; ordinariamente era um menino mais pequeno que os outros, vestido de casaca de veludo verde, calção de igual fazenda e côr, meias de sêda, sapatos afivelados, chapéu de pasta, e um enorme e rutilante emblema do Espírito Santo ao peito; caminhava pausadamente e com ar grave.

Confessem os leitores se não era coisa deveras extravagante ver-se um imperador vestido de veludo e sêda, percorrendo as ruas cercado por um rancho de pastores, ao toque de pandeiro e machete. Entretanto, apenas se ouvia ao longe a fanhosa música dos barbeiros, tudo corria à janela para ver passar a Folia: os irmãos aproveitavam-se do ensejo, e iam colhendo esmolas de porta em porta.

Enquanto caminhava o rancho, tocava a música de barbeiros; quando parava, os pastores, acompanhando-se com seus instrumentos, cantavam; as cantigas eram pouco mais ou menos no gênero e estilo desta:

O Divino Espírito Santo
 E' um grande folião.
 Amigo de muita carne,
 Muito vinho e muito pão.

Eis aí o que era a Folia, eis aí o que o compadre e o afilhado encontraram no caminho.

A êste episódio da Folia seguiam-se outros de que vamos em breve dar conta aos leitores. Por agora porém voltemos aos nossos visitantes.



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Chegaram êles à casa de D. Maria, e acharam ainda todos à janela, porquê acabava de passar a Folia. D. Maria recebeu-os com a sua costumada amabilidade. Leonardo ao entrar lançou logo os olhos para a sobrinha de D. Maria; porém, sem saber por que, não teve desta vez mais vontade de rir-se; entretanto a menina continuava a ser feia e exquisita; nesse dia estava ainda peor do que nos outros. D. Maria tinha tido pretensões de asseíá-la; vestira-lhe um vestido branco muito curto, pusera um lenço de sêda encarnado ao pescoço, e penteara-a de *bugres*. Por isso, agora que tendo ela tirado a costumada viseira de cabelos, lhe podemos ver o rosto, digamos, em abono da verdade, que se estava nesse dia mais exquisita quanto ao todo, podia-se-lhe notar que não era tão feia de cara como a princípio pareceu.

O caso foi que o Leonardo começou a olhar para ela sem mais vontade de rir-se; olhou uma, duas, três, quatro, muitas vêzes enfim, sem que nunca satisfizesse ao que êle interiormente chamava curiosidade de apreciar aquela figura.

A menina por sua parte continuava no seu inalterável silêncio e concentração, de olhos baixos e queixo no peito. Entretanto quem tivesse hábito de observador fino poderia ter visto algum levantar de pálpebras rápido, e algum olhar fugaz dirigido para o lado do Leonardo.

D. Maria e o compadre conversaram segundo o seu costume.

Na ocasião da saída, D. Maria, dirigindo-se ao compadre, disse-lhe:

— Olhe, escute: nós hoje vamos ao Campo ver o fogo, bem podíamos ir todos juntos; que diz?

— Sim, podíamos, respondeu o compadre: eu tinha de ir só com o meu rapaz; mas uma vez que me oferece, iremos todos juntos. E leva a senhora a sua menina, não é?

— Oh! levo, coitada; ela nunca viu fogo; no tempo do pai nunca saía..

Sem pensar, o Leonardo estremeceu de contente: pareceu-lhe que dêsse modo teria mais ocasião de satisfazer a sua *curiosidade*. A menina nem se mexeu; pareceu-lhe aquilo absolutamente indiferente.

— Pois então estamos ajustados, acrescentou o compadre, e à noite cá as viremos buscar.

E saíram.

CAPÍTULO XX

O FOGO NO CAMPO



hora determinada vieram os dois, padrinho e afilhado, buscar D. Maria e sua família, segundo haviam tratado: era pouco depois de Ave-Maria, e já se encontrava pelas ruas grande multidão de famílias, de ranchos de pessoas que se dirigiam uns para o Campo e outros para a Lapa, onde, como é sabido, também se festejava o Divino. Leonardo caminhava parecendo completamente alheio ao que se passava em roda d'êle: tropeçava e abalroava nos que encontrava; uma idéia única roía-lhe o miolo; se lhe perguntassem que idéia era essa, talvez mesmo o não soubesse dizer. Chegaram enfim mais depressa do que supusera o barbeiro, porquê o Leonardo parecia naquela noite ter asas nos pés, tão rapidamente caminhara e obrigara o padrinho a caminhar com êle.

D. Maria estava pronta e os esperava com algumas outras pessoas com quem também tratara ir de companhia, e em um momento puseram-se a caminho. Formavam todos um grande rancho acompanhado por não pequeno número de negras e negrinhas escravas e crias de D. Maria, que levavam cêstos com comida e esteiras. D. Maria deu o braço ao compadre, e o mesmo fizeram as outras senhoras aos demais cavalheiros. Por gracejo D. Maria fêz com que o Leonardo desse o braço à sua sobrinha; êle aceitou a incumbência com gôsto, mas não sem ficar alguma coisa atrapalhado, e deu na pobre menina alguns encontrões, embaraçado

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

por não saber se lhe daria a esquerda ou a direita; finalmente acertou e deu-lhe a esquerda, ficando êle do lado da parede. Ofereceu-lhe o braço; porém Luizinha (tratêmo-la desde já por seu nome) pareceu não entender o oferecimento ou não dar fé dêle. Contentou-se pois o Leonardo em caminhar ao seu lado.

Assim chegaram ao Campo, que estava cheio de gente. Nesse tempo ainda se não usavam as barracas de bonecos, de sortes, de raridades e de teatros, como hoje: usavam-se apenas algumas que serviam de casas de pasto. Depois de passarem por diante delas, D. Maria e a sua gente se dirigiram para o Império. Luizinha estava atônita no meio de todo aquêle movimento, diante daquele espetáculo que via pela primeira vez, pois era verdade o que dissera D. Maria: no tempo de seu pai raras ou nenhuma vez saía de casa. Assim, sem o saber, parava algumas vezes embasbacada a olhar para qualquer coisa e o Leonardo muitas vezes via-se forçado a puxar-lhe pelo braço para obrigá-la a prosseguir.

Chegaram ao Império, que era nesse tempo quase defronte da igreja de Sant'Ana, no lugar agora ocupado por uma das extremidades do quartel de Fuzileiros. Todos sabem o que é o Império, e por isso o não descrevemos. Lá estava na sua cadeira o imperador, que o leitor já viu passeando pela rua no meio de seus foliões. Luizinha, vendo-o, pôs-se nas pontas dos pés, esticou o pescoço, e encarou-o por muito tempo estática e absorta. O Leonardo vendo isto sentiu um não sei que por dentro contra o menino que atraía a atenção de Luizinha, e passou-lhe pela mente o desejo louco de voltar atrás seis ou sete anos de sua existência, e ser também imperador do Divino.

Nas escadas do Império fazia-se leilão como ainda hoje, divertindo-se muito o povo alí apinhado com as graçolas pesadas do pregoeiro. Estiveram aí algum tempo entretidos os nossos conhecidos, e foram depois procurar no meio do Campo um lugar onde pudessem fazer alto para cear e ver o fogo. Acharam-no, não sem alguma dificuldade, pois que muitas outras famílias se haviam adiantado e tomado as melhores posições. Grande parte do Campo estava já coberta daqueles ranchos sentados em esteiras, ceando, conversando, cantando modinhas ao som de guitarra e viola. Fazia gôsto passear por entre êles, e ouvir aquí a anedota que contava um conviva de bom gôsto, alí a modinha cantada

naquele tom apaixonadamente poético que faz uma das nossas raras originalidades, apreciar aquêlo movimento e animação que geralmente reinavam. Era essa a parte (permitam-nos a expressão) verdadeiramente divertida do divertimento.

Os nossos conhecidos sentaram-se como os outros em roda de suas esteiras, e começaram a cear. Leonardo, a-pesar-das emoções novas que experimentava desde certo tempo, e principalmente naquela noite, nem por isso perdeu o apetite, e esqueceu-se por algum tempo de sua companheira para cuidar unicamente do seu prato. No melhor da ceia foram interrompidos pelo ronco de um foguete que subia: era o fogo que começava. Luizinha estremeceu, ergueu a cabeça, e pela primeira vez deixou ouvir sua voz, exclamando extasiada ao ver cair as lágrimas inflamadas do foguete que aclaravam todo o Campo:

— Olhe, olhe, olhe!

Alguns dos circunstantes desataram a rir; o Leonardo deu o cavaco com aquelas risadas, e as achou muito fora de tempo. Felizmente Luizinha estava por tal maneira extasiada, que não deu atenção a coisa alguma, e enquanto duraram os foguetes não tirou os olhos do céu.

Aos foguetes seguiram-se, como sabem os leitores, as rodas. Nessa ocasião o êxtase da menina passou a frenesí; aplaudia com entusiasmo, erguia o pescoço por cima das cabeças da multidão, tinha desejos de ter duas ou três varas de comprido para ver tudo a seu gôsto. Sem saber como, unia-se ao Leonardo, firmava-se com as mãos sôbre os seus ombros para se poder sustentar mais tempo nas pontas dos pés, falava-lhe e comunicava-lhe a sua admiração. O contentamento acabou por familiarizá-la completamente com êle. Quando se atacou a *lua*, a sua admiração foi tão grande que, querendo firmar-se nos ombros de Leonardo, deu-lhe quase um abraço pelas costas. O Leonardo estremeceu por dentro, e pediu ao céu que a lua fôsse eterna; virando o rosto, viu sôbre seus ombros aquela cabeça de menina iluminada pelo clarão pálido do misto que ardia, e ficou também por sua vez extasiado; pareceu-lhe então o rosto mais lindo que jamais vira, e admirou-se profundamente de que tivesse podido alguma vez rir-se dela e achá-la feia.

Acabado o fogo, tudo se pôs em andamento, levantaram-se as esteiras, espalhou-se o povo. D. Maria e sua gente puseram-se também em

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

marcha para casa, guardando a mesma disposição com que tinham vindo. Desta vez porém Luizinha e Leonardo, não é dizer que vieram de braço, como êste último tinha querido quando foram para o Campo, foram mais adiante do que isso, vieram de mãos dadas muito familiar e ingênuamente. Êste *ingênuamente* não sabemos se se poderá com razão aplicar ao Leonardo. Conversaram por todo o caminho como se fôsem dois conhecidos muito antigos, dois irmãos de infância, e tão distraídos iam que passaram a porta da casa sem parar, e já estavam muito adiante quando os *sios* de D. Maria os fizeram voltar. A despedida foi alegre para todos e tristíssima para os dois. Entretanto, como sempre que se despedia, o compadre prometeu voltar, e isso serviu de algum alívio, especialmente ao Leonardo, que tomara tudo o que se acabava de passar mais em grosso.

CAPÍTULO XXI

CONTRARIEDADES



REMOS, pelo que temos referido, que para nenhum dos leitores será ainda duvidoso que chegara ao Leonardo a hora de pagar o tributo de que ninguém escapa neste mundo, ainda que para alguns seja êle fácil e leve, e para outros pesado e custoso: o rapaz amava. É escusado dizer a quem.

Como é que a sobrinha de D. Maria, que a princípio tanto desafiara a sua hilaridade por exquisita e feia, lhe viera depois a inspirar amor, é isso segrêdo do coração do rapaz que nos não é dado penetrar: o fato é que êle a amava, e isto nos basta. Convém lembrar que se pela sorte de um pai se pode augurar a de um filho, o Leonardo em matéria de amor não prometia de certo grande fortuna. E com efeito, logo depois da noite do fogo no Campo, em que as coisas começavam a tomar vulto, principiou a roda a desandar-lhe em quase todos os sentidos. Luizinha, uma vez extinto o entusiasmo que, suscitado pelas emoções que experimentara na noite do fogo, a acordara da sua apatia, voltara de novo ao seu antigo estado: e, como de tudo esquecida, na primeira visita que o barbeiro e o Leonardo fizeram a D. Maria depois dêsses acontecimentos, nem para êste último levantara os olhos; conservara-se de cabeça baixa e olhos no chão.

Ora, para quem, como o Leonardo, levava depois daquela feliz noite a construir êsses castelos de extravagante arquitetura com que sonhamos

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

nos dias felizes do primeiro amor, isso foi já uma contrariedade sem nome; quando se viu assim tratado quase desatou a chorar; só o conteve o receio de não poder depois justificar o seu pranto com qualquer pretêxto. A êste primeiro movimento succedeu-lhe um momento de calma, e depois cresceu-lhe por dentro uma chama de raiva, e esteve a ponto de chegar-se para a menina, desenterrar-lhe o queixo do peito, e chamá-la quatro ou cinco vêzes de estúrdia e feia. Afinal cismou um pouco e murmurou um — que me importa! — que pretendia ser desprêzo, e que não era senão despeito.

À primeira visita depois da noite do fogo seguiram-se muitas outras em que as coisas se passaram pouco mais ou menos do mesmo modo.

Um novo successo veio porém um dia dar outra côr e andamento aos successos; foi o encontro dos dois, padrinho e afilhado, em casa de D. Maria com uma personagem estranha a ambos. Era um conhecido de D. Maria que havia há pouco chegado de uma viagem à Baía. Figure o leitor um homenzinho nascido em dias de maio, de pouco mais ou menos trinta e cinco anos de idade, magro, narigudo, de olhar vivo e penetrante, vestido de calção e meias pretas, sapatos de fivela, capote e chapéu armado, e terá idéia do físico do Sr. José Manuel, o recém-chegado. Quanto ao moral, se os sinais físicos não falham, quem olhasse para a cara do Sr. José Manuel assinalava-lhe logo um lugar distinto na família dos velhacos de quilate. E quem tal fizesse não se enganava de modo algum; o homem era o que parecia ser. Se tinha alguma virtude, era a de não enganar pela cara. Entre tôdas as suas qualidades possuía uma que infelizmente caracterizava naquele tempo, e talvez que ainda hoje, positiva e claramente o fluminense, era a maledicência. José Manuel era uma crônica viva, porém crônica escandalosa, não só de todos os seus conhecidos e amigos, e das famílias dêstes, mas ainda dos conhecidos e amigos dos seus amigos e conhecidos e de suas famílias.

Debaixo do mais fútil pretêxto tomava a palavra, e enfiava um discurso de duas horas sôbre a vida de fulano ou de beltrano.

Por exemplo, conversando-se sôbre qualquer objeto acontecia falar-se em D. Francisca Brites.

— Conhecí muito D. Francisca Brites, atalhava imediatamente o incansável falador; era mulher de João Brites, filho bastardo do capitão

Sanches; em tempo de casada diziam suas coisas dela, e a culpa tinha Pedro d'Aguiar, sujeito que não gozava de boa nota, principalmente depois que se meteu aí na alhada de um testamento falso que atribuíram ao Lourenço da Cunha, que, em abono da verdade, era bem capaz disso, pois não era sujeito de mãos limpas. Foi até êle quem furtou de casa a filha de D. Ursula, que foi moça de Francisco Borges, a quem deixou para seguir a Pedro Antunes, que por sinal lhe deu bem má vida.

E também ela não devia esperar outra coisa dêle, porquê homem que se atreveu a fazer o que êle fêz a três filhas que tinha, é capaz de tudo. Chegou a pôr pela porta fora com um pau as pobres moças depois de as ter espancado desapiedadamente. Entretanto uma delas foi bem feliz: achou aí um capitão de navio que tratou dela; as outras não, coitadas..

— Infelizes porquê? acudia por acaso algum dos circunstantes; elas casaram.

— Casaram, sim, é verdade, retorquia êle tomando novo fôlego, porém com que marido? Um tomava moafas de todo o tamanho, o outro gastou tudo quanto tinha no jôgo. Conhecí-os a ambos muito bem..

E por aí prosseguia e internava-se a perder de vista pela geração tôda dos dois maridos, e era capaz de gastar nesse trabalho horas inteiras.

Desde o primeiro dia que o padrinho e o afillhado encontraram-se com José Manuel em casa de D. Maria, nenhum dos dois lhe ficou por certo querendo muito bem, e êste não querer bem foi crescendo de dia em dia, especialmente pela parte do Leonardo. E o caso é que êle tinha razão; foi o instinto que o avisou de que alí havia um inimigo. Tão exagerados eram os afagos de José Manuel para com D. Maria, e tanto repartia êle êsses afagos com Luizinha, que bem claro se deixou ver que havia nêles fim oculto. Afinal o negócio aclarou-se. D. Maria era, como dissemos, rica e velha; não tinha outro herdeiro senão sua sobrinha: se morresse D. Maria, Luizinha ficaria arranjada, e como era muito criança e mostrava ser muito simples, era uma espôsa conveniente a qualquer esperto que se achasse, como José Manuel, em disponibilidade; êste pois fazia a côrte à velha com intenções na sobrinha. Quando Leonardo, esclarecido pela sagacidade do padrinho, entrou no conhecimento destas

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

coisas, ficou fora de si, e a idéia mais pacífica que teve foi que podia mui bem, quando fôsse visitar D. Maria, munir-se de uma das navalhas mais afiadas de seu padrinho, e na primeira ocasião oportuna fazer de um só golpe em dois o pescoço de José Manuel. Porém teve de aplacar-se e ceder às admoestações do padrinho, que sabia de todos os seus sentimentos, e que os aprovava.

CAPÍTULO XXII

ALIANÇA



E Leonardo se afligira do modo que acabamos de ver pelo contratempo que lhe sobreviera com o aparecimento e com as disposições de José Manuel, o padrinho não se incomodava menos com isso; vendo que o afilhado se fazia homem, e tendo decididamente abortado aquêlê seu gigantesco plano de mandá-lo a Coimbra, enxergava na sobrinha de D. Maria um meio de vida excelente para o seu rapaz. Verdade é que se lembrava de que D. Maria podia com muito justa razão, se as coisas continuassem do mesmo modo, quando chegasse o momento do desfecho das coisas, recusar sua sobrinha a um rapaz que não se ocupava em coisa alguma, e que não tinha futuro. Por êste motivo muitas vêzes instava com o afilhado para que ensaiasse na cara de algum freguês tolo entrar no ofício; porém êste recusava-se obstinadamente. A comadre, quando alguma vez aparecia por casa do barbeiro, não cessava de insistir no seu antigo projeto de fazer o rapaz entrar para a Conceição. Uma ocasião em que nisso falou diante dêle, custou-lhe a história uma forte sarabanda: o rapaz tomara gôsto à vida de vadio, e por princípio algum queria deixá-la. E se em outras ocasiões estava êle dêsse humor, agora depois dos últimos acontecimentos, quando o amor e o ciúme lhe ocupavam a alma, não queria ouvir falar em semelhantes coisas; acreditava que a

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

sua melhor ocupação devia consistir em dar cabo do rival que se lhe antepusera.

No meio de tudo isto peor era que José Manuel parecia adiantar-se cada vez mais; astuto como era, insinuava-se destramente no ânimo de D. Maria, e a cativava com atenções de tôda a sorte. O compadre começou a banzar sôbre o caso, e um dia veio-lhe uma idéia: era preciso pôr a comadre ao corrente do que se passava, e interessá-la no negócio; ela era bem capaz, se quisesse, de arcar com José Manuel, e pô-lo fora de combate; gozava boa fama de ter jeito para *essas coisas*. Com efeito mandou chamar a comadre e expôs-lhe tudo.

— Sim! respondeu ela ao ouvir a narração; o caso é êste? pois está de cor o tal sujeito: hei de mostrar-lhe para quanto presto. Já hoje mesmo vou visitar a D. Maria.

Mal sabia José Manuel que tormenta se levantava contra êle. Há muito percebera êle que Leonardo e seu padrinho o não podiam tragar, e mesmo que tinham segundas tenções a respeito de Luizinha, porém nunca lhe passara pela mente que seria mister lutar com êles. Em breve teve de ver que se enganava. A comadre foi, como prometera, à casa de D. Maria, e achando lá José Manuel procurou fazer-se ostensivamente muito sua camarada, ainda que baixinho, e de vez em quando soltava perto de D. Maria algumas indiretas contra êle.

Quando José Manuel acabava de contar uma história com todos os detalhes costumados sôbre a vida dêste ou daquele, a comadre murmurava, por exemplo:

— Que língua! safá...

E com estas e outras ia pondo em relêvo, sem parecer que tinha tal intenção, o caráter do adversário.

Além da qualidade de maldizente, José Manuel mentia com um descaro como raras vêzes se encontra. D. Maria, amiga de novidades, e além disso muito crédula, comungava perfeitamente quanta peta lhe queria êle embutir. Uma das suas histórias mais comuns era a que êle intitulava — *O naufrágio dos potes*. — Acontecera-lhe na sua última viagem à Baía e êle a contava pelo modo seguinte:

“Estávamos quase a chegar ao ancoradouro; viajava ao lado do meu navio um enorme *perú* carregado unicamente de potes. De repente

arma-se um temporal, que parecia vir o mundo abaixo; o vento era tão forte, que do mar, a-pesar-da escuridão, viam-se contradançar no espaço as têlhas arrancadas da cidade alta. Afinal quando já parecia tudo sossegado e começava a limpar o tempo, veio uma onda tão forte e em tal direção, que as duas embarcações esbarraram com tôda a fôrça uma contra a outra. Já muito maltratadas pelo temporal que acabavam de suportar, não puderam mais resistir, e abriram-se ambas meio a meio: o navio vasou tôda a sua carga e passageiros, e o *perú* tôda a sua cargação de potes; ficou o mar coalhado dêles, em tão grande quantidade os havia! Os marinheiros e outros passageiros trataram de agarrar-se a tábuas, caixões e outros objetos para se salvarem; porém o único que se escapou fui eu, e isso devo à feliz lembrança que tive; do pedaço do navio em que tinha ficado dei um salto sôbre o pote que boiava mais perto. Com o meu pêso o pote mergulhou, e enchendo-se d'água desapareceu debaixo de meus pés; porém isto não teve lugar antes que eu, percebendo o que ia acontecer, não saltasse imediatamente dêsse pote para outro. A êste outro e a todos os mais aconteceu a mesma coisa, porém serví-me do mesmo meio, e assim, como a fôrça das ondas os impelia para a praia, vim de pote em pote até à terra sem o menor acidente!”

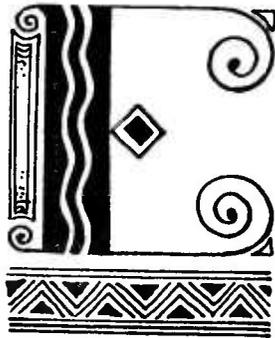
Como esta contava José Manuel milhares de histórias.

Foi também isso um tema de que se serviu a comadre para o desconceituar no ânimo de D. Maria, sempre, é verdade, muito sorrateiramente.

Veremos quais foram os resultados que alcançaram o compadre e o Leonardo com a aliança formada com a comadre contra o concorrente à Luizinha.

CAPÍTULO XXIII

DECLARAÇÃO



QUANTO a comadre dispunha seu plano de ataque contra José Manuel, Leonardo ardia em ciúmes, em raiva, e nada havia que o consolasse em seu desespêro, nem mesmo as promessas de bom resultado que lhe faziam o padrinho e a madrinha. O pobre rapaz via sempre diante de si a detestável figura de seu rival a desconcertar-lhe todos os planos, a desvanecer-lhe tôdas as esperanças. Nas horas de sossêgo entregava-se às vêzes à construção imaginária de magníficos castelos, castelos de nuvens, é verdade, porém que lhe pareciam por instantes os mais sólidos do mundo; de repente surdia-lhe de um canto o terrível José Manuel com as bochechas inchadas; e soprando sôbre a construção, a arrasava num volver dolhos.

Entretanto, o que havia de notável é que Luizinha, causa de tantas tormentas, ignorava tudo, e a tudo continuava indiferente. Leonardo veio a entender, depois de muito meditar, que isto constituía um dos principais defeitos de sua posição; se a comadre e o compadre conseguissem derrotar a José Manuel, e pô-lo em estado de não poder mais entrar em combate, quem poderia dizer que o triunfo era completo? Não havia ainda uma segunda campanha a dar contra a indiferença de Luizinha? Daquí concluiu êle que era mister ir já rompendo fogo por êsse lado; e como lhe pareceu o de mais importância, não quis confiar a nenhum dos aliados o seu ataque, e decidiu-se a dá-lo em pessoa. Devia

começar, como o sabe de cor e salteado a maioria dos leitores, que é sem dúvida nenhuma muito entendida na matéria, por uma declaração em forma.

Mas em amor, assim como em tudo, a primeira saída é o mais difícil. Tôdas as vêzes que esta idéia vinha à cabeça do pobre rapaz, passava-lhe uma nuvem escura por diante dos olhos e banhava-se-lhe o corpo em suor. Muitas semanas levou a compor, a estudar o que havia de dizer a Luizinha quando aparecesse o momento decisivo. Achava com facilidade milhares de idéias brilhantes; porém mal tinha assentado em que diria isto ou aquilo, e já isto e aquilo lhe não parecia bom. Por várias vêzes tivera ocasião favorável para desempenhar a sua tarefa, pois estivera a sós com Luizinha; porém nessas ocasiões nada havia que pudesse vencer um tremor de pernas que se apoderava dêle, e que não lhe permitia levantar-se do lugar onde estava, e um engasgo que lhe sobrevinha, e que o impedia de articular uma só palavra. Enfim, depois de muitas lutas consigo mesmo para vencer o acanhamento, tomou um dia a resolução de acabar com o mêdo, e dizer-lhe a primeira coisa que lhe viesse à bôca.

Luizinha estava no vão de uma janela a espiar para a rua pela rótula; Leonardo aproximou-se tremendo, pé ante pé, parou e ficou imóvel como uma estátua atrás dela que, entretida para fora, de nada tinha dado fé. Esteve assim por longo tempo calculando se devia falar em pé ou se devia ajoelhar-se. Depois fêz um movimento como se quisesse tocar no ombro de Luizinha, mas retirou depressa a mão. Pareceu-lhe que por aí não ia bem; quis antes puxar-lhe pelo vestido, e ia já levantando a mão quando também se arrependeu. Durante todos estes movimentos o pobre rapaz suava a não poder mais. Enfim, um incidente veio tirá-lo da dificuldade.

Ouvindo passos no corredor, entendeu que alguém se aproximava, e tomado de terror por se ver apanhado naquela posição, deu repentinamente dois passos para trás, e soltou um — ah! — muito engasgado. Luizinha, voltando-se, deu com êle diante de si, e recuando espremeu-se de costas contra a rótula; veio-lhe também outro — ah! — porém não lhe passou da garganta, e conseguiu apenas fazer uma careta.

A bulha dos passos cessou sem que ninguém chegasse à sala; os dois levaram algum tempo naquela mesma posição, até que o Leonardo,



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

por um supremo esforço, rompeu o silêncio, e com voz trêmula e em tom o mais sem graça que se possa imaginar perguntou desenxabidamente:

— A senhora. sabe.. uma coisa?

E riu-se com uma risada forçada, pálida e tola.

Luizinha não respondeu. Êle repetiu no mesmo tom.

— Então. a senhora. sabe ou. não sabe?

E tornou a rir-se do mesmo modo. Luizinha conservou-se muda.

— A senhora bem sabe... é porquê não quer dizer..

Nada de resposta.

— Se a senhora não ficasse zangada.. eu dizia...

Silêncio.

— Está bom. eu digo sempre... mas a senhora fica ou não fica zangada?

Luizinha fêz um gesto de quem estava impacientada.

— Pois então eu digo. a senhora não sabe. eu... eu lhe quero.. muito bem.

Luizinha fêz-se côr de uma cereja; e fazendo meia volta à direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguém se aproximava.

Leonardo viu-a ir-se, um pouco estupefato pela resposta que ela lhe dera, porém, não de todo descontente: seu olhar de amante percebera que o que se acabava de passar não tinha sido totalmente desagradável a Luizinha.

Quando ela desapareceu, soltou o rapaz um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão fatigado como se tivesse acabado de lutar braço a braço com um gigante.



*Segunda
Parte*



CAPÍTULO I

A COMADRE EM EXERCÍCIO



s leitores devem estar lembrados de que o nosso antigo conhecido, de quem por algum tempo nos temos esquecido, o Leonardo-Pataca, apertara-se em laços amorosos com a filha da comadre, e que com ela vivia em santa e honesta paz. Pois êste viver santo e honesto deu em tempo oportuno o seu resultado. Chiquinha (era êste o nome da filha da comadre) achou-se de *esperanças* e pronta a dar à luz. Já vêem os leitores que a raça dos Leonardos não se há de extinguir com facilidade. Leonardo-Pataca não perdia por modo algum aquêles hábitos de ternura com que sempre o conhecemos, e nas atuais circunstâncias, quando êle via às portas da vida um fruto do seu derradeiro amor, crescia-lhe nalma aquela violenta chama do costume; o pobre homem ardia todo por dentro e por fora, e desfazia-se em carinhos para com sua companheira.

Chegou finalmente o dia de aparecer o desejado resultado: ao amanhecer manifestara os primeiros sintomas. Leonardo levantou logo uma poeira em casa: andava de dentro para fora pretendendo fazer mil coisas, e sem fazer coisa alguma, atrapalhado e tonto. Mandou chamar a comadre, que pronta acudiu ao chamado, e começaram-se a arranjar os

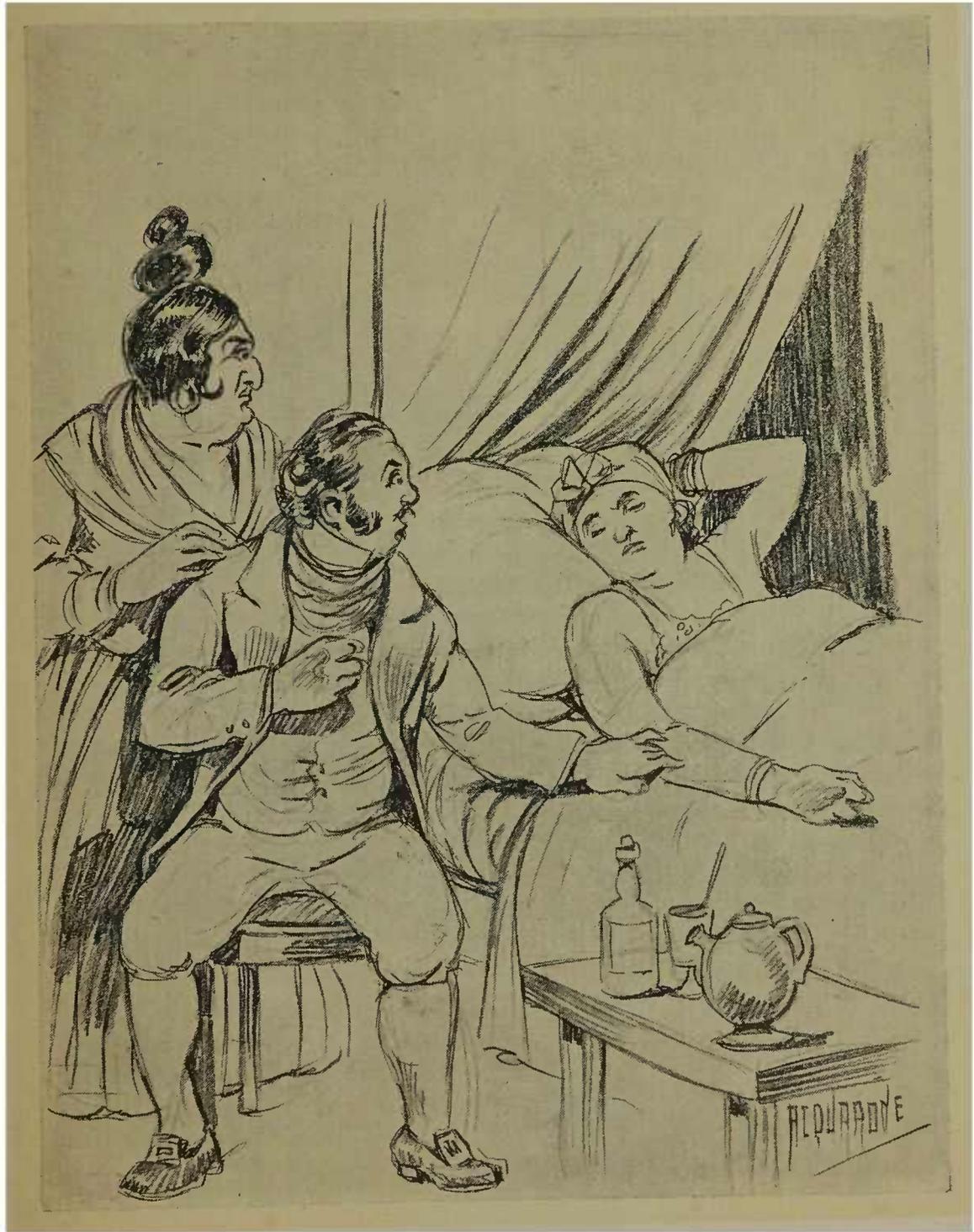
preparativos. Talvez alguns leitores tenham idéia do mundo infinito de arranjos que naquele tempo se punha em giro em semelhantes ocasiões. A primeira coisa a que o Leonardo-Pataca providenciou foi a que se mandassem dar as nove badaladas no sino grande da Sé. Esta prática só costumava ter lugar quando a parturiente se achava em perigo, porém êle quis prevenir tudo a tempos e a horas. Mandou-se depois pedir à vizinha, pois por um descuido imperdoável não havia em casa, um ramo de palha benta; a comadre trouxe um par de bentinhos da Senhora do Monte do Carmo que tinham grande reputação de milagrosos, e o lançou ao pescoço da Chiquinha. Pôs a palha benta ao lado da cabeceira; na sala improvisou-se um oratório com uma toalha, um copo com arruda e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição de louça, enfeitada com cordões de ouro. Chiquinha, para nada esquecer das regras estabelecidas, amarrou à cabeça um lenço branco, meteu-se embaixo dos lençóis, e começou a rezar ao santo de sua devoção. A comadre assentou-se aos pés da cama em uma banquinha, e desunhava também em um grande rosário, observando entretanto a Chiquinha, e interrompendo-se a cada instante para dar ordens ao Leonardo-Pataca, e responder ao que fora do quarto se dizia.

Leonardo-Pataca, depois de tudo arranjado, quando viu que a única coisa que restava era *esperar a natureza*, como dizia a comadre, pôs-se em menores, quero dizer, despiu os calções e o colete, ficou em ceroulas e chinelas, amarrou à cabeça, segundo um antigo costume, um lenço encarnado, e pôs-se a passear na sala de um lado para outro, com uma cara de fazer dó; parecia que era êle e não Chiquinha quem se achava com dôres de parto. De vez em quando parava à porta do quarto que se achava cerrada, lançava para dentro um olhar de curiosidade e mêdo, e abanando a cabeça murmurava:

— Não sirvo para isto. estas coisas não se dão com o meu gênio. Estou a tremer como se fôsse o negócio comigo...

E realmente a cada gemido forte que partia do quarto o homem estremecia e fazia-se de mil côres.

Dentro do quarto a comadre exortava a padecente, pouco mais ou menos nestes têrmos:



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Não vos façais de criança, menina.. isso não é nada. .é um pau por um ôlho.. Não tarda aí um Bendito, e estais já livre. Estas coisas na minha mão andam depressa. Verdade seja que é o primeiro, e isto causa seu mêdo, mas não é coisa que valha estares agora tão desanimada; é preciso também ajudar a natureza. “Faze da tua parte que eu te ajudarei!” São palavras de Jesús Cristo.

A padecente estava porém a morrer de susto; nem se moveu à exortação da comadre. Entretanto o tempo ia passando, e a pobre rapariga a sofrer; já lhe tinha a comadre arranjado de um modo diverso os bentinhos no peito, já tinha inclinado mais sôbre a cama a palma benta, e ainda nada de novo. O Leonardo-Pataca começava a impacientar-se; de vez em quando chegava à porta do quarto, e perguntava com voz esmorecida:

— Então?..

— Compadre, respondia a comadre, já lhe disse que não é bom a quem está neste estado estar ouvindo voz de homem; esteja calado e espere lá.

Continuava o tempo a passar: a comadre saíu do quarto e veio acender uma nova vela benta a Nossa Senhora, e depois de uma breve oração voltou ao seu pôsto. Tirou então do bôlso da saia uma fita azul comprida e passou-a em roda da cintura da Chiquinha; era uma medida de Nossa Senhora do Parto. Depois disse com ar de triunfo:

— Ora agora vamos a ver, porquê isto já não vai do meu agrado... Mas a culpa também é sua, menina, já lhe disse que é preciso ajudar a natureza. Passou-se ainda algum tempo. De repente a comadre gritou para fora:

— O’ compadre, dê cá lá uma garrafa.

O Leonardo-Pataca obedeceu prontamente. Ouviu-se então dentro do quarto o som que produziria uma bôca humana a soprar com tôda a fôrça dentro de alguma coisa. Era Chiquinha que por ordem da comadre soprava a morrer de cansaço dentro da garrafa que esta mandara vir.

— Com fôrça, menina, com bem fôrça, e Nossa Senhora não desampara os fiéis. Ânimo, ânimo; isto o mais que sucede é uma vez por ano. Desde que nossa mãe Eva comeu aquela maldita fruta ficámos nós sujei-

tas a isto. “Eu multiplicarei os trabalhos de teu parto”. São palavras de Jesús Cristo!

Já se vê que a comadre era forte em história sagrada.

Ao Leonardo-Pataca tremiam-lhe cá fora tanto as pernas, que não pudera mais continuar no passeio, e achava-se sentado a um canto com os dedos nos ouvidos.

— Soprai, menina, continuava sempre dentro a comadre, soprai com Nossa Senhora, soprai com S. João Batista, soprai com os Apóstolos Pedro e Paulo, soprai com os Anjos e Serafins da Côrte Celeste, com todos os Santos do paraíso, soprai com o Padre, com o Filho e com o Espírito Santo.

Houve finalmente um instante de silêncio, que foi interrompido pelo chôro de uma criança.

— Ora lá vai o mau tempo, exclamou a comadre: bem dizia eu que isto não era mais do que um pau por um ôlho... Ah! Sr. compadre, chegue, que é agora a sua vez, venha ver a sua pequerrucha...

— É uma pequerrucha!. exclamou o Leonardo-Pataca fora de si; ora isto é de bom agouro, porquê com o outro que saíu macho não fui feliz.

Rescendeu então pela casa um agradável cheiro de alfazema; a comadre veio à sala, apagou as velas que estavam acessas a Nossa Senhora; foi depois desatar a fita da cintura da Chiquinha e tirar-lhe do pescoço os bentinhos.

A recém-nascida, enfraldada, encueirada, encinteirada, entoucada e com um molho de figas e meias luas, signos de Salomão e outros preservativos de maus-olhados presos ao cinteiro, passava das mãos de Chiquinha para as do Leonardo-Pataca, que não cabia em si de contentamento; era uma formosa criancinha, em tudo o oposto de seu irmão paterno o nosso amigo Leonardo, mansa e risonha.

O Leonardo-Pataca recorreu imediatamente à folhinha para ver que nome trazia a menina; porém como êste lhe não agradasse, travou logo com Chiquinha uma questão a respeito do nome que se lhe devia dar.

A comadre aproveitou-se disso para dar conta dos últimos arranjos, e depois envervou a mantilha e saíu para acudir a outras necessitadas.

CAPÍTULO II

TRAMA



COMO esta cena que acabamos de pintar tinha a comadre muitas outras todos os dias, porquê era uma das parteiras mais procuradas da cidade; gozava grande reputação de muito entendida, e ainda nos casos mais graves era sempre a escolhida com os seus milagrosos bentinhos, a palma benta, a medida de Nossa Senhora, a garrafa soprada, e com a invocação de tôdas as legiões de santos, de serafins e de anjos livrava-se ela dos maiores apertos. E ninguém lhe fôsse dar regras, que as não ouvia, nem do físico-mor, se nisso se metesse: era só olhar para uma mulher de *esperanças* e dizia-lhe logo sem grande trabalho o sexo, o tamanho do filho que trazia nas entranhas, e com uma pontualidade miraculosa o dia e hora em que teria de ver-se desembaraçada; até às vêzes, por certos sinais que só ela conhecia, chegava a dizer qual seria o gênio e as inclinações do ente que ia ver a luz. Já se vê que esta vida era trabalhosa e demandava sérios cuidados; porém a comadre dispunha de uma grande soma de atividade: e a-pesar-de gastar muito tempo nos deveres do ofício e na igreja, sempre lhe sobrara algum para empregar em outras coisas. Como dissemos, ela havia tomado a peito a causa dos amores de Leonardo com Luizinha, e jurara pôr José Manuel, o novo candidato, fora da chapa.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

Começou pois a ocupar o seu tempo disponível nesse grave negócio, e movia uma intriga surdíssima e constante contra o rival do seu afilhado. Gozando da intimidade e do crédito de D. Maria, não perdia junto dela ocasião de desconceituar José Manuel, o que era-lhe tanto mais fácil quanto êle prestava-se a isso, e D. Maria, de espírito demandista e chicaneiro, dava o cavaco por um mexerico. Eis aquí uma das que ela armou ao adversário.

Todos sabem nesta cidade onde é o Oratório de Pedra; mas o que todos talvez não saibam é para que serviu êle em outros tempos. Sem dúvida naquele oratório havia a imagem de algum santo, e o povo *devoto* ia alí rezar? Exatamente. Mas por que é que hoje não continua esta prática, por que apenas se conserva sôbre a parede aquela espécie de guarita de pedra, sem imagem alguma, sem luz à noite, e diante da qual passam todos irreverentemente sem tirar o chapéu e curvar o joelho? Primeiro que tudo extinguiu-se isso pela razão por que se extinguiram muitas coisas boas daquele bom tempo; começaram todos a aborrecer-se de achá-las boas, e acabaram com elas. Depois houve a respeito do Oratório de Pedra muito boas razões policiaes para que êle deixasse de ser o que era.

O leitor, que sem dúvida sabe muito bem de quanto eram nossos pais crentes, devotos e tementes a Deus, se admirará talvez de ler que houve razões policiaes para a extinção de um oratório. Entretanto é isso uma verdade, e se fôsse ainda vivo o nosso amigo Vidigal, de quem já tivemos ocasião de falar em alguns capítulos desta historieta, poderia dizer quanto garoto pilhou em flagrante delito, alí mesmo aos pés do oratório, ajoelhado, contrito e beato.

Quando passava a Via-Sacra e que se acendia a lâmpada do oratório, o pai de família que morava alí pelas vizinhanças tomava o capote, chamava tôda a gente de casa, filhos, filhas, escravos e crias, e iam fazer oração ajoelhando-se entre o povo diante do oratório. Mas se acontecia que o incauto devoto se esquecia da filha mais velha que se ajoelhava um pouco mais atrás e embebido em suas orações não estava alerta, sucedia-lhe às vêzes voltar para casa com a família dizimada: a menina aproveitava-se do ensejo, e sorratamente escapava-se em companhia de um

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

devoto que se ajoelhara alí perto, embrulhado no seu capote, e que ainda há dois minutos todos tinham visto entregue fervorosamente às suas súplicas a Deus.

Aquilo era a execução do plano concertado na véspera ao cair de Ave-Marias, através dos postigos da rótula. Outras vêzes, quando estavam todos os circunstantes entregues à devoção, e que a ladainha entoada a compasso enchia aquêlê circuito de contrição, ouvia-se um grito agudo e doloroso que interrompia o hino; corriam todos para o lugar donde partira, e achavam um homem estendido no chão com uma ou duas facadas.

Não levamos ainda em conta as inocentes caçoadas que a todo o instante faziam os gaiatos. Eis aquí pois porquê, além de outros motivos, dissemos que tinham havido razões policiaes para que se acabasse com as piedosas práticas do Oratório de Pedra.

No tempo em que se passavam as cenas que temos narrado ainda o Oratório de Pedra estava no galarim. Um ou dois dias depois do nascimento do segundo filho de Leonardo-Pataca correu pela cidade a notícia de um grande escândalo que se passara nesse lugar clássico dos escândalos: uma moça, que vivia em companhia de sua mãe, velha, rica e devota, indo com ela rezar junto ao Oratório, na ocasião da passagem da Via-Sacra, fugira, tendo levado consigo um pé de meia preta contendo uma boa porção de peças de ouro. Falava-se muito no caso, não porquê fôsse naquele tempo coisa de estranhar-se, mas porquê havia um mistério no successo: ninguém sabia com quem tinha fugido a moça.

D. Maria, como todos, estava ansiosa por ver deslindada a questão, quando lhe appareceu em casa a comadre que a vinha visitar.

D. Maria estava sentada na sua banquinha, tendo diante de si uma enorme almofada de renda carregada com seis ou sete dúzias de bilros, e esmerava-se em fazer um largo pegamento. A seu lado, sentada em uma esteira, cercada por uma porção de negrinhas, crias de D. Maria, estava Luizinha também ocupada em fazer renda.

Quando a comadre entrou, D. Maria largou immediatamente a almofada do colo, tirou do nariz e pôs na testa um par de óculos de aros de prata com que trabalhava, e começou logo por tocar no caso que a preocupava. A comadre fêz sinal que mandasse retirar Luizinha e as mais crianças; e a conversa caminhou livremente.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

— Então que me diz, senhora, da desgraça da pobre velha? Criar a gente uma rapariga com todo o carinho, e no fim ter aquela recompensa!. no meu tempo não se viam coisas destas...

— Que quer, Senhora? respondeu a comadre; pois foi alí, nas barbas de todos. Não havia um instante que ela havia chegado com a velha, e que se tinham tôdas duas ajoelhado ao pé de mim...

— Ao pé da comadre? Pois a comadre estava lá?...

— Estava. que antes não estivesse...

— Mas o diabo, senhora, acrescentou D. Maria, é ninguém saber quem foi o maldito que fugiu com ela.

A comadre interrompeu, dando uma risadinha sardônica.

— Tenho perguntado a todos, e ninguém sabe dizer-me.

— E' porquê todos estavam cegos...

— Como?

— Mas não o estava eu, por mal de meus pecados, que antes estivesse.

— Pois viu e sabe com quem foi... disse D. Maria, remexendo-se de prazer em cima da banquinha.

A idéia de poder saber de uma novidade que todos ignoravam encheu-a de contentamento.

— Mas então quem foi, vamos; quero saber quem foi o ladrão da moça e do dinheiro. .

— Só lhe direi, respondeu a comadre depois de alguma hesitação, se me prometerdes guardar todo o segredo, que o caso é muito sério.

— Ora bem sabe que eu.. é o mesmo que cair num poço.

A-pesar-de estarem sós, a comadre inclinou-se ao ouvido de D. Maria, e disse-lhe o mais baixinho que pôde:

— Foi o nosso grande camarada... a boa peça do José Manuel.

— O que é que diz, comadre?

— Vi, respondeu esta, regalando com dois dedos os olhos, com êstes que a terra há de comer.. Se êles estavam ao pé de mim...

D. Maria ficou por algum tempo muda de estupefação.

CAPÍTULO III

DERROTA



QUELAS últimas palavras da comadre produziram sôbre D. Maria o efeito e um raio; a velha remexeu-se na banquinha, tomada do maior desapontamento.

— Ora, comadre, exclamou depois da primeira emoção, esta não lembra ao diabo. . por isso eu sigo a regra antiga de me não fiar em coisa que traz calções... Safa... que esta pôs-me sal na moleira.

A comadre, vendo estas boas disposições, aproveitava-se delas para fazer melhor o seu papel, e respondeu:

— Pois também o que se havia de esperar de um sujeito como aquê-le?. um homem que não abre a bôca que não minta.. que tem uma língua de Lucífer?... Quem contasse com aquilo era mesmo para se perder.

— E' verdade, senhora; nunca vi mentiroso, nem maldizente maior...

Nunca D. Maria até então tinha encontrado em José Manuel as qualidades que agora lhe descobria tanto em relêvo.

— Se eu fôsse parente da rapariga havia pôr uma demanda ao tal diabo que o havia ensinar... Por isso é que êle me não aparecia por cá há tanto tempo... andava cuidando nos seus arranjos.

Mal tinha D. Maria acabado de pronunciar estas últimas palavras quando se ouviu bater â porta, e a voz de José Manuel pedir licença.

— Aí está êle.. segrêdo. não quero que se saiba que fui eu, disse a comadre apressada.

— Ora, respondeu D. Maria, eu cá para isso sou boa.

José Manuel entrou. D. Maria, que não costumava guardar o que sentia, recebeu-o friamente; a comadre porém fêz-lhe um rasgado cumprimento.

— Seja bem aparecido, disse, bons olhos o vejam.

— Tenho andado aí ocupado com alguns arranjos.

— Arranjos... disse D. Maria trocando com a comadre um olhar significativo.

José Manuel, inocente em tudo, ficou pasmo, sem entender o que queria aquilo dizer; entretanto, segundo o costume, não perdeu ocasião de armar uma peta.

— Sim, uns arranjos, acrescentou; houve um negócio muito sério em que estive metido, e que me ia dando bem que fazer; sinto não lhe poder contar, porquê é segrêdo.

A comadre fêz um gesto, como quem queria dizer — aí vem uma peta; D. Maria, porém, que estava preocupada pela conversa que há pouco tivera, entendeu que José Manuel se referia ao roubo da moça; e abanando a cabeça, disse por entre os dentes:

— Hum.. entendo..

A comadre estremeceu temendo que D. Maria desse com a língua nos dentes, e que a questão do roubo da moça tivesse de ser averiguada em sua presença; porquê nesse caso seria ela apanhada em flagrante mentira, e estava tudo perdido. Começou portanto a provocar a José Manuel a que declarasse qual era o negócio sério em que estivera metido; contava com algumas das petas continuadas, e assim se desviaria a conversa do ponto que ela não queria ver tratado em sua presença.

Deixêmo-la nesse empenho lutar com as negaças e fingidos mistérios de José Manuel.

Desde o dia em que Leonardo fizera a sua declaração amorosa, uma mudança notável se começou a operar em Luizinha, e cada hora se tornava mais sensível a diferença tanto do seu físico como do seu moral. Seus contornos começavam a redondar-se; seus braços, até alí finos e sempre caídos, engrossavam-se e tornavam-se mais ágeis; suas faces

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

magras e pálidas, enchiam-se e tomavam essa côr que só sabe ter o rosto da mulher em certa época da vida; a cabeça, que trazia habitualmente baixa, erguia-se agora graciosamente; os olhos, até aquí amortecidos, começavam a despedir lampejos brilhantes; falava, movia-se, agitava-se.

A ordem de suas idéias alterava-se também; o seu mundo interior, até então acanhado, estreito, escuro, despovoado, começava a alargar os horizontes, a iluminar-se, a povoar-se de milhões de imagens, ora amenas, ora melancólicas, sempre porém belas.

Até então indiferente ao que se passava em tôrno de si, parecia agora participar da vida, de tudo que a cercava; gastava horas inteiras a contemplar o céu, como se só agora tivesse reparado que êle era azul e belo, que o sol o iluminava de dia, que se recamava de estrêlas à noite.

Tudo isto dava em resultado, pelo que diz respeito ao nosso amigo Leonardo, um aumento considerável de amor; também êle foi o primeiro que deu fé daquelas mudanças em Luizinha. Entretanto, a-pesar-de lhe crescer o amor nem por isso lhe nasciam mais esperanças.

Depois da declaração não se tinha adiantado nem mais uma polegada, e a única coisa talvez que o alentava, era um certo rubor que súbito subia às faces de Luizinha quando acontecia (raras vêzes) que se encontrassem os olhos dela com os seus. A soma total destas adições era uma raiva que lhe crescia nalma, aumentando todos os dias de intensidade contra José Manuel, a quem em seus cálculos attribuía todo o seu atraso.

Dadas essas explicações, voltemos a dar conta do resto da cena que deixámos suspensa.

À fôrça de instâncias a comadre conseguiu que José Manuel referisse qual o negócio de alto segredo em que se tinha achado envolvido.

— Pois bem, disse êle finalmente, se prometem tôda a discrição, contarei.

— Ora, nem tem que recomendar isso.

Com as negaças e mistérios que tinha guardado até então, José Manuel não fizera mais do que ganhar tempo para imaginar a mentira que havia de pregar: a comadre contava com isso.

Êle começou:

— Saibam Vms. que fui um dêstes dias chamado a palácio.

— Ui! exclamou a comadre.

— Aí está o resultado, disse D. Maria; mas não se pagam na outra vida, é mesmo nesta.

— Resultado de que? perguntou José Manuel surpreendido.

— De nada; continue.

José Manuel enfiou então tomando por tema aquelas primeiras palavras que lhe tinham vindo à bôca, uma mentira muito sem sabor, que nós poupamos aos leitores. Não foram porém satisfeitas as vistas da comadre, que queria desviar a conversa do furto da moça.

Terminada a história, José Manuel começou a instar com D. Maria para que lhe desse explicação das palavras duvidosas que há pouco havia dito a seu respeito. A comadre, assim que viu o negócio neste pé, foi tratando de retirar-se, depois de trocar com D. Maria um olhar que queria dizer: — não me comprometa.

D. Maria a princípio quis sustentar o segrêdo; afinal não se pôde conter, e soltou contra José Manuel uma grande alicantina, dizendo que tôda a cidade estava cheia do horroroso escândalo que êle acabava de cometer roubando uma filha-família.

O homem foi às nuvens, e jurou e tresjurou que estava inocente em tudo aquilo. Nada porém lhe valeu.

D. Maria foi inflexível.

Protestou de novo que se ela fôsse parenta da moça o Snr. José Manuel se havia de ver em calças pardas com o negócio; e terminou por dar-lhe a entender que êle era um homem muito perigoso para ser admitido em uma casa de família.

José Manuel saíu completamente corrido e cismando em quem poderia ter sido o autor de semelhante intriga.

Quanto a D. Maria, ficou muito satisfeita, pois tendo no seu caráter um grande fundo de honestidade, julgava ter feito uma boa ação rompendo com José Manuel, que ficara com efeito, como o calculara a comadre, perdendo muito no seu conceito.

CAPÍTULO IV

O MESTRE DE REZA



UDO que últimamente se passara em casa de D. Maria havia pôsto a andar à roda a cabeça de José Manuel; conheceu que tinha alí inimigo, fôsse quem fôsse, pois que aquilo não passava certamente de intriga que lhe tinham armado. Restava-lhe porém saber quem seria êsse inimigo; e por mais que desse voltas ao miolo não atinava com êle. Pelo gênero da intriga conheceu que a causa do que lhe faziam era seguramente a sua pretensão a respeito de Luizinha, que sem dúvida tinha sido percebida; começou a suspeitar que tinha de haver-se com um rival. Na roda que freqüentava a casa de D. Maria ninguém via que lhe parecesse poder estar nesse caso: passou-lhe muitas vêzes pela lembrança o moço Leonardo; porém achava-o incapaz de se meter nessas coisas.

Assim são os velhacos!! Quantas vêzes estão tocando o inimigo com as mãos, e não o vêem, e não o sentem!

Partisse porém donde partisse o golpe que o ferira, o caso é que fôra dado certo, e a duas mãos.

D. Maria, extremosa em suas afeições, como em seus ódios, consentiria com imensa dificuldade na reabilitação de José Manuel; entretanto êle não esfriou por isso, e pôs mãos à obra. Por uma singularidade, assim como Leonardo tinha achado na comadre uma protetora à sua causa, também José Manuel achou um procurador para a sua.

Vamos já dizer aos leitores quem era o procurador de José Manuel.

Havia no tempo em que se passam estas cenas *instituições* muito curiosas no Rio de Janeiro; algumas eram notáveis por seu fim, outras por seus meios. Entre essas uma havia de que ainda em nossa infância tivemos ocasião de ver alguns destroços, era a instituição dos mestres de reza.

O mestre de reza não tinha traje especial: vestia-se como todos, e próprio mestre de escola; além do respeito ordinariamente tributado aos preceptores, dava-se uma circunstância muito notável, e vem a ser que os mestres de reza eram sempre velhos e cegos. Não eram em grande número, por isso mesmo viviam portanto em grande atividade, e ganhavam sofrivelmente. Andavam pelas casas a ensinar a rezar aos filhos, crias e escravos de ambos os sexos.

O mestre de reza não tinha traje especial: vestia-se como todos, e só o que o distinguia era ver-se-lhe constantemente fora de um dos bolsos o cabo de uma tremenda palmatória, de que andava armado, comêndio único por onde ensinava a seus discípulos.

Assim que entravam para a lição reunia em um semi-círculo diante de si todos os discípulos; puxava do bolso a tremenda férula, colocava-a no chão, encostada à cadeira onde se achava sentado, e começava o trabalho.

Fazia o mestre em voz alta o pelo-sinal, pausada e vagarosamente, no que o acompanhavam em côro todos os discípulos. Quanto a fazerem os sinais era êle quase sempre logrado, como fãcilmente se concebe, porém pelo que toca à repetição das palavras, tão prático estava que, por maior que fôsse o número dos discípulos, percebia no meio do côro que havia faltado esta ou aquela voz, quando alguém se atrevia e deixar-se ficar calado. Suspendia-se então imediatamente o trabalho, e o culpado era obsequiado com uma remessa de bolos, que de modo nenhum desmentiam a reputação de que goza a pancada de cego. Feito isto, recomeçava o trabalho, voltando-se sempre ao princípio de cada vez que havia um êrro ou falta. Acabado o pelo-sinal, que com as diversas interrupções que ordinariamente tinha gastava boa meia hora, repetia o mestre sozinho sempre e em voz alta e compassada a oração que lhe aprazia; repetiam depois o mesmo os discípulos do primeiro ao último, de um modo



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

que nem era falado nem cantado; já se sabe, interrompidos a cada êrro pela competente remessa de bolos. Depois de uma oração seguia-se outra, e assim por diante, até terminar a lição pela ladainha cantada.

Ao sair recebia o mestre uma pequena espórtula do dono da casa.

D. Maria, tendo em sua casa um número não pequeno de crias, não se dispensava de ter, como todos que estavam em suas circunstâncias, o seu mestre de reza. Era êste um cego muito afamado pelo seu excessivo rigor para com os discípulos, e por consequência um dos mais procurados; nesse tempo exigia-se antes de tudo essa qualidade. Tinha também outro mérito; corria a seu respeito a fama de bom arranjador de casamentos.

Eis aí o procurador de José Manuel.

José Manuel já antes o tinha pôsto de mão, e agora que se viu em perigo recorreu a êle; expôs-lhe o caso, comunicou-lhe suas intenções, e pediu-lhe a sua cooperação. Fêz-lhe sentir sobretudo que havia um rival a combater, e muito temível, pois que não era conhecido. O velho começou então a tomar as mais minuciosas informações; e depois de calcular por algum tempo disse:

— Já sei com quem me tenho que haver..

— Então com quem é?. . acudiu José Manuel apressado.

— Vá descansado, não se importe com o resto.

— Mas, homem, olhe que é preciso muito cuidado; porquê, quem quer que é, é fino como os trezentos...

— Ora qual... histórias.. dêsses arranjos entendo eu dormindo, e vejo nisso, sendo cego, melhor do que muitos com seus olhos perfeitos.

— E' uma coisa que me põe à roda o miolo não poder descobrir quem se intromete nos meus negócios.. olhe que a tal entrega do furto da moça foi de mestre.

— Eu também sou mestre, e veremos quem ensina melhor.

Ficaram os dois nisto; e o cego pôs mãos à obra.

Devemos prevenir ao leitor que a causa em semelhantes mãos, se não se podia dizer decididamente ganha, pelo menos ficava arriscada; e o que vale é que do outro lado estava a comadre.

O velho começou o seu tratatlo em regra; logo na primeira noite que foi dar lição à casa de D. Maria começou por fazer cair a conversa a

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

respeito do roubo da moça, e deu a entender que sabia do caso e conhecia perfeitamente quem tinha sido o autor dêle. D. Maria disse também que sabia quem era, e que até o conhecia muito. O velho sorriu-se, deixando apenas escapar em tom de dúvida um significativo — Qual. — D. Maria franziu o sobrolho, levantou os óculos e exclamou:

— Pois então pensa que eu ando atrasada nestas coisas?... Ora deixe-se.. Sei quem foi, e sei muito e muito bem. E' um pedaço de mariola com cara de sonso, que só me há de morar em casa se eu algum dia fôr carcereira.

— E' isso tudo, mas a Sra. D. Maria não conhece o homem, digo-lhe eu, que também ando ao fato dêste negócio todo.

— Bem sei, bem sei... mas olhe que eu também soube de parte muito certa. e não há nada mais fácil do que ver quem está enganado. Diga lá o senhor quem foi.

— Oh! não! isso nunca, exclamou apressadamente o velho pondo-se em pé; nada, eu cá não quebro segrêdo de ninguém.

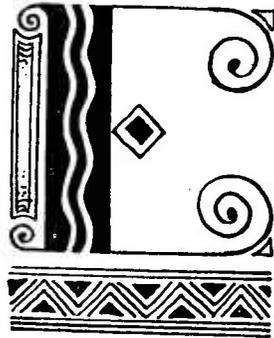
D. Maria remexeu-se tôda de aflição; e por mais que instasse nada pôde arrancar do velho que, para fazer melhor o seu papel, foi-se logo retirando, dando assim a entender que queria cortar a conversa naquele ponto.

Quando mais não tivesse conseguido, o velho tinha ao menos lançado a dúvida no espírito de D. Maria a respeito do fato, que era para ela a pedra e escândalo contra José Manuel.



CAPÍTULO V

TRANSTÔRNO



INQUANTO tôdas estas coisas se passavam, um triste successo, e da mais alta importância, veio alterar a vida de Leonardo, ou transtorná-la mesmo: o compadre caíu gravemente enfermo. A princípio a moléstia pareceu coisa de pouca monta, e a comadre, que foi a primeira chamada, pretendeu que todo o incômodo desapareceria dentro de dois dias, tomando o doente alguns banhos de alecrim. Nada porém se conseguiu com a receita; o mal continuou. Recorreram então a um boticário conhecido da comadre, que juntara ao seu mister, não sabemos se com permissão das leis ou sem ela, o mister de médico.

Era um velho, filho do Pôrto, que aquí se viera estabelecer há muitos anos, e que ajuntara no ofício boas patacas. Apenas chegou e viu o doente declarou que em poucos dias o poria de pé; bastava que êle tomasse umas pílulas que lhe ia mandar da sua botica: eram um santo remédio, segundo dizia, mas custavam um bocadinho caro, porém valia a vida de um homem. A comadre quando ouviu falar em pílulas franziu a testa.

— Pírolas, disse consigo; então o negócio é sério; e eu, que tenho má fé com pírolas; ainda não vi uma só pessoa que as tomasse que escapasse.

E avermelharam-se-lhe imediatamente os olhos.

O boticário retirou-se levando consigo o Leonardo, que trouxe as pílulas. A comadre, olhando para elas, abanou a cabeça.

— Ora, disse, eu pensei que êle lhe mandasse dar alguns banhos; cá por mim com alecrim havia de pô-lo bom.

A comadre tinha razão até certo ponto, pois que no fim de três dias, depois de feitos todos os preparos religiosos, o compadre deu alma a Deus.

D. Maria tinha sido chamada nesse mesmo dia, e compareceu com Luizinha e com todo o seu batalhão de crias; tinham vindo também algumas outras pessoas da vizinhança.

Estavam todos sentados em um grande canapé, na varanda, e conversavam muito entretidos sôbre os objetos mais diversos; algumas achavam mesmo na conversação motivo para boas risadas; de repente abriu-se a porta do quarto, e a comadre saíu de dentro com o lenço nos olhos, soluçando desabridamente e repetindo em altos gritos:

— Bem dizia eu que tinha fé nas pírolas; está para ser o primeiro que eu as veja tomar e que escape. Coitado do compadre. tão boa criatura... nunca me constou que fizesse mal a ninguém...

Estas palavras da comadre foram o sinal de rebate dado à dor dos que se achavam presentes; desatou tudo a chorar, e cada qual o mais alto que podia.

O Leonardo sofreu um grande choque, e no meio do seu atordoamento encolheu-se em cima do canapé com a cabeça sôbre os joelhos, chegando-se, *naturalmente* sem o querer, porquê a dor o perturbava, o mais perto possível de Luizinha. Continuaram as mais no seu côro de pranto dirigido pela comadre: mas não se contentavam só com o pranto, soltavam também algumas vêzes exclamações em honra do defunto.

— Sempre foi muito bom vizinho, nunca tive escândalos dêle, dizia uma.

Era a vizinha que augurava mau fim ao Leonardo, e com quem o compadre brigara por êste motivo umas poucas de vêzes.

— Boa alma, dizia D. Maria, boa alma; havia de ser como êle quem quisesse ter boa alma.

— Eu que lidei com êle, dizia a comadre, é que sei o que êle valia; era uma alma de santo num corpo de pecador.

— Bom amigo...

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— E muito temente a Deus...

Prolongada esta cena por algum tempo, despediram-se algumas pessoas, outras ficaram ainda. Foi serenando o pranto, e daí a pouco D. Maria, enxugando ainda os olhos, explicava detalhadamente a uma outra senhora que se achava junto dela a história genealógica de cada uma de suas crias que se achavam presentes.

Finalmente retiraram-se todos, exceto D. Maria, a sua gente e a comadre, que estava desde que o compadre adoecera tomando conta da casa.

Aproximou-se a noite; acenderam-se velas junto do defunto; fizeram-se todos os mais arranjos do costume.

D. Maria e a comadre começaram a conversar, porém baixinho.

— Então, senhora, principiou D. Maria, êste homem não havia de morrer assim sem ter feito seu testamento; pois êle não havia de querer deixar no mundo o afilhado ao desamparo para os ausentes se gozarem do que a êle lhe custou tanto trabalho.

— A mim, respondeu a comadre, nunca me falou em semelhante coisa; mas enfim, como isso são lá negócios de segrêdo. talvez.

— Seria bom procurar-se; talvez em alguma gaveta por aí se ache; é impossível que o *defunto não dispusesse sua vida*; bem vêzes lhe aconselhei eu semelhante coisa.

— Tem razão, D. Maria, eu acho também que deve haver alguma coisa.

E foram as duas tratar de procurar o testamento nas gavetas de uma grande cômoda que havia no quarto do defunto. Enquanto nisso se ocupavam, Luizinha e Leonardo conversavam, ou antes cochichavam, como se diz vulgarmente. O que êles se diziam não posso dizê-lo ao leitor, porquê o não sei; sem dúvida a rapariga consolava o rapaz da perda que acabava de sofrer na pessoa do seu amado padrinho.

Finalmente as duas acharam com efeito um testamento, e ficaram com isso muito satisfeitas.

Voltaram à varanda e surprenderam os dois no melhor da sua conversa. A comadre vendo-os sorriu-se, e D. Maria, fazendo sem dúvida a respeito do que estavam êles falando o mesmo juízo que nós, disse enternecida.

— Ela tem muito bom coração!

— E o dêle não é peor, respondeu a comadre.

E acrescentou com intenção:

— Estava um bom casal.

— Oh! senhora, disse D. Maria com ingenuidade, deixe a menina, que ainda é muito cedo...

— Também não digo já, mas a seu tempo.

D. Maria sorriu-se com um sorriso de que a comadre não desgostou. Mudaram de conversa.

Passou-se a noite; no outro dia saíu o entêrro com tôdas as formalidades do estilo. Depois disso tratou-se de resolver uma importante questão: para a companhia de quem iria o Leonardo? A abertura do testamento feita nesse mesmo dia resolveu a questão. O compadre havia instituído a Leonardo por seu universal herdeiro. A comadre informou de semelhante coisa ao Leonardo-Pataca, e êste apresentou-se para tomar conta de seu filho. Não pareceu o rapaz muito satisfeito com a graça: não sei como veio-lhe à idéia aquêle terrível pontapé que o fizera fugir de casa; além disso raríssimas vêzes vira depois disso a seu pai, e estava completamente desacostumado dêle. Não havia porém outro remédio; foi preciso obedecer e acompanhá-lo para casa, onde encontrou sua pequena irmã, e quem a pusera no mundo.

O Leonardo-Pataca começou a cuidar no testamento como homem entendido na matéria, e em pouco tempo deu volta a tudo aquilo.

Cumprer notar que se em vida do compadre corriam boatos que pareciam exagerados a respeito do que êle possuía, quando morreu pôde ver-se que êsses boatos tinham ainda ficado muito aquém da verdade, pois deixara êle um bom par de mil cruzados em espécie. Entregues alguns legados de pouca monta, etc., tudo o mais veio a cair nas mãos do Leonardo-Pataca como herança de seu filho.

Nos primeiros dias tudo foram flores por causa de Leonardo-Pataca, ainda que, para falar a verdade, desde a primeira vista não simpatizara muito o moço Leonardo com a cara do objeto dos novos e últimos cuidados de seu pai.

A comadre assentou que devia substituir ao compadre no amor pelo afilhado, e determinou-se a vir morar com êle em casa de Leonardo-Pataca; assim ficava também reúnida à sua filha, e à sua neta. O Leonardo-

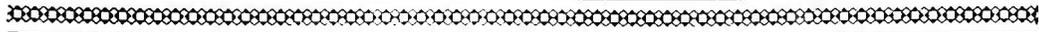
MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Pataca, que era condescendente, esteve pelo caso, e reünuiu-se dêsse modo a família tôda.

Tudo foram flores a princípio, como dissemos; o moço Leonardo e a comadre continuaram as suas visitas por casa de D. Maria; e digâmo-lo já, o rapaz e a rapariga iam pondo as mangas de fora; verdade seja que José Manuel trabalhava ajudado do seu cego mestre-de-reza, e não perdia também as esperanças.

Pouco tempo durou o sossêgo em casa de Leonardo-Pataca; Chiquinha (tal era o nome da filha da comadre) começou a embirrar com o seu filho adotivo; êste que, como dissemos, não simpatizara muito com ela, começou uma balbúrdia de todos os pecados. Todos os dias travavam-se por qualquer ponta, e lá ia tudo pelos ares. O Leonardo-Pataca e a comadre faziam o papel de conciliadores, mas os dois eram ambos altanadíssimos, e muitas vêzes o conciliador saía mal servido, porquê aquêle a quem não dava razão se revoltava contra êle. Se era por exemplo a comadre, e dava razão a Leonardo, acudia a filha queixando-se de que sua mãe a abandonava para tomar o partido do afilhado: se pelo contrário dava razão a Chiquinha, acudia o Leonardo queixando-se de que desgraçado era o filho sem mãe, pois nunca achava quem lhe desse razão. Outro tanto acontecia ao Leonardo-Pataca quando se metia a apaziguar os dois.

Os negócios assim íam mal, pois mais dia menos dia haveria grande barulho em casa.



CAPÍTULO VI

PEOR TRANSTÔRNO



Um dia o Leonardo recolhera-se para casa muito mortificado, pois que tendo ido visitar D. Maria estivera com ela longo tempo sem que Luizinha lhe tivesse aparecido; de maneira que lhe fôra forçoso no final de algumas horas retirar-se sem vê-la.

Quem já teve um namôro, por menos sério que seja, e que levou um lôgro dêstes; quem se viu obrigado a aturar por muito tempo a conversação de uma velha, tendo de concordar com ela em tudo e por tudo para não incorrer-lhe no desagrado, só com o fim de trocar com *alguém* um olhar rápido, um sorriso disfarçado ou outra coisa assim, e que por fim de contas nem isso mesmo conseguiu, há de concordar que o Leonardo tinha tôda a razão de estar ardendo com o que lhe sucedera, e o desculparia de qualquer arrebatamento que na ocasião o acomettesse. Há espíritos porém de tal maneira *serrazinas*, que se divertem em aumentar a irritação alheia, e que quanto mais enfiado pilham um infeliz, tanto mais gostam de atirar-lhe alfinetadas.

Chiquinha, a amante de Leonardo-Pataca, era de um gênio assim; e depois que moravam todos juntos, não perdia uma só dessas ocasiões em virtude da antipatia que tinha ao rapaz, para fustigar de língua ao pobre Leonardo. Êste, de um gênio colérico e pouco acostumado a ser contrariado, ia às nuvens com semelhante coisa; e se em ocasiões ordinárias em que estava de bom humor eram constantes as brigas em casa,

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

calcule-se o que não faria nas ocasiões como naquela a que nos referimos, que estivesse cheio de razões, e então por que motivo! Vendo Chiquinha entrar o Leonardo pela porta a dentro de cara amarrada e sem dar — *Deus te salve* — a ninguém, sorriu-se com malignidade e concertou a garganta, dizendo entre dentes:

— Melhor cara traga o dia de amanhã.

Leonardo, que percebera o que aquilo queria dizer, fêz um gesto arrebatado sentando-se em uma cadeira, porém com tanta infelicidade, que atirou ao chão uma almofada de renda que se achava junto dêle; com a queda rebentaram-se os fios, uma porção de bilros rolou pela casa. Por maior infelicidade ainda a almofada era de Chiquinha, e Chiquinha tinha grandes ciúmes pela sua almofada. Levantou-se ela do seu lugar já fervendo de raiva; pôs as mãos nas cadeiras, e balançando a cabeça à medida que falava, exclamou:

— Ora dá-se um desafôro de tamanha grandeza? . . vir da rua com os seus azeites, todo esfogueteado, e de propósito, e muito de propósito, fazer-me o que estão vendo, só para me desfeitear, como se fôsse aqui um dono de casa que pudesse desfeitear a qualquer sem quê nem para quê! . . .

Leonardo ouviu tudo sem interromper, procurando sopear a raiva; e enquanto Chiquinha tomava fôlego, respondeu com voz trêmula e entrecortada:

— Não se meta com a minha vida, porquê eu também não me importo com a sua; se estou com os azeites. .

— Ah bom côvado e meio! atalhou Chiquinha, ah! bordo da nau! . . . ah! major Vidigal! . . .

— Já lhe disse. .

— Qual já lhe disse, nem meio já lhe disse!. . . namorado sem ventura. . .

Estas palavras fizeram o efeito de uma faísca em um barril de pólvora. Avançou o Leonardo para Chiquinha com os punhos cerrados e espumando de cólera.

— Se me diz mais meia palavra. . perco-lhe o respeito. . eu nunca lhe dei confiança; e a-pesar-de ser a senhora lá o quer que é de meu pai. . perco-lhe o respeito.

— Você sempre mostra que tem raça de saloio, disse Chiquinha empertigando-se e sem recuar um passo.

O Leonardo-Pataca, que estava no interior da casa, acudiu apressado ao barulho, e veio achar os dois ainda em atitude hostil; vendo o filho quase não quase e desfeitear o adorado objeto de seus derradeiros afetos, não trepidou em desbaratar com êle.

— Pedaco de mariola... pensas que isto aquí é como a casa de teu padrinho donde saíste... quero aquí muito respeito a todos.. do contrário... já uma vez te dei um pontapé que te fiz andar muitos anos por fora, dou-te agora outro que te ponho longe daqui para sempre...

— Nunca pensei, interrompeu Chiquinha dirigindo-se ao Leonardo-Pataca, querendo afeiar mais o caso; nunca pensei que na sua companhia se viesse a sofrer semelhante coisa..

— Não faças caso, menina, isto é um pedaco de mariola a quem hei de ensinar; por causa de ninguém dou-lhe eu uma rodada, se não por tua causa.

— Por causa dela!. atalhou o rapaz; tinha que ver! há de dar bom pago; tão bom como a cigana...

— Mas nunca lhe hei de dar, acudiu Chiquinha enfurecida com êste insulto; nunca lhe hei de dar o que lhe deu tua mãe.

Com isto o Leonardo-Pataca desacoroçoou completamente; que dilúvio de amargas recordações não fizeram tão poucas palavras cair sôbre sua cabeça!

— Espera, maltrapilho, espera que te ensino, exclamou vermelho de cólera; espera que te ensino...

E entrando repentinamente no quarto da sala, safu de lá armado com o espadim do uniforme, e investiu para o filho. Convém dizer que o espadim ia embainhado.

— Não se ponha a perder por minha causa, exclamou Chiquinha agarrando-o pela camisola de chita com que êle estava vestido.

Era inútil porém o mêdo de Chiquinha, porquê o rapaz, vendo que o negócio ia-se tornando feio, tendo-lhe ficado um terror instintivo do pai depois daquele pontapé que nunca lhe saíra da memória, tinha-se pôsto ao fresco na rua, fechando a rótula sôbre si.



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Ah! maroto, disse ainda Leonardo-Pataca, que te havia de desancar.

O Leonardo fugia por um lado e a comadre entrava por outro, pois estivera ausente durante tôda a cena. Apenas foi largando a mantilha e viu os dois atores que tinham ficado em cena ainda nas posições do último quadro, tratou de indagar qual fôra o drama que se acabava de representar.

— Ora foi uma das costumadas do afilhado dos seus amores, respondeu Chiquinha, ainda não sossegada.

— Porém ia-lhe saindo caro desta vez, acudiu Leonardo-Pataca.

— Pois deveras, atalhou a comadre indignada; pois deveras o comadre estava armado de espada para dar no rapaz?

— Olá! que levava tão duro como osso!

— Mas então por que? quantas mortes fêz êle de uma vez? onde é que pôs fogo na casa? Triste coisa é um filho sem mãe!... Aposto que se eu cá estivesse nada havia de suceder?..

— Sim, respondeu Chiquinha, porquê logo havia de tomar as dores por êle, segundo é seu costume. Aí está; muitos filhos têm mãe, e entretanto elas servem-lhes para isto: tomam as dores por outros, e deixam-nos de banda.

— Qual! histórias! é que tudo leva seu bocado de mau caminho.

— Oh! senhora! atalhou Leonardo-Pataca, se isto vai assim, não há um momento de sossêgo nesta casa; acabada uma, começa outra; o que não há de dizer esta vizinhança? Olhem que isto aquí é casa de um Oficial de Justiça.

— Mas enfim, disse a comadre, onde está o rapaz? onde é que o enterraram?

— Saíu por alí desencabrestado, e tomara que cá não volte.

— Ora está bonito! Oh! mas isto não pode ser assim; correrem com o rapaz de casa para fora!. . Êle não é nenhum desgraçado, pois sempre tem o que lhe deixou seu padrinho.

— Essas e outras é que o puseram a perder.

— Sim, metam-lhe fumaça de rico na cabeça, e hão de ver no que dá.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

— Coitado, disse lamentando a comadre, aquêlê nasceu com má sina. E tomando de novo a mantilha, saíu com as lágrimas nos olhos em procura de Leonardo.

Ao sair escoravam-se à janela três ou quatro vizinhas.

— Então o que é que fizeram ao moço?

— Que foi isso, Sra. comadre?

— Êle passou por aquí pondo dez léguas por hora.

— Deixem-me, deixem-me, respondeu a comadre, que isto não acaba bem.

CAPÍTULO VII

REMÉDIO AOS MALES



pobre rapaz saíra, como dissemos, pela porta fora, e caminhando apressadamente olhava de vez em quando para trás, pois julgava ver ainda enristado contra si o espadim com que o pai o ameaçara, que parecia com êle querer acabar a obra que com um pontapé começara. Andou a bom andar por largo tempo, e foi dar consigo lá para as bandas dos Cajueiros; cansado, e ofegante, sentou-se sôbre umas pedras, e quem o visse com ar tristonho e pensativo julgaria talvez que êle cismava na sua posição e no caminho que havia de tomar. Pois enganava-se redondamente quem tal julgasse: pensava em coisa muito mais agradável; pensava em Luizinha. Pensando nela não podia, é verdade, abster-se de ver surgir diante dos olhos o terrível José Manuel; e isto explicava certos movimentos de impaciência que de vez em quando se lhe podiam observar. Tinha gasto largo tempo nesta meditação, quando foi repentinamente acordado por umas poucas de gargalhadas partidas detrás de umas moitas vizinhas. Estremeceu da cabeça aos pés; pareceu-lhe que tinham lido os pensamentos que lhe passavam pela mente e que se riam dêle. Voltou-se, nada viu; guiado por um rumor que ouvia, começou a procurar, e sem grande trabalho viu, atrás de umas moitas um pouco altas, uns poucos de rapazes e raparigas, que, assentados em uma esteira entre os restos de um jantar, debruçavam-se curiosos sôbre dois parceiros que, com um baralho de cartas amarrotado

e sujo, desencabeçavam uma intrincada partida de bisca! As gargalhadas que ouvira há pouco tinham sido a consequência de um capote que um dêles acabava de levar. À vista daqueles restos de um jantar, que, se não parecia ter sido abundante, fêz-lhe lembrar que saíra de casa na ocasião de pôr-se a mesa, deu-lhe então o estômago umas formidáveis badaladas. Tentou entretanto voltar, porquê não se queria meter em festa alheia, quando, levantando um dos jogadores a cabeça, conheceu nêle um seu antigo camarada, o menino que fôra sacristão da Sé. Ainda que a-pesar-disso se quisesse retirar, já era tarde, porquê com o movimento que fizera, o jogador, dando com êle, o havia também conhecido.

— Olá Leonardo! por que carga d'água vieste parar a estas alturas? Pensei que te tinha já o diabo lambido os ossos, pois depois daquele maldito dia em que nos vimos em pancas por causa do mestre de cerimônias, nunca mais te pus a vista em cima.

Leonardo chegou-se ao rancho, e trocados os cumprimentos com o seu antigo camarada, foi convidado a servir-se de alguma coisa do que ainda havia. Quis fazer cerimônias, mas não estava em circunstâncias disso: uma das moças serviu-o e enquanto continuava a bisca, comeu êle a barrete fora.

— Escorropicha essa garrafa que aí resta, disse-lhe o amigo, e vê se o vinho tem o mesmo gôsto daquele que em outro tempo escorropichávamos juntos das galhetas da Sé, com desespero de meu pai e furor do mestre de cerimônias.

Quando Leonardo acabou de comer, acabaram também os dois parceiros de jogar; chamou então o amigo à parte, e perguntou-lhe:

— Então que gente é esta com que te achas aquí de súcia?

— É minha gente.

— Tua gente?

— Sim, pois não vês aquela moça morena que alí está?

— Sim, e então?

— Ora!.

— Pois tu casaste?

— Não... mas que tem isso?

— Ah!... estás de moça!

— E tu?

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Eu.. ora nem te digo. morreu meu padrinho.

— Sim, ouvi dizer.

— Fui para casa de meu pai... e de repente, hoje mesmo, brigo lá com a *cuja* dêle; êle corre de espada atrás de mim, e eu safo-me. Parei alí adiante, e as gargalhadas que vocês aquí davam..

— Sei do resto. . E agora tu não tens para onde ir?

— Homem, eu ia ver.

— Ver o que?

— Ver por aí.

— Por aí, por onde?

— Nem mesmo eu sei.

Ê desataram os dois a rir. Quando temos apenas dezoito a vinte anos sôbre os ombros, o que é um pêso ainda muito leve, desprezamos o passado, rimo-nos do presente, e entregamo-nos descuidados a essa confiança cega no dia de amanhã, que é o melhor apanágio da mocidade.

— Sabes que mais? continuou o amigo do Leonardo, vem conosco, e não te hás de arrepender.

— Mas com vocês, para onde?

— Para onde? Sem dúvida algum partido melhor tens a escolher? queres fazer cerimônias?

Começava a cair a noite.

— Vamos levantar a súcia, minha gente, disse um dos convivas.

— Sim, vamos.

— Nada, inda não: Vidinha vai cantar uma modinha.

— Sim, sim, uma modinha primeiro; aquela: “Se os meus suspiros pudessem”.

— Não, essa não, cante antes aquela: “Quando as glórias que eu gozei”.

— Vamos lá, decidam, respondeu uma voz de moça aflautada e lânguida.

Vidinha era uma mulatinha de dezoito a vinte anos, de altura regular, ombros largos, peitos alteados, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muito pretos e muito vivos, os lábios grossos e úmidos, os dentes alvíssimos, a fala era um pouco descansada, doce e afinada.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

Cada frase que proferia era interrompida com uma risada prolongada e sonora, e com um certo caído de cabeça para trás, talvez gracioso se não tivesse muito de afetado.

Assentou-se finalmente que ela cantaria a modinha: “Se os meus suspiros pudessem”.

Tomou Vidinha uma viola, e cantou acompanhando-se em uma toada insípida hoje, porém de grande aceitação naquele tempo, o seguinte:

Se os meus suspiros pudessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias que uma paixão
Tem poder de assassinar.

Não são de zelos
Os meus queixumes.
Nem de ciúme
Abrasador;
São de saudades
Que me atormentam
Na dura ausência
De meu amor.

O Leonardo, que talvez hereditariamente tinha queda para aquelas coisas, ouviu boquiaberto a modinha, e tal impressão lhe causou, que depois disso nunca mais tirou os olhos de cima da cantora. A modinha foi aplaudida como cumpria. Levantaram-se então, arrumaram tudo o que tinham levado em cêstos, e puseram-se a caminho, acompanhando o Leonardo o farrancho.

CAPÍTULO VIII

NOVOS AMORES



HEGARAM todos depois de longo caminhar, e quando já brilhava nos céus um dêsse luares magníficos que só fazem no Rio de Janeiro, a uma casa da rua da Vala. Naqueles tempos uma noite de luar era muito aproveitada, ninguém ficava em casa; os que não saíam a passeio sentavam-se em esteiras às portas, e alí passavam longas horas em descantes, em ceias, em conversas, muitos dormiam a noite inteira ao relento.

Como os nossos conhecidos já tinham dado um grande passeio, adotaram o expediente das esteiras à porta, e continuaram assim pela noite em diante a súa em que haviam gasto o dia, pois aquilo que Leonardo vira nos Cajueiros, e em que também tomara parte, era o final de uma patuscada que havia começado ao amanhecer, de uma dessas romarias consagradas ao prazer, que eram então tão comuns e tão estimadas.

Agora devemos dar ao leitor conhecimento da nova gente, no meio da qual se achava o nosso Leonardo. Se nos pudéssemos socorrer aquí do amigo José Manuel, sem dúvida nos desfolharia êle tóda a árvore genealógica dessa família a quem o amigo do Leonardo chamava a *sua gente*: porém contentem-se os leitores com o presente sem indagar o passado. Saibam pois que a família era composta de duas irmãs, ambas viúvas, ou que pelo menos diziam sê-lo, uma com três filhos e outra

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

com três filhas; passando qualquer das duas dos seus quarenta e tantos; ambas gordas e excessivamente parecidas. Os três filhos da primeira eram três formidáveis rapagões de 20 anos para cima, empregados todos no Trem; as três filhas da segunda eram três raparigas desempenadas, orçando pela mesma idade dos primos, e bonitas cada uma no seu gênero. Uma delas já os leitores conhecem: é Vidinha, a cantora de modinhas; era solteira como uma de suas irmãs; a última era também solteira, porém não como estas duas. O amigo do Leonardo que explique o que isso quer dizer, e explicando dará também a conhecer o que era êle próprio na família. Os mais que se achavam presentes eram pela maior parte vizinhos que se reuniam para aquelas súcias, que eram tradicionais na família.

Quando chegaram à casa, o amigo do Leonardo tomou as duas velhas de parte, e começou a conversar com elas, sem dúvida a respeito do Leonardo, pois que o olhavam todos três durante a conversa; e mesmo quem tivesse o ouvido atilado teria escutado às velhas estas palavras:

— Coitado do moço!.

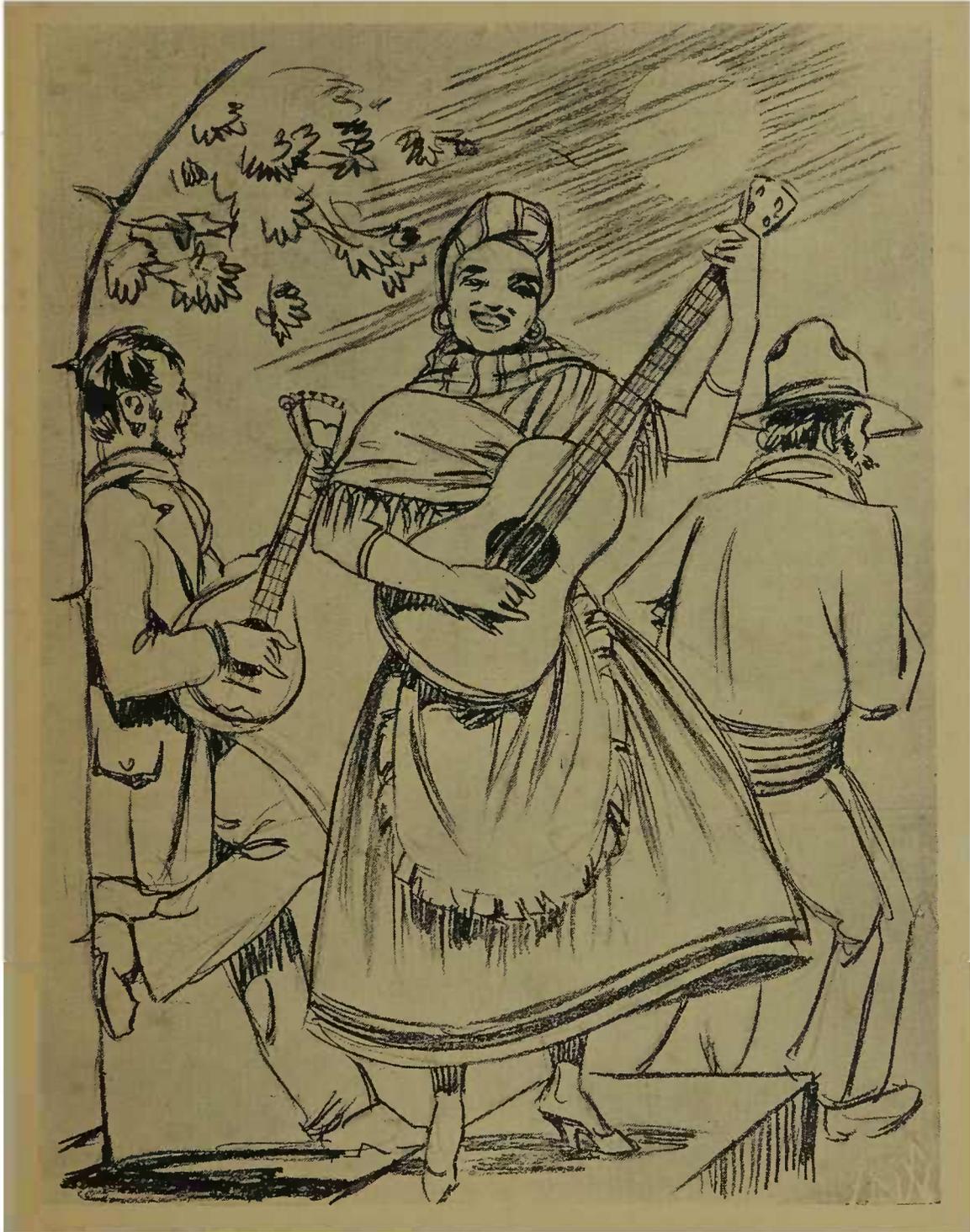
— Ora vejam que pai de más entranhas!...

Outro qualquer que tivesse mais idade, ou antes, falando claro, mais juízo e outra educação, envergonhar-se-ia talvez muito de achar-se na posição em que se achava o Leonardo, porém êle nem nisso pensava, e o que é mais, nem mais pensava naquilo que até então lhe não saía da cabeça, isto é, em Luizinha de um lado e José Manuel do outro: agora não via senão os olhos negros e brilhantes, e os alvos dentes de Vidinha; não ouvia senão o eco da modinha que ela cantara. Estava pois embebido num êxtase contemplativo.

No mais pensaria quando lhe restasse tempo.

Mal se haviam todos sentado em uma larga esteira junto à soleira da porta sôbre a calçada, o Leonardo propôs logo que se cantasse uma nova modinha.

— Qual... respondeu Vidinha acompanhando êste *qual* da sua costumada risada; estou já tão cansada... que nem posso!



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Ora. ora. disseram umas poucas de vêzes. Além do costume das risadas tinha Vidinha um outro, e era o de começar sempre tudo que tinha a dizer por um *qual* muito acentuado; respondeu ainda portanto:

— Qual. pois se eu também já cantei tudo que sabia. Qual, meu Deus! nem eu posso mais!

— Ainda não cantou a minha favorita, disse um dos presentes.

— Nem a minha, disse outro.

— Eu também, accrescentou outro, ainda não lhe pedí aquella cá do peito.

— Qual, meu Deus! onde é que isto vai parar!

— Ora, mana, não se faça de boa.

— Ai, criatura, disse uma das velhas, quereis que vos reze um responso para cantardes uma modinha?

Leonardo, vendo a sua causa advogada por tantas vozes, conservou-se calado. Tentados mais alguns meios, e feitas mais algumas negaças, Vidinha decidiu-se, e tomando a viola cantou, segundo a indicação de uma das velhas, o seguinte:

Duros ferros me prenderam
No momento de te ver;
Agora quero quebrá-los,
E' tarde não pode ser.

Este último passo acabou de desorientar completamente o Leonardo: ainda bem não tinham expirado as últimas notas do canto, e já, passando-lhe rápido pela mente um turbilhão de idéias, admirava-se êle de como é que havia podido inclinar-se por um só instante a Luizinha, menina sensaborona e exquisita, quando haviam no mundo mulheres como Vidinha.

Decididamente estava apaixonado por esta última.

O leitor não se deve admirar disto, pois não temos cessado de repetir-lhe que o Leonardo herdara de seu pai aquella grande cópia de fluido amoroso que era a sua principal característica. Com esta herança parece porém que tinha êle tido também uma outra, e era a de lhe sobrevir sempre uma contrariedade em casos semelhantes. José Manuel fôra o primeiro; vejamos agora qual era, ou antes quem era a segunda.

Se o leitor pensou no que há pouco dissemos, isto é, que naquela família haviam três primos e três primas, e se agora acrescentarmos que moravam todos juntos, deve ter cismado alguma coisa a respeito. Três primos e três primas, morando na mesma casa, todos moços... não há nada mais natural; um primo para cada prima, e está tudo arranjado. Cumpre porém ainda observar que o amigo do Leonardo tomara conta de uma das primas, e que dêste modo vinha a haver três primos para duas primas, isto é, o excesso de um primo. À vista disso o negócio já se torna mais complicado. Pois para encurtar razão, saiba-se que haviam dois primos pretendentes a uma só prima, e essa era Vidinha, a mais bonita de tôdas; saiba-se mais que um era atendido e outro desprezado: logo, o amigo Leonardo terá desta vez de lutar com duas contrariedades em vez de uma.

Mas por ora de nada sabia êle, e entregava-se tranqüilo às suas emoções sem se lembrar do que qualquer se lembraria, que entre primos e primas há assim um certo direito mútuo em negócio de amor, que muito prejudica a qualquer pretendente externo.

Gastaram grande parte da noite alí sentados, e trataram de recolher-se já muito tarde.

O amigo do Leonardo, a quem daqui em diante trataremos pelo seu próprio nome de Tomaz com o apelido — da Sé — ambos herdados de seu pai, declarou que o seu amigo ficava alí por aquela noite, por já ser muito tarde; quis assim poupar-lhe um vexame, e mostrou nisso ser bom amigo.

Agora que o nosso Leonardo está instalado em quartel seguro, vamos ocupar-nos de alguma coisa de importante que havíamos deixado suspensa.

CAPÍTULO IX

JOSÉ MANUEL TRIUNFA



comadre correrá tóda a cidade, e em parte alguma encontrara o Leonardo; enquanto cansava-se assim a procurá-lo, estava êle tranqüilamente e descansado mirando-se nos olhos de Vidinha, regalando-se a ouvir modinhas, como sabem os leitores, sem se lembrar do que ia pelo mundo.

A pobre mulher, depois de muito cansada, foi ter à casa de D. Maria. Era já noite fechada.

Quando ela entrava saía o mestre-de-reza que acabava de dar a sua lição às crias de casa. A comadre há algum tempo que andava desconfida do mestre-de-reza; combinando o que por aí se dizia do seu crédito com certas coisas que tivera ocasião de presenciar, estava quase a concluir que era êle emissário de José Manuel junto à côrte de D. Maria. Não gostou portanto do encontro, e doeu-lhe o cabelo vê-lo sair àquela hora, pois que de ordinário as lições não se demoravam até tão tarde; e para metê-lo à bulha disse-lhe:

— A lição foi hoje comprida, devoto. . as raparigas parecem que gostam mais da *Cambetice* do que da reza.

— Não, respondeu o velho com sua voz fanhosa, elas não vão mal, empacam em alguns lugares, mas sempre vão indo; bem sabe também que sempre trago comigo o santo remédio.

E afagou o cabo da palmatória com que sempre andava armado.

— Ah! então esteve o devoto de conversa; gosta também de dar à língua..

— Não desgosto; mas também não digo senão aquilo que sei, isto é, aquilo que ouço; os outros gastam o seu tempo a ver e a ouvir; eu, como não posso senão ouvir, emprego a falar o que os mais empregam a ver; falo, e falo muito; mas que quer se me sobra tempo para isso; e demais, bem sabe que não é trabalho que cansa. Meus pais eram Algarves, e eu não quero desmentir a minha paternidade.

— Então já sei que hoje desenterraram-se mortos e enterraram-se vivos; pois eu não posso fazer outro tanto, porquê vou aquí muito e muito zangada de minha vida. Se o devoto, como é homem que muito gira por tôda esta cidade, souber por aí notícias de meu afilhado Leonardo, queira vir dar-me parte, pois saíu-nos êle hoje de casa lá por causa de umas histórias, e não sei por onde andaré dando com os ossos.

— Ora, isto fica por minha conta; não há nada mais fácil do que dar com êle.

E aquí terminou esta conversa que tinha lugar na porta da rua, e com a qual não ficara a comadre muito contente. D. Maria, que ouvira tudo, veio ao encontro da comadre, e foi-lhe logo dizendo antes de lhe dar tempo de tirar a mantilha:

— Então já o rapaz não está em casa? Senhora, aquilo é gênio, nasceu com êle, e com êle há de ir à sepultura. Bem me diziam o que êle era, e a-pesar-do seu ar sonso nunca lhe fiz fé.

— Adeus que me está a senhora a pôr culpas em quem não as tem; o rapaz desta vez tem tôda a razão...

— Ora, histórias da vida; isso diz você porquê o estima como se fôsse sua mãe; mas vá com esta que eu lhe digo: os rapazes de agora andam de cabeça levantada... Mas o defunto padrinho — Deus lhe fale nalma — foi o próprio que teve culpa de tudo isso com aquelas fumaças de Coimbra que lhe meteu na cabeça.

— Mas, senhor de Deus, se o bruto do pai até chegou a corrê-lo de espada na mão.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Que tal não faria êle! mas que tinha isso? o pai não o havia de esquartejar.. por certo, que eu bem lhe conheço o gênio; aquilo era raiva, e havia de passar; devia êle sujeitar-se. sempre é seu pai.

— Com a Virgem Santa! pois se tudo isso foi por uma coisa de nada, por causa de uma almofada de renda... Isto é coisa que se creia?!... E agora para onde é que há de ir aquêlo coitado?..

— Há de estar por aí metido em algum fado de ciganos; não se lembra do que êle fêz quando o padrinho era vivo?

— Ora, criançadas. para que falar nisso?

Êste diálogo ia continuando interminável sôbre o mesmo assunto, quando D. Maria, mudando repentinamente de conversa, disse à comadre:

— Ora é verdade, sente-se para cá que temos contas que ajustar.

— Contas!.

— E muito compridas, começo por dizer, acrescentou D. Maria, que não parecia estar nesta ocasião de muito bom humor; começo por dizer-lhe mesmo na bochecha que quando fôr à confissão êste ano trate de desobrigar-se de um grande pecado que cometeu.

— E eu que já não tenho poucos: mas então o que é?

— É um aleive, senhora, um aleive muito grande que levantou a pessoa que tal não merecia.

A comadre não precisou de mais nada para conhecer onde é que tudo aquilo ia parar; o aleive mais moderno de que o acusava a sua consciência bem sabia ela qual era. Começou a ver tudo claro como o dia; viu José Manuel justificar-se completamente aos olhos de D. Maria a respeito da história do roubo da moça no Oratório de Pedra, viu também como medianeiro dessa justificação o cego mestre-de-reza. Ficou pois visivelmente incomodada; volvia-se de um para outro lado, como se estivesse cheia de espinhos a banquinha em que estava sentada, e teve um forte acesso de tosse quando D. Maria acabou de pronunciar aquelas últimas palavras.

— Tudo quanto me disse a respeito de José Manuel naquela história do roubo da moça, continuou D. Maria fazendo-se vermelha, o que era nela mau sinal, é falso, e muito falso. Sei isto de parte muito certa.

Novo acesso de tosse acometeu a comadre.

— Pois olhe, prosseguiu D. Maria, tinha eu dado todo o crédito, tanto que havia rompido por um excesso com o pobre do homem, mas não caio noutra; esta me serviu de emenda.

A comadre viu que o vento se lhe ia tornando absolutamente contrário; compreendeu que D. Maria estava muito bem informada, e que inútil seria qualquer sustentação que pretendesse fazer de tudo quanto havia avançado; isso só serviria para agravar-lhe a posição.

Forjou pois repentinamente um novo plano e disse:

— Não me dá nada de novo, senhora; sei muito bem de tudo; o homem está nesse negócio como Pilatos no Credo.

— Mas lembre-se que me havia dito que tinha visto com seus próprios olhos.

— Ah! senhora, era o diabo por êle, nunca vi coisa assim tão parecida. Outro dia porém soube de tudo, e agora estou arrependida.

— Mandei por isso chamar o pobre homem, continuou D. Maria, que de ofendido que estava com o modo por que eu o tratava custou muito a vir, e abrí-me aquí com êle.

E uma coisa lhe digo, é que a comadre não está bem no negócio; êle expôs-me certas coisas. a que eu enfim não quis dar crédito.

— Pois então a senhora disse-lhe que eu é que.

— Não fui eu quem lhe disse; êle já o sabia, e não era possível negar-lho. Foi então que êle me quis abrir os olhos sôbre outros pontos.

A comadre, que via todo o caldo entornado naqueles *outros pontos*, tratava de desviar a conversação, fazendo que não dera atenção a essas últimas palavras.

— Mas então, perguntou, por quem foi que soube como tinha sido o negócio? quero ver se combina cá com o que sei.

— Ainda há pouco acabou de sair daqui quem me pôs o negócio todo em pratos limpos.

— Ah! disse a comadre.

E mordeu os beiços, fazendo um gesto que queria dizer: “nunca me enganei!”

D. Maria prosseguiu contando à comadre que tendo falado em semelhante negócio ao mestre-de-reza, êle lhe havia negado tudo quanto esta

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

lhe dissera a respeito de José Manuel; que muito tempo lutara com o velho para que lhe dissesse o que sabia a respeito e em que fundava a denegação que fazia; que finalmente, depois de grande resistência, tinha-lhe êle trazido à casa, mesmo no dia antecedente, o pai da moça, que tudo confessara, declarando o nome da pessoa com quem se achava sua filha, que êle já conhecia, e com quem tinha feito as pazes.

— É exatamente o que eu sabia, disse a comadre no fim da narração; foi tudo isso mesmo. Veja, senhora, a que está sujeita a gente nesta vida: a levantar falsos aos mais.

Agora informemos ao leitor que tudo que se acabava de passar tinha sido com efeito obra do mestre-de-reza. Pouco a pouco se tinha instruído do que se passava em casa de D. Maria a respeito do seu cliente José Manuel; tinha conseguido saber quem havia armado a intriga; indagou também o que se passava em casa de Leonardo-Pataca; e como já se falava um pouco alto a respeito das pretensões de Leonardo, combinando umas coisas com outras, chegaram à conclusão certíssima daquilo que com efeito se passara.

D. Maria pareceu dar crédito ao arrependimento da comadre, e começou-lhe a aplacar o humor um pouco desabrido em que se achava.

Voltaram à questão da saída do Leonardo de casa, e desta vez já D. Maria não se mostrou tão inflexível para com o rapaz. Entretanto à comadre não lhe saíram da cabeça aquelas palavras de D. Maria: *“abriu-me os olhos sôbre outros pontos”*; e depois que viu D. Maria mais apaziguada, tentou chamar de novo a conversa para êsse ponto, e como que pedir explicações. Ela previa a significação daquelas palavras, sem dúvida nenhuma que se referiam às suas pretensões ou às de seu afilhado sôbre Luizinha, porém queria saber as côres com que êsse negócio tinha sido pintado a D. Maria por José Manuel.

Isso foi-lhe porém fatal, porquê soube (o que lhe não foi nada agradável) que o negócio estava muito mal parado a respeito do seu afilhado, e pelo contrário muito adiantado a favor do seu adversário. D. Maria, depois de declarar que José Manuel se tinha queixado da comadre, attribuindo-lhe tudo que se havia passado, que não era mais do que uma intriga urdida com o fim de o apartar de sua casa, porquê tinham sôbre êle caído suspeitas, que confessava justas, acrescentou finalmente que

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

José Manuel, completamente justificado, graças à intervenção do mestre-de-reza, acabara por lhe dar a entender alguma coisa a respeito de Luizinha, o que D. Maria confessou não lhe ter sido totalmente desagradável, porquê enfim, segundo alegava, José Manuel era um homem sisudo e de juízo, tinha corrido mundo, e não era nenhum criança (esta palavra doeu à comadre) que não fôsse capaz de tratar bem de uma moça. A comadre descoroçoou completamente com estas últimas declarações; porém o que fazer na ocasião? Ela mesma tinha há pouco confessado o risco que se está a cada momento de ser injusto com o próximo, e não podia sem risco aventurar, pelo menos naquela ocasião, alguma coisa contra José Manuel, tanto mais que tão mal se havia saído da primeira intriga que armara. Contentou-se pois com repetir uma observação que D. Maria mesmo lhe havia feito há pouco tempo, e disse, referindo-se:

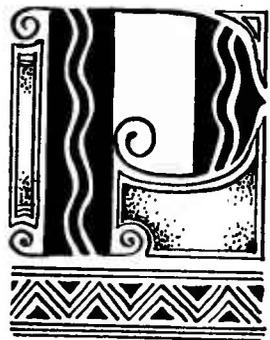
— Gente, pois aquela criança já está para essas!.

— Sim, respondeu D. Maria, está ainda verdezinha, mas também isso não é sangria desatada.

A comadre respirou, pois viu que ainda havia tempo a ganhar.

CAPÍTULO X

O AGREGADO



ASSARAM-SE assim algumas semanas: Leonardo, depois de acabadas tôdas as cerimônias, foi declarado agregado à casa de Tomaz da Sé, e aí continuou convenientemente arranjado. Ninguém se admire da facilidade com que se faziam semelhantes coisas; no tempo em que se passavam os fatos que vamos narrando nada havia mais comum do que ter cada casa um, dois, e às vêzes mais agregados.

Em certas casas os agregados eram muito úteis, porquê a família tirava grande proveito de seus serviços, e já tivemos ocasião de dar exemplo disso quando contámos a história do finado padrinho de Leonardo; outras vêzes porém, e estas eram em maior número, o agregado, refinado vadio, era uma verdadeira parasita que se prendia à árvore familiar, que lhe participava da seiva sem ajudá-la a dar os frutos, e o que é mais ainda, chegava mesmo a dar cabo dela. E o caso é que, a-pesar-de tudo, se na primeira hipótese o esmagavam com o pêso de mil exigências, se lhe batiam a cada passo com os favores na cara, se o filho mais velho da casa, por exemplo, o tomava por seu divertimento, e à menor e mais justa queixa saltavam-lhe os pais por cima tomando o partido de seu filho, no segundo aturavam quanto desconcerto havia com paciência de mártir, o agregado tornava-se quase rei em casa, punha, e dispunha, castigava os

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

escravos, ralhava com os filhos, intervinha enfim nos mais particulares negócios.

Em qual dos casos estava ou viria estar em breve o nosso amigo Leonardo? O leitor que o decida pelo que se vai passar.

Principiemos por declarar que as duas velhas irmãs tinham concebido desde o primeiro momento uma decidida simpatia por êle, e era êsse o único ponto por onde o podemos julgar um pouco feliz: se a cada passo encontrava contrariedades e antipatias, também lhe não faltavam por contrabalanço simpatias e favores. Isto já era meio caminho andado para qualquer projeto que êle formasse, qualquer intenção que tivesse ou desejo que se lhe despertasse. Mas note-se que para não falhar a lei das compensações, que pesava constantemente sôbre êle, logo o projeto, a intenção e desejo que teve succedeu ser a respeito de uma coisa que já tinha despertado igual projeto, intenção e desejo em duas outras pessoas, o que equívale a dizer-se, como já o fizemos, que tinha de lutar com duas dificuldades.

Vidinha era uma rapariga que tinha tanto de bonita como de move-dição e leve: um soprozinho, por brando que fôsse, a fazia voar, outro de igual natureza a fazia revoar, e voava e revoava na direção de quantos sopros por ela passassem; isto quer dizer, em linguagem chã e despida dos trejeitos da retórica, que ela era uma formidável namoradeira, como hoje se diz, para não dizer lambeta, como se dizia naquele tempo. Portanto não foram de modo algum mal recebidas as primeiras finezas do Leonardo, que desta vez se tornou muito mais desembaraçado, quer porquê já o negócio com Luizinha o tivesse desasnado, quer porquê agora fôsse a paixão mais forte, embora esta última hipótese vá de encontro à opinião dos ultra-românticos, que põem todos os bofes pela bôca, pelo tal — primeiro amor: — no exemplo que nos dá o Leonardo aprendam o quanto êle tem de duradouro.

Se um dos primos de Vidinha, que dissemos ser o atendido naquela ocasião, teve motivo para levantar-se contra o Leonardo como seu rival, o outro primo, que dissemos ser o desatendido, teve dobrada razão para isso, porquê além do irmão apresentava-se o Leonardo como segundo



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

concorrente, e o furor de quem se defende contra dois é, ou deve ser sem dúvida, muito maior do que o que se defende contra um.

Declarou-se portanto, desde que começaram a aparecer os sintomas do que quer que fôsse entre Vidinha e o nosso hóspede, guerra de dois contra um, ou de um contra dois. A princípio foi ela surda e muda; era guerra de olhares, de gestos, de desfeitas, de más caras, de maus modos de uns para com os outros; depois, seguindo o adiantamento do Leonardo, passou a dictérios, a chasques, e remoques. Um dia finalmente desandou em descompostura cerrada, em ameaças do tamanho da tôrre de Babel, e foi causa disto ter um dos primos pilhado o feliz Leonardo em flagrante gôzo de uma primícia amorosa, em abraço que no quintal trocava êle com Vidinha.

— Aí está, minha tia, dissera enfurecido o rapaz dirigindo-se à mãe de Vidinha; aí está o lucro que se tira de meter-se para dentro de casa um par de pernas que não pertence à família..

— Onde é, onde é que está pegando fogo? disse a velha em tom de escárneo, supondo ser alguma asneira do rapaz, que era em tudo muito exagerado.

— Fogo, replicou êste; se alí pegar fogo não haverá água que o apague.. e olhe o que lhe digo, se não está pegando fogo. está-se ajuntando lenha para isso.

Vidinha, que vinha chegando nessa ocasião, tomou a palavra e falou durante meia hora sem interrupção, soltando contra os dois primos (pois que o outro já tinha também intervido) uma tremenda catilinária em que a palavra — qual — foi repetida enorme número de vêzes. Leonardo teve também de defender-se, e falou pelos cotovelos. As duas velhas acompanharam aos quatro seguidas das outras duas moças, que metiam também de vez em quando a sua colherada.

Seria inútil a tentativa de querermos repetir as palavras textuais de cada um dos faladores; isso seria coisa pouco mais ou menos semelhante a querer contar-se numa tempestade os pingos de chuva que caem. Só quem já teve ocasião de assistir pode bem avaliar o que era e talvez ainda

é uma dessas brigas no interior de uma família. Todos falam a um tempo, esforçando-se cada um por falar mais alto do que todos os outros; ninguém parece atender às desculpas que se apresentam, nem às recriminações que se fazem, e entretanto de minuto em minuto cada qual, tomando mais calor, se julga dobradamente ofendido; as juras se cruzam, as ameaças se chocam; não fica no dicionário termozinho de escolha que não saia à frente; umas questões trazem outras, estas ainda outras, recorre-se às ofensas passadas, presentes e futuras para fazer-se carga aos adversários. Tudo enfim se diz, e nada se consegue; a briga dura muitas horas, ao têrmo das quais os contendores, *fatigatis sed non saciatis*, abandonam o campo, ficando mais encarniçados uns contra os outros do que o estavam a princípio. E se por acaso, tocando já em retirada, alguma coisa ainda soltar uma derradeira imprecação, pega de novo a coisa, e dura ainda bom pedaço. As mais das vêzes fica tudo em palavras.

Desta vez porém não sucedeu assim: um dos primos, que era *esquentadete*, avançou para o Leonardo depois de lhe ter mandado, como batedor, uma grande injúria, e deu-lhe dois safanões, agarrando-o pela gola da camisa. Leonardo, que neste mundo só tinha mêdo do pai, reagiu contra o agressor; as duas velhas e Vidinha, tentando apartá-los, não faziam mais do que romper-lhes a roupa e aumentar-lhes a raiva; as demais pessoas ocupavam-se em bater nas paredes e chamar os vizinhos. Lutaram os dois por algum tempo sem que disso resultasse acidente grave para nenhum dêles, e afinal apartaram-se. Leonardo, apenas se viu livre do seu adversário, foi querendo pôr-se no andar da rua: pesava sôbre o infeliz desde criança uma espécie de sina de Judeu Errante. As velhas, que em todo o barulho tinham tomado o partido dêle, não consentiram porém nisso; alegaram que estavam em sua casa, e podiam mandar como quisessem. Leonardo insistiu a-pesar-disso e a-pessar-dos rogos de Vidinha; porém no momento em que tentava abrir a porta da rua, entrou por ela a comadre.

— Ora graças que o encontro, senhor doido de pedras..

O Leonardo recuou dois passos: naquele momento, assim como lhe aconteceu desde que saíu de casa de seu pai, nem lhe passava pela idéia que tivesse no mundo uma madrinha, um pai, ou qualquer parente que

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

fôsse. Houve em todos um movimento de admiração e curiosidade, pois ninguém na casa conhecia a comadre.

Tantas coisas havia feito a boa mulher, que afinal soubera do ninho a que se acolhera o afilhado, e imediatamente para lá se dirigira. Tendo entrado e dito aquelas primeiras palavras, queria logo depois seguir com uma grande exortação ao sobrinho, quando, tendo visto as duas velhas, assentou que era melhor dirigir-se a elas em primeiro lugar. Com efeito dirigiu-se, e entraram as três em conferência.



CAPÍTULO XI

MALSINAÇÃO



As três velhas conversaram por largo tempo, não porquê muitas coisas se tivessem a dizer a respeito do que se acabava de passar, porém porquê a comadre, remontando ao mais remoto passado, entendera do afilhado para a casa era mister contar desde sua que para dizer que muito se interessava pela volta origem a vida inteira dêste, de sua mãe, de seu pai, e a sua própria, que fôra mais comprida de tôdas, e porquê as duas velhas entenderam que para dizerem que o Leonardo estava alí muito bem, e que não consentiriam que êle saísse, entenderam ser preciso fazer o que havia feito a comadre — contar a sua vida e de tôda a família desde as eras primitivas. — Ora, como tôdas essas histórias contadas de parte a parte eram cheias de episódios, já sentimentais, já tocantes, já alegres, aconteceu que entre muita gargalhada correram também algumas lágrimas durante a conversação. Não há nada que mais sirva para fazer nascer e firmar a amizade, e mesmo a intimidade, do que seja o riso e as lágrimas: aquêles que se riram, e principalmente aquêles que uma vez choraram juntos, têm muita facilidade em fazerem-se amigos. Com efeito, no fim da conversa, as três velhas estimavam-se mütuamente de uma maneira incrível.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Se esta facilidade de expansão não fôsse acompanhada de grande dificuldade de rompimentos e de intrigas, seria uma das grandes virtudes daquele tempo. Porém as simpatias que se criavam em uma hora de conversa transformavam-se em ódio num minuto de desavença.

Enquanto as velhas conversavam, os contendores acalmaram-se, passou a tormenta, e se tudo não ficou logo acabado, ficou pelo menos esquecido por algum tempo. Leonardo achava-se já disposto a atender às súplicas de Vidinha e das outras moças que o não queriam por modo algum fora de casa: os dois rivais derrotados pareciam resignar-se.

Quando terminou a conferência das três, a comadre entendeu que era chegado o momento de começar a pregação ao Leonardo, e começou nestes têrmos:

— Rapaz dos trezentos demos, valham-te os serafins... tu tens nessa cabeça pedras em vez de miolos; o sol não cobre criatura mais renegada do que tu. És um vira-mundo; andas feito um valdevinos, sem eira nem beira nem ramo de figueira, sem ofício nem benefício, sendo pesado a todos nesta vida...

— Se é cá conosco que fala, acudiu uma das velhas, deixe-o estar aonde está que está muito bem.

— Qual! senhora, pois se vem levantar poeira na casa alheia! é um galo de brigas.

— Ora isso é lá coisa entre rapazes e raparigas; deixá-los que êles se arranjarão, redarguiu a velha.

Ingenuidade infantil das velhas daquele tempo!

A comadre ia prosseguir; porém sendo a cada passo interrompida, tomou por seu barato dar a coisa por finda. Retirou-se, ficando convencionado que Leonardo permaneceria onde estava.

Vidinha ficou contentíssima com semelhante resultado; os primos porém fizeram má cara, porquê tal não esperavam. Desde que viram que tudo ia continuar no mesmo pé, renasceu-lhes o despeito. Atiraram algumas indiretas, com as quais ia tudo pegando fogo novamente; porém contiveram-se ainda; um dêles chamou o outro em particular, e começaram por seu turno a conferenciar, porém em segredo. Não havia nada mais natural: o inimigo era comum, juntavam-se para atacá-lo; depois que êle fôsse derrotado, a questão se decidiria então entre os dois.

Depois desta última conferência serenou tudo definitivamente; cada qual recolheu-se a seu pôsto, e passaram-se muitos dias em santa paz. Durante êsses dias mais se estreitaram os laços entre o Leonardo e Vidinha. É sempre assim que sucede: quereis que nos liguemos estreitamente a uma coisa? Fazei-nos sofrer por ela. Os dois tinham sofrido um pelo outro, e era isto uma forte razão para se amarem cada vez mais.

A comadre vinha regularmente ver o afilhado e visitar suas novas amigas.

Tudo parecia enfim nos seus eixos naturais; porém os dois primos tramavam, e tramavam largamente. Ninguém entretanto atinava com o que seria.

Leonardo passava vida completa de vadio, metido em casa todo o santo dia, sem lhe dar o menor abalo o que se passava lá fora pelo mundo. O seu mundo consistia unicamente nos olhos, nos sorrisos e nos requebros de Vidinha.

Um dia forjaram uma patuscada semelhante à que dera origem ao conhecimento do Leonardo com a família. Deviam sair de madrugada da cidade e passarem fora o dia. Preparou-se tudo: cêstos de comida, esteiras e mais arranjos. Vidinha mandou encordoar de novo sua viola; avisaram-se os convivas do costume.

À hora aprazada partiram.

Quem estivesse distraído pelo prazer da patuscada do que estava qualquer dos suciantes, notaria que os dois primos deixavam-se de vez em quando ficar atrás, e cochichavam-se como se tramassem uma conspiração. Ninguém porém dera atenção a semelhante coisa.

Chegaram ao lugar determinado ao romper do dia. Apenas começavam a preparar-se para o almoço, viram surgir, ninguém soube bem de onde, a figura alta, magra, severa e sarcástica do nosso célebre major Vidigal. Correu por todos um sinal de pouco contentamento, exceto pelos primos, que trocaram entre si um olhar de inteligência e triunfo.

Os olhos de Vidinha dirigiram-se instintivamente para Leonardo.

O major Vidigal deixou passar o primeiro momento de supresa, e depois, sorrindo-se, disse, como costumava, com sua voz descansada:

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Não tenham mêdo de mim que não sou nenhum papa-crianças, nem eu venho desmanchar prazeres de ninguém. Quero só saber quem é aquí o amigo Leonardo.

Vidinha fêz logo cara de chôro. Leonardo levantou-se sem saber como, e disse todo trêmulo:

— Sou eu.

— Ora vejam, respondeu o Vidigal em tom de mofa, eu não sabia!. Pois, meus amigos, não se assustem que o caso não foi para tanto: um súcio de menos numa patuscada não faz falta nenhuma. Êste amigo vai conosco. Se êle puder, voltará em breve. mas creio que já não chegará a tempo para acabar a patuscada.

— Qual, meu Deus! mas por que é então isto? que mal é que êle fêz?

— Êle não fêz nem faz *nada*; mais é mesmo por não fazer nada que isto lhe sucede. Leva, granadeiro.

E um dos granadeiros com que viera o major acompanhado foi tratando de conduzir o Leonardo.

O Vidigal seguiu-os tranqùilamente, sem alterar o passo, e dizendo polidamente:

— Adeus, minha gente.

Vidinha desatou a chorar, exclamando:

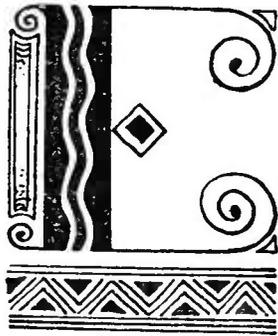
— Foi malsinação!

— Foi malsinação! repetiram todos, menos os dois primos.

A súcia levantou-se.

CAPÍTULO XII

TRIUNFO COMPLETO DE JOSÉ MANUEL



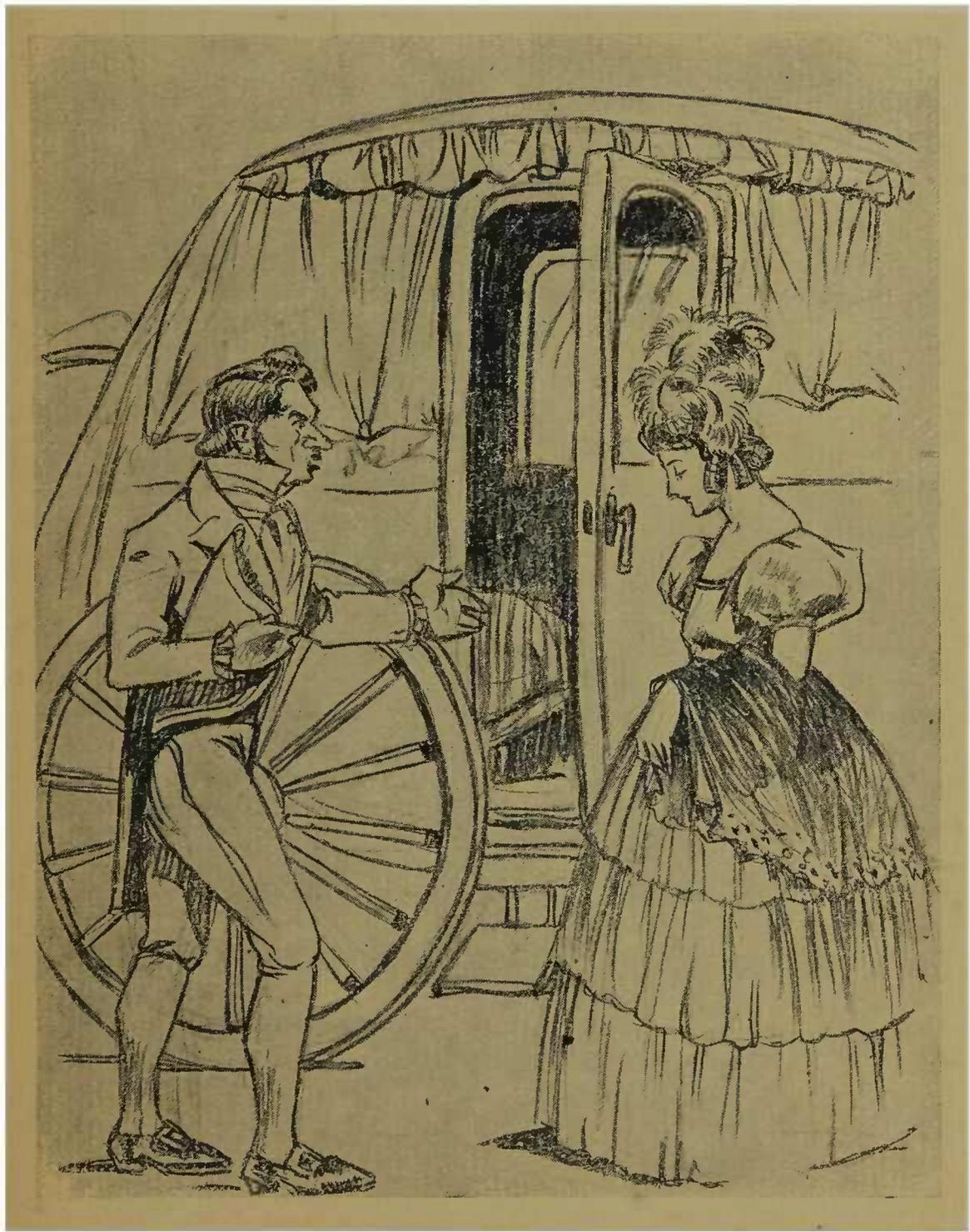
RA um sábado de tarde; em casa de D. Maria havia um lufa-lufa imenso; andavam as crias e mais escravos de dentro para fora; espanava-se a sala; arrumavam-se as cadeiras; corria-se, falava-se, gritava-se.

A dona da casa trajava, fora do ordinário, um rico vestido de cassa bordado de prata, de corpinho muito curto e mangas de um volume enorme. Seja dito de passagem que a prata do bordado estava já mareada, e o mais do vestido um pouco encardido. Trazia ainda D. Maria um penteado de desmedida altura, um formidável par de rodelas de crisólitas nas orelhas, e dez ou doze anéis de diversos tamanhos e feitos nos dedos.

Luizinha trajava também um vestido que qualquer menos entendido na matéria desconfiaria que era filho legítimo do de sua tia; trazia um toucado de plumas brancas na cabeça e um rosário de ouro de contas mui grossas na cintura.

Acabavam de sair as duas assim preparadas do quarto de vestir, quando sentiu-se rodar uma carruagem e parar na porta da casa. Luizinha estremeceu; D. Maria levou o lenço aos olhos, e tirou-o em pouco tempo molhado de lágrimas.

— Está aí a carruagem, gritou uma das crias que estava de sentinela à janela.



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

A carruagem era um formidável, um monstruoso maquinismo de couro, balançando-se pesadamente sôbre quatro desmesuradas rodas. Não parecia coisa muito nova; e com mais dez anos de vida poderia muito bem entrar no número dos restos infelizes do terremoto, de que fala o poeta.

Mal tinha êste trem parado à porta, sentiu-se o rodar de outro que veio parar junto dêle. O que dissemos a respeito dos vestidos de D. Maria e sua sobrinha pode perfeitamente aplicar-se aos dois trens; o segundo parecia filho legítimo do primeiro.

Do último que chegara apeou-se José Manuel, e entrou em casa de D. Maria, que o veio receber à porta.

É inútil observar que a vizinhança estava tôda à janela, e via todo aquêle movimento com olhos regalados pela mais desabrida curiosidade.

José Manuel trajava casaca de sêda preta, calções da mesma fazenda e côr; trazia meias também pretas e sapatos de entrada baixa, ornados com enormes fivelas de prata, espadim e chapéu de pasta.

Acompanhavam-no dois amigos vestidos pelo mesmo teor.

José Manuel estava com um ar entre compungido e triunfante, e desfazia-se em mesuras à D. Maria.

Depois de tudo isto quer ainda o leitor que lhe declaremos que a sobrinha de D. Maria casava-se naquela tarde com José Manuel?

Chegou o momento da partida. Luizinha, conduzida por D. Maria, que lhe ia servir de madrinha, embarcou num dos destroços da arca de Noé, a que chamamos carruagem; José Manuel, acompanhado por quem lhe ia servir de padrinho, fêz outro tanto, e partiram depressa para a igreja. Fizeram bem em partir depressa, porquê se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos.

Apenas cessou a bulha das carruagens, começaram êstes últimos em conversa renhida, de que damos aquí uma pequena amostra.

— Senhora, dizia uma sujeita que morava junto de D. Maria para outra que morava defronte, o tal noivo poderá ser coisa boa, mas não dou nada pela cara dêle.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

— E a noiva?... respondia a outra; arrenego também da lambisgóia..

— E o filho do Leonardo ficou vendo estrêlas?.

— Por fôrça: venceu êste porquê é um finório de conta.

— Se a velha deixar tudo à sobrinha, não é mau arranjo.

— De certo. Pois não sabe que o seu defunto marido era um homem que viajava para a Índia.

Neste tom continuaram até a volta das carruagens.

Agora demos ao leitor algumas explicações a respeito do triunfo de José Manuel.

Depois das boas obras do mestre-de-reza, de que os leitores já foram informados, José Manuel rehabilitara-se completamente junto a D. Maria; tornara a freqüentar a casa, e foi pouco a pouco pondo barro à sua parede. Um sucesso inesperado veio ajudá-lo com a maior eficácia. O testamenteiro do finado irmão de D. Maria, do pai de Luizinha, que já tinha tido com D. Maria, como talvez não estejam esquecidos os leitores, uma demanda por causa desta última, surdiu de repente com uma nova prebenda relativa a uma pontinha de testamento, e D. Maria teve de entrar de novo com êle em uma luta judiciária. Isto coincidiu com a morte inesperada do procurador de D. Maria. José Manuel ofereceu-se para cuidar da causa; e com tanto jeito arranjou tudo, que em muito pouco tempo, coisa que procurador nenhum teria feito, venceu a demanda em favor de D. Maria.

Ora, os leitores hão de estar lembrados da mania que tinha D. Maria por uma demandazinha; atirava-se a ela com vontade, e tal era o empenho que empregava na mais insignificante questão judiciária, que em tais casos parecia ter em jôgo sua vida. Daquí se poderá concluir a satisfação que teria ela no dia em que se achava vencedora, e como se não julgaria obrigada a quem lhe proporcionasse a vitória.

José Manuel aproveitou-se disto; e no dia em que veio ler a D. Maria a sentença final que resolvia a pendência em seu favor, pediu-lhe a mão da sobrinha, a qual lhe foi prometida sem grandes escrúpulos.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Luizinha estava nesta ocasião em um daqueles períodos de abatimento que se costumam produzir nos moços, e principalmente nas moças que ainda marcham por aquela estrada florida que leva dos 13 aos 25 anos, quando as oprime o isolamento.

Ora, como sabem todos os que lêem, o Leonardo tinha abandonado Luizinha; ela aceitou portanto indiferentemente a proposta de sua tia.

CAPÍTULO XIII

ESCÁPULA



DEIXEMOS aos noivos o gôzo trançuilho da sua lua de mel; deixemos D. Maria desfazer-se em carinhos e conselhos à sua sobrinha, que os recebia indiferentemente, e em atenções para com José Manuel, cuja cabeça se tinha tornado repentinamente uma aritmética completa, tôda algarismos, tôda cálculos, tôda multiplicações; e voltemos a saber o que foi feito do Leonardo, a quem deixámos na ocasião em que fôra arrancado pelo Vidigal dos braços do amor e da folia.

O Vidigal tinha-o pôsto diante de si, ao lado de um granadeiro, e marchava poucos passos atrás. Enquanto caminhavam o granadeiro pretendeu dar-lhe conversa; mas êle a nada respondia, parecendo absorto em grave cogitação.

Quem estivesse muito atento havia de notar que algumas vêzes o Leonardo parecia, ainda que muito ligeiramente, apressar o passo, que outras vêzes o retardava, que seu olhar e sua cabeça voltavam-se de vez em quando, quase imperceptivelmente, para a esquerda ou para a direita. O Vidigal, a quem nada disto escapava, achava em tôdas estas ocasiões pretextos para dar sinais de si; tossia, pisava mais forte, arrastava no chão o chapéu de sol que sempre trazia na mão, como quem queria dizer ao Leonardo, respondendo aos seus pensamentos íntimos:

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Cuidado! eu aquí estou. — E o Leonardo entendia tudo aquilo às mil maravilhas: contraía os lábios de raiva e de impaciência. Entretanto nem por isso abandonava a sua idéia: queria fugir. Desconfiava que ia para a Casa da Guarda, e pedia interiormente aos seus deuses que alongassem de muitas léguas as ruas que tinha de percorrer. Quando via de longe uma esquina dizia consigo: — E' agora; quebro por alí fora, e bato pernas. — Porém ao chegar perto da esquina, o Vidigal achava alguma coisa que dizer ao granadeiro, e passava-se a esquina. Se lhe aparecia à direita ou à esquerda um corredor aberto, pensava consigo: — Embarafusto por alí a dentro, e sumo-me. — Mas no momento em que ia tomar a última decisão, parecia-lhe sentir a mão do Vidigal que o agarrava pela gola da jaqueta, e esfriava. Não eram os granadeiros que lhe metiam mêdo; nunca em todos os planos de fugir que lhe passavam naquela ocasião pela cabeça contou uma só vez com êles; mas o Vidigal, o cruel major, era a quantidade constante de seus cálculos.

O pobre rapaz, durante aquêles combates íntimos, suava mais do que no dia em que fêz a primeira declaração de amor a Luizinha. Só havia na sua vida um transe a que assemelhava aquêle em que então se achava, era o que se havia passado, quando criança, naquele meio segundo que levava a percorrer o espaço nas asas do tremendo pontapé que lhe dera seu pai.

Repentinamente uma circunstância veio favorecê-lo. Não sabemos por que causa ouviu-se um grande alarido na rua: gritos, assovios e carreiras. O Leonardo teve uma espécie de vertigem: zuniram-lhe os ouvidos, escureceram-se-lhe os olhos, e dando um encontrão no granadeiro que estava perto dêle, desatou a correr. O Vidigal deu um salto, e estendeu o braço para o agarrar; mas apenas roçou-lhe com a ponta dos dedos pelas costas. O rapaz tinha calculado bem: o Vidigal distraíu-se com o ruído que se fizera na rua, e aproveitou a ocasião. O Vidigal e os granadeiros soltaram-se imediatamente em seu alcance: o Leonardo embarafustou pelo primeiro corredor que achou aberto; os seus perseguidores entraram incontinentemente atrás dêle, e subiram em tropel o primeiro lance da escada. Apenas o haviam dobrado, e subiam o segundo, abriram-se as cortinas de uma

cadeirinha que se achava na entrada, e pela qual tinham êles passado, saiu dela Leonardo, e de um pulo ganha a rua. Ao entrar, tendo dado com aquêlo refúgio, metera-se dentro; os granadeiros e o Vidigal não haviam reparado em tal com a precipitação com que entraram, e isso lhe valeu.

E' impossível descrever o que sentiu o Leonardo quando por entre as cortinas da cadeirinha viu-os passar e subir a escada. Foi uma rápida alternativa de frio e de calor, de tremor e de imobilidade, de mêdo e de coragem; veio-lhe outra vez à lembrança o pontapé paterno: era o têrmo constante de comparação para todos os seus sofrimentos.

Enquanto o Vidigal e os granadeiros varejavam a casa em que haviam entrado, Leonardo punha-se longe, e em quatro pulos achava-se em casa de Vidinha, que o recebeu com um abraço, exclamando:

— Qual! aí está êle!

Um raio de alegria iluminou todos os semblantes, menos o dos dois irmãos rivais que ficaram horrivelmente desapontados. As duas velhas tiraram da cabeça a mantilha que já haviam tomado para dar providências sôbre o caso. A presença do Leonardo foi uma aura benfazeja que espalhou as nuvens de uma grossa tormenta, que tendo começado a roncar quando Leonardo foi prêso com aquelas palavras — foi malsinção — viera desabar de todo em casa, e prometia durar muito tempo.

Vidinha, tendo a princípio trocado com os primos algumas indiretas a respeito da prisão de Leonardo, julgara conveniente deixar-se de panos quentes, e fôra direito a êles, como se diz, com quatro pedras na mão, atribuindo-lhes o que acabava de suceder.

Êles denegaram, e travaram-se com ela de razões. A princípio as duas velhas estavam ambas da parte de Vidinha, porém tendo esta atirado três ou quatro ditos fortes de mais aos primos, a tia ofendeu-se, e tomou o partido dos dois filhos: a outra velha, mãe de Vidinha, protesta contra a parcialidade de sua irmã, e reforça ainda mais, acompanhada dos que restavam, o partido de Vidinha. Divididos e extremados assim os dois campos, com terríveis campeões de lado a lado, fácil é prever-se o que teria sucedido se o Leonardo não viesse tão a tempo para acalmar tudo.

Tomado pelo prazer de ver-se livre, nem teve êle tempo de fazer recriminações aos seus inimigos: já sabia com certeza quem fôra a

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

causa do que acabava de sofrer, pois que o tinha percebido pela conversa que com êle tentara travar o granadeiro.

O major Vidigal fôra às nuvens com o caso: nunca um só garoto, a quem uma vez tivesse pôsto a mão, lhe havia podido escapar; e entretanto aquêlê lhe viera pôr sal na moleira; ofendê-lo em sua vaidade de bom comandante de polícia, e degradá-lo diante dos granadeiros. Quem pregava ao major Vidigal um lôgro, fôsse qual fôsse a sua natureza, ficava-lhe sob a proteção, e tinha-o consigo em tôdas as ocasiões. Se o Leonardo não tivesse fugido, e arranjasse a soltura por qualquer meio, o Vidigal era até capaz, por fim de contas, de ser seu amigo; mas tendo-o deixado mal, tinha-o pôr seu inimigo irreconciliável enquanto não lhe desse desforra completa.

Já se vê pois que as fortunas do Leonardo redundavam-lhe sempre em mal; era realmente um mal naquele tempo ter por inimigo o major Vidigal, principalmente quando se tinha, como o Leonardo, uma vida tão *regular* e tão *lícita*.

Veremos agora o que se passou na casa em que entrara o Vidigal com os granadeiros em procura do Leonardo.

CAPÍTULO XIV

O VIDIGAL DESAPONTADO



major Vidigal, vendo-se logrado, deu urros; e, como já fizemos sentir aos leitores, prometeu a si mesmo tomar séria vingança do Leonardo.

— Ora, dizia êle consigo, gastar meu tempo nesta vida, gastar os meus miolos a pensar nos meios de dar caça a quanto vagabundo gira por esta cidade, conseguir, à custa de muitos dias de fadiga, de muitas noites passadas sem pregar ôlho, de muita carreira, de muito trabalho, fazer-me temido, respeitado por aquêles que a ninguém temem e respeitam, os vadios e peraltas; e agora no fim de contas vir um mequetrefezinho pôr-me sal na moleira, envergonhar-me diante dêstes soldados e de tôda esta gente! Agora, não há garoto por aí que, sabendo disto, não se esteja a rir de mim, e não conte já com a possibilidade de me pregar um segundo mono como êste!..

O major tinha razão: riam-se com efeito dêle; e os primeiros que o faziam eram os granadeiros. A-pesar-de que, escravos da disciplina, empregavam os mais sinceros esforços para coadjuvá-lo; e a-pesar-também de que revertia para êles alguma glória das façanhas do major, não puderam entretanto deixar de achar graça no que acabava de suceder, pois conheciam a presunção do Vidigal, e repararam na cara desapontada com que êle havia ficado. Depois, apenas o major pôs pé fora da soleira da casa onde lhe tinha escapado Leonardo, uma multidão

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

imensa que tudo havia presenciado desatou a rir estrondosamente.

— Então, Sr. major, dizia-lhe um dos da turba, desta vez.

Passarinho foi-se embora
Deixou-me as penas na mão.

— Sr. major, dizia outro, procure nos bolsos

— Dentro da barretina, emendava outro.

— Atrás da porta, replicava aquêle.

E um côro de risadas acompanhava cada um dêstes conselhos.

— Lá está o bicho dentro da cadeirinha! gritou um repentinamente.

O Vidigal, como que instintivamente, correu à cadeirinha e abriu-lhe as cortinas.

Nessa ocasião as risadas foram homéricas: o major compreendeu então que fôra o meio por que lhe escapara o Leonardo, e soltou um — ah! — prolongadíssimo. Enfim retirou-se acabrunhado, e ruminando projetos para sua reabilitação.

— Se aquêles rapazes da Conceição, dizia consigo o Vidigal, que me foram levar a nota do tal malandro, me tivessem avisado que êle era desta laia, eu não teria passado por esta imensa vergonha.

Por estas palavras vêem os leitores que as imputações da Vidinha contra os primos tinham mais que muito fundamento. Com efeito, o que se acabava de passar não era senão o resultado do ajuste que no dia da grande briga, por aquêle motivo que o leitor bem sabe, haviam feito os dois rivais: tinham êles malsinado ao Leonardo. Foram ter com o Vidigal, e sem precisar mentir armaram ao Leonardo uma cama muito bem feita: era um homem sem ofício nem benefício, vivendo à custa alheia, enchendo de pernas a casa de duas mulheres velhas, a quem não tinha aproveitado a experiência, e, o que é mais, roubando aos primos o amor de sua prima.

O Vidigal regalara os olhos ouvindo a narração, e ficara muito agradecido aos dois rapazes pela nova que lhe levaram; era mais um pendão que ia juntar aos louros de suas façanhas policiais. A primeira tentativa custou-lhe porém bem caro.

Eis aquí pouco mais ou menos as reflexões em que o major ia engolfado: — Nada lhe seria mais agradável do que dia mais dia menos, quan-

do ninguém pensasse em tal, acompanhado de uma escolta de granadeiros, dirigir-se à casa das duas velhas, cercá-la, e pilhar o Leonardo sem que lhe pudesse escapar. Isto porém repugnava ao seu orgulho ofendido. Muitas vêzes se tinha, é verdade, servido dêsse meio, porém fôra isso para poder pilhar a capadócios de longa data, tidos e havidos como tais, e velhos no officio. Não queria pois servir-se do mesmo meio para agarrar um recruta no officio, que ainda agora começava. Nada, tal não fazia; não havia fazer cêrco, e o que é mais, não queria de modo algum o auxílio dos granadeiros; jurava a si mesmo que êle sòzinho, sem o apôio de ninguém, havia de pôr a mão no Leonardo.

Ia o Vidigal entrando na Casa da Guarda, para onde se dirigia, depois da derrota, quando sentiu-se repentinamente agarrado pelas pernas, e viu a seus pés uma mulher de mantilha, que chorava, soluçando muito, com o lenço no rosto.

— Que é isto, senhora? Deixe-me. Ora isto hoje é dia de má sina.

Continuaram os soluços por única resposta.

— Senhora, deixa-me ou não as pernas? Eu não gosto de carpideiras... entende?

Soluços ainda.

— Ora não está má esta... Se lhe morreu alguém, vá chorar na cama, que é lugar quente.

Redobrou o pranto.

Valham-me trezentos diabos!... Quando é que isto terá fim?. Esta mulher acaba por atirar-me no chão.

Estava já muita gente junta na porta.

Passado finalmente um pouco de tempo em silêncio, quando já o major estava disposto a empregar alguma medida de rigor para ver-se livre da carpideira, esta ergueu a cabeça, e tirando o lenço da cara exclamou entre lágrimas:

— Sr. major, solte, solte por quem é meu afilhado, solte, solte o pobre rapaz; êle é um doido, é verdade, mas...

E os soluços lhe embargaram muito a propósito a voz.

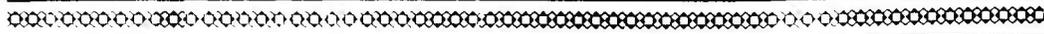
Era a comadre que, tendo sabido da prisão do afilhado, viera fazer em seu favor aquela choradeira, ignorando que êle se tivesse evadido. A

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

cena produziu o efeito esperado. Os granadeiros, de cada vez que a comadre dizia — solte, solte — desatavam a rir; tendo por bôca pequena explicado tudo aos demais circunstantes, estes os acompanhavam.

O major tomou tudo aquilo como um escárneo que o gênio da vadiação e do garotismo lhe fazia; era mister que êle, para ver-se livre da comadre, que não lhe largava os joelhos, declarasse por sua própria bôca, diante de tôda aquela gente, que o Leonardo havia fugido! Declarou-o, e fugiu de todos aquêles olhares, em cada um dos quais via um insulto.

A comadre, apenas ouviu a declaração, tratou de retirar-se, e não pôde também deixar de achar graça no caso.



CAPÍTULO XV

CALDO ENTORNADO



comadre, tendo deixado o major entregue à sua vergonha, dirigira-se imediatamente para a casa onde se achava Leonardo para felicitá-lo e contar-lhe o desespero em que a sua fuga tinha pôsto o Vidigal. O Leonardo contava com isso, e não se admirou: Vidinha porém e as duas velhas, por entre muita praga e esconjúrio, deram grandes risadas à custa do major. A comadre, segundo seu costume, aproveitou o ensejo e depois que se aborreceu de falar no major desenrolou um sermão ao Leonardo, no qual, algumas exagerações de parte, havia grande fundo de justiça; e tanto que até a própria Vidinha chegou a dar-lhe inteira razão quanto a alguns trechos. O tema do sermão foi a necessidade de buscar o Leonardo uma ocupação, de abandonar a vida que levava, gostosa sim, porém sujeita a emergências tais como a que acabava de dar-se. A sanção de tôdas as leis que a pregadora impunha ao seu ouvinte eram as garras do Vidigal.

— Haveis de afinal cair-lhe nas unhas, dizia ela no fim de cada período; e então o côvado e meio te cairá também nas costas.

Esta idéia do côvado e meio fêz brecha no espírito do Leonardo: ser soldado era naquele tempo, e ainda hoje talvez, a peor coisa que podia suceder a um homem. Prometeu pois sinceramente emendar-se e tratar de ver um arranjo em que estivesse ao abrigo de qualquer capricho policial do terrível major. Achar porém ocupação para quem nunca cuidou

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

nela até certa idade, e assim de pé para mão, não era das coisas mais fáceis.

Entretanto o zêlo da comadre pôs-se em atividade, e poucos dias depois entrou ela muito contente, e veio participar ao Leonardo que lhe tinha achado um excelente arranjo que o habilitava, segundo pensava, a um grande futuro; e o punha perfeitamente a coberto das iras do Vidi-gal; era o arranjo de servidor na ucharia real. Deixando de parte o substantivo ucharia, e atendendo só ao adjetivo real, todos os interessados e o próprio Leonardo regalaram os olhos com o achado da comadre. Empregado da casa real?! oh! isso não era coisa que se recusasse; e então empregado na ucharia! essa mina inesgotável, tão farta e tão rica!... A proposta da comadre foi aceita sem uma só reflexão contra, da parte de quem quer que fôsse.

Como a comadre pudera arranjar semelhante coisa para o afilhado, é isso que pouco nos deve importar.

Dentro de poucos dias achou-se o Leonardo instalado no seu pôsto, muito cheio e contente de si.

O major, que o não perdia de vista, soube-lhe dos passos, e mordeu os beiços de raiva quando o viu tão bem aquartelado; só deixando a vida que levava podia o Leonardo cortar ao major pretextos para pôr-lhe a unha mais dia menos dia.

— Se êle se emenda?! dizia pezaroso o major; se êle se emenda perco eu a minha vingança. Mas.. (e esta esperança o alentava) êle não tem cara de quem nasceu para emendas.

O major tinha razão: o Leonardo não parecia ter nascido para emendas. Durante os primeiros tempos de serviço tudo correu às mil maravilhas; só algum mal intencionado poderia notar em casa de Vidinha uma certa fartura desusada na despensa; mas isso não era coisa em que alguém fizesse conta.

O Leonardo porém parece que recebera de seu pai a fatalidade de lhe provirem sempre os infortúnios dos devaneios do coração.

Dentro do páteo da ucharia morava um *toma-largura* em companhia de uma moça que lhe cuidava da casa: a moça era bonita, e o *toma-largura* um machacaz talhado pelo molde mais grotesco; a moça fazia pena a quem a via nas mãos de tal possuidor.

O Leonardo, cujo coração era compadecido, teve, como todos, pena da moça; e apressemo-nos a dizer, era tão sincero êsse sentimento que não pôde deixar de despertar também a mais sincera gratidão ao objeto dêle. Quem pagou o resultado da pena de um e da gratidão da outra foi o *toma-largura*.

Vidinha lá por casa começou a estranhar a assiduidade do novo empregado na sua repartição, e a notar o quer que fôsse de esmorecimento de sua parte para com ela.

Um dia o *toma-largura* tinha saído em serviço; ninguém esperava por êle tão cedo: eram 11 horas da manhã. O Leonardo, por um daqueles milhares de escaninhos que existem na ucharia, tinha ido ter à casa do *toma-largura*. Ninguém porém pense que era para maus fins.

Pelo contrário era para o fim muito louvável de levar à pobre moça uma tijela de caldo do que há pouco fôra mandado a el-rei.. Obséquio de empregado da ucharia. Não há aquí nada de censurável. Seria entretanto muito digno de censura que quem recebia tal obséquio não o procurasse pagar com um extremo de civilidade: a moça convidou pois ao Leonardo para ajudá-la a tomar o caldo. E que grosseiro seria êle se não aceitasse tão belo oferecimento? Aceitou.

De repente sente-se abrir uma porta: a moça, que tinha na mão a tijela, estremece, e o caldo entorna-se.

O *toma-largura*, que acabava de chegar inesperadamente, fôra a causa de tudo isto. O Leonardo correu precipitadamente pelo caminho mais curto que encontrou; sem dúvida em busca de outro caldo, uma vez que o primeiro se tinha entornado. O *toma-largura* correu-lhe também ao alcance, sem dúvida para pedir-lhe que trouxesse desta vez quantidade que chegasse para um terceiro.

O caso foi que daí a pouco ouviu-se lá por dentro barulho de pratos quebrados, de móveis atirados ao chão, gritos, alarido; viu-se depois o Leonardo atravessar o páteo da ucharia à carreira, e o *toma-largura* voltar com os galões da farda arrancados, e esta com uma aba de menos.

.....

No dia seguinte o Leonardo foi despedido da ucharia.



CAPÍTULO XVI

CIÚMES



o dia seguinte já o Vidigal sabia de cor e salteado tudo quanto havia sucedido ao Leonardo, e pôs-se alerta, pois que a ocasião era oportuna.

O Leonardo entrara para a ucharia com o pé esquerdo: a tormenta por que havia passado nada foi em comparação da que lhe caíu nas costas, quando em casa se soube da causa verdadeira de sua saída.

É uma grande desgraça não corresponder a mulher a quem amamos aos nossos afetos; porém não é também pequena desventura o cairmos nas mãos de uma mulher a quem deu na cabeça querer-nos bem de veras. O Leonardo podia dar a prova desta última verdade. Vidinha era ciumenta até não poder mais: ora, as mulheres têm uma infinidade de maneiras de manifestar êste sentimento. A umas dá-lhe para chorar em um canto, e choram aí em ar de graça dilúvios de lágrimas: isto é muito cômodo para quem as tem de sofrer. Outras recorrem às represálias, e nesse caso desbancam incontinentemente a quem quer que seja: esta maneira é seguramente muito agradável para elas próprias. Outras não usam da mais leve represália, não espremem uma lágrima, mas assim por um espaço de oito ou quinze dias, desde que desponta a aurora, até que cai a noite, resmungam um calendário de lamentações, em que entram seu pai, sua mãe, seus parentes e amigos, seu compadre, sua comadre, seu dote, seus filhos e filhas, e tudo por aí além; isso sem cessar

um só instante, sem um segundo de descanso: de maneira a deixar na cabeça do mísero que a escuta uma assuada eterna, capaz de fazer amolecer um cérebro de pedra. Outras entendem que devem afetar desprezo e pouco caso: essas tornam-se divertidas, e faz gosto vê-las. Outras enfim deixam-se tomar de um furor desabrido e irreprimível: praguejam, blasfemam, quebram os trastes, rompem a roupa, espancam os escravos e filhos, descompõem os vizinhos: esta é a peor de tôdas as manifestações, a mais desesperadora, a menos econômica, e também a mais infrutífera. Vidinha era do número destas últimas.

Apenas pois, como há pouco dizíamos, se verificou a verdadeira causa da saída do Leonardo, desabou um temporal que só terá semelhante no que há de preceder ao aniquilamento do globo. Depois de gritar, chorar, maldizer, blasfemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução:

— Minha mãe, disse dirigindo-se a uma das velhas, quero a sua mantilha..

— Filha de Deus, acudiu a velha, que desatino é êsse? onde é que ides agora de mantilha?...

— Eu cá sei onde vou... quero a sua mantilha... tenho dito... quero a sua mantilha...

Foram todos reünindo-se em roda de Vidinha, surpreendidos por aquela resolução.

O Leonardo estava sentado, ou antes encolhido a seu canto, quêdo e silencioso.

— Quero a sua mantilha, minha mãe; quero, e quero.

— Mas para onde ides, rapariga?. Ora, meu Deus!. isso foi coisa que vos fizeram...

— Quero ir à ucharia...

— Jesús!...

— Quero ir... que me importa que seja casa do rei?. Hei de ir... hei-de procurar o tal *toma-largura*. quero fazer-lhe cá duas perguntas. e, ou o Menino-Jesús não é filho da Virgem, ou na tal ucharia não fica hoje coisa sôbre coisa.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Que loucura, rapariga... que desatino!.

Os dois primos riam-se interiormente do que se estava passando.

Não há coisa mais eminentemente prosaica do que uma mulher quando se enfurece. Tudo quanto em Vidinha havia de requebro, de languidez, de voluptuosidade tinha desaparecido: estava feia, e até repugnante.

Ninguém houve que a pudesse desviar do seu propósito: ela foi tomando a mantilha e dispondo-se a sair; rogos, choros, nada a pôde conter.

O Leonardo viu que o caso estava mal parado, e tendo estado até então calado, decidiu-se também a pedir a Vidinha que não saísse. Foi, como se costuma dizer, peor a emenda que o soneto.

— Qual!. responde Vidinha. essa agora é que havia de ser bonita... Qual! pois eu não hei de sair?... Tinha que ver.. então por pedido do senhor? Ora qual...

E foi saindo.

Começava a anoitecer.

A gente de casa ficou tôda na maior aflição; ninguém sabia o que se havia de fazer. O Leonardo tomou a resolução de acompanhar Vidinha a ver se a detinha em caminho.

Vidinha caminhava tão depressa que a princípio o Leonardo quase que a perdia de vista; finalmente conseguiu alcançá-la, e começou a pedir-lhe que voltasse, fazendo as maiores promessas de comedir-se dali em diante, e de lhe não dar mais motivos de desgosto. Vidinha porém a nada atendia, e caminhava sempre. O Leonardo recorreu a ameaças; Vidinha redobrou os passos: voltou de novo a rogativas: Vidinha caminhava sempre.

Já estavam no largo do Paço: Vidinha, quase a correr, deixou o Leonardo umas poucas de braças atrás de si, entrou muito adiante dêle pelo portão da ucharia a dentro, e desapareceu. O Leonardo parou um instante a resolver-se se entraria também ou não. Finalmente decidiu-se a entrar. No momento em que ia transpondo a soleira do portão, voltou repentinamente, e ia disparando uma carreira: uma mão magra, mas vigorosa, o deteve agarrando-o pela gola da jaqueta: era a mão do major Vidigal, com quem êle havia esbarrado ao querer entrar, e de quem pre-

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

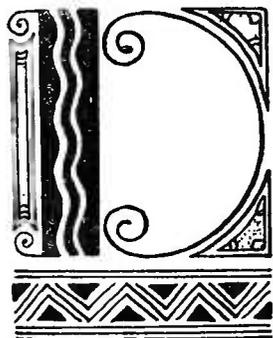
tendia fugir. Vendo que lhe era inútil qualquer tentativa, porquê ali perto havia guarda, o Leonardo resignou-se. O major olhou para êle soltando uma risadinha maligna, e disse-lhe apenas muito pausada e desencansadamente:

— Ora vamos.

O Leonardo entendeu bem a significação daquelas duas palavras, e caminhou, ao lado do major, na direção que êste lhe indicava.

CAPÍTULO XVII

FOGO DE PALHA



DEIXEMOS o Leonardo seguindo seu destino acompanhado do major Vidigal, e vamos ver o que se passou na ucharia depois de sua prisão. Vidinha indagou aqui, indagou alí, e lá entrou como um raio pela casa do *toma-largura*. A moça do *caldo*, achando-se nessa ocasião descuidada, sofreu um grande susto com a chegada de Vidinha, que, conhecendo por instinto ser aquela a causa de seus males, foi largando a mantilha sôbre uma cadeira e investindo para ela.

— Venho aquí, disse, para lhe dizer mesmo na cara que Vm. é uma criatura sem sentimentos...

A moça, não podendo atinar com a significação daquilo, ficou pasma e sem saber o que havia de responder.

Vidinha prosseguiu:

— Não tem sentimentos, digo-lho, e ninguém me há de desdizer.

— Vamos ver que diabo de história é esta, bradou uma voz de estentor.

Era o *toma-largura* que, achando-se em casa naquela ocasião, e tendo ouvido as duas primeiras apóstrofes de Vidinha, chegava para dar fé do que se passava.

Por mais arrogante que fsôse a voz do *toma-largura*, e por mais ameaçadora que fôsse a sua figura quase hercúlea, Vidinha não recuou

um passo, não desfez uma ruga da testa, antes pareceu mostrar que a sua presença alí favorecia suas intenções; tanto que dirigindo-se a êle o foi logo apostrofando também pela seguinte maneira:

— E' Vm. um homem que eu não sei para que traz barbas nessa cara...

A surpresa, e mesmo também a figura de Vidinha, descomposta pela raiva, desarmaram-no um pouco; e respondeu mais mansamente:

— Então, menina, veio aquí só para dizer coisas assim tão bonitas? Quem a trouxe cá?

— Ora, quem me havia de trazer? respondeu Vidinha em tom de mofa, lançando para a terceira personagem desta cena um olhar significativo; ora, quem me havia de trazer? .. Qual!.. eu vim só ver se podia tomar um *caldo!* ..

A moça do *toma-largura* empalideceu, êste regalou os olhos, e abanou com a cabeça como quem dizia — entendo, — e quis ficar imediatamente muito zangado com a recordação daquele fato, que a humildade de sua companheira, e talvez mesmo o seu humor, tinha feito esquecer. Vidinha porém para dizer aquelas últimas palavras tinha serenado um pouco o seu semblante, e ganhara muito em seus encantos desfigurados até então pela raiva; além disso, ao pronunciar o — qual — do costume, descerrara um ligeiro sorriso, deixando ver seus magníficos dentes.

O *toma-largura* parecia pertencer talvez à família dos Leonardos; enterneceu-se imediatamente, e não teve ânimo senão de sorrir-se e responder em tom desconcertado:

— Ora!..

— Ora, replicou Vidinha; e então, êle não diz — ora? — Qual! é preciso não ter pingão de vergonha: estas duas criaturas nasceram uma para a outra: Deus os fêz e o diabo os ajuntou; uma toma *caldo* e o outro diz — ora...

E foi tomando a mantilha e tratando de sair.

Dera tudo em fogo de palha. Ela tinha esperado achar respostas enérgicas às suas invectivas, e nêste pressuposto concertara mil planos de ataques, de defesa, de gritaria, de pancadas, de prisões, etc. Nada

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

disto porém tinha sucedido, e sem saber porquê, ela mesma se sentia um pouco aliviada, quase até mesmo satisfeita. Deu mais rajadas aos dois; explicou quem era, mas não disse o que queria. Afinal, sem nada ter feito saíu dizendo:

— Ah! pensavam que a coisa havia de ficar assim? Disse-lhes poucas, porém boas...

O coração da mulher é assim; parece feito de palha, incendeia-se com facilidade, produz muita fumaça, mas em cinco minutos é tudo cinza que o mais leve sopro espalha e desvanece.

O *toma-largura*, apenas a viu sair, em vez de prorromper numa matizada contra sua companheira, como ela o esperava, pálida e trêmula, mostrou-se até tranqüilo, pretextou um afazer, e saíu também imediatamente. Andava-lhe na cabeça um plano cuja realização faria, como se costuma dizer, cair a sopa no mel. Vidinha tinha-o encantado; o Leonardo o havia ofendido; conquistar ainda que fôsse uma diminuta parcela do amor de Vidinha, seria ao mesmo tempo vingar-se do Leonardo e alcançar o triunfo de um desejo. Por mais impossível que lhe parecesse o negócio, nem por isso esmoreceu; era tenaz e paciente.

Chegando ao portão da ucharia indagou da sentinela a direção que Vidinha tinha tomado, seguiu por ela, e em breve alcançou-a; acompanhou-a de longe para saber-lhe da morada, e viu-a entrar em casa.

CAPÍTULO XVIII

REPRESÁLIAS



UANDO Vidinha chegou à casa achou ainda tôda a família no maior susto e confusão pelo desatino que ela acabava de praticar: as duas velhas, ao vê-la entrar, lançaram-se-lhe ao pescoço, e cobriram-na de abraços, de beijos e de lágrimas. Ela estava ainda porém sob a influência das emoções violentas por que acabava de passar, e não pôde corresponder àquelas provas de amizade; atirou-se sôbre uma banquinha, e levou algum tempo calada, sem dar a menor resposta às mil perguntas que lhe eram dirigidas. Ésse silêncio mais aumentava a ansiedade da família: finalmente resolveu-se ela a rompê-lo, exclamando:

— Pensavam que o caso havia de ficar assim? enganaram-se.

Qual!. eu quero que fiquem sabendo para quanto presto.

— Então, rapariga, fostes fazer alguma asneira..

— Asneira. qual.. fiz o que faz qualquer mulher que tem sangue na guelra.. E agora venha êle para cá, que temos ainda contas a ajustar..

— E' verdade, e êle que ainda não veio. já tinha tempo de chegar, pois partiu logo no vosso alcance.

— E' verdade. acrescentou Vidinha com certo susto; na tal cova da ucharia não entrou êle; e quando de lá saí não o vi mais..

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Não lhe vá ter sucedido alguma coisa!... O major o jurou!...

— O major!.. .repetiram tôdas com os sinais do mais visível susto.

E levantou-se de novo em casa a confusão, porquê, como os leitores terão visto, a-pesar-dos dissabores que o Leonardo causava àquela família, todos alí, exceto os dois primos rivais, queriam-lhe muito e muito bem. Falar a qualquer dos dois primos para que o fôsem procurar, era coisa de que ninguém se lembrava, tão certos estavam que êles se haviam de recusar. Tiveram pois de esperar que chegasse da rua o antigo sacristão da Sé para darem as providências precisas.

Os leitores terão talvez estranhado que em tudo quanto se tem passado em casa da família de Vidinha não tenham falado nesta última personagem; temo-lo feito de propósito, para dar assim a entender que em nada disso tem êle tomado parte alguma.

Causa remota e primordial de todos êstes acontecimentos, pois foi em consequência de sua amizade que o Leonardo se juntou à família, por muito feliz se tem dado em que não tenham caído sôbre êle inculpações de que com dificuldade se poderia defender; homem de tato, conservara uma posição absolutamente neutral em tôdas aquelas lutas. Eis aquí pois qual a causa do nosso silêncio sôbre êle.

Infelizmente naquela noite recolheu-se mais tarde que de costume, e quando chegou já não era tempo de fazer coisa alguma. Tôda a família passou a noite na maior ansiedade, desvanecidas de certa hora em diante as esperanças de ver chegar o Leonardo a cada momento. Ninguém duvidava mais que alguma coisa tivesse sucedido ao Leonardo, e nos quadros medonhos que cada qual imaginava, a figura do major Vidigal aparecia sempre em primeiro plano; ninguém também duvidava que no quer que fôsse que houvesse sucedido ao Leonardo, o major teria por força parte ativa e importante, senão principal.

Assim ao amanhecer do dia seguinte o primeiro lugar onde mandaram saber dêle foi na casa da guarda. Mas, com surpresa geral, êle não se achava nela, nem sabiam notícias suas; procurou-se em diversos pontos, e nada de novo, nem novas nem mandados. Por lembrança de Vidinha foram procurar a comadre, e informaram-na de todo o ocorrido: a pobre mulher, que tudo ignorava, pôs as mãos na cabeça:

— Aquêlê rapaz nasceu em mau dia, disse ela, ou então aquilo é coisa que lhe fizeram; do contrário não pode ser. .

E pôs-se logo a caminho a procurar o afillhado.

Na comadre estavam fundadas tôdas as esperanças; ninguém duvidava que apenas ela se pusesse na rua prontamente se saberia o destino do Leonardo. Enganaram-se todos, porquê nem a própria comadre foi capaz de dar com êle, por tão bom caminho o tinha levado o major. Passaram muitos dias na mais completa ignorância a respeito do seu fim; e começaram desde então a aparecer suspeitas de que êle próprio teria talvez interêsse em ocultar-se, e de que era essa a causa por que ainda o não haviam descoberto. Estas suspeitas tomaram vulto, e uma certa indignação começou a aparecer em tôda a família contra semelhante proceder. A indignação cresceu e tomou repentinamente proporções de ódio intenso, até da parte das próprias duas velhas.

Realmente, a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo para com aquela gente, que tão benignamente o acolhera. Nas invectivas a cada momento dirigidas contra êle, Vidinha tomava sempre o primeiro lugar, e tinha razão para isso; além de ter contra êle as razões que tinham todos os outros, tinha ainda o despeito do amor ofendido. Em certos corações o amor é assim, tudo quanto tem de terno, de dedicado, de fiel, desaparece depois de certas provas, e transforma-se num incurável ódio.

Uma coisa singular notara a Vidinha desde que fôra à ucharia, e é que não se passava depois disto um só dia em que ela não visse pelo menos duas vêzes o *toma-largura*. Tinha-o ela mostrado à família, e já todos o conheciam. A princípio isso incomodou-a, e tanto mais que êle não passava uma só vez que lhe não tirasse o chapéu com ar risonho: parecia-lhe semelhante coisa uma prova de desabrida falta de vergonha. Mais tarde começou a suspeitar que aquela passagem constante e aquêles cumprimentos deviam por fôrça ter alguma explicação.

Aconteceu que uma das velhas, a mãe de Vidinha, confessasse não ter achado o *toma-largura* mal apessoado, e esta idéia passou a tôda a família. Um dia uma das velhas achando-se na janela com Vidinha, na ocasião em que passava o *toma-largura*, disse entre dentes, e como que indiferentemente:

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Se fôsse comigo, bem sabia eu cá o que havia de fazer...

Vidinha, se bem que não pedisse explicação daquele dito, não deixou contudo de dar-lhe atenção e de cismar nêle por algum tempo.

No dia seguinte a mesma velha chamou-a para a janela à hora do dia antecedente; e o *toma-largura* passou como sempre, e fêz o seu cumprimento. A velha disse nessa ocasião, como completando o seu pensamento da véspera.

— Ora, eu pregava um mono ao tal Leonardo.. e então *êste* que era bem pregado, por ser ao mesmo tempo aos dois, a êle e a *ela*.

Lendo na intimidade do pensamento da velha, com a nossa liberdade de contador de histórias, diremos ao leitor, que o não tiver adivinhado, que aquêle — *ela* — referia-se à moça do *caldo*.

Dada esta explicação, os menos perspicazes entenderão sem dúvida em que consistia o mono que a velha pregaria ao Leonardo.

Vidinha, que nada tinha de pouco inteligente, compreendeu tudo às mil maravilhas, e com tanto mais facilidade, digâmo-lo aos leitores, quanto talvez que o pensamento da velha correspondesse a seus próprios pensamentos. Repetiram-se depois disto mais algumas indiretas da parte da velha, e Vidinha chegou finalmente a explicações.

Pouparemos aos leitores certos detalhes, e diremos que o resultado de tudo aquilo foi ver-se, poucos dias depois, o *toma-largura* em casa de Vidinha fazendo uma visita à família!..

As visitas continuaram, e pela vizinhança começou a ouvir-se um rumor que tinha tanto de malévolo como de verdadeiro.

Estavam as coisas neste pé. A paz tinha sido restituída à família. Não sei quem propôs que se solenizasse o restabelecimento do sossêgo e as *novas venturas* com uma súcia para fora da cidade. Efetuou-se semelhante pensamento. Por uma singularidade escolheram para lugar da patuscada os — Cajueiros, — onde a família tinha feito conhecimento com o Leonardo.

O *toma-largura* fôra convidado, nem podia deixar de sê-lo, porquê era êle um dos motivos da festa. Infelizmente porém tinha êle um defeito: no estado ordinário costumava beber sofrivelmente; quando tinha alguns motivos de alegria costumava dobrar a dose, e quando isto sucedia dava-lhe para valentão e desordeiro. Disto resultou que no meio da súcia, na

ocasião de jantar, deu-se por ofendido, não sabemos por que, e começou por agarrar nas pontas da esteira que servia de mesa, e fazer voar sôbre a cabeça dos convivas pratos, garrafas, copos e tudo o mais. Os dois primos quiseram contê-lo, mas não o conseguiram: Vidinha chorava, as velhas se maldiziam; uns tentavam restabelecer a paz, e outros aumentavam a desordem. Reinava por consequência uma algazarra infernal.

Quando menos o esperavam, viu-se surdir dentre as moitas o major Vidigal fechando um círculo de granadeiros que partiam de sua esquerda e da sua direita, e que encerravam tôda a súaia.

— Segura aquêlê homem, granadeiro, disse o major a um dos seus soldados, apontando para o *toma-largura* que se achava em pé cambaleando, tendo numa mão um balaio em que viera a farinha, e na outra uma garrafa com que ameaçava os circunstantes.

A ordem do major o granadeiro hesitou: tôda a família, reünindo-se em grupo, soltou um grito de espanto apontando para o soldado.

— Então! replicou o major vendo aquela hesitação.

O granadeiro deu um passo para o *toma-largura*.

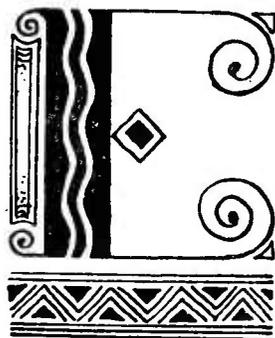
— Devagar com a louça, camarada, bradcu êste; lembre-se que ainda não ajustamos contas a respeito daquele *caldo*.

O *toma-largura* acabava de reconhecer no granadeiro o nosso amigo Leonardo, como tôda a família o tinha reconhecido apenas êle apareceu.

Era com efeito êle.

CAPÍTULO XIX

O GRANADEIRO



STAVAM pois as contas ajustadas completamente entre o Leonardo e o *toma-largura*; haviam-se vingado um do outro: o último golpe na luta competira ao Leonardo: êle abençoou o acaso, e mesmo o major Vidigal, por lhe ter fornecido ocasião de ir arrancar dos lábios de seu rival a taça da ventura. Até quase que estimou que lhe tivessem sentado praça: e bem dissemos nós que para êle não havia fortuna que não se transformasse em desdita, e desdita de que

lhe não resultasse fortuna.

O *toma-largura*, como dissemos, fôra levado pelo Leonardo; e os leitores, familiarizados com o destino que tinham todos os prisioneiros do major Vidigal, adivinham já que lhe indicaram o caminho da casa da guarda no largo da Sé. O estado em que êle se achava não permitiu porém que o levassem até lá. Os vapores que do estômago lhe tinham subido à cabeça foram-se pouco a pouco condensando, e em meio do caminho pesavam-lhe sôbre o cérebro vinte arrobas; a cabeça, não se podendo manter, abandonou-se ao tronco, que, achando o pêso excessivo, quis apelar para as pernas; estas porém não eram mais fortes, e, curvando-se trêmulas e bambas, deram com o valentão de ainda há pouco estirado na calçada. Os soldados não o puderam levantar, porquê era, como dissemos a princípio, de uma corpulência colossal. Foi mister pois

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

abandonar a prêsa: o major não teve grande dificuldade nisso, primeiro, pelo trabalho que daria qualquer outra resolução, segundo, porquê se bem que da última classe, sempre era o *toma-largura* gente da casa real, e nesse tempo tal qualidade trazia consigo não pequenas imunidades.

O Leonardo tentou ainda alguns meios para que lhe não escapasse assim sem resultado mais estrondoso a primeira prêsa que fazia, pois era isto de mau agouro para o seu futuro militar; mas também sua mais bela vingança estava tomada.

Ficou pois o *toma-largura* abandonado na calçada.

Satisfaçamos agora em poucas palavras a curiosidade que têm sem dúvida os leitores de saber o como chegara o Leonardo à posição em que se achava. Agarrado pelo major na porta da ucharia, como se sabe, fôra por êle em pessoa conduzido a lugar seguro, donde só saíra para sentar praça no Regimento Novo. Todos os batalhões que havia na cidade tinham uma companhia de granadeiros, e havendo uma vaga na companhia do Regimento Novo, fôra o Leonardo escolhido para preenchê-la. Sabendo disto o major, reclamou-o para seu serviço (porquê era dessas companhias de granadeiros que se tiravam soldados para o serviço policial), pois como homem experimentado naquelas coisas, pressentira que êle lhe seria um valioso auxiliar. Até um certo ponto o major não se enganou. Com efeito o Leonardo, sendo naturalmente astuto, e tendo até alí vivido numa rica escola de vadiação e peraltismo, deveria conhecer tôdas as manhas do officio. Havia porém uma circunstância que o impedia de prestar bons serviços, e era que com êle próprio, com suas próprias façanhas, tinha muitas vêzes o major de gastar o tempo que lhe era preciso para o demais. O poder dos hábitos adquiridos era nêle tal, que nem mesmo o rigor da disciplina lhe servia de barreira.

Contemos a primeira diabrura que lhe lembrou praticar depois que vestiu farda, e que foi tanto mais sensível quanto a princípio se mostrara um soldado por tal maneira sisudo que ia quase adquirindo reputação de rígido.

Os gaiatos e suciantes da cidade, a quem o major Vidigal dava constantemente caça, lembraram-se de immortalizar as suas façanhas por

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

qualquer meio, e inventaram um fado com o seguinte estribilho nas cantigas :

Papai lélê, seculorum.

Nesse fado a personagem principal representava o major que, figurado morto, vinha estender-se amortalhado no meio da sala; as demais personagens cantavam-lhe em roda cantigas alusivas, que terminavam tôdas pelo estribilho que acima indicámos.

O major, que disto soubera, andava em busca de uma ocasião oportuna para tirar desforra de semelhante gracejo, que dava a entender qual era, a seu respeito, o desejo dos que o tinham inventado. Teve um dia denúncia que numa casa do morro da Conceição se preparava para essa noite um rigoroso — *Papai lélê*, — e dispôs as coisas para pilhar os da roda em flagrante.

A hora oportuna mandou dois ou três granadeiros adiante, cada um por sua vez, para examinar o que havia, tendo combinado primeiramente um sinal positivo e outro negativo para indicarem uns aos outros se havia ou não ocasião e motivo de dar o assalto: êstes sinais o granadeiro que devia aproximar-se mais da casa comunicaria ao que lhe ficasse imediato; êste passaria adiante, o outro fariã o mesmo até chegar ao lugar em que estava o major; era um verdadeiro sistema de sentinelas avançadas, como se se tratasse de uma grande campanha. No caso de ser dado o sinal positivo, marchariam todos vagarosamente, e se reüniriam para o assalto; dado o sinal negativo, dispersar-se-iam em silêncio, porquê um dos maiores caprichos do major era nunca mostrar que havia sido logrado. Ao Leonardo coube a incumbência de ser a vedeta mais próxima ao inimigo, e de dar o primeiro sinal. Marchou pois adiante, e os companheiros postaram-se à espera. Esperaram por longo tempo, e cansaram de esperar; finalmente, quando já se iam dispondo a contravir às ordens e abandonar o pôsto para procurar o Leonardo, ouviram três vêzes seguidas um longo assovio, que era o sinal negativo convencionado. Em virtude disto dispersaram-se exasperados, e foram depois reünir-se ao major embaixo da ladeira, no lugar que dá para a entrada do Aljube. Aí reünidos, esperaram muito tempo pelo Leonardo sem que êle apparecesse. O major principiou a cismar com o

caso; de novo e repentinamente deu ordem de subir o morro. Subiram com efeito, e marchando desta vez o major adiante, foram ter à casa indicada. Com surpresa de todos, apenas se foram aproximando viram luzes e ouviram o zum-zum das violas e a toada das cantigas. Fervia dentro o fado rigoroso. Sem necessitar grandes precauções, porquê todos pareciam entregues à maior segurança, cercou o major a casa, e apanhou tudo, como se costuma dizer, com a bôca na botija. Estava-se exatamente no ponto solene da cerimônia.

Achava-se a personagem que representava o *Papai* amortalhado em um lençol, com a cabeça coberta, deitado no chão e a chusma em roda a cantar e a dançar.

Quando o major bateu, e foi entrando, acompanhado da sua gente, ficou tudo gelado de mêdo: o sujeito que se achava amortalhado teve um grande estremeção, e ficou depois imóvel, como se fôsse de pedra, representando com mais propriedade do que talvez desejasse o papel de morto. Segundo seu costume, o major fêz continuar por um pouco a brincadeira em sua presença. Depois começou a indagação das ocupações de cada um, e, conforme o que colhia, os foi mandando embora, ou pondo de parte, para lhes dar melhor destino. Durante tôda esta cena, que levou seu tempo, o amortalhado deixou-se ficar imóvel, na mesma posição, com a cabeça coberta. Corrida tôda a roda, disse-lhe o major:

— Olá, camarada da mortalha, então deveras você quer que o levem daí para a cova?

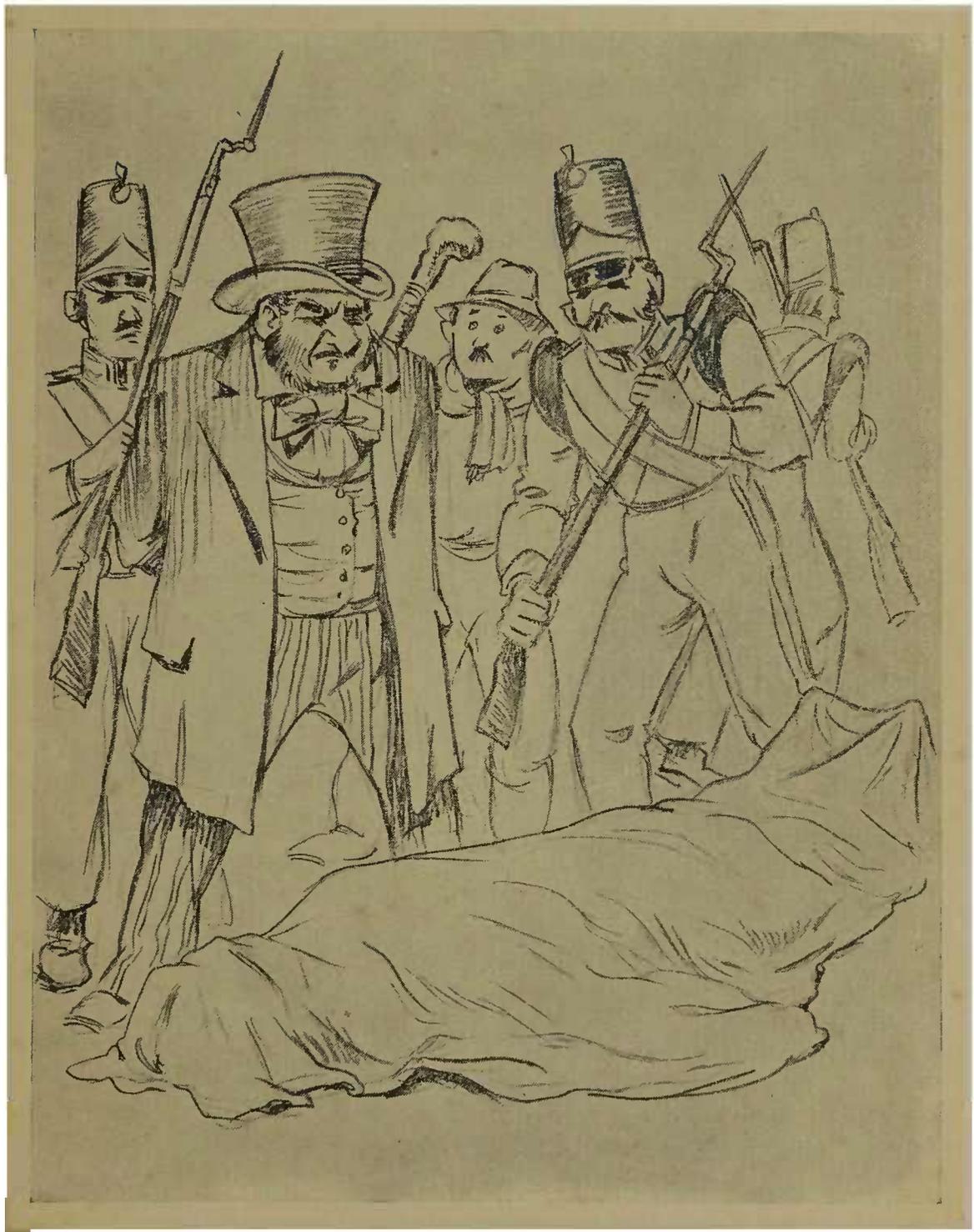
Nem um movimento em resposta.

— Ah! está morto; perdeu a fala; é natural.

Silêncio profundo.

O major fêz sinal a um dos granadeiros, que tocou no sujeito com a ponta do camarão; nem assim porém êle sequer moveu-se. A um novo sinal do major o granadeiro desandou-lhe uma tremenda lambada. Resuscitou com isso o morto, e pôs-se de um salto em pé. Procurou porém evadir-se por uma janela, conservando sempre a cabeça coberta: os granadeiros seguraram-no, e o major disse-lhe:

— Homem, você por estar morto não tenha tanta pressa de ir para o inferno: fale primeiro com a gente.



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

E tirando-lhe o pano da cara acrescentou:

— Ora vamos ver a cara do defunto.

Um grito de espanto, acompanhado de uma gargalhada estrondosa dos granadeiros, interrompeu o major. Descoberta a cara do *morto*, reconheceu-se ser êle o nosso amigo Leonardo!..

CAPÍTULO XX

NOVAS DIABRURAS



Ào sabemos se valeu ao Leonardo ser aquela a primeira ocasião em que incorria em castigo, tendo até então guardado a mais rigorosa observância de todos os seus deveres, ou se a mesma audácia do fato lhe grangeara mais as simpatias do major; o caso foi que além das risadas, dos remoques dos camaradas e dos transe da meia hora que estivera amortalhado, nada mais lhe sucedeu, com espanto de todos, e principalmente dêle mesmo: o major dera daquele modo uma grande prova de desusada benevolência. Andou pois o Leonardo por alguns dias cabisbaixo e pensativo, como esmagado ao pêso de grandes remorsos; os camaradas tiravam daquilo um partido imenso para meterem-no à bulha, e não o deixavam parar um só instante sossegado na companhia.

— Êle ainda não está bem ressuscitado, dizia um passando-lhe por perto.

— Qual! dizia outro, êle já não é dêste mundo.

— *Papai-lêlé seculorum*, entoavam outros em côro.

A nenhuma destas coisas dava êle a menor resposta, e tinha nisso bom aviso, porquê dêsse modo poupava aos desapiedados camaradas tema para novos remoques. Passados aquêles transe tudo foi esquecido, e as coisas entraram de novo em seus eixos ordinários.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Um dia o major anunciou que tinha uma grande e importante diligência a fazer.

Havia um endiabrado menino patusco que era o tipo perfeito dos capadócios daquele tempo, sôbre quem há muitos meses andava o major de olhos abertos, sem que entretanto tivesse achado ocasião de pilhá-lo: sujeitinho cuja ocupação era uma indecifrável adivinhação para muita gente, sempre andava entretanto mais ou menos apatacado: tudo quanto êle possuía de maior valor era um capote em que andava constantemente embuçado, e uma viola que jamais deixava. Gozava reputação de homem muito divertido, e não havia festa de qualquer gênero para a qual não fôsse convidado. Em satisfazer a êsses convites gastava todo o seu tempo. Ordinariamente amanhecia numa súcia que começara na véspera, uns anos, por exemplo; ao sair daí ia para um jantar de batizado; à noite tinha uma ceia de casamento. A fama que tinha de homem divertido, e que lhe proporcionava tão belos meios de passar o tempo, devia-a a certas habilidades e principalmente a uma na qual não tinha rival. Tocava viola e cantava muito bem modinhas, dançava o fado com grande perfeição, falava *língua de negro*, e nela cantava admiravelmente, fingia-se aleijado de qualquer parte do corpo com muita naturalidade, arremedava perfeitamente a fala dos meninos da roça, sabia milhares de adivinhações, e finalmente, — eis aquí o seu mais raro talento, — sabia com rara perfeição fazer uma variedade infinita de caretas que ninguém era capaz de imitar. Era por consequência as delícias das espirituosas sociedades em que se achava. Quem dava uma súcia em sua casa, e queria ter grande roda e boa companhia, bastava sòmente anunciar aos convidados que o Teotônio (era êste o seu nome) se acharia presente.

Agora quanto à sua ocupação ou meio de vida, que para muitos era, como dissemos, impenetrável segrêdo, o major Vidigal tanto fêz que a descobriu: em dias designados da semana reünia-se no sotão onde êle morava certo número de pessoas que levavam até alta noite aí metidas: Teotônio era o banqueiro de uma roda de jogo.

Nesta conformidade andava o major a querer pilhá-lo em flagrante; e como tentava isso desde muito sem que o pudesse conseguir, por ser sempre iludida a sua vigilância pela troca constante que faziam os da

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

roda dos seus dias de reunião, resolveu pôr a mão no Teotônio na primeira ocasião, e servir-se depois dêle para a captura dos outros companheiros.

Como os leitores estarão lembrados, o Leonardo velho, isto é, o Leonardo-Pataca, vivia com a filha da comadre; dela tinha um descendente, a cujo nascimento nós o fizemos assistir. Pois a-pesar-de haver já passado algum tempo, a criança ainda não estava batizada. O Leonardo-Pataca, a instância da comadre, que muito se afligia com aquela demora, determinou finalmente o dia que ela se devia fazer cristã. Segundo os hábitos imutáveis, havia súcia por essa ocasião; e, segundo a moda, foi o Teotônio convidado. O major soubera de tudo, e era exatamente aí que o esperava, e tinha determinado pilhá-lo. Para isso dera aos seus soldados o aviso de que acima falámos.

Era má sina do major ter sempre de andar desmanchando prazeres alheios; e infelicidade para nós que escrevemos estas linhas estar caindo na monotonia de repetir quase sempre as mesmas cenas com ligeiras variantes: a fidelidade porém com que acompanhamos a época, da qual pretendemos esboçar uma parte dos costumes, a isso nos obriga.

A hora ajustada chegou o major à casa do Leonardo-Pataca; como não havia o menor motivo para violências, porquê tudo corria na mais perfeita paz, o major entrou sozinho, com prévia permissão do Leonardo-Pataca, e assistiu ao divertimento. Quando êle chegou estava exatamente Teotônio em cena com as suas habilidades. Tendo esgotado já tôdas elas, ia recorrer à última, que era a das caretas. E' preciso notar que êle não sabia só fazer caretas a capricho, sabia-as também fazer imitando, pouco mais ou menos, esta ou aquela cara conhecida: era isso o que fazia morrer de riso aos circunstantes.

Estavam todos sentados, e o Teotônio em pé no meio da sala olhava para um, apresentava uma cara de velho; virava-se repentinamente para outro, e apresentava uma cara de tolo a rir-se asnáticamente; e assim por muito tempo mostrando de cada vez um tipo novo. Finalmente, tendo já esgotado tôda a sua arte, correu a um canto, colocando-se numa posição que pudesse ser visto por todos ao mesmo tempo, e apresentou a sua última careta. Todos desataram a rir estrondosamente apontando para o major.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Acabava de imitar com muita semelhança a cara comprida e chupada do Vidigal.

O major mordeu os beiços percebendo a caçoada do Teotônio; e se já tinha boas tenções a seu respeito, ainda as formou melhor naquela ocasião.

As risadas continuaram por muito tempo; e êle, não podendo afrontá-las impassível, e não havendo, como já fizemos sentir, motivos justos para um rompimento, achou mais conveniente retirar-se, e pondo-se em posição conveniente, esperar que a súcia se debandasse, para então convidar o Teotônio a ir fazer algumas caretas aos granadeiros na Casa da Guarda.

Saiu pois completamente corrido.

Encontrando os seus granadeiros que tinham ficado à pouca distância, dirigiu-se ao Leonardo, e fêz-lhe sentir que querendo a todo o custo naquela noite segurar o Teotônio, temia que os de casa desconfiassem disso e lhe dessem escápula por qualquer meio; era-lhe pois mister uma pessoa que o fôsse vigiar de perto sem que despertasse suspeita: essa pessoa devia ser o Leonardo.

— Sou mal visto em casa de meu pai, replicou êste à proposta do major.

— E' hoje um bom dia de conciliação.

— Talvez não queiram receber-me.

— E sua madrinha que lá se acha?.

— Mas a filha que é uma víbora contra mim?.

— Víbora ou não, há de ir; que quando manda a disciplina. Não quero que aquêlê valdevinos ande tomando impunemente a minha cara para original de caretas.

Os granadeiros, que conheciam o Teotônio e lhe sabiam da habilidade, compreenderam logo o que tinha sucedido por aquêlê dito do major, e desataram por seu turno a rir. O Leonardo, por aquêlê apêlo à disciplina, com a qual não se achava em muito bom pé de relações desde a noite do *papai-lêlé*, venceu tôdas as dificuldades e repugnância que manifestara no desempenho da missão de que o encarregara o major, e pôs-se a caminho para a casa de seu pai.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

Chegou e bateu: assim que de dentro lhe perceberam as côres da farda e barretina houve um grito de mêdo, e por um movimento que parecia combinado (o major tinha razão!) foram repentinamente apagadas tôdas as velas da sala, e começou a reinar uma confusão tal, que parecia haver-se travado uma luta entre todos.

O Leonardo viu nisso uma primeira contrariedade, porém não deixou de achar graça no susto que causara. Resolveu então falar da parte de fora para tranqüilizar os medrosos.

— Bom modo de ser recebido um filho em casa de seu pai! Para quarta-feira de trevas só lhe faltam as matracas.

A comadre, que ouvira e reconhecera a voz do afilhado, desatou a rir, exclamando:

— Vejam que lôgro! É o Leonardo; tragam as velas, gente: não há novidade, que o cabo da guarda é nosso compadre.

— Aquêlo brejeiro, resmoneou o Leonardo-velho, sempre há de andar a fazer das suas: vejam que susto causou a tôda essa gente... O' amigo Teotônio, desça, que não há novidade.

À luz da primeira vela que traziam viu-se descer por uma porta o Teotônio do fôrro do quarto da sala onde se havia escondido.

Apenas pôs o pé em terra fêz logo uma careta de mêdo, por tal forma expressiva, que houve em todos tremenda explosão de hilaridade. Começou a surdir gente de diversos cantos da casa, e em presença do Leonardo recomeçou a folia.

Algumas pessoas não deixaram de estranhar e receiar a presença do Leonardo naquela ocasião e naqueles trajes logo depois da saída do major; porém a comadre a todos tranqüilizou, dizendo que tendo êle obtido licença no quartel, por não estar de serviço naquele dia, viera assistir ao batizado de sua irmã.

— Êle é meio doido, repetia ela a todos, mas é muito amoroso, e nunca se esquece da família.

Leonardo confirmava êsses protestos da comadre, e ia entretanto tomando parte na brincadeira, uma vez que contra as suas esperanças todos o haviam recebido bem em casa. À proporção que se ia esquentando no prazer do fado e das cantigas começou o Leonardo a sentir remorsos pelo papel de judas que alí estava representando: quando olhava para o

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Teotônio, que desde que entrara lhe havia feito dar tão boas risadas, pungia-lhe o coração lembrando-se que êle próprio o havia de entregar ao major. Não poucas vêzes lhe passou pela cabeça dar-lhe escápula avisando-o, porém a disciplina, o *papai-lêlé*, vinham-lhe à idéia, e hesitava.

Enquanto era assaltado por estes pensamentos olhava repetidas vêzes para o Teotônio.

Êste, que nada tinha de tolo, desconfiou da coisa: não sabemos por que instinto leu o que pensava o Leonardo, e pôs-se em guarda.

O Leonardo tomou repentinamente sua resolução.

— Ora, adeus disciplina, disse consigo: hei de dar escápula ao homem, seja como fôr.

E do lugar em que estava acrescentou alto:

— Ah! Sr. Teotônio, quer saber uma coisa? Pois se puser o pé daquela porta para fora, o major põe-lhe a unha, que para isso está êle à sua espera, e para aquí me mandou...

— O' diabo! exclamaram todos.

— Mas nada de sustos; tudo se há de arranjar, que tenho eu boa vontade disto.

— Mas não te comprometas, rapaz, acrescentou a comadre ao ouvido do Leonardo; olha que o major não é de graças, e daí te pode vir mal.

— Ora, tenho pena dêle só por aquelas caretas.

Juntaram-se então os dois, Leonardo e Teotônio, e juntos concertaram o seu plano de modo que êste escapasse ao major, e que aquêle não ficasse comprometido.

Estava já a noite muito adiantada, ordenaram os dois que saíssem ao mesmo tempo muitos convidados, e o Leonardo, partindo adiante dêles, foi correndo ter com o major.

— Aí vem o bicho, Sr. major.

— Cerca, cerca! disse o major.

E cada um se dividiu para seu lado.

O major colocou-se à porta de um corredor, e pôs-se de ôlho alerta.

Veio-se aproximando ao major um vulto assobiando tranqüilamente o estribilho de uma modinha. Quando se achou em pequena distância o major deu um salto donde estava e segurou-o.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

Um ai franzino se fêz ouvir, acompanhado de um:

— Me largue! Que é isto?

O major prestou atenção, não tendo reconhecido a voz do Teotônio, e viu que tinha segurado num pobre corcunda, aleijado, ainda em cima, da perna direita e do braço esquerdo.

— Ora vá-se para o inferno, disse o major; suma-se daqui. Também não sei o que andam fazendo a estas horas pelas ruas estas figuras.

O aleijado safou-se apressadamente livre do susto, e lá foi continuando a assobiar o seu estribilho.

Fêz-se depois disto o mais profundo silêncio, e o major não viu mais passar senão os convidados da patuscada, não vendo entre êles o Teotônio.

Então ardeu com o caso; e reúnindo os granadeiros disse para Leonardo:

— Êle não saú...

— Saú, replicou êste; até de jaqueta branca e chapéu de palha: eu o vi tomar alí para a porta onde estava o Sr. major.

— De jaqueta branca e chapéu de palha? perguntou o major.

— Sim, senhor, e de calça preta: não o peguei porquê logo vi que não havia de escapar ao Sr. major.

— Ah! patife, patife, resmungou: destas nunca levei.. Era o corcunda, o aleijado...

— Êle sabe fazer muito bem de corcunda e de aleijado; disse um dos granadeiros; já o vi uma vez fazer isso, que era mesmo tal e qual..

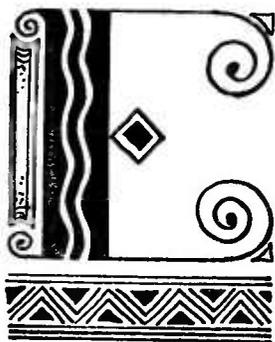
Era com efeito o Teotônio o aleijado que o major tinha segurado.

O Leonardo ria-se às furtadelas do lôgro que levava o major.

Não tardou porém muito tempo que lhe não amargasse aquêlê prazer, vindo o major a saber que tudo aquilo se fizera de combinação com êle.

CAPÍTULO XXI

DESCOBERTA



muito antigo dizer-se que há uma coisa ainda peor do que um inimigo, e é um mau amigo. Um dos convidados do Leonardo-Pataca dizia-se muito amigo do Teotônio, e pelo empenho que o Leonardo mostrara em livrá-lo das garras do major, protestara desde logo repartir com êle parte dessa amizade, sem que nenhum dos dois ficasse prejudicado. Poucos instantes depois dêsse protesto deu logo a primeira prova de que estava disposto a cumprí-lo.

Enquanto se passavam as cenas que acabamos de descrever tinha amanhecido: o major e sua gente punham-se em retirada: ainda se achavam porém nas imediações do lugar onde se havia feito a tentativa para prender o Teotônio, quando o tal amigo a que nos referimos, que fôra um dos últimos a retirar-se, encontrando a patrulha, e vendo que o Teotônio não ia no meio dela, concluiu que os planos haviam surtido bem e que o major ficara desta vez logrado. Teve por isso um acesso de alegria; e esquecendo a presença do major, correu ao Leonardo, abraçou-o, exclamando com arrebatado ímpeto:

— Bravo! como esta não fazes duas em tôda a tua vida; foi limpa; *êle* há de ficar-te obrigado para sempre, e eu com *êle*, porquê sou seu amigo e teu também!

O Leonardo ficou estático diante de semelhante imprudência. O major, que ia cabisbaixo pensando no lôgro que acabara de levar, voltou-

se repentinamente; a palavra *éle*, proferida pelo terrível amigo, abriu luz a seus olhos. O Leonardo foi tirado do torpor em que se achava pela voz do major a dizer-lhe compassadamente.

— Recolha-se prêso ao quartel.

A esta sentença o Leonardo ergueu do fundo dalma tudo quanto havia aí de despeito, de rancor, e lançou um olhar sôbre o imprudente que o havia provocado, e que ainda muito senhor de si apertava-lhe desapiedadamente a mão, que parecia não estar disposto a largar tão cedo.

Deixemos agora o Leonardo, vítima de sua dedicação, caminhar prêso para o quartel, e passemos a outras coisas. Há muito tempo que não falamos em D. Maria e na sua gente. Saibam os leitores que, passada a lua de mel, em que tudo foram rosas, o nosso José Manuel pusera, como se costuma dizer, as mangas de fora, e tais coisas fêz, que em poucos meses estava tudo em guerra aberta: tinha-se êle com sua mulher Luizinha mudado de casa de D. Maria, e por causa do dote vai, dote vem, herança daqui, herança dali, havia-lhe D. Maria proposto uma ação por tal sorte complicada, que era de desconfiar que não bastassem para ver-lhe o fim os dias que restavam de vida à pobre velha.

Tinha-se José Manuel tornado para Luizinha um verdadeiro marido-dragão, dêsses que só aquêle tempo os conta tão perfeitos, que eram um suplício constante para as mulheres. Depois que se havia mudado de casa de D. Maria, nunca mais Luizinha vira o ar da rua senão às furtadelas, pelas frestas da rótula: então chorava ela aquela liberdade de que gozava outrora; aquêles passeios e aquelas palestras à porta em noite de luar; aquêles domingos de missa na Sé, ao lado de sua tia com o seu rancho de crioulinhas atrás; as visitas que recebiam, e o Leonardo de quem tinha saùdades, e tudo aquilo enfim a que não dava nesse tempo muito aprêço, mas que agora lhe parecia tão belo e tão agradável. Tendo-se casado com José Manuel, para seguir a vontade de D. Maria, votava a seu marido uma enorme indiferença, que é talvez o peor de todos os ódios.

Pois a vida de Luizinha, depois de casada, representava com fidelidade a vida do maior número das moças que então se casavam: era por isso que as Vidinhas não eram raras, e que poucas famílias haviam que

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

não tivessem a lamentar um desgostozinho no gênero do que sofreu aquela pobre família, que indo ao Oratório de Pedra viera dizimada para casa, e cuja história serviu de tema às intrigas da comadre, quando quis pôr José Manuel fora do lance.

Ora, é claro que tendo D. Maria ficado um pouco séria com a comadre por causa de tôda aquela intriga que precedera o casamento de José Manuel com sua sobrinha, agora, que estava com êste de candeias às avessas, se reatasse o laço da amizade que por um pouco afrouxara: succedia assim com efeito.

Um dia as duas encontraram-se na missa, tornaram-se a falar; as desgraças do Leonardo, que fizeram tema a essa conversação, enterneceram a D. Maria, que por seu turno também referiu à comadre tudo quanto succedia agora à pobre Luizinha.

— Ai, senhora! dizia a comadre referindo-se a José Manuel, parece que me roncava cá o quer que seja quando via aquêle maldito; arrenego do homem que é um valdevinos às direitas. Aquilo há de levar a pobre menina à sepultura. Coitada! bem criada e mal fadada.

— Nunca pensei, criatura, nunca pensei que succedesse tal... Mas aquilo como era finório! que palavrinhas doces! que santidade aquela! Agora, senhora, agora sou eu capaz de acreditar na história da moça furtada no Oratório de Pedra: êle tem bofes para tal. Mas hei de me ver vingada, oh! se hei de! tão certo como estar eu aquí: os desembargadores lá estão, que me hão de dar êsse gôsto: espero isso em Deus.

Desta conversa, e do mais que se seguiu, nasceu a conciliação das duas.

Quando certas amizades são uma vez interrompidas, tendo mesmo sofrido um leve estremecimento, é difícil que voltem depois ao estado primitivo; com outras amizades acontece porém o inverso; os estremecimentos aproveitam, porquê é fácil a volta da paz, e parece que depois disto se tornam mais estreitas. A amizade que existia entre D. Maria e a comadre era dêste último gênero. Portanto depois daquela conversa na missa, não só voltaram as relações entre as duas ao seu primitivo estado, como se tornaram mais que nunca sólidas. Daí em diante não houve um

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

só segrêdo entre as duas que não fôsse mütuamente comunicado, e elas fizeram pacto de se ajudarem recìprocamente para dar reméδιο, uma aos males da sobrinha, outra às diabruras do afilhado.

O Leonardo, como dissemos, achava-se prêso; fizera disso ciente à madrinha, que se pôs logo em alvorôto, não só pelo fato em si, como pelo generoso motivo que o havia ocasionado. O primeiro passo pois que tiveram a dar as duas, D. Maria e a comadre, em virtude do seu pacto, foi tratar de alcançar a soltura do Leonardo, e livrá-lo do mais que (sabe Deus) lhe estaria preparado.

Vamos ver como se houveram em semelhante empenho.

CAPÍTULO XXII

EMPENHOS



primeiro passo que deu a comadre foi dirigir-se à casa do major a interceder pelo Leonardo; o major porém mostrou-se inflexível: o caso era grave, já não era o primeiro; a disciplina não podia ser impunemente ofendida mais de uma vez; o castigo devia ser infalível e grande. A comadre, que fôra cheia de boas esperanças, soube pelo major o que ignorava, o que nem mesmo supunha: o Leonardo não só ficaria por mais tempo prêso, como teria de ser chibatado. A pobre mulher, apenas lhe declarou isto o major, caíu de joelhos, chorou, lamentou-se; tudo porém debalde. Saíu desesperada, e com a mantilha caída, tôda em desalinho, correu, voou à casa da D. Maria. Ao vê-la entrar naquele estado, D. Maria ergueu-se de sua banquinha, e largou a almofada da renda.

— Que tendes, criatura? que tendes? exclamou. Santo Cristo! o que é? Falai!...

— Ai, Sra. D. Maria do meu coração! que desgraça! respondeu a comadre: que má sina de rapaz.. Ora veja o que me sucede por ter feito uma boa ação! E eu que sofro e que sinto como se fôsse meu filho...

E os soluços a sufocaram.

— Fale, senhora, replicou D. Maria; fale, que me põe numa aflição.

— Vai apanhar, D. Maria... vai apanhar de chibata. êle... o Leonardo...

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

— Meu Deus, pobre rapaz: ora vejam tudo em que deu, é sina, coitado! aquêlê rapaz não nasceu em bom dia; não, comadre: isso sou eu capaz de jurar pela salvação da minha alma.. Mas não falou com o major? Que lhe disse êle?

— Duro como uma pedra, senhora; a nada se moveu: pedí-lhe pelas Cinco Chagas, pela Senhora Santíssima.. tudo em balde, tudo em vão.

— Está bom, não se aflija, comadre; ainda há um meio que eu penso que não há de falhar: vamos à casa *dela*, que por lá é caminho certo; ela dá-se muito comigo, há de pedir pelo moço.

— Já me tinha lembrado disso; mas na tribulação em que vinha tornou-me a esquecer; se com ela não se arranjar alguma coisa. está tudo perdido.

Os leitores estão já curiosos por saber quem é *ela*, e têm razão; vamos já satisfazê-los. O major era pecador antigo, e no seu tempo fôra daqueles de que se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje *alguma coisa* que às vêzes lhe recordava o passado: essa *alguma coisa* era a Maria-Regalada que morava na Prainha. Maria Regalada fôra no seu tempo uma mocetona de truz, como vulgarmente se diz: era de um gênio sobremaneira folgazão, vivia em contínua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gôsto; daí é que vinha o apelido “Regalada” que haviam juntado ao seu nome.

Isto de apelido, era no tempo destas histórias uma coisa muito comum; não estranhem pois os leitores que muitas das personagens que aquí figuram tenham êsse apêndice ao seu nome.

Dizem todos, e os poetas juram e tresjuram, que o verdadeiro amor é o primeiro: temos estudado a matéria, e acreditamos hoje que não há que fiar em poetas: chegamos por nossas investigações à conclusão de que o verdadeiro amor, ou são todos ou é um só, e neste caso não é o primeiro, é o último. O último é que é o verdadeiro, porquê é o único que não muda. As leitoras que não concordarem com esta doutrina conçoçam-me do contrário, se são disso capazes.

Isto tudo vem para dizermos que Maria-Regalada tinha um verdadeiro amor ao major Vidigal; o major pagava-lho na mesma moeda. Ora,



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

D. Maria era uma das camaradas mais do coração de Maria-Regalada. Eis aí porquê falando *dela* D. Maria e a comadrê se mostraram tão esperançadas a respeito da sorte do Leonardo.

Já naquele tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco, eram uma mola real de todo o movimento social.

— Vai mandar aprontar a cadeirinha, disse D. Maria a uma de suas escravas.

— Vamos, senhora, vamos, que isto são os meus pecados velhos.

D. Maria aprontou-se, meteu-se na sua cadeirinha; a comadre tomou a mantilha, e partiram para a Prainha.

Maria-Regalada recebeu-as com uma boa risada.

— Que milagre de Santa Engrácia! que fortuna! que alegria! O que a traz por aquí? Isto é grande novidade!

— E' novidade, sim, respondeu D. Maria, porém triste novidade.

Com as honras do estilo, que não eram muitas naquele tempo, foi a comadre apresentada, porquê não era conhecida de Maria-Regalada. Primeiro D. Maria, depois a comadre, contaram, cada uma por sua parte, a história do Leonardo com todos os detalhes, e depois de inúmeros rodeios, que puseram a arder a paciência da ouvinte, e quase a fizeram morrer de curiosidade, chegaram finalmente ao ponto importante, ao motivo que alí as levara: queriam nada menos do que a soltura e perdão do Leonardo, e contavam para alcançar semelhante coisa com a influência da Maria-Regalada sôbre o major.

— Ora, disse esta tomando um ar de modéstia, eu já não presto para nada.. isso era bom noutro tempo. agora.. o major.. as coisas estão mudadas, D. Maria... depois que êle se meteu na polícia.. nem mais nem ontem... quem sabe o que por lá vai!.. Mas enfim, D. Maria, eu não sei dizer que não, tenho o coração assim, e sempre o tive... no meu tempo muita gente se aproveitou disto. Eu farei o que puder; vou falar-lhe.. talvez que êle me queira atender ..

— Há de atender, há de, respondeu a comadre; êle já não está tão velho que se tenha esquecido de todo do tempo de dantes.

— Veremos, veremos. A Sra. comadre sabe lá o que são homens?!...

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

— Diga-me a mim. se sei!. acudiu esta prontamente.

— Mas então, atalhou D. Maria, o negócio requer tôda a pressa, porquê de um instante para outro podem chegar a farda ao corpo do pobre rapaz, e depois nem Santo António a tira.

— Não há de haver novidade; ainda havemos chegar a tempo, com a graça de Deus. Para maior segurança vamos tôdas três daqui à casa do major, e cada uma por nosso lado faremos tudo para livrar o moço.

Maria-Regalada vestiu-se à pressa, tomou a sua mantilha, e ao lado da cadeirinha em que ia D. Maria partiram para casa do major.

CAPÍTULO XXIII

AS TRÊS EM COMISSÃO



ARTIRAM pois as três para a casa do major, que morava então na rua da Misericórdia, uma das mais antigas da cidade. O major recebeu-as de rodaque de chita e tamancos, não tendo a princípio suposto o quilate da visita; apenas porém reconheceu as três, correu apressado à camarinha vizinha, e envergou o mais depressa que pôde a farda: como o tempo urgia, e era uma incivildade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo à sala de farda, calças de enfiar, tamancos, e um lenço de Alcobaça sôbre o ombro, segundo seu uso. A comadre, ao vê-lo assim, a-pesar-da aflição em que se achava, mal pôde conter uma risada que lhe veio aos lábios. Os cumprimentos da recepção passaram sem novidade. Na atropelação em que entrara o major a comadre enxergou logo um bom agouro para o resultado do seu negócio. Acrescia ainda em seu favor que o major guardava na sua velhice doces recordações da mocidade, e apenas se via cercado por mulheres, se não era em lugar público e em circunstâncias em que a disciplina pudesse ficar lesada, tornava-se um babão, como só se poderia encontrar segundo no velho Leonardo. Se estas lhe davam então no fraco, se lhe faziam um elogio, se lhe faziam uma carícia por mais estupidamente fingida que fôsse, arrancavam dêle tudo quanto queriam; êle próprio espontâneamente se oferecia para o que podiam desejar, e ainda por cima ficava muito obrigado. Contudo, pôsto

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

que a comadre soubesse já desta circunstância com antecipação, ou a pressentisse pelas aparências, a gravidade do negócio de que se tratava era tal, que nem isso bastou para tranqüilizá-la. Dispôs-se para o ataque, ajudada por suas companheiras, que, a-pesar-de mais estranhas à sorte do Leonardo, nem por isso se ligavam menos à sua causa. Houve um momento de perplexidade para decidir-se quem seria o orador da comissão. O major percebeu isto, e teve um lampejo de orgulho por ver assim três mulheres confundidas e atrapalhadas diante de sua alta pessoa; fêz um movimento como para animá-las, arrastando sem querer os tamancos.

— Oh! de tamancos e farda não está má.. Senhoras donas, coisas de velho; no meu tempo não fazia eu destas..

— D. Maria que o diga, acudiu logo a comadre referindo-se a Maria-Regalada, e querendo fazer brecha fôsse por onde fôsse; mas não importa; o negócio é outro..

— E' verdade, Sr. major, o bom tempo já lá foi.

— E Deus perdoe a quem dêle tem saúdades, retorquiou o major rindo-se com um riso rugoso de velha sensualidade..

— Sim, sim, tornou a Maria-Regalada, mas deixe essas coisas tôdas para logo...

— Ai criatura, acudiu D. Maria, que até então estivera calada, cansada talvez do número prodigioso de medidas que fizera ao entrar; deixai cada um lembrar-se do seu tempo, isto consola; eu cá gosto bem quando acho.

— E' como eu, respondeu o major; em se me tocando cá nas feridas antigas..

— Pois é mesmo por me lembrar destas feridas antigas, atalhou a Maria Regalada que venho aquí com estas senhoras donas, que o Sr. major bem conhece; e se não foram elas cá não viera, pois o negócio é sério..

A comadre achou a ocasião bem apanhada, e fêz com a cabeça um sinal de aprovação.

— Vamos lá ver o que é o tal negócio sério, respondeu o major atinando, pela presença da comadre, pouco mais ou menos com o que era,

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

e pelo que fêz um sinal duvidoso com a cabeça, ou para fazer-se de bom, ou porquê realmente não quisesse abrir largas esperanças.

A interlocutora prosseguiu:

— O seu granadeiro Leonardo é um bom rapaz.

O major arqueou franzindo as sobrancelhas, e repuxou os beiços, como quem não concordava *in totum* com aquilo..

— Não me comece já com coisa, Sr. major. Pois é, sim, senhor, muito bom rapaz, e não há razão para ser castigado, por causa de uma coisa nenhuma que fêz... Isso não é razão, não, senhor, para se mandar tocar de chibata um moço que não é nenhum valdevinos; pois o Sr. major bem sabe que o padrinho quando morreu deixou-lhe alguma coisa, que bem lhe podia estar já nas mãos, e êle por isso livre da maldita farda, a quem sempre tive zanga (menos de uma que bem se sabe), se o pai que tem. mas deixemos o pai que não vem nada ao caso.

— Já sei de tudo, já sei de tudo, atalhou o major.

— Ainda não, Sr. major, observou a comadre, ainda não sabe do melhor, e é que o que êle praticou naquela ocasião quase que não estava nas suas mãos. Bem sabe que um filho na casa de seu pai.

— Mas um filho quando é soldado, retorquiu o major com tôda a gravidade disciplinar..

— Nem por isso deixa de ser filho, tornou D. Maria.

— Bem sei, mas a lei?

— Ora, a lei. o que é a lei, se o Sr. major quiser?.

O major sorriu-se com cândida modéstia. A discussão foi-se assim animando; porém o major nada de ceder, até pelo contrário parecia mais inflexível do que nunca; chegou mesmo a pôr-se em pé e a falar muito exaltadamente contra o atentado do Leonardo, e a necessidade de um severo castigo. Era engraçado vê-lo no bonito uniforme que indicamos, de pé, fazendo um sermão sôbre a disciplina, diante daquelas três ouvintes tão incrédulas que resistiam aos mais fortes argumentos.

Ainda porém não tinham as três esgotado contra êle o seu último recurso; puseram-no pois em ação.

Quando mais influído estava o major, as três a um só tempo, e como de combinação, desataram a chorar. O major parou... encanou-as um instante: seu semblante foi-se visivelmente enternecendo, en-

rugando, e por fim desatou também a chorar de enternecido. Apenas as três se aperceberam dêste triunfo carregaram sôbre o inimigo. Foi uma algazarra, uma choradeira sem nome, capaz de mover as pedras.

O major de enternecido foi passando a atordoado, e como que ficou envergonhado das lágrimas que lhe corriam pelas faces: enxugou-as, e procurou reassumir tôda a sua antiga gravidade.

— Nada, disse desembaraçando-se das três, e passeando a passos largos pela sala; nada: que haviam de dizer de mim se me vissem aquí nestas choramingas de criança? Eu, o major, o Vidigal, a chorar no meio de três mulheres!... Senhoras donas, o caso é grave, e não lhe vejo remédio; o exemplo, a disciplina, as leis militares... nada, não pode ser...

E deu as costas às três, continuando a passear e a fazer ressonar com fôrça os tamancos no assoalho.

Maria-Regalada disse baixo às duas, em cujos semblantes já nem transluzia o mais pequeno vislumbre de esperança:

— Ainda não está tudo perdido...

E dirigindo-se ao major acrescentou:

— Bem, Sr. major; águas passadas não móem moinho...

— Qual passadas, senhora dona! mas bem vê que o caso é grave...

— Seja lá o que fôr, sinto ter perdido meus passos, e não servir a quem desejava; verdade seja que eu já contava com isso, e também não prometí. Mas em último lugar quero sempre dizer-lhe uma coisa, mas há de ser em particular...

— Vamos lá, estou pronto.

Quem tivesse alguma perspicácia conheceria, não com grande facilidade, que o major estava há muito tempo disposto a ceder, porém que queria fazer-se rogado.

Maria-Regalada levou então o major para um canto da sala, e disse-lhe ao ouvido algumas palavras. O major desanuviou o rosto, remexeu-se todo, coçou a cabeça, balançou com as pernas, mordeu os beiços.

— Ora está! disse em voz baixa à sua interlocutora; pois era preciso falar nisto? Enfim...

— Ora, graças que se lhe acabaram os sestros, respondeu Maria-Regalada em voz alta:

— Sim?!... exclamaram as duas sorrindo de esperança.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Eu bem dizia que o Sr. major tinha bom coração...

— Eu nunca duvidei, a-pesar-de tudo.. mas agora, o passado, passado; o caso era grave, como êle dizia, e foi um favor!...

— Então, D. Maria? Quem foi rei sempre tem majestade.

— Majestade.. qual! isso já não é para mim..

O major atalhou esta explosão de gratidão que levava visos de ir longe.

— Hão de ficar ainda mais contentes comigo. não lhes digo porquê, mas verão..

— Esta agora é que é grande; veremos o que será.

— Já sei; é.

— Há de ser por fôrça...

— Estou quase adivinhando.

— Sabem que mais? atalhou o major; são horas de uma diligência a que não posso faltar... O rapaz está livre de tudo; com tanto que, acrescentou dirigindo-se a Maria-Regalada, o dito, dito ...

— Eu nunca faltei à minha palavra, replicou esta.

Retiraram-se as três cheias do maior contentamento, e o major saíu depois também para cumprir a sua promessa.

CAPÍTULO XXIV

A MORTE É JUIZ



Maria dirigiu-se imediatamente para casa na sua cadeirinha. Ao chegar notou grande rumor e alvoroço, e tratou logo de indagar a causa. Um escravo de sua sobrinha a esperava com uma carta. Apenas a leu, D. Maria, não diremos que se entristeceu, porém mostrou-se muito atrapalhada.

• — Não entrem com a cadeirinha; esperem lá, que torno a sair.

E com efeito meteu-se de novo nela, e mandou que seguissem para casa de sua sobrinha.

O caso era o seguinte: José Manuel entrara para casa em braços, tendo sido acometido na rua de um violento ataque apoplético ao voltar do cartório, onde tivera uma grave contestação com o procurador de D. Maria, por causa da demanda que entretinham. Luizinha, a coitada, vendo-se naqueles apuros, sem saber o que fizesse, despachara logo portador para casa da sua tia.

D. Maria apenas entrou mandou chamar o licenciado, que depois de examinar o doente declarou que era caso perdido. Fizeram-se entretanto algumas aplicações, que não tiveram resultado algum.

— Estás viúva, menina, disse D. Maria alguma cousa compungida com a declaração do médico.

Luizinha pôs-se a chorar, mas como choraria por qualquer vivente, porquê tinha coração terno.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Estavam presentes algumas pessoas da vizinhança, e uma delas disse baixinho à outra, vendo o pranto de Luizinha:

— Não são lágrimas de viúva..

E não eram, nós já o dissemos: o mundo faz disso as mais das vezes um crime. E os antecedentes? Por ventura ante seu coração fôra José Manuel marido de Luizinha? Nunca o fôra senão ante as conveniências, para as conveniências aquelas lágrimas bastavam. Nem o médico nem D. Maria se haviam enganado: à noitinha José Manuel expirou.

No dia seguinte fizeram-se os preparativos para o entêrro. A comadre, informada de tudo, compareceu pezarosa a prestar seus bons ofícios, suas consolações.

O entêrro saíu acompanhado pela gente da amizade: os escravos da casa fizeram uma algazarra tremenda. A vizinhança pôs-se tôda à janela, e tudo foi analisado, desde as argolas e galões do caixão, até o número e qualidade dos convidados; e sôbre cada um dêsses pontos apareceram três ou quatro opiniões diversas.

Naqueles tempos ainda se não usavam os discursos fúnebres, nem os necrológios, que hoje andam tanto em voga; escapamos pois de mais essa. José Manuel dorme em paz no seu derradeiro jazigo.

Como havia prometido a comadre, alguém chegou quase ao anoitecer. Era o Leonardo. Quando êle entrou na sala D. Maria não pôde conter um grito de surprêsa.

Vinha em completo uniforme de sargento da companhia de grana-deiros!

— Como? olhem o major. E então?!

— E' verdade, senhora dona, respondeu o Leonardo: a êle tudo devo.

Foi aquilo objeto de geral espanto. Ficariam todos muito contentes com a simples soltura do Leonardo: e não só êle aparecia sôlto e livre, como até elevado ao pôsto de sargento, o que já não é no exército pouca coisa.

O Leonardo começou a procurar com os olhos alguma coisa ou alguém que tinha curiosidade de ver; deu com o que procurava: era Luizinha. Há muito que os dois se não viam; não puderam pois ocultar o embaraço de que se acharam tomados. E foi tanto maior essa emoção,

que ambos ficaram surpreendidos um do outro. Luizinha achou Leonardo um guapo rapagão de bigodes e suíças; elegante até onde pode sê-lo um soldado de granadeiros, com o seu uniforme de sargento bem assente. Leonardo achou Luizinha uma moça espigada, airosa mesmo, olhos e cabelos pretos, tendo perdido todo aquêlê acanhamento físico de outrora. Além disso seus olhos, avermelhados pelas lágrimas, seu rosto empalidecido, se não verdadeiramente pelos desgostos daquele dia, seguramente pelos antecedentes, tinham nessa ocasião um toque de beleza melancólica, que em regra geral não devia prender muito a atenção de um sargento de granadeiros, mas que enterneceu ao sargento Leonardo que, a-pesar-de tudo, não era um sargento como qualquer. E tanto assim, que durante a cena muda que se passou, quando os dois deram com os olhos um no outro, passaram rapidamente pelo pensamento do Leonardo os lances de sua vida de outrora, e remontando de fato em fato chegou àquela ridícula mas ingênua cena da sua declaração de amor a Luizinha. Pareceu-lhe que tinha então escolhido mal a ocasião, e que agora isso teria um lugar muito mais acertado.

A comadre, que dava uma perspicaz atenção a tudo o que se passava, como que leu na alma do afilhado aquêles pensamentos todos fêz um gesto quase imperceptível de alegria: raiava-lhe na mente alguma idéia luminosa. Começou então a retrazar um antigo plano em cuja execução por muito tempo trabalhava, e cujas probabilidades de êxito lhe haviam reaparecido no que se acabava de passar.

Passada a primeirâ emoção, Luizinha ergueu-se e fêz ao Leonardo um acanhado cumprimento: êste corespondeu-lhe com alguma coisa entre eumprimento paisano e continência militar.

A comadre rompeu depois disto a conversa, procurando entreter D. Maria, e deixar os dois entregues a si.

— Diga-me, disse ela dirigindo-se a D. Maria, e aquela sua demanda com o defunto?

— A morte foi desta vez juiz. Êle não tem herdeiros; era só no mundo... Eu não levei a minha *avante*, é verdade, porquê enfim não posso dizer que venci: mas também não perdi. Agora sim, tenho muito gôsto de entregar tudo à menina, mas não queria que me levassem as coisas senão por minha muito livre vontade.



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

— Está bem; o passado já lá vai: Deus é assim, escreve direito por linhas tortas.

E por aí adiante empenharam-se na sua conversa. Os dois, depois de algum tempo de silêncio, como já se tinham retirado tôdas as visitas, foram pouco e pouco, de palavra em palavra, travando diálogo, e conversavam no fim de algum tempo tão empenhadamente como a comadre e D. Maria, com a diferença que a conversa daquelas duas era alta, desembaraçada; a dêles baixa e reservada.

Não há nada que interrompida mais depressa se reate do que seja a familiaridade em que o coração é interessado. Não se estranhe pois que Luizinha e Leonardo a ela se entregassem.

E querem ver uma singularidade que às vêzes se repete? Depois que se fizera moça, e que tomara estado, nunca Luizinha tinha tido momentos de tão verdadeiro prazer como os que alí estava gozando naquela conversa, num dia de luto, quando acabava de sair o caixão que levava à sepultura aquêle que devia ter feito a sua felicidade. O Leonardo também por sua vez, nunca, no meio de tôdas as vicissitudes de sua vida extravagante, tinha tido instantes que tão rápidos lhe corressem do que aquêles em que via o objeto de seus primeiros amores sob o pêso do infortúnio em um dia de pranto.

Pois parece que estas mesmas circunstâncias reavivaram o passado: a comadre folgava lá no seu lugar com tudo aquilo, e, parecendo prestar tôda a atenção a D. Maria, não perdia uma só circunstância.

Finalmente chegou a hora da retirada, não da comadre, que se ofereceu para fazer companhia à viúva, porém de Leonardo, a quem esperava o major, porquê era dia de serviço, e apenas tinha êle obtido licença para cumprir o duplo dever de dar os pêsames a D. Maria, e agradecer o interêsse que por êle havia tomado, fazendo por intermédio de Maria-Regalada que o major não só lhe alcançasse perdão do castigo que lhe era destinado, como também o acesso do pôsto que repentinamente tivera.

Luizinha involuntariamente estendeu à despedida a mão ao Leonardo, que lha apertou com fôrça.

Ora, isto naquele tempo era bastante para dar que falar ao mundo inteiro.



CAPÍTULO XXV

CONCLUSÃO FELIZ



comadre passou com a viúva e sua tia quase todo o tempo do nojo, e acompanhou-as à missa do sétimo dia. O Leonardo compareceu também nessa ocasião, e levou a família à casa depois de acabado o sacrifício.

Aquêlê aperto de mão que no dia do entêrro de seu marido Luizinha dera ao Leonardo não caíra no chão a D. Maria, assim como também lhe não escaparam muitos outros fatos consecutivos a êsse.

O caso é que não lhe parecia extravagante certa idéia que lhe andava na mente.

Muitas vêzes, ao cair de Ave-Maria, quando a boa da velha se sentava a rezar na sua banquinha em um canto da sala, entre um Padre-Nosso e uma Ave Maria do seu bendito rosário vinha-lhe à idéia casar de novo a fresca viúvinha, que corria o risco de ficar de um momento para outro desamparada num mundo em que maridos, como José Manuel, não são difíceis de aparecer, especialmente a uma viúvinha apatacada.

Ao mesmo tempo que lhe vinha esta idéia lembrava-se do Leonardo, que amara a sua sobrinha no tempo de criançada, e que era, a-pesar-de-extravagante, um bom moço, não de todo desarranjado, graças à benevolência do padrinho barbeiro.

Verdade é que se não sabiam bem as contas que seu pai havia feito a êsse respeito; mas como era coisa que constava de verba testamentária,

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

D. Maria nada via de mais fácil do que propôr uma demanda, cujo resultado não seria duvidoso.

Havia porém no meio de tudo uma circunstância que lhe desconcertava os planos. O Leonardo era soldado. Ora, soldado, naquele tempo, era coisa de meter medo.

Quando D. Maria chegava a êste ponto de suas meditações, abandonava-as, e continuava o seu rosário.

A comadre fazia quase exatamente os mesmos cálculos por sua parte, e também só esta única dificuldade se antolhava à realização de seus planos.

Enquanto estas duas pensavam, os outros dois obravam.

Luizinha e Leonardo haviam reatado o antigo namôro; e quem quiser ver coisa de andar de pressa é ver namôro de viúva.

Na primeira ocasião Leonardo quis recorrer a uma nova declaração; Luizinha porém fêz o processo sumário, aceitando a declaração de há tantos anos.

Sem que os vissem, viam-se os dois muitas vêzes, e dispunham seus negócios.

Infelizmente ocorria-lhe a mesma dificuldade; um sargento de linha não podia casar. Havia talvez um meio muito simples de tudo remediar. Antes de tudo, porém, os dois amavam-se sinceramente; e a idéia de uma união ilegítima lhes repugnava.

O amor os inspirava bem.

Êsse meio de que falámos, essa caricatura da família, então muito em moda, é seguramente uma das causas que produziu o triste estado moral da nossa sociedade.

Só essa dificuldade demorava os dois. Entretanto o Leonardo achou um dia o salvatério, e veio comunicar a Luizinha o meio que tudo remediava: podia ficar êle sendo soldado e casar, dando baixa na tropa de linha, e passando-se no mesmo pôsto para as Milícias.

A dificuldade, porém, estava ainda em arranjar-se essa baixa e essa passagem: Luizinha encarregou-se de vencer êsse embaraço.

Um dia em que estava sua tia a rezar no seu rosário, justamente num daqueles intervalos do Padre-Nosso a Ave-Maria de que acima fa-

lâmos, Luizinha chegou a ela, e comunicou-lhe com confiança tudo que havia, fazendo preceder sua narração da seguinte declaração, que cortava a questão pela raiz:

— Para lhe obedecer e fazer-lhe o gôsto casei-me uma vez, e não fui feliz; quero ver agora se acerto melhor, fazendo por mim mesma nova escolha.

Em breve, porém, conheceu que fôra inútil sua precaução, porque D. Maria confessou que de há muito ruminava aquêlê mesmo plano.

Combinaram-se pois as duas.

A bondade do major inspirava-lhes muita confiança, e lembraram-se por isso de recorrer a êle de novo.

Foram ter com Maria-Regalada, que mesmo na véspera lhes tinha mandado dar parte que se mudara da Prainha, e oferecia-lhes sua nova morada.

A comadre, de tudo inteirada, fêz parte da comissão.

Quando entraram em casa de Maria-Regalada, a primeira pessoa que lhes apareceu foi o major Vidigal, e, o que é mais, o major Vidigal em hábitos menores, de rodaque e tamancos.

— Ah! disse a comadre em tom malicioso, apenas apareceu a Maria-Regalada, pelo que vejo isto por aquí vai bem.

— Não se lembra, respondeu Maria-Regalada, daquele segrêdo com que obtive o perdão do moço? Pois era isto!.

A Maria-Regalada tinha por muito tempo resistido aos desejos ardentes que nutria o major de que ela viesse definitivamente morar em sua companhia. Não atribuímos esta resistência senão a *capricho*, para não fazermos mau juízo de ninguém; o caso é que o major punha naquilo o maior empenho; teria lá suas razões.

O segrêdo que a Maria-Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fôra, acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fôsse servida, cumpriria o gôsto do major.

Está pois explicada a benevolência dêste para com o Leonardo, que fôra ao ponto de, não só disfarçar e obter perdão de tôdas as suas faltas, como de alcançar-lhe aquêlê rápido acesso de pôsto.

Fica também explicada a presença do major em casa da Maria-Regalada.



MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Depois disto entraram todos em conferência. O major desta vez achou o pedido muito justo, em consequência do fim que se tinha em vista. Com a sua influência tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dois papéis: um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de Sargento de Milícias.

Além disto recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho, que se achava religiosamente intacto.

.. .. .

Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo à cerimônia a família em péso.

Daquí em diante aparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo-Pataca, e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aquí ponto final.

F I M.

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

CAP.	PÁG.
I — Origem, nascimento e batizado	23
II — Primeiros infortúnios	28
III — Despedida às travessuras	37
IV — Fortuna	41
V — O Vidigal	46
VI — Primeira noite fora de casa	50
VII — A comadre	54
VIII — O Pátio dos Bichos	59
IX — O — arranjei-me — do compadre	62
X — Explicações	68
XI — Progresso e atraso	74
XII — Entrada para a escola	80
XIII — Mudança de vida	84
XIV — Nova vingança e seu resultado	90
XV — Estralada	96
XVI — Sucesso do plano	104
XVII — D. Maria	107
XVIII — Amores	116
XIX — Domingo do Espírito Santo	119
XX — O fogo no campo	124
XXI — Contrariedades	128
XXII — Aliança	132
XXIII — Declaração	135

SEGUNDA PARTE

CAP.	PÁG.
I — A comadre em exercício	143
II — Trama	149

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

CAP.	PÁG.
III — Derrota	153
IV — O mestre de reza	157
V — Transtôrno	163
VI — Peor transtôrno	168
VII — Remédio aos males	175
VIII — Novos amores	179
IX — José Manuel triunfa	185
X — O agregado	191
XI — Malsinação	198
XII — Triunfo completo de José Manuel	202
XIII — Escápula	208
XIV — O Vidigal desapontado	212
XV — Caldo entornado	216
XVI — Ciúmes	221
XVII — Fogo de palha	225
XVIII — Represálias	228
XIX — O granadeiro	233
XX — Novas diabruras	240
XXI — Descoberta	247
XXII — Empenhos	251
XXIII — As três em comissão	257
XXIV — A Morte é Juiz	262
XXV — Conclusão feliz	268



Trabalho composto e impresso

na

EMPRESA GRAFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS"

à

rua Conde de Sarzedas, 38 — S. Paulo

para a

L I V R A R I A M A R T I N S

rua 15 de novembro, 153

em

janeiro de 1941





Impresso na
E. G. "Revista dos Tribunais"
São Paulo